

JOHN PIPER

Uma Glória Peculiar

Como a Bíblia se revela completamente verdadeira





JOHN PIPER

*Uma Glória
Peculiar*

Como a Bíblia se revela completamente verdadeira



“Uma Glória Peculiar não é apenas mais um livro que defende a confiabilidade das Escrituras, embora faça isso. É um lembrete de que, sem o testemunho interno do Espírito, nenhuma quantidade de evidências jamais levará à fé. E esse testemunho opera mais diretamente quando lemos e entendemos a própria Escritura – à medida que se confirma a si mesma para nós –, especialmente quando nos focalizamos em Jesus e na mensagem do evangelho. Por ser parte apologética, parte história da igreja e parte quase poesia lírica, este livro de Piper deve inspirar todo leitor a retornar à Bíblia, ao seu âmago e a Jesus, que a revela e nos ama profundamente, apesar de tudo que somos e fazemos – e essa é uma razão mais do que suficiente para sermos seus discípulos.”

Craig I. Blomberg, professor de Novo Testamento,
Denver Seminary

“Nunca a igreja esteve em tão grande necessidade de reconhecer que a Escritura confirma-se a si mesma. Neste livro importante e oportuno, Piper mostra o que significa não somente conformar nosso modo de pensar, mas também submeter nossa adoração e nossa vida, como um todo, à verdade e à autoridade autoconfirmadora e autovalidadora da Bíblia e, ao fazer isso, ao Cristo da Bíblia.”

Richard B. Gaffin Jr., professor emérito de Teologia Bíblica e Sistemática, *Westminster Theological Seminary*

“*Uma Glória Peculiar* é uma abordagem teológica e exegética da autoridade bíblica... e muito mais. Além dos argumentos padrões, Piper desenvolveu (com a ajuda de Jonathan Edwards) uma abordagem profundamente original e bíblica da questão, levando os argumentos tradicionais a um nível elevado de convicção. Piper diz que nossa persuasão mais definitiva procede de vermos

realmente a *glória* de Deus em sua Palavra. Tradicionalmente, os teólogos têm chamado isso o “testemunho interior do Espírito Santo”, mas essa designação teológica faz pouca justiça à experiência, à consciência da glória de Deus quando nos encontramos com Jesus na Escritura. Isso realmente acontece. É impressionante e poderoso. E explica a diferença entre a fé meramente teórica de um observador e o deleite de um verdadeiro discípulo de estar com Cristo. Essa doutrina da Escritura é digna da grande ênfase nos escritos de Piper, o “desejo por Deus”, o “hedonismo cristão” e o “perigoso dever de deleite”. Talvez somente Piper pudesse ter escrito este livro, e deleito-me com o fato de tê-lo feito.”

John Frame, catedrático de Teologia Sistemática e Teologia, *Reformed Theological Seminary, Orlando*

“Piper nos leva à Escritura – sua autoridade, sua exatidão histórica, sua total veracidade e, em especial, sua beleza e poder. As Escrituras são belas e

poderosas porque nos revelam, à medida que o Espírito vai abrindo nosso coração, a amabilidade e a glória de Jesus Cristo. Aqui, encontramos argumentos convincentes para a veracidade das Escrituras e meditações profundas sobre a maravilhosa glória de Deus. O livro assimila e expressa a verdade das palavras de Pedro: ‘Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna’.”

Thomas R. Schreiner, professor de Interpretação do Novo Testamento, *Southern Baptist Theological Seminary*

“Aceitamos facilmente a Bíblia como a verdade. Sabemos que ela é a Palavra de Deus, mas sabemos realmente? Sabemos quais livros pertencem à Bíblia e o que distingue esses textos da literatura religiosa comum, certo? Sabemos por que confiamos na Escritura e sabemos como transmitir essa confiança aos outros, ou não sabemos? Em vez de

simplesmente aceitar como normal uma opinião elevada sobre Escritura, *Uma Glória Peculiar* expõe outra geração à fonte, à autoridade, à confiabilidade e à veracidade da palavra escrita de Deus. Aqui o Dr. Piper escreve outro importante, acessível e sábio registro das coisas que são mais importantes.”

Michael Horton, professor de Teologia Sistemática e Apologética, *Westminster Seminary California*;
autor, *Simplesmente Crente*

“Há poucas perguntas mais importantes do que ‘Como eu sei que a Bíblia é a Palavra de Deus?’. E há poucas pessoas que podem abordá-la tão bem quanto John Piper. Beneficiando-se do profundo poço teológico de Jonathan Edwards e com visão prática para o cristão simples, Piper nos ajuda a resgatar a importância fundamental de uma Bíblia autoconfirmadora. Este livro revolucionará o que você pensa sobre a Palavra de Deus.”

Michael J. Kruger, presidente e professor de Novo
Testamento do *Reformed Theological Seminary*,
Charlotte;
autor, *Canon Revisited*

“Neste livro entusiasta e bem argumentado, o pastor e teólogo John Piper procura fundamentar nossa confiança no status da Bíblia como a Palavra de Deus, por dirigir nossa atenção à ‘glória peculiar’ que é manifestada por meio de sua mensagem e em suas páginas – a glória da ‘majestade de Leão’ e da ‘mansidão de Cordeiro’ que resplandece na face de Jesus Cristo. Eis um livro sobre a autoridade e a confiabilidade da Escritura, um livro que promete fortalecer nossa fé na Palavra de Deus e expandir nossa capacidade de nos maravilhar com a glória de Deus.”

Scott R. Swain, deão acadêmico e professor
associado de Teologia Sistemática, *Reformed
Theological Seminary*, Orlando

“Com paixão, clareza, um respeito digno à Escritura e um desejo intenso pela glória de Deus, John Piper escreveu uma defesa robusta da plena confiabilidade da Escritura, com dívidas a Jonathan Edwards e ao Catecismo Maior de Westminster. A linguagem do livro é simples e acessível, mas as ideias são profundas, e sua abordagem é abrangente. Quer o leitor seja educacionalmente sofisticado, quer não, o argumento é que a glória peculiar de Deus está exibida para que todos vejam, se Deus conceder graça para isso. Espero que esta obra tenha grande número de leitores.”

Graham A. Cole, deão, vice-presidente de educação e professor de Teologia Bíblica e Sistemática, *Trinity Evangelical Divinity School*

“John Piper escreveu uma defesa robusta e pastoral de uma doutrina ortodoxa da Escritura. Resistindo a qualquer pessoa que transformaria a inabalável segurança da veracidade da Escritura no patrimônio

de eruditos e acadêmicos, a ênfase de Piper na glória de Deus autoconfirmadora e transformadora de vida que as Escrituras exibem é salutar e fortalecedora da fé. Não podemos considerar apropriadamente a Escritura se não contemplarmos seu autor. A maior força dessa abordagem de Piper está precisamente no fato de que sua consideração da Escritura está embebida na glória daquele que a inspirou.”

Alastair Roberts, blogueiro, participante de *Mere Fidelity*

“A doutrina clássica de autoconfirmação da Escritura sofre quando é usada como um método para marcar pontos evidenciais ou vencer um argumento sem fazer qualquer esforço. Mas ela abre suas asas e se eleva aos céus quando manuseada por alguém que mostra que, ao lermos a Bíblia, estamos lidando com o próprio Deus em suas palavras sagradas. Neste livro, John Piper se debruça sobre a

mensagem de como Deus ilumina a mente e dá uma convicção inabalável ao coração por meio da Bíblia.”

Fred Sanders, professor de Teologia,
Torrey Honors Institute, Biola University

“*Uma Glória Peculiar* deve estabelecer-se rapidamente como um clássico moderno sobre a Bíblia. Elaborando clara e metodicamente o argumento de por que podemos ter confiança plena na Bíblia como a Palavra de Deus, este livro dá à fé tanto vigor quanto alegria. O dia em que John Owen me convenceu de que as Escrituras cristãs são autoconfirmadoras foi um momento glorioso de libertação. Espero e desejo que, com este livro, John Piper leve libertação a muitas pessoas.”

Michael Reeves, presidente, *Union School of Theology*;
autor, *Deleitando-se na Trindade*

Uma Glória Peculiar: Como a Bíblia se revela completamente verdadeira

Traduzido do original em inglês *A Peculiar Glory: How the Christian Scriptures Reveal Their Complete Truthfulness*

por John Piper

Copyright © 2016 by Desiring God Foundation

Publicado por Crossway

1300 Crescent Street

Wheaton, Illinois 60187



Copyright © 2016 Editora Fiel Primeira edição em português: 2017

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.



Diretor: James Richard Denham III Editor: Tiago J. Santos Filho

Tradução: Francisco Wellington Ferreira Revisão: Shirley Lima - Papiro

Soluções Textuais Diagramação: Rubner Durais Capa: Rubner Durais

Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-400-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

P665g Piper, John, 1946-

Uma glória peculiar : como a Bíblia se revela completamente verdadeira / John Piper ;

[tradução:

Francisco Wellington Ferreira]. – São José dos

Campos, SP : Fiel, 2017.

2Mb ; ePUB

Tradução de: Peculiar glory: how the Christian

scriptures reveal their complete truthfulness.

Inclui referências bibliográficas ISBN 978-85-8132-400-5

1. Bíblia – Provas, autoridade, *etc.* I. Título.

CDD: 220.1



Caixa Postal, 1601

CEP 12230-971

São José dos Campos-SP

PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

À Faculdade e Seminário Bethlehem.
Livro sagrado. Deus soberano. Alegria solene.

SUMÁRIO

Introdução

Parte 1

Um lugar para Permanecer

"...O Senhor se revelou pela palavra do Senhor."

1. Minha história: sustentado pela Bíblia

Parte 2

Quais livros e palavras compõem as Escrituras cristãs?

"... desde o sangue de Abel até o de Zacarias"

2. Quais livros compõem o Antigo Testamento?

3. Quais livros compõem o Novo Testamento?

4. Nós temos as próprias palavras dos autores bíblicos?

Parte 3

O que as Escrituras cristãs afirmam de si mesmas?

"... não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito"

5. O Antigo Testamento

6. A estimativa de Jesus sobre o Antigo Testamento

7. A autoridade dos apóstolos

Parte 4

Como podemos saber que as Escrituras cristãs são verdadeiras?

"... por uma visão da sua glória"

8. Um interesse compartilhado com Jonathan Edwards

9. O que é ver a glória de Deus

10. Ponderando a Aposta de Pascal

11. João Calvino e o testemunho interno do Espírito Santo

Parte 5

Como as Escrituras cristãs são confirmadas pela glória peculiar de Deus?

"... a luz do evangelho da glória de Cristo"

12. A glória de Deus como o propósito do mundo e da Palavra

13. Majestade em humildade: a glória peculiar em Jesus Cristo

- 14. No cumprimento de profecia
- 15. Nos milagres de Jesus
- 16. No povo que a Palavra cria
- 17. O lugar da argumentação histórica

Conclusão

INTRODUÇÃO

A Bíblia é verdadeira? Não estou perguntando se há verdade na Bíblia, por exemplo, da maneira como há em *Moby Dick*, ou em *A República*, de Platão, ou em *Senhor dos Anéis*. Aspectos da verdade podem ser encontrados em quase todo lugar. O que estou perguntando é isto: a Bíblia é completamente verdadeira? Toda ela. A Bíblia é tão digna de confiança em todo o seu ensino, que pode funcionar como o teste de todas as outras afirmações de verdade? Este livro é a respeito de como a Bíblia dá boas razões para a resposta *sim*. A Bíblia é completamente verdadeira.

Há uma história por trás de todo livro. Isso também se aplica a este livro. Esta introdução não é essa história; minha história está no Capítulo 1. Mas acho que será proveitoso dizer logo por que *glória* aparece tão amplamente neste livro. Minhas sete décadas de experiência com a Bíblia não têm sido principalmente uma batalha para perseverar. Têm sido a bênção de ser cativado pela beleza – ou seja, pela glória.

Tenho permanecido em frente a essa janela todos estes anos, não para protegê-la de ser quebrada, ou porque o dono do chalé me ordenou, mas por causa da glória dos Alpes no outro lado. Sou cativo da glória de Deus revelada na Escritura. Há razões mais profundas do que minha experiência para me focalizar na glória de Deus. Mas não posso negar o que tenho visto e o poder que isso tem.

Muito mais importante do que a experiência de um homem é a própria realidade. A glória de Deus é a base da fé. É uma base sólida. É objetiva, fora de nós

mesmos. É a base da fé em Cristo e nas Escrituras cristãs. A fé não é um passo heroico através da porta do desconhecido; é uma visão humilde e feliz da glória de Deus autoconfirmadora. Considere os seguintes exemplos bíblicos de como a glória de Deus se torna a base do conhecimento. O quarto exemplo é o foco deste livro:

Os céus

Em primeiro lugar, como todos os seres humanos devem saber que Deus existe, que ele é poderoso e benéfico e deve ser glorificado e adorado? Davi, o rei de Israel, respondeu em Salmo 19: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras de suas mãos” (v. 1).

No entanto, há muitas pessoas que não veem a glória de Deus quando olham para os céus. Apesar disso, o apóstolo Paulo diz que devemos vê-la e ficamos sem desculpas quando não a vemos, porque

o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato (Rm 1:19-21).

Deus tem mostrado a todos a glória de seu poder, deidade e beneficência. Se não vemos a glória de Deus, ainda assim somos responsáveis por vê-la, estimá-la como gloriosa e dar graças a Deus. Se não a vemos, somos “indesculpáveis”.

O Filho

Em segundo lugar, como os primeiros seguidores de Jesus souberam que ele era o Messias, o Filho do Deus vivo? Um desses seguidores respondeu: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de

graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:14).

Mas há outros que olharam para Jesus, viram seus milagres, ouviram suas palavras e não viram a glória divina. Jesus disse a essas pessoas: “Há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido?”. (Jo 14:9). Ele lhes mostrara muitas coisas. Elas eram responsáveis por ver a glória – e conhecer a Jesus.

O evangelho

Em terceiro lugar, como as pessoas que ouvem as boas-novas do evangelho cristão devem saber que ele procede de Deus? O apóstolo Paulo respondeu: por verem “a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”, ou seja, por verem a luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4:4, 6).

Entretanto, muitos ouvem “o evangelho da glória de Cristo” e não veem glória divina. Não ver a glória divina de Cristo no evangelho é digno de culpa. Não

é uma cegueira inocente. Eles estão “obscurecidos de entendimento.... pela dureza do seu coração” (Ef 4:18). Estão perecendo “porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos” (2 Ts 2:10). O evangelho da glória de Cristo é suficiente. Ouvi-lo sendo pregado completa e fielmente é ser responsável por ver a glória divina.

As Escrituras

Em quarto lugar, como devemos saber que as Escrituras cristãs são a palavra de Deus? O argumento deste livro é que a resposta a essa pergunta é a mesma das três anteriores. Em e por meio das Escrituras, vemos a glória de Deus. O que os apóstolos de Jesus viram face a face, eles nos transmitiram em suas palavras: “O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo” (1 Jo 1:3).

A glória que eles viram em Cristo, podemos ver por meio de suas palavras. As palavras humanas da Escritura são consideradas divinas da mesma maneira como o homem Jesus foi visto como divino. Nem todos viram. Mas a glória estava lá. E está aqui, nas Escrituras.

Três sentenças por trás deste livro

Este livro não é uma nova abordagem do assunto da verdade da Escritura. De fato, ele pode ser entendido como uma extensa meditação sobre três sentenças.

Uma dessas sentenças procede do Catecismo Maior de Westminster. A Pergunta 4 diz: “Como se demonstra que as Escrituras são a Palavra de Deus?”. Uma das respostas é: “Demonstra-se que as Escrituras são a Palavra de Deus... *pelo propósito do seu conjunto, que é dar toda a glória a Deus*”. Este livro é um esforço para penetrar nessa pergunta tão profundamente quanto eu posso.

Uma segunda sentença que deu origem a este livro procede de Jonathan Edwards, que se preocupou intensamente com os nativos americanos da Nova Inglaterra, nos anos 1740. Edwards lidou com a questão de como poderiam ter uma fé inabalável na verdade do cristianismo se eram incapazes de seguir argumentos históricos complexos.

Infeliz é a condição dos índios Houssatunnuck e de outros que têm manifestado recentemente o desejo de serem instruídos no cristianismo, se não podem chegar a nenhuma evidência da verdade do cristianismo, suficiente para induzi-los a renunciarem a tudo por Cristo, por nenhuma outra maneira, senão esta [o caminho da argumentação histórica].¹

A resposta de Edwards foi achada em 2 Coríntios 4:4-6, antes citado. Ele disse o seguinte:

A mente se eleva à verdade do evangelho por um único degrau, e este é a glória divina... a menos que os homens cheguem a uma firme e razoável persuasão e convicção da verdade do evangelho,

por evidências internas dele mesmo, da maneira que foi falada, ou seja, pela visão da glória do evangelho, é impossível que os iletrados e não familiarizados com história tenham qualquer convicção completa e eficaz da verdade do evangelho.²

Este livro é um esforço para aplicar a preocupação de Edwards e seu argumento a toda a Escritura. Podemos dizer: “A mente se eleva à verdade do evangelho por um único degrau, e este é a glória divina”?

A terceira sentença por trás deste livro são as palavras de Paulo em Romanos 4: Abraão “se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera” (vv. 20-21). Confiar na Palavra de Deus glorifica a Deus. Por que isso é verdadeiro? É verdadeiro porque confiar numa pessoa chama a atenção para sua confiabilidade. Mas isso é verdadeiro *somente* se a confiança tiver garantia. Confiança sem fundamento não honra a pessoa em quem se confia. Se você me confia seu dinheiro sem

me conhecer ou ter uma boa razão, com base em meu caráter, crendo que não o roubarei, você não está me mostrando ser digno de confiança; está mostrando que é um tolo. Somente confiança garantida glorifica aquele em quem se confia.

Isso significa que a tarefa que me proponho a realizar neste livro é responder à seguinte pergunta: quais bases – que bom fundamento – proporcionam uma confiança inabalável nas Escrituras cristãs? Quais bases de crença nas Escrituras como a Palavra de Deus honrarão, de fato, a Deus?

A glória do Deus que fala

Outra maneira de descrever o que pretendo é distinguir o argumento para nossa confiança na Escritura do argumento que apenas diz: “Cremos nas Escrituras porque Deus afirma que elas são a sua Palavra, e devemos crer em Deus”. Meu problema com essa afirmação não é que ela seja falsa, e sim que é ambígua.

Há falsos profetas que dizem: “Assim diz o Senhor”, mas “não os enviei, diz o SENHOR, e profetizam falsamente em meu nome” (Jr 27:15). O que isso implica é que, se Deus fala: “Assim diz o Senhor”, estamos obrigados a crer nisso, não somente porque é o que a Palavra diz, mas também por causa da glória de quem fala e porque o que ele diz é manifestamente divino. Meu argumento é que a glória de Deus em e por meio das Escrituras é uma realidade objetiva, real e autoconfirmadora. A fé cristã não é um salto no escuro. Não é uma adivinhação ou uma aposta. Deus não é honrado se é escolhido pelo lançar de uma moeda. Um salto no desconhecido não é honra para aquele que se tornou conhecido.

Em última análise, conhecemos por vista, e não por inferência

O argumento deste livro é que o degrau final de certeza referente às Escrituras é o degrau da visão, e

não o da inferência. O caminho que leva à visão pode envolver muita observação empírica, consciência histórica e pensamento racional (ver Cap. 17). Mas, em última análise, não buscamos uma inferência provável de raciocínio histórico, e sim a plena segurança de que vimos a glória de Deus. Portanto, considerados todos os meios humanos, o mais simples iletrado e o mais educado erudito chegam a um conhecimento salvífico da verdade da Escritura da mesma maneira: por uma visão da glória da Escritura.

Libertando e devastando

É claro que isso é tanto libertador quanto devastador. É libertador porque significa que a doçura da confiança inabalável na Escritura que honra a Deus não está reservada a eruditos, encontrando-se disponível a todos que têm olhos para ver.

É devastador porque nenhum ser humano pode ver essa glória sem a ajuda de Deus. Isso acontece não porque somos vítimas impotentes de cegueira, e sim porque amamos a cegueira. “O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (Jo 3:19). Não estamos acorrentados numa cela escura, anelando ver a luz da glória de Deus. Amamos a cela, porque o pecado e Satanás nos enganaram de tal modo que vemos os rabiscos nas paredes como a verdadeira glória e a fonte de maior prazer. Nosso cárcere de trevas não é a escravidão de constrangimento exterior, e sim de preferência interior. Trocamos a glória de Deus por imagens (Rm 1:23). E as amamos. Essa é a nossa cegueira.

O que tem de acontecer é descrito pelo apóstolo Paulo em 2 Coríntios 4:6. O Deus que, no princípio, criou a luz tem de resplandecer em nossa cela escura para revelar-se a si mesmo. “Porque Deus, que disse: ‘Das trevas resplandecerá a luz’, ele

mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.” A resposta para as nossas trevas é o resplandecer da glória divina em nosso coração por meio da luz do conhecimento – o conhecimento mediado pela Escritura inspirada. É disso que este livro trata.

Isso não significa que não haja nada que possamos fazer em nossa busca para ver a glória de Deus autoconfirmadora na Escritura. Jesus deu ao apóstolo Paulo uma missão impossível. Ele o enviou para “lhes abrir os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus” (At 26:18). Se é esperançoso o apóstolo mover-se em direção aos cegos, então é esperançoso os cegos moverem-se em direção ao apóstolo. Cego ou vendo, isso é o que espero você faça comigo neste livro.

A glória peculiar

Portanto, a parte mais importante deste livro são as partes 4 e 5 (Cap. 8 a Cap. 17). Na Parte 4, investigo o que realmente acontece em nossa experiência quando vemos a glória de Deus na Escritura; e procuro mostrar como isso confirma a Escritura como a Palavra de Deus infalível que outorga vida. Na Parte 5, argumento que a maneira pela qual as Escrituras nos convencem é pela revelação de *uma glória peculiar*. Em outras palavras, o poder da Escritura de garantir uma confiança inabalável não é por meio de uma glória genérica. Nem por mero deslumbramento. Nem simplesmente por pasmar a mente com distinção sobrenatural. Pelo contrário, o que vemos como inescapavelmente divino é uma glória peculiar. E, no âmago desta glória peculiar, está a glória totalmente única de Jesus Cristo. Essa é a essência deste livro.

A glória peculiar de Deus, como ele a revela nas Escrituras, é a maneira como a majestade de Deus é expressa por sua humildade. Chamo isso de

justaposição paradoxal de características aparentemente opostas. Jonathan Edwards o chamou de “admirável conjunção de excelências diferentes”. Esse padrão de autorrevelação de Deus é sua majestade de Leão, unida à sua mansidão de Cordeiro. Deus exalta sua grandeza por se tornar o supremo tesouro de nosso coração, a grande custo para si mesmo (Rm 8:32), e, assim, servir-nos no próprio ato de exaltar sua glória. Esse brilho peculiar resplandece em toda a Bíblia e atinge seu esplendor mais belo na pessoa e na obra de Jesus Cristo, morrendo e ressuscitando por pecadores.

Argumentarei que, em todo ser humano, há um “conhecimento” desse Deus – dessa glória. Há um molde inerente que é formado para essa comunicação peculiar com Deus. Quando Deus abre nossos olhos (2 Co 4:6) e nos dá conhecimento da verdade (2 Tm 2:25), por meio das Escrituras (1 Sm 3:21), sabemos que encontramos a realidade suprema.

Pela instrumentalidade das Escrituras, nas mãos do Espírito Santo, Deus remove a corrosão do modelo de sua glória. Miraculosamente, somos assim conformados ao molde peculiar da glória de Deus. Onde antes víamos apenas tolice, agora vemos a glória da majestade em humildade, a força em sofrimento e a riqueza da glória de Deus na profundidade de sua entrega – ou seja, na luz do evangelho da glória de Cristo.

Questões preliminares

Antes de dirigirmos nossa atenção para a questão de como sabemos que as Escrituras cristãs são a Palavra de Deus, devemos perguntar: sobre quais Escrituras específicas estamos falando? Estamos falando sobre os apócrifos que estão contidos na Bíblia católica romana? Quais livros realmente fazem parte da Bíblia cristã? E o que podemos dizer sobre a transmissão manuscrita da Bíblia durante três mil anos, até a invenção da imprensa, em 1450?

Temos realmente as palavras originais que os autores escreveram? Essas são perguntas com as quais lidamos na Parte 2.

Importante para o assunto, mas ainda preliminar, é a pergunta: o que as Escrituras afirmam de si mesmas? Essa pergunta é preliminar porque meu argumento não é que cremos nas Escrituras porque elas *afirmam* ser a Palavra de Deus. Mas é importante para o assunto, porque essas afirmações são, realmente, dados essenciais na formação do significado revelador de glória da Escritura. Portanto, elas são parte do panorama da glória que dá um fundamento inabalável à nossa confiança de que as Escrituras são a completamente verdadeira e infalível Palavra de Deus. Esse é o foco da Parte 3.

Não uma obra-prima, mas uma janela

A Parte 1 é a história de minha vida com a Bíblia, desde a infância até o presente. Tem pelo menos dois propósitos. Um propósito é falar sinceramente

para que você saiba com exatidão qual é a minha posição ao lidar honestamente com a Bíblia. O outro propósito é atrair a atenção para a maneira como a Bíblia faz sua obra na vida de uma pessoa. Ressalto que não tenho sustentado uma visão da Bíblia por sete décadas. Tenho sido sustentado por uma visão manifestada pela Bíblia.

Eu disse, no começo, que a Bíblia não tem sido para mim como uma obra-prima pendurada numa parede de um chalé nos Alpes, mas, em vez disso, tem sido como uma janela na parede do chalé, com os Alpes do outro lado. Em outras palavras, tenho sido um cristão em todos estes anos não porque tive a coragem de persistir numa opinião combatida da Escritura, mas porque tenho sido prazerosamente cativado pela beleza de Deus e seus caminhos que vejo através das Escrituras.

Se o seu coração pergunta: como isso é possível, minha resposta é: venha e veja.

1. Jonathan Edwards, *A Treatise Concerning Religious Affections*, v. 2, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. John Smith (New Haven, CT: Yale University Press, 1957), 304.

2. *Ibid.*, 299, 303.

Parte 1

UM LUGAR PARA PERMANECER

*"... O SENHOR se revelou
pela palavra do SENHOR."*

Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação diante de sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!

JUDAS 24-25

Capítulo 1

MINHA HISTÓRIA: SUSTENTADO PELA BÍBLIA

Todos nós estamos em algum lugar, ainda que às vezes não saibamos onde. Isso é verdadeiro tanto geográfica como teologicamente. Você pode ser vendado, conduzido num carro pela cidade durante uma hora e, depois, sair do veículo. Você estava em algum lugar, mas talvez não soubesse onde.

Fiz isso com minha esposa no dia de seu quadragésimo aniversário, para que não soubesse

aonde eu a estava levando. No caso de minha esposa, ela é muito esperta quanto à cidade e podia dizer, pelos sons e curvas, onde estávamos. Não funcionou. Mas, como ilustração, você pode entender o que estou querendo dizer: podemos estar em algum lugar e não saber exatamente onde.

Isso também é teologicamente verdadeiro. Todos nós estamos em algum lugar. Não quero dizer que toda pessoa está fixa em algum lugar. Talvez você esteja pronto para deixar seu lugar geográfico tão logo a venda seja removida. E o mesmo é verdadeiro no que diz respeito à sua posição teológica. A venda que tenho em mente pode ser tão simples que nunca pensamos seriamente a respeito de onde estamos. Em outras palavras, talvez não saibamos onde estamos porque nunca demos atenção a esse fato.

No entanto, apesar disso, estamos em algum lugar.

Permanecemos na influência do que não sabemos?

Isso é verdadeiro no que diz respeito à Bíblia. Todos nós estamos em algum lugar em relação à Bíblia. Poucos de nós crescem num lar que crê na Bíblia e chegam a crer nela e amá-la. Permanecemos nisso. cremos na veracidade do que a Bíblia diz e tentamos colocar nossa vida em harmonia com a Bíblia. Mas essa não é a regra.

Meus professores universitários na Alemanha estavam em alguma posição em relação à Bíblia – mas não era onde eu estava. Talvez você já tenha estado onde eu estou e se tenha afastado. Ou talvez tenha feito muitas perguntas e se desiludido com as respostas anti-intelectuais de cristãos que creem na Bíblia. Ou talvez esteja um tanto distante de onde estou e tudo que consegue ver são sombras, mas elas são muito atraentes. Ou talvez tenha passado por uma crise que fez tudo parecer instável e anseia por algo firme e durável.

Alguns de vocês cresceram num lar no qual a Bíblia era totalmente ausente. Viam-na somente em

noticiários, quando pessoas faziam juramentos com a mão sobre a Bíblia. Até hoje, ela pode estar tão ausente na mente de vocês quanto uma equação matemática da qual nunca ouviram falar. Mas essa equação pode ser verdadeira. Pode descrever as forças da gravidade que nos mantêm no chão. Ou representar a interação de oxigênio e dióxido de carbono que nos mantém vivos. Ou ainda significar a propulsão necessária que um motor a jato precisa para manter o avião no ar. Em outras palavras, vocês podem estar sob a influência de uma equação que mantém a vida e nem mesmo saber que ela existe.

Isso também pode expressar a realidade concernente à Bíblia. Pode descrever uma realidade que os envolve sem que saibam. Pode descrever um poder que os mantém em existência. Pode apresentar um caminho de verdade, plenitude e alegria, que alguns de vocês têm almejado, enquanto outros, não. Sem se dar conta disso, alguns de vocês

apreciam partes desse caminho e talvez odeiem outras. Mas uma coisa é certa: todos nós permanecemos em alguma posição no que se refere à Bíblia.

A Bíblia é mais parecida com uma carta do que com uma equação

Comparar a Bíblia a uma equação matemática não é algo admiravelmente profundo. Você pode viver toda a vida com relativa felicidade e, depois, morrer, sem se entristecer porque nunca conheceu uma única dessas equações. Embora elas descrevam como você anda, respira e voa, conhecer uma fórmula específica não é importante.

A Bíblia não é assim. E a principal razão é que a Bíblia é mais semelhante a uma carta do Criador do universo do que a um registro de leis da natureza. O registro de leis da natureza é impessoal. Mas uma carta do Criador é pessoal. A principal diferença entre uma carta pessoal e um livro-texto de física é

que a carta tenciona conectar-nos com o coração e a mente do escritor, enquanto o livro-texto não. Essa é a grande diferença a respeito de como nos aproximamos da Bíblia. Ela expressa o coração e a mente de uma pessoa divina ou é apenas um registro de experiências religiosas humanas?

Essa é uma das perguntas mais importantes a respeito de onde estamos: estamos conscientemente num universo pessoal ou num universo impessoal? Estamos na consciência de que a principal coisa sobre o universo é que eu sou uma pessoa criada por uma Pessoa? Eu vivo num universo criado por uma Pessoa que tem propósitos e planos para mim e para o universo? Ou estou num universo impessoal? O mundo não tem nenhum criador ou governante pessoal? Eu vivo como o produto de forças materiais impessoais?

De capa a capa, a Bíblia descreve o mundo como pessoal. Um Deus pessoal criou o mundo. Ele criou

seres humanos à sua própria imagem para administrarem o mundo como seus mordomos.

Deus criou, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a” (Gn 1:27-28).

No mínimo, isso significa que somos pessoais da maneira como Deus é. Somos pessoais de um modo que os animais não são. Como pessoas, a Bíblia diz, fomos criados para refletir o tipo de pessoa que Deus é. Esse é o propósito de imagens. Somente essas imagens são pessoas *vivas*, e não estátuas. Encher a terra com pessoas criadas à imagem de Deus – de acordo com a Bíblia, esse é o destino humano. “Bendito para sempre o seu glorioso nome, e de sua glória se encha toda a terra. Amém e amém!” (Sl 72:19).

Como o Criador se comunicará?

Isso suscita a pergunta de se e como o Criador tenciona comunicar-se com as pessoas que criou à sua imagem. Todos permanecem em alguma posição em relação a essa pergunta. Não pensar sobre ela já é uma posição. Dizer: “Não, ele não faz isso”, essa é uma posição. E dizer “Sim, única e infalivelmente por meio das Escrituras cristãs” também é uma posição.

E há razões pelas quais todos nós estamos na posição em que estamos. Algumas são conscientes; outras, não. Você pode ter pensado nisso e concluído: *Não posso saber com certeza*. Ou talvez tenha pensado e concluído: *Eu não aprovo o Deus da Bíblia e a maneira como ele diz que as pessoas devem viver*. Ou talvez você tenha lido e visto tanta beleza moral e espiritual em Jesus que concluiu: *Não posso negar o que tenho visto – isso é real*.

Eu estou na última categoria.

Permita-me esclarecer onde estou, para que, assim, sejamos claros desde o início, e você saiba com o que está lidando neste livro. Então, podemos fazer esta pergunta: *por que devemos crer nisso?*

O lugar no qual permaneço: o lar

Cresci num lar em que se admitia que a Bíblia é a Palavra de Deus infalível. Quer tenham sido bem-sucedidos, quer tenham falhado, meus pais tentaram submeter-se à autoridade da Bíblia. Acho que eles foram muito bem-sucedidos. Essa talvez seja a razão pela qual nunca me rebelei contra eles. Meus pais tentaram formar com base na Bíblia suas ideias sobre Deus, o homem, o pecado e a salvação. Eles tentaram harmonizar com a Bíblia suas atitudes e emoções. E tentaram formar seu comportamento pela Bíblia.

Isso é o que você faz quando crê que a Bíblia é a comunicação confiável de seu Criador. Apesar das imperfeições e do que a Bíblia chama “pecado

remanescente” (Rm 7:17, 20), acho que meus pais foram fundamentalmente bem-sucedidos. O Deus que eles adoravam, o Salvador em quem confiavam, a alegria que experimentavam e o amor que mostravam eram, creio eu, verdadeiramente o Deus, o Salvador, a alegria e o amor da Bíblia. Era tudo real.

Eles não clamavam por perfeição, ou pelo conhecimento de Deus ou pelas respostas a esse conhecimento. Sabiam o que a própria Bíblia ensina sobre nosso conhecimento: “Agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido” (1 Co 13:12). Podemos conhecer verdadeiramente, mas não podemos conhecer exaustiva e perfeitamente enquanto formos pecadores. Virá o dia em que Jesus retornará à terra, e os seguidores de Jesus serão transformados. Não haverá mais pecado. E, ainda que não nos tornemos

oniscientes, deixaremos de crer em coisas erradas (1 Co 13:12).

Mas agora somos criaturas falíveis, que tentam submeter-se tão plenamente quanto possível a um livro infalível inspirado por Deus. Meus pais acreditavam nisso, e eu também cresci acreditando. À medida que eu ia recebendo educação formal, durante vinte anos, os desafios à visão da Bíblia foram muitos e constantes. São muitos e constantes até hoje. E suponho que haverá muitos deles até que Jesus volte, porque um dos mais proeminentes escritores da Bíblia predisse:

Haverá um tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo suas próprias cobiças... e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas (2 Tm 4:3-4).

Esse tempo já estava acontecendo quando a Bíblia era escrita. E há boas razões para crermos que, à

medida que o fim do mundo se aproxima (um tempo que ninguém pode prever), a Bíblia será cada vez mais combatida.

Portanto, quando passei pela faculdade, em Illinois, pelo seminário, na Califórnia, e pela pós-graduação, na Alemanha, não fiquei surpreso com o fato de que objeções a essa visão da Bíblia se intensificavam em cada etapa. Alguém pode realmente continuar apegado à visão de sua juventude, embora esteja numa pós-graduação na Alemanha, onde praticamente ninguém compartilha de sua visão – nem alunos, nem professores?

Sustentado pela visão

Talvez pareça estranho, mas “sustentar a minha visão” nunca foi a maneira como a experimentei – pelo menos não até onde posso lembrar. Acho que foi mais como se a minha visão sobre a Bíblia me sustentasse. Ou, como creio hoje, Deus estava me sustentando por esclarecer, iluminar e aprofundar

minha visão sobre ele na Bíblia. Creio que essa é a razão pela qual a visão que recebi de meus pais permaneceu mais convincente do que qualquer visão concorrente ao longo de minha jornada.

Estudei muitas opiniões conflitantes sobre a Bíblia. Tive de fazer isso. Isso é o que a educação em artes liberais faz. Expõe você a grandes cosmovisões alternativas – como as chamamos. E, no seminário, os desafios se tornaram mais focados em historicidade, formação e preservação da própria Bíblia. Depois, na pós-graduação, não apenas li sobre essas opiniões; tive seminários e discussões com pessoas que sustentavam tais opiniões, ensinavam e escreviam livros sobre elas. Em outras palavras, os desafios à minha visão sobre a Bíblia se moveram de desafios de cosmovisões e desafios crítico-históricos para desafios pessoais.

Entretanto, ao mesmo tempo, minha própria visão estava sendo esclarecida, instruída e aprofundada. Nunca senti como se homens maus estivessem

reunidos para derrotar minha pobre visão sobre a Bíblia, formada na Escola Dominical e na adolescência. Em cada época, senti como se a visão crescesse para ser um páreo para quem aparecesse.

A visão: mais clara, mais brilhante e mais profunda

Ora, preciso ter cuidado aqui, pois, do contrário, criarei uma impressão equivocada. O que acabei de escrever parece muito intelectual e pode dar a impressão de que o que estava acontecendo era que eu estava me tornando mais esperto. Acho que eu estava aprendendo cada vez mais a respeito de pressuposições, de falhas lógicas de certos argumentos e do mau uso de informação histórica. Mas isso não foi decisivo. Não estou falando sobre tornar-me esperto quando digo que minha visão se tornava cada vez mais clara, mais brilhante e mais profunda.

O que estou dizendo pode ser mais bem-compreendido se você tomar a palavra *visão* não apenas no sentido intelectual (como *ponto de vista*), mas no sentido estético – como em *vista*, *visão* ou *escopo de visão*. Não me lembro de ter apenas uma visão da Bíblia como um livro sobre a mesa, e eu o visse dessa maneira, e não daquela; também não me lembro de vê-la como um conjunto de ideias que eu podia entender dessa ou daquela maneira.

Não um quadro na parede, mas uma janela

A Bíblia nunca foi semelhante a um quadro exposto em um museu que eu visse de uma ou de outra maneira. Em vez disso, a Bíblia era como uma janela. Ou como um binóculo. Minha visão da Bíblia sempre foi uma visão *por meio da* Bíblia. Portanto, quando digo que, ao longo da vida, minha visão se tornou cada vez mais clara, mais brilhante e mais profunda, estou dizendo que a realidade vista por meio da Bíblia se tornou cada vez mais clara,

mais brilhante e mais profunda. *Mais clara*, quando os contornos se tornavam menos indistintos, e eu podia ver como as coisas se harmonizavam, em vez de obscurecerem umas às outras. *Mais brilhante*, quando a beleza e o impacto de toda a mensagem ficavam cada vez mais atraentes. E *mais profunda*, no sentido de perspectiva de profundidade – suponho que os fotógrafos diriam “profundidade de campo”. Coisas estendidas para a eternidade, com implicações admiráveis – tanto em direção ao passado como ao futuro. Isso poderia ser resumido pela expressão *a glória de Deus*. Isso era o que eu estava vendo.

Isso era o que estava mudando para eu enfrentar os desafios. Não era um esforço intelectual. Ver não é um esforço como pensar. Apenas acontece. Talvez precisemos esforçar-nos para chegar à beira do Grand Canyon, mas, quando chegamos lá, ver não representa um trabalho. Precisamos viajar até os

Alpes ou o Himalaia, mas, quando chegamos lá, ver não é um esforço. É dado a nós.

Eu fiz meu andar e meu viajar. Isso é o que a educação faz. Mas não fiz o meu próprio ver. E essa é a razão pela qual digo que não foi como se eu estivesse sustentando minha visão da Bíblia, mas, ao contrário, era a visão que estava me sustentando. Em outras palavras, Deus estava me sustentando por tornar a visão sobremodo atraente. Se você ficar na beira do Grand Canyon, ou fizer *rafting* descendo o rio Colorado, no *interior* do cânion (como eu fiz no verão de 2012), é correto dizer-lhe que você será sustentado pela visão, a contemplação, a vista. Isso era o que a Bíblia estava fazendo por mim. Estava me sustentando. Não era eu que a estava sustentando.

Quando as nuvens vão embora

Eis uma analogia – uma parábola viva – de como isso se desenvolveu.

Num daqueles dias de *rafting*, descendo 300 km pelo rio Colorado, através do Grand Canyon, começou a chover. Isso não foi preocupante, porque já estávamos molhados das corredeiras. Estávamos vestidos para aquilo. A parte frustrante foi que era hora do lanche, e havia somente praias pequenas onde podíamos parar e comer.

Então, paramos, preparamos as mesas e armamos um grande guarda-chuva para manter a chuva longe de nossos sanduíches de manteiga de amendoim. Mas a chuva era tão intensa, e o vento, tão forte, que o guarda-chuva foi inútil, e tivemos de comer sanduíches encharcados. Rimos disso, mas foi desagradável e frustrante. Por um momento, minha “visão” não era tão clara, brilhante e profunda. Talvez estar no Grand Canyon não fosse tão atraente. Talvez um sofá quentinho lá no hotel em Las Vegas fosse bem mais atraente.

Pouco sabíamos do que estava prestes a acontecer. Embarcamos em nossos dois grandes botes azuis,

impelidos a motor, e voltamos a descer o rio. A chuva parou, e o céu começou a clarear, quando, de repente, quase simultaneamente, muitas cachoeiras irromperam no rio, à nossa frente e atrás de nós, fluindo das paredes do cânion. Algumas eram gigantescas, atingindo centenas de metros. A água que descia dos desfiladeiros era vermelha. O guia, então, explicou o que havia acontecido.

Ele disse que, durante a chuva intensa, a água nos desfiladeiros desce das encostas e cresce até se tornar um rio caudaloso – um rio temporário, formado pela chuva, num lugar onde raramente chove –, dezenas de rios temporários à procura de um lugar para desaguar. Quando a água alcança certa força, cai do precipício para o cânion, como uma cachoeira. E a cor vermelha se deve ao solo que a água pegava no caminho. Foi maravilhoso.

Então, ele disse: talvez não vejamos algo semelhante a isso em cem anos.

Essa é uma parábola de como Deus me sustentou por minha visão da Bíblia – ou seja, minha visão por meio da Bíblia. Quando a visão começava a parecer nublada, chuvosa e frustrante, e outras visões da vida começavam a parecer mais atraentes, Deus abriu os céus e fez até a chuva contribuir para a visão irresistivelmente bela de sua glória. Ele nunca permitiu que qualquer outra visão de realidade sobrepujasse a visão da Bíblia.

Portanto, sim, eu ainda sustento a visão básica que meus pais sustentavam e que a igreja cristã tem sustentado em toda a sua história até que as luzes do Iluminismo começaram a cegar as pessoas para as estrelas e a seduzi-las para longe do esplendor da glória de Deus. Esse é o lugar em que ainda permaneço – na beira do Grand Canyon, aos pés do Himalaia e, às vezes, fazendo *rafting* nas profundezas da glória.

Mais especificamente, que tipo de binóculo é a Bíblia? Que tipo de janela para a glória de Deus ela

é? Permita-me prosseguir para uma descrição mais exata do tipo de livro que a Bíblia é, conduzindo você de meus dias de educação formal até onde estou hoje em relação à igreja, à escola e ao ministério na Internet que tenho mantido.

Ensinando alunos de faculdade enquanto a visão se expande

Quando eu tinha 28 anos, encontrei meu primeiro emprego real. Com minha esposa e meu filho, retornei da Alemanha em 1974 e fui diretamente para a cidade de Saint Paul, em Minnesota, onde comecei a ensinar estudos bíblicos no Bethel College (hoje Bethel University). Não podia acreditar que eles estavam me pagando para estudar e ensinar. Eu teria feito isso de graça, se não tivesse uma esposa e um filho para sustentar. Portanto, o salário de dez mil e quinhentos dólares anuais era um bônus necessário que acompanhava esse privilégio.

Ensinei Introdução ao Novo Testamento, grego e estudos de livros individuais do Novo Testamento. Eu amava tudo isso. Até hoje, poucas coisas são mais gratificantes para mim do que olhar *para* a Bíblia – e *por meio da* Bíblia – tão extensamente até ver o que está lá realmente e, depois, ajudar outras pessoas a verem isso sozinhas. Eu fizera isso nas classes de Escola Dominical durante todo o tempo em que estive no seminário e também na pós-graduação. Agora, eu fazia o mesmo com alunos de faculdade. Era algo profundamente satisfatório.

Parte de minha energia foi dedicada a definir como a visão de meus pais – minha visão – se relacionava a algumas questões difíceis, como, por exemplo, por que há diferentes relatos do mesmo evento nos quatro evangelhos, especialmente Mateus, Marcos e Lucas (chamados evangelhos sinóticos). Por isso, escrevi um breve artigo no início de minha estada no Bethel intitulado “Como são os Sinóticos sem

Erro?”.³ Tornou-se minha posição na faculdade bíblica durante os anos em que estive lá.

No entanto, minhas energias, de um modo geral, foram dedicadas a olhar pela janela inerrante, e não para a própria “inerrância” da Bíblia. Amei colocar os alunos diante da vidraça de 1 João, 1 Pedro, 1 e 2 Tessalonicenses e o evangelho de Lucas, fazendo tudo que eu podia, com oração, exemplo e boas perguntas, para ajudá-los a ver a glória dessa paisagem transbordante de Cristo.

O efeito dessa vida saturada de Bíblia foi que uma visão da grandeza, da glória e da centralidade de Deus estava se tornando mais clara, mais brilhante e mais profunda. Descobri que um aspecto dessa glória, ou seja, a soberania de Deus, era incessantemente controversa em todas as minhas aulas. Não importando o texto ou o assunto da aula, essa questão surgiria. Os alunos a veriam brilhando a distância (alguns teriam dito espreitando ou

vagueando). E muitos deles não gostavam do que viam.

Isso não me surpreendeu, mas me colocou em dificuldade. Fiquei no pé deles durante todos os meus dias de faculdade. Eu fora para o seminário como alguém que se alegrava em colocar limites na soberania de Deus por meio de minha vontade *autodeterminante* (que eu gostava de chamar “livre-arbítrio”). Esse é o ar que respiramos na América; é também a suposição padrão do coração humano. Por natureza e cultura, ecoamos o “Invictus” de William Ernest Henley:

Não importa quão estreita a porta,
Quão repleto de punições o livro,
Eu sou o senhor de meu destino,
Sou o capitão de minha alma.

Uma das razões pelas quais isso parece tão óbvio é que a responsabilidade moral parece impossível sem

a suprema autodeterminação humana. E, se alguma coisa é clara na Bíblia, é o fato de que os seres humanos são moralmente responsáveis diante de Deus. Eu nunca havia considerado realmente se essa conjectura – que a responsabilidade moral exige autonomia humana – estava na Bíblia. Mas eu tive de admitir que defender minha própria supremacia volitiva não produziu uma robusta experiência de adoração.

Somente no seminário fui capaz de ver que uma das mais elevadas, mais vermelhas e mais magníficas cachoeiras no cânion da glória de Deus era sua absoluta soberania. Em meu exame final num curso de teologia sistemática, escrevi: “Romanos 9 é como um tigre que está solto e devorando defensores do livre-arbítrio como eu”. A batalha fora dolorosa, e houve lágrimas ao longo do caminho. Mas agora a luta estava acabada. O que parecia ser um ataque à minha liberdade se tornou o fundamento de minha esperança.⁴

Romanos 9 e a chamada ao pastorado

Então, eu sabia o que os alunos estavam sentindo. O problema foi que, ao tentar mostrar-lhes o que descobri em Romanos 9, por exemplo, muitos deles não se convenceram. Argumentaram que Romanos 9 não significa o que Piper diz que significa. E eles contavam com livros e professores para apoiá-los.

Por fim, quando chegou meu ano sabático, usei a primavera de 1979 até janeiro de 1980 para escrever a mais completa abordagem de Romanos 9:1-23 que eu podia escrever. Naqueles meses, coloquei meus olhos naqueles 23 versículos e os examinei tão arduamente quanto podia, dia e noite. O livro foi publicado em 1983 com o título *A justificação de Deus*.⁵ Em primeiro lugar, eu o escrevi por causa de minha própria consciência e, depois, por causa de meus alunos. Eu estava vendo realmente o que está ali? Herdei de meus pais não somente uma visão elevada da Bíblia, mas também uma visão sensata de minha própria pecaminosidade e falibilidade. Eu

não era sem erros. A Bíblia era. Por isso, eu estava escrevendo aquele livro, para testar o que vi em Romanos 9.

No entanto, algo totalmente inesperado aconteceu. Enquanto eu trabalhava em Romanos 9, dia após dia, durante meses, a visão da soberania magistral de Deus não somente se tornou cada vez mais clara, como também se apoderou de mim de um modo que nunca planejei.

Quando eu era criança e adolescente, as pessoas me diziam: “Você será um pregador como seu pai?”. Meu pai era um evangelista viajante – um grande pregador, em minha opinião; eu o respeitava e amava profundamente. E ainda o amo. Mas eu sempre respondi não. A razão era que eu não podia falar diante de um grupo de pessoas sem ficar paralisado. Era uma condição horrível para um adolescente. E, até hoje, levo isso em consideração. Deus removeu parcialmente esse fardo quando estive na faculdade e no seminário. Eu me tornei

capaz de ensinar. Mas ensinar parecia muito diferente de pregar.

Entretanto, naquele período de licença, o Deus de Romanos 9 parecia estar me dizendo, por meio da janela de sua Palavra: “Eu serei proclamado, não apenas analisado. Serei anunciado, não apenas estudado e explicado”. E, pouco a pouco, cresceu em mim o desejo – totalmente inesperado – de abandonar a academia e pregar esse grande e glorioso Deus de Romanos 9.

Eu queria ver o que aconteceria. Queria colocar em teste se pregar todo o conselho de Deus – com uma visão de Deus que muitos alunos achavam ofensiva – poderia fazer crescer, sustentar, nutrir, deleitar, guiar e fortalecer uma igreja com pessoas de todas as faixas etárias e de diferentes contextos educacionais e étnicos. Por um lado, isso parecia uma mudança para exaltar a grandeza de Deus, mas, por outro, parecia um desafio à autoridade e à veracidade da Bíblia.

Eu poderia pregar o Deus da Bíblia como ele realmente se apresentava no texto? Todas as coisas que a Bíblia diz sobre Deus, o homem, a salvação, a santidade e o sofrimento podiam ser proclamadas com clareza pura, para que as pessoas fossem edificadas, as almas fossem salvas, as missões avançassem, a justiça descesse como rios e a alegria abundasse até em meio à tristeza?

Olhando através do Livro no púlpito

Não pude resistir a essa chamada. Ela se tornou irresistível na noite de 14 de outubro de 1979. Na manhã seguinte, minha esposa disse que já esperava por isso e que apoiaria a mudança. Renunciei a meu cargo de professor e aceitei a chamada para ser pastor de pregação na Bethlehem Baptist Church em Minneapolis (Minnesota), onde servi por 33 anos, até o verão de 2013.

Minha resposta à pergunta *O Deus de Romanos 9, com sua soberania absoluta sobre todas as coisas,*

incluindo a salvação e o sofrimento, pode ser pregado sem comprometimento em benefício do crescimento, do fortalecimento e da missão da igreja? é sim. Durante 33 anos, semana após semana, eu contemplava as palavras da Escritura até ver, por meio delas, a Realidade e, depois, pregava o que eu via. Não me lembro de um único fim de semana em que eu não estivesse empolgado em pregar o que Deus me havia mostrado. Às vezes, isso era controverso. Mas eu tentava ser tão fiel ao texto da Bíblia e tão transparente sobre como eu via o que via que as pessoas confiavam em mim. Eu não queria que elas dependessem de minha autoridade, e sim da autoridade de Deus na Bíblia. Repercuti o apóstolo Paulo, quando ele disse:

A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus (1 Co 2:4-5).

Em um sentido, eu via todo o meu ministério como uma demonstração da verdade e da autoridade da Palavra de Deus, pregada com tanta clareza, inteligência e profundidade quanto eu podia, com a ajuda de Deus. Minha “visão” da Bíblia, herdada de meus pais, seria tão convincente para os outros quanto fora para mim? A pergunta não era principalmente “eles chegariam a *sustentar* a minha visão?”. A pergunta era: “A visão da glória de Deus nas Escrituras os *sustentaria* como *havia sustentado* a mim?”. Esse era o teste. A história e, por fim, a eternidade responderão.

Presbitério de um só pensamento sobre todo o conselho de Deus

Quando cheguei à Bethlehem Baptist Church, em 1980, havia uma declaração de fé muito ampla no que diz respeito às doutrinas. Sou a favor de uma declaração de fé ampla como qualificação para a *membresia* na igreja local. Acho isso correto. Penso

que a porta para o corpo local de crentes deve ter o mesmo tamanho da porta para o corpo universal de crentes.

Mas a porta para o presbitério – ou seja, a entrada para o conselho que prestará contas a Deus pelas almas do rebanho, como mestres e líderes (Hb 13:17; 1 Tm 3:2; 5:17) – deve ser mais estreita. Quando Paulo se dirigiu aos presbíteros da igreja, sua ênfase foi que eles não deviam esquivar-se de ensinar qualquer coisa do conselho de Deus, mas dar ao rebanho “todo o conselho de Deus” (At 20:20, 27-28 – ARC). Isso significa que os presbíteros têm de se esforçar para conhecer, esclarecer e preservar todo esse conselho de Deus.

Pouco a pouco, ao longo dos anos na Bethlehem, estive pregando, ensinando e liderando de um modo que levasse os presbíteros a terem uma só mente sobre o que é todo esse conselho de Deus. Depois de quase 15 anos, achei que estávamos prontos para trabalhar em direção a colocar nosso entendimento

unificado da Palavra de Deus em um documento com que todos concordariam. Essa declaração de fé se tornaria o critério, baseado na Escritura, daquilo em que os presbíteros deveriam crer e o que deveriam ensinar.

O alvo, é claro, era que as pessoas vissem isso, alegremente, como a verdade da Bíblia e o adotassem com satisfação. Mas, como as pessoas estavam se unindo à igreja o tempo todo, com diferentes níveis de entendimento bíblico, e como nem sempre concordavam com tudo que o documento afirmava, não fizemos dessa declaração de fé um critério para a membresia. Ele representava a direção em que os presbíteros tentariam guiar o povo, e não a posição que as pessoas tinham de adotar para se unirem à igreja.

Em outras palavras, o alvo era que os presbíteros definissem uma posição a tomar – incluindo uma posição sobre a natureza da Bíblia. Essa é a Seção 1 no documento. Esse processo de aprimorar o que se

tornou a Declaração de Fé do Presbitério da Bethlehem Baptist Church (agora adotada pelo Bethlehem College and Seminary, pela rede de igrejas Treasuring Christ Together e pelo ministério Desiring God) levou vários anos.

Eu fiz o primeiro manuscrito e, depois, enviei o documento a uma dezena de líderes respeitados de fora da Bethlehem para obter opiniões, a fim de ter certeza de que ele evitaria esquisitices. Queria que o documento fosse uma nova declaração da verdade bíblica, que exaltasse a glória de Deus e fosse entretido da verdade de que Deus é mais glorificado em nós quando somos satisfeitos nele. Mas eu não queria que o documento fosse peculiar, estranho ou incomum. Não acreditamos que Deus nos mostrou a verdade para que ninguém mais a veja. cremos que é sábio e humilde ter como alvo a reafirmação da glória da antiga verdade bíblica, e não a afirmação de novas descobertas.

Os presbíteros trabalharam no documento por um longo tempo, e não tínhamos pressa. Estávamos fazendo um trabalho para as gerações futuras, e não para nós mesmos. Esperávamos preparar uma declaração de fé da qual Deus se agradaria em usar por décadas para proteger e fomentar a verdade nas instituições e na vida de pessoas que haviam crescido na igreja. Assim, vinte anos depois de minha chegada, os presbíteros elaboraram, de forma unânime, a redação da declaração, e a igreja votou que, daquele momento em diante, todos os presbíteros adotariam essa verdade como a essência do que pregaríamos e ensinaríamos.

A Seção 1 diz respeito às Escrituras – o assunto deste livro. É a posição que sustentamos. É a posição que define este livro. É a visão que “sustentamos”. No entanto, acima de tudo, é a natureza da janela para a visão da glória de Deus que nos *tem sustentado* – e me tem sustentado por mais de sessenta anos.

1. A Escritura, a Palavra de Deus escrita.

1.1 cremos que a Bíblia, formada de 66 livros do Antigo e do Novo Testamento, é a infalível Palavra de Deus, inspirada verbalmente por Deus e sem erros nos manuscritos originais.

1.2 cremos que as intenções de Deus, reveladas na Bíblia, são a autoridade final e suprema em testar todas as afirmações sobre o que é verdadeiro e o que é certo. Em assuntos não tratados na Bíblia, o que é verdadeiro e certo é avaliado por critérios consistentes com o ensino da Escritura.

1.3 cremos que as intenções de Deus são reveladas por meio das intenções de autores humanos inspirados, mesmo quando a intenção dos autores era expressar significado divino do qual eles não estavam totalmente cientes, como, por exemplo, no caso de algumas profecias do Antigo Testamento. Portanto, o significado dos

textos bíblicos é uma realidade histórica fixa, arraigada nas intenções históricas e imutáveis de seus autores divino e humano. Mas, embora o significado não mude, a aplicação desse significado pode mudar em várias situações. Apesar disso, não é legítimo inferir um significado de um texto bíblico que não seja demonstravelmente transmitido pelas palavras que Deus inspirou.

1.4 Portanto, o processo de descobrir a intenção de Deus na Bíblia (que é seu significado pleno) é um esforço humilde e cuidadoso para encontrar, na linguagem da Escritura, o que os autores humanos tencionavam comunicar. Capacidades limitadas, inclinações tradicionais, pecado pessoal e pressuposições culturais frequentemente obscurecem os textos bíblicos. Por isso, a obra do Espírito Santo é essencial ao entendimento correto da Bíblia. E orar pela ajuda do Espírito Santo é um esforço

apropriado para entendermos e aplicarmos a Palavra de Deus.

Permaneço aqui

É nisso que permaneço, com esperança, alegria e amor. Essa é a janela da Palavra pela qual a visão de Deus tem exercido seu poder cativante. Não estou simplesmente sustentando uma visão da Escritura. Eu sou sustentado. A glória de Deus que resplandece por meio de sua Palavra tem sido um tesouro irresistível. Nada neste mundo chega perto da beleza e do valor de Deus, de seus caminhos e de sua graça.

Depois de quase sete décadas de ver e experimentar a glória de Deus na Escritura, a doxologia de Judas 24-25 é muito pessoal:

Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação diante de sua *glória*, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, *glória*,

majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!

Em meu caso – e penso ser isso que Judas tencionava – “glória, majestade, império e soberania” de Deus são atribuídos a ele aqui porque são, de fato, aquilo que faz o guardar. Deus me tem guardado – sustentado – por sua glória, por revelar sua glória ao meu coração ano após ano, de maneira que outras glórias não me seduzam. Ele tem feito isso por meio de sua Palavra. Para mim, a glória de Deus e a Palavra de Deus são inseparáveis. Não tenho nenhuma outra visão da glória de Deus, senão por meio de sua Palavra. A Palavra é o instrumento que exhibe a glória, e a glória confirma a Palavra.

Agora chegamos a uma história mais importante do que a minha própria – a história de como a Bíblia chegou a existir e como tem confirmado sua veracidade e autoridade por dois mil anos. Como sabemos o que a Bíblia é – quais livros ela contém?

Como sabemos que é verdadeira? Como a Bíblia tem provido a fé bem fundamentada de que ela mesma é a Palavra de Deus?

Esta maravilhosa história da obra de Deus em sua Palavra – para criar sua Palavra escrita e edificar sua igreja no mundo – está entrelaçada à minha história. E está entrelaçada à história de cada pessoa. Todos serão atraídos a esta história, de um modo ou de outro. Tem de ser assim, visto que não estamos lidando com uma deidade tribal e um livro provincial. Estamos lidando com o Criador do universo e com um livro que ele inspirou como um dom para todos os povos do mundo. Convido-o a vir comigo. Não conheço investigação mais importante do que esta: a Bíblia é a Palavra de Deus? As Escrituras cristãs são verdadeiras? Como sabemos?

-
3. Disponível em <http://www.desiringgod.org/articles/how-are-the-synotics-without-error>.
 4. Se algum leitor quiser saber como desenvolvi isso, uma obra a ser consultada é John Piper, *The Pleasures of God: Meditations on God's Delight in Being God* (Colorado Springs, CO: Multnomah, 2012), caps. 2, 4 e 5.
 5. John Piper, *A Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1-23* (Grand Rapids, MI: Baker, 1983).

Parte 2

QUAIS LIVROS E PALAVRAS COMPÕEM AS ESCRITURAS CRISTÃS?

*"... desde o sangue de Abel
até o de Zacarias"*

Porque, em verdade, vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra.

MATEUS 5:18

Capítulo 2

QUAIS LIVROS COMPÕEM O ANTIGO TESTAMENTO?

Cremos que a Bíblia, formada de 66 livros do Antigo e do Novo Testamento, é a infalível Palavra de Deus, inspirada verbalmente por Deus e sem erros nos manuscritos originais.

Uma afirmação estupenda é a de que um livro escrito por mãos humanas é a infalível Palavra de Deus. Se essa afirmação é verdadeira, e, se o livro afirma ensinar somente o caminho para a vida eterna, então esse livro é mais

importante do que qualquer outro livro. Tem mais a nos oferecer do que qualquer outro livro. E o que ele nos oferece é de importância infinita.

O que as Escrituras cristãs oferecem

Um dos seguidores de Jesus lhe disse: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna” (Jo 6:68). Em outras palavras, qualquer tentativa de achar a vida eterna sem as palavras de Jesus falhará. Isso foi o que os emissários de Jesus ensinaram quando ele ressuscitou dos mortos: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4:12).

Essa convicção estava alicerçada naquilo que o próprio Jesus havia ensinado: “Em verdade, em verdade, vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna” (Jo 5:24). E esta foi uma afirmação exclusiva: “Eu sou o

caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14:6). Por isso, seus seguidores ensinaram: “Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1 Jo 5:12).

Rejeitar as palavras dos apóstolos de Jesus, quando pregaram em nome dele e escreveram o Novo Testamento, significava desprezar a vida eterna. “Paulo e Barnabé, falando ousadamente, disseram: Cumpria que a vós outros, em primeiro lugar, fosse pregada a Palavra de Deus; mas, visto que a rejeitas e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios” (At 13:46). Desprezar essa mensagem de Deus significa rejeitar a vida eterna.

Por isso, digo novamente: se a afirmação desse livro é verdadeira, então ele é mais importante do que qualquer outro livro. Tem mais a oferecer do que qualquer outro livro. E o que ele nos oferece tem importância infinita.

De que livro estamos falando?

Isso significa que, mesmo antes de mostrar como esse livro revela sua verdade, precisamos esclarecer de que livro estamos falando. Se vamos contemplar pela janela desse livro, com a esperança de achar vida eterna e alegria indizível, precisamos saber de que livro estamos falando. E essa vida e essa alegria são exatamente o que esperamos encontrar. A vida mais plena possível. E alegria indizível.

Se isso não é o que achamos no final de nossa busca, estamos desperdiçando nosso tempo. E, tenha certeza, isso é precisamente o que o livro afirma oferecer: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10:10). “A quem [Jesus], não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma” (1 Pe 1:8-9). Plenitude de vida eterna e alegria indizível na pessoa mais importante do universo, Jesus, o Filho de Deus.

Quais livros estão no Livro?

Então, a pergunta específica é: de que Bíblia você está falando? A resposta em nossa Declaração de Fé é “a Bíblia formada de 66 livros do Antigo e do Novo Testamento”. Se você é novo quanto à Bíblia, essas palavras podem ser novas para você. Ao examinar a lista de conteúdo da Bíblia, você descobrirá que há duas partes. A primeira parte se chama Antigo Testamento; a segunda, Novo Testamento. A palavra *testamento* é uma antiga palavra que significava *aliança*, uma palavra bíblica que expressa o compromisso de Deus em cumprir determinadas promessas feitas ao seu povo em certos termos. O Antigo Testamento contém os livros que tratam da interação de Deus com o mundo e com Israel, antes da vinda de Jesus. O Novo Testamento contém livros que lidam com a entrada de Deus na história em Jesus Cristo, com a fundação da igreja cristã e a missão cristã. Há 39

livros em nosso⁶ Antigo Testamento e 27 livros em nosso Novo Testamento.

Antigo Testamento

Gênesis	2 Crônicas	Daniel
Êxodo	Esdras	Oseias
Levítico	Neemias	Joel
Números	Ester	Amós
Deuteronômio	Jó	Obadias
Josué	Salmos	Jonas
Juizes	Provérbios	Miqueias
Rute	Eclesiastes	Naum
1 Samuel	Cântico dos	Habacuque
2 Samuel	Cânticos	Sofonias
1 Reis	Isaías	Ageu
2 Reis	Jeremias	Zacarias

1 Crônicas

Lamentações

Malaquias

Ezequiel

Novo Testamento

Mateus

Efésios

Hebreus

Marcos

Filipenses

Tiago

Lucas

Colossenses

1 Pedro

João

1

Tessalonicenses

2 Pedro

Atos

2

1 João

Romanos

Tessalonicenses

2 João

1 Coríntios

1 Timóteo

3 João

2 Coríntios

2 Timóteo

Judas

Gálatas

Tito

Apocalipse

Filemom

Você pode observar que a Bíblia é um livro de “livros” – história, profecia, provérbios, cartas e mais – de vários autores humanos, escritos no decorrer de 1.500 anos. É impressionante que esses 66 “livros” diferentes tenham sido reunidos em uma única Bíblia (do grego *biblion*, que significa “livros”), com um desenvolvimento histórico coerente desde a criação, no passado, até a vinda do reino de Deus à terra, no futuro.

Esses livros são, às vezes, chamados o “cânon” da Escritura. Pode ser importante você saber isso porque livros inteiros e muitos artigos foram escritos para discutir quais livros pertencem realmente ao “cânon” e o processo que determinou, por fim, quais livros estariam no “cânon” (o processo de canonização). A palavra *cânon* significava, originalmente (em sua raiz grega, *kanōn*), “vara reta” ou “vara de medir”, e, depois, um guia, um modelo ou um teste de verdade ou de beleza.

Podemos vê-la sendo usada dessa maneira no Novo Testamento: “E, a todos quantos andarem de conformidade com esta regra [*kanoni*], paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus” (Gl 6:16). O uso mais antigo da palavra *cânon* em referência aos livros da Bíblia parece ter ocorrido no Concílio de Laodiceia, em 363 d.C.: “Nenhum salmo de autoria particular pode ser lido nas igrejas, nem livros *não canônicos*, mas somente os livros *canônicos* do Antigo e do Novo Testamento”.⁷

O cânon do Antigo Testamento

Há várias coisas importantes que precisamos saber a respeito da formação do cânon do Antigo Testamento. A primeira é que a lista de 39 livros em nosso Antigo Testamento contém os mesmos livros que formam a Bíblia judaica, que eles chamam de *Tanach* (uma palavra construída com base nas primeiras letras dos três agrupamentos dos 66

livros, *Torah*, *Nebiim*, *Chetuvim*, que são as palavras hebraicas que expressam Lei, Profetas e Escritos).

A Bíblia judaica organiza de modo diferente os 39 livros que estão em nosso Antigo Testamento (que, é claro, o povo judeu nunca chamaria de “Antigo Testamento”, porque, para o judaísmo, Jesus não é reconhecido como o Messias e, portanto, o Novo Testamento não faz parte da Bíblia deles). Na Tanach dos judeus, há 24 livros, que incluem todos os nossos 39 livros e nenhum mais. A razão para o número ser 24, e não 39, é que a Bíblia judaica trata como um só livro vários livros que a Bíblia cristã conta como dois ou mais. Eis a maneira como eles organizam os livros e a ordem em que ocorrem:

- *Torah* (Lei): Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio
- *Nebiim* (Profetas): Josué, Juízes, Samuel (1 e 2), Reis (1 e 2), Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Profetas Menores (tratados como um único

livro, que, na Bíblia cristã, são doze: Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias)

- *Chetuvim* (Escritos): Salmos, Jó, Provérbios, Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras-Neemias (tratados como um único livro), Crônicas (1 e 2).

Portanto, o cânon da Bíblia hebraica (a Tanach) começa com Gênesis e termina com 2 Crônicas. A Bíblia cristã começa com Gênesis e termina com o profeta Malaquias. Os livros estão ordenados de modo diferente. Esse será um fato importante quando perguntarmos qual Bíblia Jesus usou.

Por que o Antigo Testamento cristão está ordenado de modo diferente?

De modo interessante, a razão pela qual nossa organização dos livros do Antigo Testamento é diferente da Bíblia hebraica dos judeus é que a organização da Bíblia cristã baseou-se na versão do hebraico para o grego, amplamente usada. Essa tradução é chamada Septuaginta, frequentemente abreviada como LXX (o numeral romano correspondente a 70), porque a tradição diz que ela foi traduzida para o grego por setenta eruditos.

Isso é interessante porque, embora a organização da Bíblia cristã seja baseada na organização da Septuaginta, nossa Bíblia não contém todos os livros do Antigo Testamento incluídos na Septuaginta. Em outras palavras, os primeiros cristãos estavam dispostos a usar a Septuaginta como uma versão útil, mas não concordavam com a Septuaginta no que se refere a quais livros deveriam estar no cânon reconhecido da Palavra de Deus. A igreja cristã acreditava que a Bíblia hebraica continha os únicos livros de autoridade divina.

Além dos 39 livros que estão no Antigo Testamento que temos hoje (e na Bíblia hebraica), outros livros judaicos foram escritos no período entre o Antigo e o Novo Testamento. Estes livros incluem:

1 Esdras	Epístola de Jeremias
2 Esdras	Oração de Azarias
Tobias	Susana
Judite	Bel e o Dragão
Adições a Ester	Oração de Manassés
Sabedoria de Salomão	1 Macabeus

Eclesiástico (ou 2 Macabeus Sirácida) Baruque

Como um grupo, esses livros chegaram a ser chamados “apócrifos”, da palavra grega *apokryphos*, que significa “oculto”, “secreto” ou “obscuro”. Nem nos dias de Jesus, nem em nossos dias, o povo judeu considera os apócrifos como tendo a autoridade dos livros canônicos. Por exemplo, uma das vozes de grande autoridade na comunidade judaica, o Talmude Babilônico (Yoma 9b), diz: “Depois que os últimos profetas – Ageu, Zacarias e Malaquias – morreram, o Espírito Santo se afastou de Israel”. O fato não é que o Espírito Santo tenha ficado inativo no mundo, e sim que sua obra singular de inspirar os autores da Escritura cessou.

De modo semelhante, o livro judaico de 1 Macabeus 4:45-46 (escrito por volta de 100 a.C.)

falou da cessação da profecia: “Assim, eles demoliram o altar e guardaram as pedras em um lugar conveniente no monte do templo *até que venha um profeta que lhes diga o que fazer com elas*” (ênfase acrescentada). E, mais uma vez, o autor se refere a uma grande aflição “que não houve *desde o tempo em que os profetas cessaram de aparecer entre eles*” (1 Mac 9:27, ênfase acrescentada).

Josefo, o historiador judeu que nasceu por volta de 37 d.C., escreveu: “Desde Artaxerxes [no final da era do Antigo Testamento] até os nossos próprios dias, uma história completa foi escrita, mas não tem sido considerada digna de crédito idêntico aos primeiros registros, por causa *da falta da exata sucessão dos profetas*” (Ag. Ap. 1:41 – ênfase acrescentada). Em outras palavras, ele conhecia os escritos dos apócrifos e não os considerava canônicos. De modo semelhante, o judeu místico Filo, que morreu por volta de 50 d.C., conhecia os apócrifos e não os

considerava como tendo a mesma autoridade que o cânon hebraico tinha.⁸

Isso significa que, embora a igreja cristã tenha adaptado sua ordem dos livros do Antigo Testamento à ordem da Septuaginta, não seguiu a Septuaginta ao incluir os livros apócrifos no Antigo Testamento cristão.

O testemunho do Novo Testamento sobre o cânon do Antigo Testamento

Quando consideramos o testemunho do Novo Testamento sobre o cânon do Antigo Testamento, é impressionante constatar que, de acordo com Roger Nicole, o Novo Testamento cita várias partes do Antigo Testamento como tendo autoridade divina mais de 295 vezes, mas nem uma vez sequer cita qualquer afirmação dos livros apócrifos ou quaisquer outros escritos como tendo autoridade divina.⁹ Na verdade, um dos livros do Novo Testamento, Judas (em 14-15), cita o livro

pseudoepígrafo de 1 Enoque 60:8 e 1:9, e Paulo cita autores pagãos em Atos 17:28 e Tito 1:12, mas nenhuma dessas citações é aludida como Escritura ou com tendo autoridade divina.

Quando o apóstolo Paulo se referiu à “Escritura” como inspirada por Deus em 2 Timóteo 3:16 (“Toda a Escritura é inspirada por Deus”), estava se referindo às “sagradas letras” que Timóteo aprendera de sua mãe e avó judias:

Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus (2 Tm 3:14-15).

Aqueles que ensinaram Timóteo desde a infância foram sua mãe e sua avó: “Estou ansioso por ver-te, para que eu transborde de alegria pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Loide e em tua

mãe, Eunice, e estou certo de que também em ti” (2 Tm 1:4-5). Sabemos de Atos 16:1 que a mãe de Timóteo era judia. Portanto, há boas razões para crermos que, como um bom judeu, ele foi criado com um entendimento de que o cânon hebraico, e não o conjunto de apócrifos, era a Palavra de Deus, inspirada e plena de autoridade. E, quando Paulo afirma sua inspiração em 2 Tm 3:16, não faz nenhuma tentativa de incluir quaisquer outros livros além daqueles que eram admitidos como parte das “sagradas letras” de sua educação judaica, bem como a de Timóteo.

Qual era a Bíblia de Jesus?

Não há nenhum registro de qualquer disputa entre Jesus e os líderes judeus daquela época sobre qual era a extensão da Escritura. Parece que ele admitiu que a Bíblia dos judeus era a sua Bíblia e fez afirmações admiráveis sobre sua autoridade, como “a Escritura não pode falhar” (Jo 10:35). Em vista

das hostilidades entre as principais autoridades judaicas e Jesus, bem como da dependência de Jesus para com as Escrituras hebraicas, é quase certo que ele teria sido criticado por seus adversários se houvesse adotado a posição de que as Escrituras judaicas precisavam ser complementadas por outros livros como os apócrifos. Não há nenhuma evidência de que Jesus tenha feito isso, nem de que tenha sido criticado alguma vez por seu entendimento acerca da extensão do cânon hebraico. Jesus e seus adversários discordavam sobre o significado das Escrituras hebraicas, mas não sobre seu escopo.

Portanto, quando Jesus se referiu a toda a Bíblia hebraica, não devemos ficar surpresos com o fato de que ele usou palavras que refletiam a divisão judaica padrão, em Lei, Profetas e Escritos. Por exemplo, em Lucas 24:44, ele disse:

São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na *Lei de Moisés*, nos *Profetas* e nos *Salmos*.

Acho que Robert Stein está certo quando diz que o uso da palavra “Salmos”, no lugar de “Escritos”, se deve ao fato de que Salmos era o primeiro e o maior livro nos Escritos, e talvez tenha chegado a representar todo o conjunto.¹⁰ Havendo mencionado as três partes das Escrituras hebraicas, Lucas diz no versículo seguinte: “Então lhes abriu o entendimento para que compreendessem as *Escrituras*” (Lc 24:45). Em outras palavras, o que Jesus designara “Lei de Moisés, Profetas e Salmos”, Lucas chama “as Escrituras”. Há um forte indicativo de que a Bíblia de Jesus não era a Septuaginta, com seus livros acrescentados e arranjo diferente, mas a Bíblia hebraica, cuja estrutura ele aceitou como reconhecida.

A demonstração mais significativa de que a Bíblia de Jesus continha apenas os livros da Bíblia hebraica, não incluindo os livros apócrifos da Septuaginta, é a admissão que ele compartilhou com seu povo de que a Bíblia começava com Gênesis e terminava com 2 Crônicas (diferentemente da Septuaginta). Podemos ver isso em Lucas 11:49-51:

Disse a sabedoria de Deus: Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos, e a alguns deles matarão e a outros perseguirão, para que desta geração se peçam contas do sangue dos profetas, derramado desde a fundação do mundo; desde o sangue de Abel até o de Zacarias, que foi assassinado entre o altar e a casa de Deus. Sim, eu vos afirmo, contas serão pedidas a esta geração.

A princípio, talvez você fique admirado por Jesus ter falado do sangue dos profetas indo “desde o sangue de Abel até o de Zacarias”. Chamar Abel um profeta talvez se explique pelo fato de que seu sangue tenha clamado profeticamente contra seu assassino:

“E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim” (Gn 4:10).

E quanto ao sangue de Zacarias? Seu apedrejamento é relatado no livro de 2 Crônicas, no Antigo Testamento:

O Espírito de Deus se apoderou de Zacarias, filho do sacerdote Joiada, o qual se pôs de pé diante do povo e lhes disse: Assim diz Deus: Por que transgredis os mandamentos do SENHOR, de modo que não prosperais? Porque deixastes o SENHOR, também ele vos deixará. Conspiraram contra ele e o apedrejaram, por mandado do rei, no pátio da Casa do SENHOR (2 Cr 20:20-21).

Por que esse Zacarias (que não era o profeta que escreveu o livro de Zacarias do Antigo Testamento) foi tratado como o profeta final na linha de profetas mártires? Cronologicamente, o último mártir no Antigo Testamento foi Urias, filho de Semaías, cuja morte é descrita em Jeremias 26:20-23. Ele morreu durante o reinado de Jeoaquim, que reinou de 609 a

598 a.C. Isso foi quase duzentos anos *depois* do Zacarias ao qual Jesus se referiu.

A razão é que 2 Crônicas, livro no qual o assassinato de Zacarias é descrito, era o último do cânon hebraico. Então, quando Jesus disse: “Desde o sangue de Abel até o de Zacarias”, referia-se a todos os profetas desde o começo até o fim da Bíblia – as Escrituras hebraicas. Isso significa que Jesus estava usando a Bíblia hebraica, que, diferentemente da Septuaginta, terminava em Crônicas.

Um de nossos mais antigos testemunhos quanto ao cânon do Antigo Testamento

O argumento que estou procurando estabelecer é que a Bíblia que Jesus considerava sua Bíblia não incluía os livros apócrifos, mas apenas aqueles que estão hoje em nosso Antigo Testamento.¹¹ Essa limitação quanto aos livros que têm autoridade suprema é confirmada pela maneira como os autores do Novo Testamento citam os livros da Bíblia

hebraica como Escritura e não citam os livros apócrifos dessa maneira. É certo que os autores do Novo Testamento citaram textos da Septuaginta porque todos eles escreviam em grego, e a Septuaginta era a tradução bíblica do hebraico para o grego amplamente usada. Mas, ainda que a Septuaginta contivesse os livros apócrifos, os autores do Novo Testamento não citaram esses livros como Escritura.

Um dos mais antigos testemunhos quanto ao cânon do Antigo Testamento que temos em nossa Bíblia hoje é o de Melito, bispo de Sardes, por volta de 170 d.C.:

Quando cheguei ao leste, aos lugares em que estas coisas foram pregadas e realizadas, e aprendi acuradamente a lista dos livros do Antigo Testamento, escrevi os fatos e os enviei para vocês. Estes são os seus nomes: os cinco livros de Moisés – Gênesis, Êxodo, Números, Levítico e Deuteronômio –, Josué, o filho de Num, Juízes, Rute, quatro livros de Reis, dois livros de Crônicas, os Salmos de Davi, os Provérbios de Salomão e sua Sabedoria,

Eclesiastes, o Cântico dos Cânticos, Jó, os profetas Isaías, Jeremias, os Doze em um único, Daniel, Ezequiel, Esdras.¹²

Nenhum livro apócrifo é mencionado por Melito, e o único livro de nosso cânon do Antigo Testamento que falta nessa lista é Ester, que foi questionado por algum tempo e pode ter sido suprimido por razões políticas na época, porque falava de um levante judaico.

Adotando a Bíblia de Jesus

Nosso propósito até aqui não tem sido responder por que Jesus acreditava que o Antigo Testamento era a Palavra de Deus ou por que nós deveríamos acreditar nisso. Nosso propósito é simplesmente identificar qual era a Bíblia de Jesus. Quais livros estavam incluídos nela? Era o mesmo Antigo Testamento que temos incluído em nossa Bíblia moderna?

Nossa conclusão é que, ao dizermos “Cremos que a Bíblia consiste dos 66 livros do Antigo e do Novo Testamento”, estamos querendo dizer que 39 desses 66 livros são os livros do Antigo Testamento que Jesus e os apóstolos consideraram de autoridade divina, e esses 39 livros são os mesmos 24 da Bíblia hebraica que Jesus conhecia como Escritura autoritária. Agora, voltamo-nos para uma pergunta semelhante em relação à segunda parte de nossa Bíblia. Quais livros formam o cânon do Novo Testamento?

Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.

JOÃO 16:13-14

-
6. Quando me refiro a “nosso”, quero dizer “protestante”, porque o Antigo Testamento católico inclui livros apócrifos. Ver em seguida.
 7. Samuel Macauley Jackson, *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, vol. 1 (New York: Funk and Wagnalls, 1908), 385.
 8. Roger Beckwith, *The Old Testament Canon of the New Testament Church* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985), 117; F. F. Bruce, *The Canon of Scripture* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1988), 29-30.
 9. Roger Nicole, “New Testament Use of The Old Testament”, em *Revelation and The Bible*, ed. Carl Henry (London: Tyndale Press, 1959), 137-41. No Capítulo 6, teremos mais a dizer a respeito do testemunho do Novo Testamento sobre o Antigo Testamento.
 10. R. H. Stein, *Luke* (Nashville: B&H, 1992), 620. Salmos “talvez se refira à terceira maior seção do Antigo Testamento, chamada os ‘Escritos’, que contém o resto dos livros do Antigo Testamento [depois da Lei e dos Profetas]. O primeiro (no arranjo hebraico) e o maior livro nesta seção é Salmos”.
 11. A Igreja Católica Romana e algumas outras tradições cristãs incluem os apócrifos nos livros que consideram portadores de autoridade.
 12. A lista de Melito se encontra em Eusébio, *História eclesiástica*, 4.26.13-14.

Capítulo 3

QUAIS LIVROS COMPÕEM O NOVO TESTAMENTO?

Creemos que a Bíblia, formada de 66 livros do Antigo e do Novo Testamento, é a infalível Palavra de Deus, inspirada verbalmente por Deus e sem erros nos manuscritos originais.

Quando Jesus veio ao mundo, não havia o Novo Testamento. Ele e seus apóstolos eram judeus. Acreditavam na Bíblia hebraica como a Palavra de Deus. Nosso Antigo Testamento, em hebraico, era a Bíblia deles. Não havia outros escritos inspirados na mente de Jesus e de seus primeiros seguidores.

Isso é importante quando consideramos a forma como o Novo Testamento chegou à existência e a ter autoridade idêntica à do Antigo Testamento. Jesus e os primeiros cristãos eram pessoas da Bíblia. Ou seja, eles viviam e respiravam o ar da autoridade bíblica. Reconheciam a existência de um cânon de livros – a Bíblia hebraica – que tinha autoridade plena sobre a vida deles. O conceito de cânon – uma regra autoritária e escrita, dada por Deus – não era estranho a eles. Era admitido como parte de sua cultura judaica.

À luz de nossa atmosfera relativamente secular, é difícil imaginarmos quão proeminente e inquestionável eram essas Escrituras para os judeus do século I. Considere como Jesus e os primeiros cristãos falaram sobre elas:

E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, [Jesus] expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as *Escrituras* (Lc 24:27).

Examinais as *Escrituras*, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim (Jo 5:39).

Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das *Escrituras* (At 17:2).

Tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito a fim de que, pela paciência e pela consolação das *Escrituras*, tenhamos esperança (Rm 15:4).

O que isso significa em relação ao surgimento do cânon de Escritura do Novo Testamento é tanto positivo como negativo. Positivamente, o conceito de um povo regido por um cânon de escritos autoritários já era proeminente. Portanto, não era estranho para a igreja primitiva, que, organicamente, se desenvolveu no solo do judaísmo do século I, ser um povo regido por um cânon de escritos

autoritários. De fato, teria sido estranho se não fossem governados por esse livro.

No entanto, negativamente, a Bíblia hebraica era considerada um cânon fechado, como vimos. Nenhum outro livro seria acrescentado ao Antigo Testamento – não até este dia. Os profetas haviam cessado de falar com inspiração divina. Isso significava que qualquer afirmação de ter livros de autoridade idêntica aos do Antigo Testamento seria admirável e motivo de controvérsia.

Uma nova autoridade vem ao mundo, a Palavra viva

Mas o que mudou tudo foi a singularidade de Jesus Cristo. Deus não mandou um novo livro ao mundo. Ele mandou seu Filho ao mundo. Como diz um livro do Novo Testamento: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de

todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (Hb 1:1-2). O que abriu o caminho para um novo cânon de escritos autoritários não foi a chegada de novos porta-vozes de Deus, que seriam chamados apóstolos, mas, em vez disso, foi a própria chegada de Deus.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:1, 14). Não surpreendentemente, Jesus, o Filho de Deus, foi reconhecido por seus seguidores como quem possuía autoridade igual às – ou além das – Escrituras do Antigo Testamento. Isso foi o que ele reivindicou para si mesmo. A glória de Deus encarnado criaria – e confirmaria no coração de seu povo – a existência de um novo cânon de Escritura.

As afirmações chocantes de Jesus sobre si mesmo criou uma nova autoridade no mundo – uma autoridade igual à, e além da, Escritura hebraica.

Isso sempre tem sido uma pedra de tropeço para aqueles que não reconhecem a natureza admirável do que aconteceu na vinda de Jesus – Deus mesmo entrou no mundo como o Deus-homem.

Todos os esforços para tornar Jesus um mestre judeu não divino, notável e até mesmo revolucionário se destroçam, vez após vez, nas afirmações chocantes que ele fez a respeito de si mesmo, até mesmo em lugares nos quais menos esperaríamos. Por exemplo, o Sermão do Monte. Cem anos atrás, houve um liberalismo (que conta com representantes até hoje) que amava o Sermão do Monte como a coletânea mais radical dos ensinamentos de Jesus. Nesse sermão, os antigos liberais esperavam livrar-se das afirmações mitológicas sobre uma pessoa sobrenatural e, no lugar disso, achar uma religião simples da paternidade de Deus, a irmandade dos homens e a ética do amor. Eles amavam as seguintes palavras desse famoso sermão:

Bem-aventurados os pacificadores (Mt 5:9).

Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles (Mt 7:12).

Não julgueis, para que não sejais julgados (Mt 7:1).

Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem (Mt 5:44).

No entanto, quando eles pensavam em Jesus como um mestre semelhante a Moisés, Confúcio, Mahatma ou Mao, repentinamente, bem ali no Sermão do Monte, os imperiosos e sobrenaturais “Eu”, “me” ou “meu” os indignavam:

Nem todo o que me diz “Senhor, Senhor!” entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: “Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos

milagres?”. Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade (Mt 7:21-23).

Isso é chocante. Imagine ouvir um mestre judeu comum falando isso. Ele diz: “No julgamento final, eu serei aquele a quem vocês prestarão contas. Estarei lá como Juiz e decidirei quem entra no céu e quem vai para o inferno”. Em outras palavras, esse mestre do Sermão do Monte diz que é o juiz do universo. Isso é simplesmente impressionante. Esse discurso causaria, por fim, a morte de Jesus. Mas o esplendor da glória de Deus nessa autoridade também faria surgir o cânon do Novo Testamento.

Ou, novamente, no primeiro capítulo do Sermão do Monte (Mt 5:17), Jesus nos deixa chocados com suas afirmações. Pensamos que ele vai dizer: “Não pensem que vim para abolir a Lei ou os Profetas; eu vim para *confirmá*-los”. Isso não é o que ele diz. Jesus diz: “Não vim para aboli-los, mas para *cumpri*-los”.

A glória de Deus que provou a realidade de Deus aos profetas do Antigo Testamento se cumpriu em Jesus. Ele era a luz da glória de Deus no mundo. “Respondeu-lhes Jesus: Ainda por um pouco a luz está convosco. Andai enquanto tendes a luz” (Jo 12:35). Todavia, muitos não viram seu esplendor como a luz da glória de Deus. “E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele” (Jo 12:37).

O apóstolo João explicou essa cegueira ao citar o profeta Isaías: “Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração” (Jo 12:40; Is 6:10). Em seguida, João dá esta explicação impressionante: “Isso disse Isaías porque viu a glória dele [de Jesus] e falou a seu respeito” (Jo 12:41). Em outras palavras, a luz do mundo, que andava entre eles na pessoa de Jesus, é a luz da glória de Deus revelada em Isaías 6. E essa é a base de como os discípulos – e nós – chegamos a saber que as palavras de Jesus são verdadeiras.

Jesus não era apenas outro membro de uma extensa linha de homens e profetas sábios. Ele era o fim da linha. Em sua própria pessoa e obra, a Lei e os Profetas se cumpriram. Essa é a razão pela qual, seis vezes em Mateus 5, Jesus confrontou de modo impressionante a Escritura e a tradição com suas palavras supremamente autoritárias: “Eu, porém, vos digo” (Mt 5:22, 28, 32, 34, 39, 44).

E, quando as bem-aventuranças estão parecendo as palavras de um sábio guia espiritual, Jesus nos diz que somos bem-aventurados por sermos injuriados por causa *dele*. Não de Deus, mas *dele*! “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós.” E, além disso, Jesus diz que podemos nos regozijar nesse dia porque estamos na mesma categoria dos profetas que foram perseguidos por causa *de Deus*. Ser um seguidor de Jesus é ser recompensado com os profetas de Deus.

O fato é que a majestade divina da pessoa de Jesus está entrelaçada em cada área dos ensinamentos de Jesus. Não há, no Novo Testamento, um retrato de Jesus como um mero professor de ética humano. Há apenas o Senhor da glória. O cumpridor da história. O juiz do universo.

Uma autoridade acima das Escrituras

De acordo com isso, Jesus foi reconhecido pela igreja primitiva como tendo autoridade igual às – e além das – Escrituras do Antigo Testamento.

Ele as ensinava como quem tem *autoridade*, e não como os escribas (Mt 7:29).

Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. *Eu, porém, vos digo*: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra (Mt 5:38-39).

Passará o céu e a terra, porém *as minhas palavras não passarão* (Mc 13:31).

Ninivitas se levantarão, no Juízo, com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis *aqui está quem é maior do que Jonas*. A rainha do Sul se levantará, no Juízo, com esta geração e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis *aqui está quem é maior do que Salomão* (Mt 12:41-42).

Eu sou o caminho, e a *verdade*, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim (Jo 14:6).

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: *Toda a autoridade* me foi dada no céu e na terra (Mt 28:18).

A conclusão aqui é que a pessoa e o ensino de Jesus têm de levar inevitavelmente a uma expansão do cânon da igreja primitiva. Um povo que, por séculos, esteve acostumado a ser governado por uma revelação escrita de Deus, a Bíblia hebraica, agora é confrontado com o próprio autor divino de cada livro (cf. 1 Pe 1:11), presente na forma humana,

ensinando com absoluta autoridade. A glória de Deus que se manifestou na Palavra de Deus no Antigo Testamento veio ao mundo. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:14). Essa glória criou e confirmou um novo cânon. O Antigo Testamento não deixou de ser a Palavra de Deus (“Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas” – Mt 5:17). Em vez disso, as novas revelações que vieram por meio de Cristo seriam preservadas como o governo do povo de Deus. E o cânon do Novo Testamento veio à existência.

A preparação de Jesus para o cânon do Novo Testamento

Jesus mesmo apontou nessa direção. Por meio de suas palavras, ele preparou a igreja primitiva para esperar por seu planejamento de um cânon de ensino autoritário a respeito de si mesmo e de sua

vontade para governar a igreja quando ele partisse. Como disse John Frame: “Por mais rude que possa parecer aos especuladores religiosos modernos, é evidente na história bíblica que Deus tenciona governar sua igreja por meio de um livro”.¹³ Mas Jesus não somente estava planejando esse livro; ele mesmo o proveria por meio da designação de porta-vozes chamados “apóstolos”. E prometeu que enviaria seu Espírito para guiá-los. Esses porta-vozes escreveriam livros, pelo guiar do Espírito, que se tornariam o cânon do Novo Testamento, que governaria os pensamentos e as ações da igreja até Jesus voltar pela segunda vez para reinar fisicamente na terra.

Quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor (Lc 6:13-16).

Por que doze? Talvez porque eles eram simbolicamente como as doze tribos de Israel. Somente eles seriam o fundamento do novo Israel – todos os que creriam no Messias de Israel, Jesus Cristo. No último livro do Novo Testamento, o livro de Apocalipse, a igreja é retratada, em primeiro lugar, como uma noiva e, depois, como uma cidade que desce para a terra. A muralha da cidade tem doze portas e doze fundamentos. As portas representam o novo Israel: “Junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel” (Ap 21:12).

E os fundamentos representam os apóstolos: “A muralha da cidade tinha *doze fundamentos*, e estavam sobre estes os *doze nomes dos doze apóstolos* do Cordeiro” (Ap 21:14). Foi assim que a igreja primitiva entendeu o que Jesus estava fazendo quando escolheu doze apóstolos: os apóstolos

ensinariam a igreja, e o ensino deles se tornaria o fundamento da igreja em perpetuidade. O apóstolo Paulo expressou isso nas seguintes palavras: “Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o *fundamento dos apóstolos e profetas*, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Ef 2:19-20).

Quando Judas, um dos Doze, provou ser um traidor (o que Jesus sabia, desde o começo, que aconteceria – Jo 6:64), os outros apóstolos sabiam o que teriam de fazer. Judas precisava ser substituído. E os critérios tinham de ser os mesmos que Jesus usou. De fato, em última análise, o próprio Jesus ressurreto e exaltado fez a escolha. O líder dos onze se levantou e disse:

É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, começando no batismo de João, até o dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição. Então,

propuseram dois: José, chamado Barsabás, cognominado o Justo, e Matias. E, orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido para preencher a vaga neste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou, indo para o seu próprio lugar. E os lançaram em sortes, vindo a sorte recair sobre Matias, sendo-lhe, então, votado lugar com os onze apóstolos (At 1:21-26).

Jesus promete o Espírito da Verdade

Jesus não somente havia planejado que haveria porta-vozes autorizados que proveriam o ensino alicerçador para a igreja, como também prometeu enviar o Espírito Santo para guiá-los no que deveriam ensinar. Na noite anterior à crucificação, Jesus disse aos Doze:

Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito (Jo 14:25-26).

E:

Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar (Jo 16:12-14).

O ensino terreno de Jesus não era tudo que ele tinha para dizer à sua igreja: “Tenho ainda muito que vos dizer”. Seu plano era completar seu ensino basilar para a igreja (Ef 2:20) por meio do Espírito Santo. “Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade.” O que a igreja precisava saber sobre a glória de Cristo e não foi totalmente revelado em seu ministério terreno seria completado pelo ministério do Espírito Santo. “Ele me glorificará.” A promessa de que o Espírito revelaria a glória de Cristo nos alerta quanto à maneira como as Escrituras seriam confirmadas na

vida da igreja primitiva. A luz dessa glória resplandeceria por meio da Palavra inspirada no coração do povo de Deus e confirmaria a origem e o caráter divino das Escrituras (2 Co 4:4-6).

Paulo e os Doze

O apóstolo Paulo não esteve com os doze apóstolos originais. Mas ele escreve 13 dos 27 livros que agora são nosso Novo Testamento. O lugar de sua autoridade fundamental na igreja primitiva, com os Doze, foi totalmente estabelecido durante seu tempo de vida. Como ele chegou a ter autoridade apostólica?

Paulo foi chamado pelo Cristo ressuscitado para ser um apóstolo para os gentios (não judeus). Começou uma de suas mais antigas cartas desta maneira: “Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos” (Gl 1:1). A princípio, essa foi

uma surpresa duvidosa para os Doze. Mas, depois de se reunir com eles, Paulo relatou:

Antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me fora confiado, como a Pedro o da circuncisão (pois aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios), e, quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles, para a circuncisão; recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer (Gl 2:7-9).

Assim, Paulo foi aceito e confirmado pelos Doze como um apóstolo genuíno do Senhor Jesus. Paulo mesmo ficou totalmente chocado com o fato de que o Senhor Jesus ressurreto interveio em sua vida quando perseguia os cristãos (At 9:1-9). Ele reconheceu que o Cristo ressuscitado havia aparecido “a Cefas e, depois, aos doze. Em seguida, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só

vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém, alguns já dormem. Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos” (1 Co 15:5-7). E, depois, num sentido de indignidade surpreendente, Paulo disse:

E, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo. Porque eu sou o menor dos apóstolos, e não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo (1 Co 15:8-10).

Como um apóstolo que possuía autoridade igual à dos Doze, Paulo experimentou o cumprimento da promessa de Jesus sobre o Espírito Santo, para guiar seu ensino. Ele falou repetidas vezes a respeito da autoridade que o Senhor lhe dera para a edificação das igrejas (2 Co 10:8; 13:10), afirmando que suas palavras tinham mais autoridade do que as daqueles

que falavam com dons de profecia, mas não eram apóstolos: “Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E, se alguém o ignorar, será ignorado” (1 Co 14:37-38).

Paulo como autor da Escritura

Essa é uma afirmação admirável de autoridade. Em que estava alicerçada? Estava alicerçada no fato de que ele tinha visto o Jesus Cristo histórico e ressurreto e sabia que esse Jesus, como o Senhor do universo, o havia comissionado como um apóstolo e enviara o Espírito Santo de um modo especial para cumprir o que ele prometera quando esteve na terra: “O Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14:26). Isto é o que Paulo disse sobre seu próprio ensino:

Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais (1 Co 2:12-13).

É a afirmação de Paulo de ser inspirado pelo Espírito em cumprimento da promessa de Jesus. E a afirmação foi reconhecida pelos outros apóstolos. Pedro disse em sua segunda carta: “O nosso amado irmão Paulo vos escreveu, *segundo a sabedoria que lhe foi dada*” (2 Pe 3:15). Paulo disse que essa sabedoria em ensinar a igreja foi “ensinada pelo Espírito”. Pedro disse “que lhe foi dada”. Richard Bauckham comentou: “O apelo ao ensino de Paulo em suas próprias cartas é reforçado pela referência ao fato de que o apóstolo escreveu sob inspiração divina”.¹⁴

Uma autoridade fundamental para toda a história

Em outras palavras, como Jesus prometeu, o Espírito Santo veio e guiou os apóstolos à verdade. Jesus não deixou seu povo sem uma expressão real, presente e objetiva de sua própria autoridade. Ele estava estabelecendo essa autoridade por inspiração do Espírito Santo. O Cristo ressurreto estava continuando a pastorear seu rebanho pelos lábios dos apóstolos. Ele proveria à igreja o fundamento para que, por meio dos escritos dos apóstolos, um cânon de escritos surgisse e tivesse a autoridade do próprio Senhor Jesus, até que ele venha novamente.

A igreja primitiva e todas as gerações posteriores seriam capazes de reconhecer essa autoridade porque Jesus prometera que o Espírito Santo o glorificaria nesses escritos (Jo 16:14). A mesma glória divina que convenceu seus primeiros discípulos de que ele era a verdade (Jo 1:14) resplandeceria por meio de suas novas Escrituras e convenceria a igreja de que elas são as próprias palavras de Deus.

Jesus não planejou continuar mandando, no decorrer da história da igreja, mais e mais porta-vozes com esse tipo de autoridade. Essa é a razão pela qual o ensino apostólico é chamado o “fundamento” da igreja, e não a estrutura consequente (Ef 2:20). É também a razão pela qual um dos últimos livros do Novo Testamento se refere à “fé que *uma vez por todas* foi entregue aos *santos*”.

Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que *uma vez por todas* foi entregue aos santos (Jd 3).

O testemunho dos apóstolos a respeito de Cristo, naquela primeira geração, foi planejado por Jesus para ser um fundamento para toda a história. Com a autoridade do próprio Jesus Cristo, os escritos de

seu grupo de porta-vozes apostólico se colocariam ao lado da Bíblia hebraica como a instrução verdadeira e normativa de Deus para seu povo no decorrer da história do mundo.

E, como Jesus disse, esse novo cânon de livros – o Novo Testamento – não seria uma contradição nem uma correção do Antigo Testamento, e sim um cumprimento: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir” (Mt 5:17). Certamente, muitas instruções, regras, práticas religiosas e rituais do Antigo Testamento não devem mais ser praticados. Mas não porque essas práticas e regras fossem erradas, e sim porque eram temporárias e apontavam para o dia em que Jesus Cristo as cumpriria e, assim, as acabaria. A vinda de Cristo não as aboliu, mas as tornou obsoletas (Hb 8:13).

O novo povo de Deus – os seguidores do Messias, o verdadeiro Israel – não é um povo geográfica, étnica e politicamente definido. O cristianismo não

tem um centro geográfico. Não tem nenhuma identidade étnica. Não é um estado-nação. Não tem nenhum sistema de sacrifício de animais, nenhum tabernáculo, nenhuma sucessão de sacerdotes, nenhum dia de festa divinamente autorizado, nenhuma exigência de circuncisão, nem especificações dietéticas. Todos esses padrões do Antigo Testamento eram temporários. Jesus os cumpriu e os finalizou.

As novas Escrituras

Isto é o que os apóstolos autorizados por Jesus deveriam deixar claro: quem é este Jesus Cristo? O que ele fez em sua vida, morte, ressurreição e ascensão? O que está fazendo agora em seu reino universal como Senhor? O que ele fará quando vier de novo? Qual é a missão de sua igreja? Qual é o caminho de salvação para o mundo e a maneira como seu povo deve viver até que ele venha? Isso é o que o Novo Testamento ensina. Assim, o Novo

Testamento completa o Antigo Testamento sem anular sua autoridade nem contradizer sua verdade. É a palavra do Cristo ressurreto, por meio do Espírito Santo, guiando seu povo em seu entendimento a respeito de como a obra de Deus no mundo – registrada e celebrada no Antigo Testamento – deve ser completada no restante da história.

Assim, no próprio Novo Testamento os escritos dos apóstolos foram tratados em igualdade com os escritos do Antigo Testamento, inspirados por Deus. Por exemplo, o apóstolo Pedro entendeu os escritos de Paulo como parte de um cânon de Escritura que se ampliava ao lado do Antigo Testamento. Já vimos que Pedro considerou os escritos de Paulo inspirados pelo Espírito Santo. Agora, observamos que ele também os viu em igualdade com o cânon do Antigo Testamento. Pedro escreveu:

[Paulo vos escreveu para] falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam *as demais Escrituras*, para a própria destruição deles (2 Pe 3:16).

Se eu dissesse: Abraham Lincoln e *outros presidentes* são dignos de estudo sério, é claro que estou considerando Lincoln um dos presidentes. De modo semelhante, nesse versículo, quando Pedro se refere aos escritos de Paulo e às “*demais Escrituras*”, considera os escritos de Paulo Escritura. Richard Bauckham comenta novamente: “A inclusão das cartas de Paulo nessa categoria significa certamente que elas são consideradas escritos inspirados e autoritários (como o v. 15 realmente diz), classificados ao lado do Antigo Testamento e, talvez, de vários outros livros, incluindo outros escritos apostólicos”.¹⁵

Portanto, na vinda de Jesus Cristo, em sua designação dos apóstolos, em sua promessa do

Espírito Santo para guiá-los à verdade e na conscientização de seus apóstolos de que isso estava realmente acontecendo, há uma trajetória em direção ao cânon do Novo Testamento. Esse cânon proporcionaria um registro verdadeiro e confiável da vida e dos ensinamentos de Jesus, bem como das doutrinas fundamentais de seus porta-vozes autorizados. Discernir quais escritos eram o cumprimento da promessa de Jesus aos apóstolos foi o que restou para a igreja primitiva fazer.

Discernindo quais livros são apostólicos

O surgimento de ensinamentos heréticos e o aparecimento de livros espúrios que afirmavam ter origem apostólica desencadearam o processo de definição do cânon. Como isso aconteceu? Do que temos visto até aqui, não é surpreendente que a característica predominante de um escrito em estabelecer sua autoridade na igreja primitiva era

sua ligação com a autoridade de Jesus por meio de sua apostolicidade. O que significa *apostolicidade*?

Todos concordam que não significa apenas “escrito por um apóstolo”, porque a palavra é aplicada a livros como os evangelhos de Marcos e Lucas, que não foram escritos por apóstolos, mas por pessoas que tinham associação íntima com um apóstolo (Lucas, com Paulo; Marcos, com Pedro). Mas a apostolicidade, como uma força que norteou a afirmação da igreja primitiva, talvez signifique mais do que “escrito em associação íntima com um apóstolo”. O que os apóstolos possuíam do Cristo ressurreto, por meio do Espírito Santo, era uma sabedoria sobrenatural tanto para entender coisas incompreensíveis para o “homem natural” quanto para ensinar essas coisas em palavras “ensinadas pelo Espírito”. Paulo escreveu:

As coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus.
Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito

que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais (1 Co 2:11-13).

Então, há uma dupla obra sobrenatural envolvida aqui. Há um *entender* as coisas de Deus, porque eles haviam recebido o Espírito de Deus, e há um *ensinar* “não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito”. Jesus havia prometido essa ajuda divina por meio do Espírito (Jo 14:25-26; 16:12-14). Era uma extensão de suas capacidades singulares de conhecer e falar por Deus. Era uma extensão do resplendor da glória de Cristo autoconfirmadora que estava presente em sua pessoa encarnada (Jo 1:14) e foi prometida por meio de seu Espírito (Jo 16:14).

Apostolicidade como comunicação sobrenatural

Portanto, apostolicidade não é meramente uma conexão histórica com Jesus ou com seus emissários. Apostolicidade é a transmissão sobrenatural da realidade incompreensível naturalmente a pessoas capazes de discernir espiritualmente (1 Co 2:13), por meio de escritos ensinados “pelo Espírito”. Isso significa que o reconhecimento da apostolicidade dos 27 livros do Novo Testamento, por parte da igreja, não foi nem um mero julgamento histórico sobre quem escreveu os livros, nem uma mera preferência de alguns livros no lugar de outros. Em vez disso, os julgamentos históricos e as preferências coletivas resultaram do encontro sobrenatural entre a obra singular de Deus nos escritos (“não em palavras ensinadas pela sabedoria humana”) e cristãos providencialmente discernentes dotados com o Espírito Santo (“conferindo coisas espirituais com espirituais”).

O que isso significa é que a pergunta a respeito de como os livros do cânon cristão chegaram lá é outra

forma de se perguntar “*como sabemos que isto é a Palavra de Deus?*”. O que aconteceu não foi um processo puramente histórico e, em seguida, uma pergunta espiritual a respeito de estes livros serem ou não a Palavra de Deus. Antes, o próprio processo de definição do cânon foi governado pela realidade espiritual e sobrenatural dos livros e pelo discernimento espiritual da igreja. A glória de Deus manifestada nos livros não foi sem poder nesse processo. Ela fez historicamente sua obra na formação do cânon, assim como o faz de maneira pessoal na iluminação do coração.

O livro recente de Michael Kruger, *Canon Revisited: Establishing the Origins and Authority of the New Testament*, segue nesta direção, dizendo:

Os apóstolos eram os porta-vozes de Cristo e receberam a tarefa de entregar e preservar a mensagem redentora de Cristo – que foi entregue originalmente em forma oral, mas, por fim, foi incorporada em uma forma mais permanente, a forma escrita. Os livros do Novo Testamento eram considerados autoritários não

porque a igreja os declarou autoritários ou mesmo porque foram escritos diretamente por um apóstolo, mas porque foram entendidos como portadores do legado essencial dos apóstolos. Por esta razão, Ridderbos pode afirmar: “Em seu sentido histórico-redentor, o cânon não é o produto da igreja; em vez disso, a igreja é o produto do cânon”.¹⁶

Ou como disse, uma geração antes, F. F. Bruce, erudito em Novo Testamento:

O cânon do Novo Testamento não foi demarcado pelo decreto arbitrário de qualquer concílio da igreja. Quando, por fim, um concílio da igreja – o Sínodo de Hipona, em 393 d.C. – listou os 27 livros do Novo Testamento, isso não lhes conferiu qualquer autoridade que já não possuísem, mas apenas registrou sua canonicidade anteriormente estabelecida.¹⁷

Essa lista de livros, com as tradicionais conexões apostólicas, consiste de:

- Mateus: apóstolos

- Marcos: intérprete e assistente de Pedro (como escreve Papias, bispo de Hierápolis, 60-140 d.C.: “Marcos se tornou intérprete de Pedro e escreveu acuradamente tudo que lembrou”)¹⁸
- Lucas: um companheiro e associado íntimo de Paulo (conhecido do livro de Atos)
- João: apóstolo
- Treze epístolas de Paulo: apóstolo
- Hebreus: do círculo paulino (como vemos em Hb 13:23, em que o autor se refere ao “irmão Timóteo”)
- Tiago: irmão de Jesus que esteve intimamente associado com os doze apóstolos originais (Gl 1:19)
- 1 e 2 Pedro: apóstolo
- 1, 2 e 3 João: apóstolo
- Judas: irmão de Jesus e Tiago (Jd 1; Mt 13:55)
- Apocalipse: João, o apóstolo

Lealdade fascinante

Quando F. F. Bruce se refere à “sua canonicidade anteriormente estabelecida”, permanece a questão de como essa autoridade compeliu a lealdade dos cristãos primitivos. Temos argumentado que essa pergunta e a nossa pergunta sobre a origem, a veracidade e a autoridade divinas da Bíblia são essencialmente a mesma. O que isso significa para nosso livro é que devemos apoiar nossos capítulos no cânon e avançar para a questão mais fundamental de como qualquer um de nós pode saber que esses livros são a Palavra de Deus. Nossa pergunta é a mesma que a igreja enfrentou quando o cânon estava surgindo.

O que temos visto é que os 27 livros que compõem nosso Novo Testamento se desenvolveram organicamente do aparecimento de uma nova autoridade no mundo.¹⁹ Jesus Cristo não era meramente um grande e último profeta. Era a presença de Deus na carne. Portanto, ele confirmou, cumpriu e esteve acima da autoridade do Antigo

Testamento. De acordo com isso, sua própria autoridade se estenderia sobre o novo povo de Deus que ele estava chamando à existência.

Ele planejou isso e enviou seu Espírito para garantir que os apóstolos fossem guiados a toda a verdade. Eles falariam com essa autoridade por meio do Espírito e glorificariam a Cristo. A manifestação dessa glória pelos escritos inspirados e apostólicos confirmaria para a igreja primitiva – como o faz ao povo de Deus hoje – que esses escritos são a Palavra de Deus.

Era inevitável que, ao abordar a pergunta *Quais livros compõem o Novo Testamento?*, lidássemos com a pergunta *Como sabemos que estes livros são a Palavra de Deus?*. Portanto, em um sentido, estamos nos antecipando. Essa pergunta será respondida mais completamente nos capítulos 8 a 17. Mas, se os indicadores parecem provocantes agora, que isso seja encorajador, e não frustrante. A explicação mais completa virá mais adiante. Por ora, basta ressaltar

que as forças espirituais que operaram na confirmação do cânon do Novo Testamento para a igreja são as mesmas forças espirituais que operam hoje na confirmação das Escrituras para os cristãos.

Há mais dois passos que devemos tomar antes de nos focarmos em como saber que esses livros são a Palavra de Deus. Primeiro, no capítulo seguinte, precisamos fazer a seguinte pergunta: *Temos as próprias palavras que os escritores do Novo Testamento escreveram – elas foram preservadas fielmente para nós?* Segundo, precisamos perguntar, nos capítulos 5 a 7, o que realmente as Escrituras afirmam a respeito de si mesmas.

Disseme o SENHOR: Viste bem, porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir.

JEREMIAS 1:12

-
13. John Frame, *Apologetics to the Glory of Christ: An Introduction* (Phillipsburg, NJ: P&R, 1994), 122.
 14. Richard J. Bauckham, *2 Peter, Jude*, vol. 50, *World Biblical Commentary*, ed. David A. Hubbard, Glenn W. Barker, Ralph P. Martin (Dallas: Word, 1998), 329.
 15. *Ibid.*, 333.
 16. Michael J. Kruger, *Canon Revisited* (Wheaton, IL: Crossway, 2012), 193-94, citando Herman N. Ridderbos, *Redemptive History and the New Testament Scripture* (Phillipsburg, NJ: P&R, 1988), 25.
 17. F. F. Bruce, *The Books and the Parchments* (Old Tappan, NJ: Revell, 1963), 112-13. Outras listas parciais do cânon emergente são conhecidas de muito mais cedo do que essa primeira lista completa em 393 d.C.
 18. Eusébio, *História eclesiástica*, 3.39.15.
 19. É claro que a própria ideia de um cânon limitado de 27 livros implica que houve livros que contenderam por inclusão, mas não foram incluídos. São de vários tipos. Um breve vislumbre pode ser achado em http://en.wikipedia.org/wiki/New_Testament_apocrypha. Uma maneira de pensar sobre os principais desses livros consiste em usar as categorias oferecidas por Eusébio, um historiador eclesiástico que morreu cerca de 340 d.C. (*História eclesiástica*, 3.25.1-7). Quando ele ofereceu sua lista de livros que a igreja aceitava seriamente, estes se enquadravam em quatro categorias: (1) livros reconhecidos; (2) livros disputados; (3) livros rejeitados (e.g., *Apocalipse de Pedro*, *Epístola de Barnabé*, *Didaquê*, *Evangelho dos Hebreus*); e (4) livros heréticos (e.g., *Evangelho de Pedro*,

Evangelho de Tomé, Evangelho de Matias, Atos de André, Atos de João). Uma discussão proveitosa dessas categorias se acha em Kruger, *Canon Revisited*, 266-87.

Capítulo 4

NÓS TEMOS AS PRÓPRIAS PALAVRAS DOS AUTORES BÍBLICOS?

... inspirada verbalmente por Deus e sem erros nos manuscritos originais.

Quando confessamos nossa crença de que “a infalível Palavra de Deus [é] *inspirada verbalmente por Deus*”, a palavra “verbalmente” significa que cremos que Deus guiou os autores bíblicos em sua escolha das próprias palavras que escreveram para comunicar o

significado da mensagem divina. Isso não é idêntico a ditado, visto que os autores bíblicos escolheram eles mesmos as palavras, sob o guiar de Deus. Embora haja poucas vezes em que Deus mesmo dita as palavras que um profeta deve falar, os autores bíblicos escreveram segundo seus próprios estilos e personalidades, que foram guiados por Deus. “Homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1:21).

Isso tem implicação para o tema deste capítulo: nós temos as próprias palavras que os autores bíblicos escreveram? Se Deus cuidou das próprias palavras do texto quando guiou os autores a escrevê-lo, então é uma questão crucial saber se temos acesso a essas palavras ou não.

É claro que a Bíblia foi escrita originalmente em hebraico e grego. Portanto, se a estamos lendo em qualquer outra língua, não estamos lendo o texto na língua em que foi originalmente escrito. Posteriormente, retornaremos a esse assunto de

tradução acurada. Mas, por ora, a questão permanece: temos acesso às próprias palavras gregas e hebraicas que os autores bíblicos escreveram? O fato de crermos na “inspiração verbal” torna essa pergunta extremamente importante.

Jesus pensava que as palavras são importantes

Palavras são importantes. De acordo com o evangelho de João, Jesus deixou isso bem claro. Por exemplo, depois da ressurreição de Jesus, ele esteve com os apóstolos, e João nos fala desta conversa entre Jesus e Pedro:

Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: E quanto a este? Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me. Então, tornou-se corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria. Ora, Jesus não dissera que tal discípulo não morreria, mas: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? (Jo 21:21-23).

Posso imaginar facilmente algumas pessoas dizendo hoje que Jesus foi muito meticuloso quanto às suas palavras aqui. Pedro lhe perguntou sobre João. Jesus respondeu: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?”. Ele queria dizer: “Se eu quero que ele permaneça vivo até minha segunda vinda do céu, não se preocupe com isso; seja você mesmo um discípulo fiel, na vida ou na morte”.

Evidentemente, quando essas palavras foram relatadas, alguns foram descuidados em relação ao significado de Jesus. Entenderam que as palavras significavam: “João viverá até a segunda vinda de Jesus”. Para corrigir esse rumor, Jesus deu as palavras exatas que usou. Em essência, ele disse: “Ouça cuidadosamente as próprias palavras. Jesus não *disse* o que você pensou que ele disse. Ele usou palavras que carregam esse significado. O que ele disse foi: ‘Se é minha vontade que ele permaneça até que eu venha, o que isso tem a ver com você?’”.

O fato é que Jesus e João viviam por palavras. Eles falavam como se as palavras fossem importantes, e não apenas as impressões. Não apenas as inferências. Concordariam em que, se alguém entendesse errado o que você dissesse, o caminho seria retornar às próprias palavras que você disse. Todos nos sentimos assim quando o significado do que dizemos é distorcido. Protestamos: “Eu não *disse* isso!”. E, se disserem (como talvez tenham feito nessa ocasião com Jesus): “Bem, você deu a impressão de que...”, nós diremos: “Mas o que eu *disse* foi...”. Isso mostra como as palavras são importantes.

Uma das mais pujantes afirmações do interesse de Jesus em preservar suas próprias palavras, bem como as palavras do Antigo Testamento, é Mateus 5:17-18:

Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque, em verdade, vos digo: até que o

céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra (Mt 5:17-18).

As palavras “i” e “til” provavelmente se referem à menor letra hebraica (*yod*) e ao minúsculo gancho que distingue algumas letras hebraicas de outras. Essa é a maneira de Jesus enfatizar a importância dos detalhes da Escritura, incluindo as próprias palavras. D. A. Carson comenta: “Aqui Jesus exalta a autoridade das Escrituras do Antigo Testamento até mesmo nas menores letras”. O ponto de vista dele sobre o Antigo Testamento é o mais elevado possível”.²⁰

Pedro se importava com as palavras

Parece que Pedro aprendeu com Jesus a importância de entender corretamente as palavras de um autor e, por conseguinte, o perigo de distorcê-las, porque, em sua segunda carta (numa passagem que já vimos), ele adverte contra aqueles que tomavam as

palavras de Paulo e as distorciam para satisfazer o próprio erro:

Ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis *deturpam*, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles. Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo *erro* desses insubordinados, descaiais de vossa própria firmeza (2 Pe 3:16-17).

Se as pessoas distorcem as epístolas de Paulo em significados que levam à destruição, qual é o remédio? Parte do remédio consiste em preservar e apresentar as próprias palavras que Paulo escreveu. De que outro modo as pessoas serão persuadidas de que Paulo não ensinou o que os pervertedores dizem que ele ensinou? A maneira pela qual serão persuadidos é mostrando-lhes as palavras que Paulo realmente escreveu, para que possam ver o significado por si mesmos. Logo, Pedro está nos

dizendo quão importante é que tenhamos as próprias palavras dos escritores bíblicos.

A vigilância de Paulo sobre suas palavras

Paulo escreveu pelo menos uma de suas cartas, se não muitas ou todas, usando um tipo de secretário (chamado um “amanuense”) para registrar o que ele falava. Em Romanos 1:1, Paulo começa da maneira como o faz na maioria de suas cartas, identificando-se a si mesmo: “Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus”. E, na carta, refere-se a si mesmo como “eu” cerca de cem vezes. Ninguém duvida de que o apóstolo Paulo escreveu essa carta. Mas como ele a escreveu? Em Romanos 16:22, lemos: “Eu, Tércio, que escrevi esta epístola, vos saúdo no Senhor”. Esse foi o assistente de Paulo que, evidentemente, estivera escrevendo o que Paulo falava.

Mas há boa evidência em favor de que Paulo era zeloso de que seus leitores soubessem que, embora tivesse usado muitas vezes um auxiliar para fazer a transcrição, as palavras eram dele. Uma das maneiras de sentirmos a preocupação de Paulo é observando quantas vezes ele toma a pena e nos diz que está fazendo isso para atestar a carta. Por exemplo:

A saudação é de próprio punho: Paulo. Este é o sinal em cada epístola; assim é que eu assino (2 Ts 3:17).

A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho (1 Co 16:21).

A saudação é de próprio punho: Paulo. Lembrai-vos das minhas algemas. A graça seja convosco (Cl 4:18).

Vede com que letras grandes vos escrevi de meu próprio punho (Gl 6:11).

Eu, Paulo, de próprio punho, o escrevo (Fm 19).

A maioria dos eruditos pensa que, ao afirmar “A saudação é de próprio punho”, Paulo estava querendo dizer que não escrevera toda a carta com a própria mão, e sim por meio de um secretário. Apoiando essa ideia, há o fato de que, em sua carta a Filemom, Paulo não limita sua afirmação à saudação, mas diz: “Eu, Paulo, de próprio punho, o escrevo”. Filemom contém apenas 25 versículos, e pode ser que Paulo tenha escrito, ele mesmo, toda a carta, visto que não menciona o ato de escrever a saudação. As palavras de Gálatas 6:11 também não se referem à saudação (“Vede com que letras grandes vos escrevi”). Portanto, não podemos estar certos de ele ter escrito de próprio punho toda a carta.

Por que Paulo se importou em tomar a pena e chamar a atenção para sua escrita de punho próprio (2 Ts 3:17) e sua saudação? Sabemos que ele estava

ciente de falsificações – pessoas que tentavam propagar as próprias ideias ao reivindicarem a autoridade de Paulo em cartas que ele não escrevia. Por exemplo, ele escreveu aos tessalonicenses:

Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, *quer por epístola, como se procedesse de nós*, supondo tenha chegado o Dia do Senhor (2 Ts 2:1-2).

Portanto, uma razão pela qual Paulo pode ter colocado seu nome e escrita de próprio punho no fim de algumas de suas cartas era assegurar que não fossem vistas como falsificações. Em todo caso, ele manifestamente desejava que seus leitores tivessem suas próprias palavras, e não as de outros. Ele anelava não somente que seus leitores tivessem suas próprias palavras, mas também que *soubessem* que as tinham. Esse é também o nosso interesse. Temos as

palavras originais da Escritura e como sabemos que temos?

A conexão entre esse interesse e nossa crença na inspiração verbal é feita por Paulo pelo menos duas vezes: uma, em relação ao Antigo Testamento, e outra, em relação ao Novo Testamento, ou seja, em relação às suas próprias cartas.

A inspiração divina das palavras do Antigo Testamento

Com relação ao Antigo Testamento, Paulo liga a inspiração divina com as palavras, e não apenas com os profetas. A inspiração de Deus – seu “soprar” as Escrituras – afeta não somente o instrumento humano, mas também o produto humano. Os escritos são inspirados, e não apenas as pessoas. Eis o que Paulo disse ao seu jovem pupilo Timóteo a esse respeito:

Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas *letras* [*grammata*], que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura [*graphē*] é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.

Em primeiro lugar, Paulo se refere às sagradas letras, as quais, na educação de Timóteo, como vimos, eram a Bíblia hebraica (At 16:1; 2 Tm 1:5; 3:14). Depois, Paulo chama essas letras de “Escrituras”, que é outro nome para “letras”. Depois, Paulo diz que esses escritos foram “inspirados por Deus” (*theopneustos*). Os próprios escritos foram inspirados. Isso não significa que os escritores não tenham sido inspirados. Sabemos que isso não é verdadeiro com base no que Pedro disse:

Sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da *Escritura* [*graphē*] provém de particular elucidação; porque nunca jamais

qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, *homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo* (2 Pe 1:20-21).

Entendo que o versículo 20 significa que nenhuma profecia foi colocada na Escritura *meramente* de acordo com o que um autor humano pensava que ela significava. Em vez disso, Pedro esclarece que, quando uma profecia “provém” (literalmente, “acontece” ou “é” – *ginetai*) e, assim, se torna parte da Escritura, isso não acontece por mera agência humana do esforço do profeta para entender o que Deus está revelando.²¹ Pelo contrário, como o versículo 21 deixa claro, as revelações de Deus aos profetas que escreveram a Escritura foram guardadas de distorção humana, porque os profetas foram “movidos pelo Espírito” (não por seus próprios esforços para entender), de modo que o que foi falado e, depois, escrito não era mera interpretação humana da mente de Deus.

Paulo não discordaria disso – a inspiração da Escritura aconteceu por meio de “homens... movidos pelo Espírito Santo”. Paulo seria entusiasta em afirmar isso e, depois, acrescentaria – o que ele faz em 2 Timóteo 3:16 – que a implicação desse processo é que os *próprios escritos* são, portanto, inspirados por Deus, e não somente os profetas que os escreveram. Este foi o objetivo da obra protetora do Espírito Santo: garantir uma “palavra profética” [*prophētikon logon*] mais plenamente “confirmada” (2 Pe 1:19). O alvo do processo de inspiração era uma “palavra” segura (2 Pe 1:19), uma “Escritura” (2 Pe 1:20), *letras sagradas* (2 Tm 3:15).

Inspiração divina das palavras do Novo Testamento

A mesma vigilância sobre as próprias palavras de Deus aparece na afirmação de Paulo quanto à sua própria inspiração pelo Espírito Santo.

Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. Disto, também falamos, não em palavras [*logois*] ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais (1 Co 2:12-13).

Paulo não reivindica ser inspirado da maneira como um poeta poderia dizer: “Fui inspirado a escrever um poema ontem à noite”. O poeta quer dizer que foi movido por uma criatividade e uma energia emocional que resultaram em seu esforço poético. Mas Paulo quer dizer que suas próprias palavras foram governadas pelo Espírito de Deus – “não... palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito” (1 Co 2:13). O alvo de Deus é comunicar-se conosco por meio de palavras. Ele cuidou para que as palavras não fossem mal-escolhidas para realizar seu propósito. Assim, o Espírito Santo operou em e por meio de autores humanos para que as palavras fossem realmente a

maneira de escrever deles, mas também expressassem o significado de Deus com as palavras que ele quis que os autores humanos usassem.

A vontade divina na vontade humana

Esse entendimento da vontade divina e da vontade humana operando juntas não está restrito à redação da Escritura. Permeia toda a vida humana. Por exemplo, considere José, um dos doze filhos de Jacó, que foi vendido pelos irmãos à servidão no Egito. Quando José foi promovido a governante do Egito, disse a seus irmãos: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém, Deus o tornou em bem” (Gn 50:20). O texto não diz: “Vós intentastes o mal contra mim, mas Deus o *usou* para o bem”, como se a intenção e a ação de Deus tivessem ocorrido depois de haverem vendido José. Não. O texto diz que eles tinham um propósito *em* sua ação e Deus tinha um propósito *na* ação deles. As duas intenções foram tanto reais quanto simultâneas.

Jonathan Edwards tem um modo dramático de descrever a interação das ações simultâneas de Deus e do homem. Por exemplo, em relação à nossa santificação, ele diz:

Não somos meramente passivos nela, nem acontece que Deus faz uma parte e nós fazemos o resto, mas Deus faz tudo, e nós fazemos tudo. Deus produz tudo, e nós agimos em tudo. Porque isso é o que ele produz, nossos próprios atos. Deus é o único autor e fonte; nós somos os únicos atores. Somos em diferentes aspectos totalmente passivos e totalmente ativos.²²

E, nessa concomitância das atividades de Deus e do homem, nossa atividade é realmente nossa, possuindo todas as marcas de nossa própria personalidade. Sinclair Ferguson ressalta como isso é verdadeiro também na criação da Escritura inspirada:

Sem dúvida, os escritores humanos da Escritura tinham consciência de que estavam expressando seus próprios pensamentos enquanto

escreviam. Mas, ao mesmo tempo, estavam sob a direção soberana do Espírito. Os teólogos chamam isso “concomitância” de realidade bidimensional.²³

Dessa maneira, podemos entender que as palavras da Escritura são tanto divinamente determinadas como verdadeiramente de origem humana. São, de fato, as palavras de Deus e do homem.

Faz sentido afirmar a inerrância de manuscritos que não temos?

Visto que as palavras da Escritura são tão importantes para Jesus e seus apóstolos, devemos perguntar se temos acesso às palavras que os autores inspirados escreveram. Essa pergunta nos leva ao campo chamado “crítica textual”, que se refere ao ramo da erudição bíblica que se especializa em estudar os manuscritos antigos da Bíblia para discernir quão semelhantes aos manuscritos originais são os textos grego e hebraico que usamos hoje.

Consideramos esse assunto tão importante que o afirmamos em nossa Declaração de Fé.²⁴ “Cremos que a Bíblia... é... inspirada verbalmente por Deus e sem erros *nos manuscritos originais*”.

É verdade que, atualmente, não possuímos nenhum dos manuscritos originais que os autores bíblicos produziram (os próprios pergaminhos que eles escreveram). Qual é a implicação disso para nosso pensamento sobre a inerrância da Escritura? Por várias décadas, tenho ouvido pessoas se oporem a essa expressão de nossa Declaração: “nos manuscritos originais”. Com frequência, elas dizem: “Não temos os originais; então que proveito há em afirmar qualquer coisas sobre eles? Devemos fazer afirmações sobre o que temos, e não sobre o que não temos”. Em outras palavras, não importa o que você diga sobre a inspiração e a inerrância de manuscritos que você não possui. Isso é verdadeiro? Considere a analogia que oferecemos em seguida.

Uma ilustração da importância dos documentos originais não existentes

Suponha que eu lhe escreva uma carta (à moda antiga, em papel) com instruções cuidadosas sobre como chegar à minha casa para uma reunião importante. E suponha que eu lhe peça que compartilhe essa informação com outros que precisam vir à reunião. Assim (imagine-se vivendo nos anos 1990!), você faz um escaneamento da carta e a insere num computador duas vezes, em dois dias diferentes. Depois, envia a cópia da carta em dois lotes de e-mails para aqueles que devem vir à reunião.

Mas, infelizmente, em uma versão da carta escaneada, o escâner interpretou errado a carta original e converteu meu endereço na “Rua Fanny” para “Rua Parry”. Em outra versão da carta escaneada, o endereço está correto, “Rua Fanny” apareceu corretamente. Então, suponha que a carta original tenha sido perdida.

As pessoas que recebem os e-mails descobrem que suas instruções a respeito de como chegar à minha casa são discordantes; por isso, procuram-no e perguntam qual é o certo. Mas você diz que perdeu o original. Será que alguém vai dizer: “Ora, não importa se o original estava correto ou não; nós adivinharemos”?

Não, alguma pesquisa é feita – a crítica textual que mencionamos antes. Por exemplo, uma pessoa do grupo que é experiente em computadores sugere que façam alguns testes com o escâner. Surpreendentemente, vocês descobrem que, em muitas das tentativas, o escâner nunca converte P para F, mas, com frequência, converte F para P. E nunca converte “rr” para “nn”, mas costuma converter “nn” para “rr”. Assim, vocês concluem que a carta original quase certamente diz “Rua Fanny”, que foi convertida para “Rua Parry”, e não vice-versa. E, assim, todos vocês chegam àquela importante reunião.

Ora, todos que chegaram à reunião dependeram da firme convicção de que a carta original estava certa e de que todo esforço para recuperar o texto original foi crucial – *ainda que a carta original não mais existisse*. De modo semelhante, se o texto das Escrituras nos manuscritos originais não fosse afirmado como inerrante, haveria pouco incentivo para tentarmos reconstruí-lo tão exatamente quanto possível em nossos estudos de crítica textual, que formam a base de nossas traduções da Bíblia.

Os manuscritos originais têm realidade histórica objetiva

Há um estranho cinismo que muitas vezes acompanha a declaração de que afirmar a inerrância dos manuscritos originais realmente não é importante. Isso, às vezes, é expresso com perguntas retóricas como: “Você não pensa que a Bíblia em sua mão é inerrante, pensa?”. Assim, essa pergunta

se apresenta como uma opinião mais elevada acerca da inerrância.

A resposta a essa pergunta é: *nossas versões gregas e hebraicas e nossas traduções são inerrantes até o grau em que traduzem fielmente o significado divino carregado pelas palavras humanas inspiradas dos manuscritos originais.*

Esse ponto de vista representa uma opinião mais elevada (ou seja, mais exata) acerca da inerrância do que o ponto de vista representado por dizer que toda tradução é inerrante e que a inerrância dos manuscritos originais não é importante. Ocasionalmente, as traduções diferem umas das outras em assuntos que fazem diferença em questões importantes da fé. Portanto, dizer que todas elas são inerrantes (apesar dessas diferenças) significa enfraquecer o significado de inerrância a ponto de ela perder a realidade objetiva.

Por outro lado, dizer que a inerrância dos manuscritos originais é importante eleva a realidade

objetiva da inerrância. É uma realidade histórica. Deus realmente inspirou os escritos da Bíblia, de modo que suas ideias foram transmitidas de modo inerrante nas palavras dos manuscritos originais. Essa realidade histórica é um padrão objetivo ao qual podemos chegar por meio da crítica textual. Sem essa convicção, as versões e traduções contemporâneas ficam à deriva num mar de subjetivismo, sem um padrão objetivo para medir sua fidedignidade. Portanto, afirmar a inerrância dos manuscritos originais é um ponto de vista mais elevado e mais fiel a respeito da inerrância. Essa é a razão pela qual nossa Declaração de Fé diz: “Cremos que a Bíblia... é... inspirada verbalmente por Deus e sem erros *nos manuscritos originais*”.

Controvérsia e consenso

Na década passada, um dos ataques mais intencionais contra a fé cristã veio desse campo da crítica textual. Alguns eruditos argumentaram que a

Bíblia, como a temos hoje, não dá um fundamento seguro para a crença cristã histórica.²⁵ Livros sérios e responsáveis²⁶ foram escritos em resposta a esses argumentos, e o debate continua. Não vejo este livro como o lugar para o tipo de argumento histórico detalhado que seria exigido, se tivéssemos de responder aos argumentos contrários à confiabilidade do texto que temos.

Além disso, estou convencido de que nenhum de nós estabelece *decisivamente* o assunto da autoridade bíblica com base em argumentos históricos. Se essa fosse a maneira como Deus planejou que chegássemos à certeza da verdade, a vasta maioria das pessoas no mundo seria excluída do conhecimento necessário para viver e morrer como cristãos. Nos capítulos seguintes, argumentarei como pessoas comuns, que têm pouca oportunidade de seguir argumentos históricos e textuais complexos e obscuros, podem discernir se as Escrituras cristãs são a Palavra de Deus. Podemos nos regozijar com

o fato de que Deus sempre levanta cristãos eruditos para interagir com eruditos que se opõem à fé cristã. Mas é errado pensar que todos os crentes precisam seguir esses debates para terem fé na Escritura.

Uma história pessoal da pós-graduação

Meu alvo aqui é descrever o consenso histórico dos eruditos bíblicos em referência ao acesso que temos aos escritos originais da Bíblia. O relato de um incidente pessoal expressa a convicção dos principais segmentos de erudição bíblica sobre a confiabilidade dos textos gregos e hebraicos que usamos hoje. Quando eu fazia meus estudos de doutorado na Alemanha, meu tema foi o mandamento de Jesus para amarmos nossos inimigos. Eu era um aluno de doutorado totalmente novo na Universidade de Munique. Com cerca de nove meses em meus estudos, chegou a minha vez de apresentar um artigo ao meu *Doktorvater*, Leonhard Goppelt, e a

uma meia dúzia de alunos de doutorado que se reuniam na casa dele cerca de uma vez por mês.

Decidi apresentar meu primeiro artigo sobre questões de crítica textual em Mateus 5:43-48, um dos parágrafos mais importantes que tratam do mandamento de Jesus para amar os inimigos. Tentei não presumir nada e demonstrar tão rigorosa e estritamente quanto possível que temos acesso às palavras que Mateus escreveu originalmente em grego.

Quando terminei de apresentar meu artigo bem detalhado (e, sem dúvida, entediante), que eu imaginava que viria a ser o capítulo inicial de minha dissertação, o Dr. Goppelt me agradeceu pelo trabalho feito e, em seguida, disse tão gentilmente quanto possível: “Sr. Piper, isso não será necessário para os demais textos com os quais você está lidando. Você pode simplesmente tomar seu ponto de partida na edição crítica já estabelecida do texto grego. Temos certeza de que os críticos de texto nos

proveram com um texto confiável”. Isso foi, e continua a ser, em geral, a opinião dos principais segmentos de erudição bíblica. Não é uma opinião singularmente conservadora ou evangélica.

Então, permita-me delinear aqui por que esse tipo de confiança é típico entre os eruditos históricos, até mesmo entre aqueles que não são conservadores, nem mesmo cristãos.

O estado da união na crítica textual

O primeiro Novo Testamento Grego impresso foi publicado em 1516 por Erasmo. Antes disso, toda cópia era feita à mão. Devemos nossa Bíblia ao meticuloso amor e cuidado prestado por inúmeros monges e eruditos dos primeiros 1.500 anos da era cristã. O desafio de retornar aos manuscritos originais que os autores bíblicos escreveram é o desafio de trabalhar com aqueles documentos copiados à mão. Por isso são chamados *manuscritos*.

Antes de 1516, eles eram todos escritos à mão. Focalizarei o Novo Testamento como ilustração.

Quantos manuscritos gregos do Novo Testamento possuímos hoje? Cerca de 5.800. As seguintes estatísticas de 2011 foram obtidas do Institut für Neutestamentliche Textforschung (Instituto para Pesquisa Textual do Novo Testamento), em Münster (Alemanha). Pelo que sei, desde então, não houve nenhuma descoberta de qualquer manuscrito.

322 textos unciais (todas as letras maiúsculas)

2.907 textos minúsculos (todas as letras pequenas)

2.445 porções de lecionários (porções de textos contidos nas leituras da igreja)

127 papiros (manuscritos escritos
em papiro)

5.801 Total

É uma maravilha de nossos dias o fato de muitos desses manuscritos poderem ser vistos on-line no Center for the Study of New Testament Manuscripts (Centro para Estudo dos Manuscritos do Novo Testamento).²⁷

Para ter uma perspectiva do impressionante número de fragmentos de manuscritos, é proveitoso comparar a quantidade de nossos fragmentos com outros documentos históricos existentes. Daniel Wallace, que é considerado o “principal crítico textual ativo do cristianismo evangélico em nossos dias”,²⁸ descreveu a situação em 2012 da seguinte forma:

Eruditos em Novo Testamento deparam com uma riqueza embaraçosa, quando comparados com os dados que eruditos de clássicos gregos e latinos têm a seu dispor. O número médio de documentos remanescentes de autores literários clássicos não é mais do que vinte cópias. Em relação ao Novo Testamento, nós temos mais de 1.000 vezes os dados que tem o autor greco-romano padrão. Não somente isso, os manuscritos existentes do autor clássico padrão são de quinhentos anos depois do tempo em que ele escreveu. Quanto ao Novo Testamento, algumas cópias existentes são de poucas décadas após o tempo de escrita.²⁹

Por exemplo:

As Guerras da Gália, de César (composta entre 58 e 50 a.C.): há apenas cerca de dez manuscritos disponíveis, e o mais antigo é de novecentos anos depois do acontecimento.

Partes da *História de Roma*, de Tito Lívio (composta entre 59 a.C. e 17 d.C.): estas estão preservadas em cerca de vinte manuscritos, dos quais somente um, contendo apenas fragmentos, data do século IV.

As *Histórias* e os *Anais*, do historiador romano Tácito (compostos por volta de 100 d.C.): estes estão preservados (parcialmente) em apenas dois manuscritos, um dos quais é do século IX e o outro, do século XI.

A *História*, de Tucídides (que viveu entre 460 a 400 a.C.): é conhecida por nós com base em apenas oito manuscritos, sendo o mais antigo de 900 d.C., e uns poucos restos de papiro do começo da era cristã.

É significativo o fato de os historiadores nunca terem perdido a esperança de ter um conhecimento confiável acerca desses escritores importantes. F. F. Bruce diz:

Nenhum erudito em clássicos ouviria um argumento de que a autenticidade de Heródoto e Tucídides está em dúvida porque os manuscritos mais antigos de suas obras, úteis para nós, são de mais de 1.300 anos depois dos originais.³⁰

Nenhum outro livro antigo chega perto do tipo de riqueza de preservação que temos para o Novo Testamento. Não somente o número de manuscritos é impressionante, como também a antiguidade. Por exemplo, o fragmento mais antigo que temos é um papiro de cerca de 130 d.C. e contém João 18:31-3, 37ss. Um dos mais antigos manuscritos de todo o Novo Testamento data de cerca de 350 d.C. É chamado *Codex Sinaiticus*, porque foi descoberto num monastério no monte Sinai.

O número elevado de manuscritos do Novo Testamento tem dois resultados complementares. Primeiro, há *muitas variações* entre eles no que se refere à fraseologia, porque foram copiados à mão e sujeitos a erro humano. Segundo, *variações tendem a ser autocorretivas* por causa do imenso número de manuscritos que temos para comparar. De novo, F. F. Bruce comenta:

Felizmente, se o grande número de MSS [manuscritos] aumenta o número de erro dos escribas, aumenta proporcionalmente os meios de se corrigirem esses erros, de modo que a margem de dúvida deixada no processo de resgatar a fraseologia original exata não é tão grande quanto poderíamos temer; é, na verdade, admiravelmente pequeno.³¹

Temos acesso ao que foi escrito originalmente?

O que isso significa para a nossa pergunta “Temos acesso hoje às palavras que os escritores bíblicos escreveram?”. Lembrando que eles escreveram em grego e hebraico, e não em português, a resposta é sim, temos sim, de uma maneira que faz diferença na veracidade e na autoridade da Bíblia.

Paul Wegner, em sua obra *Student's Guide to Textual Criticism of the Bible* (Guia de Aluno para Crítica Textual da Bíblia), escreve:

É importante ter em perspectiva o fato de que somente uma parte muito pequena do texto está em questão – aproximadamente 10%

do Antigo Testamento e 7% do Novo Testamento. Destes, a maioria das variantes faz pouca diferença quanto ao significado de qualquer passagem, como Douglas Stuart explica: “É correto afirmar que os versículos, capítulos e livros da Bíblia diriam amplamente a mesma coisa e deixariam as mesmas impressões no leitor, ainda que se adotasse quase toda redação alternativa possível no lugar daquelas que agora servem como base para nossas atuais versões inglesas”.³²

Daniel Wallace debateu com Bart Ehrman e relata sua firme persuasão:

Desde os anos 1700, com Johann Albrecht Bengel, que estudou as variantes textuais significativas e viáveis, os eruditos têm adotado o que se chama “a ortodoxia das variantes”. Por mais de dois séculos, a maioria dos eruditos bíblicos tem declarado que nenhuma afirmação essencial [da doutrina cristã] tem sido afetada pelas variantes. Até mesmo Ehrman admitiu esse ponto nos três debates que tive com ele.³³

De modo semelhante, D. A. Carson resume a situação desta maneira: “O que está em jogo é uma

pureza de texto de natureza tão substancial que nada do que cremos ser doutrinariamente verdadeiro, nada do que somos ordenados fazer, é, de alguma maneira, colocado em risco pelas variantes”.³⁴

A alegação contrária do islamismo

O que isso significa, entre muitas outras coisas, é que não há nenhuma evidência histórica para um Jesus diferente ou um cristianismo diferente do que temos no Novo Testamento que todos nós usamos. Você pode não crer nele e dizer que foi totalmente inventado, mas não pode apresentar evidências de um Jesus diferente ou de uma fé diferente daquela que achamos no Novo Testamento. Tais evidências não existem.

Isso é relevante ao se responder ao islamismo. Uma das alegações populares do islamismo é que, embora Alá tenha dado um livro a Jesus, esse livro está perdido, e todos os outros registros (cristãos) sobre

quem era Jesus e o que ele fez são corrupções das fontes originais. Como um website muçulmano diz: “Os ensinamentos originais estão perdidos desta terra. Somente o glorioso Alcorão é a Palavra original de Alá, todo-poderoso. Nada mais subsiste. Todos os outros livros contêm corrupções e mentiras”.³⁵

Essa afirmação é essencial para o islamismo porque o ponto de vista islâmico sobre Jesus é radicalmente diferente do ponto de vista do Novo Testamento:

O islamismo afirma que Jesus nasceu de uma virgem, que ele viveu uma vida sem pecado, que realizou milagres poderosos e que virá de novo no fim da história. Até o chama de uma palavra da parte de Deus. No entanto, o islamismo nega explicitamente a deidade de Cristo e rejeita o título “Filho de Deus” como blasfemo. Também nega (de acordo com o principal ponto de vista) que Jesus morreu na cruz, afirmando que o semblante de Jesus foi imposto sobre outra pessoa, que foi crucificada na época, e que Jesus foi tomado para o céu sem provar a morte. O islamismo nega explicitamente a possibilidade de expiação vicária.³⁶

Assim diz o Alcorão em Sura 4:156-157:

Pois eles [os judeus] afirmam: “Matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o Mensageiro de Deus” – mas eles não o mataram, nem o crucificaram; apenas uma simulação disso lhes foi mostrada. Aqueles que o consideram não têm nenhum conhecimento dele, mas seguem uma conjectura; e eles não o mataram com certeza – não realmente; Deus o ascendeu para si; Deus é todo-poderoso, todo-sábio.³⁷

Os muçulmanos afirmam que a razão pela qual o Novo Testamento retrata um Jesus sobrenatural que era Filho de Deus e foi crucificado e ressuscitado dos mortos é que os cristãos mudaram e distorceram os escritos originais. Mas não há nenhuma evidência de que tais escritos existiram; o que significa que a afirmação do islamismo é uma *inferência* baseada na opinião de Maomé sobre Jesus. É crucial vermos isso. A afirmação de que Jesus não morreu e de que o cristianismo está errado é, em essência, uma afirmação de fé baseada num mestre

do século XVII, Maomé. Não há nenhum manuscrito antigo do Novo Testamento que apoie uma opinião islâmica de que os cristãos corromperam os primeiros testemunhos. Todos os manuscritos que falam sobre o fim da vida de Jesus retratam-no como crucificado, morto, sepultado e ressuscitado. Não há nenhuma evidência histórica de um Jesus Cristo não crucificado.

Temos a Palavra de Deus

O objetivo deste capítulo não era provar a verdade da Escritura cristã, e sim mostrar que as escrituras gregas e hebraicas que temos hoje são essencialmente as mesmas escritas pelos autores originais. Nos capítulos 8 a 17, abordaremos a questão de como sabemos que elas são verdadeiras.

Por enquanto, vale a pena ouvirmos a conclusão de um dos grandes críticos textuais, Sir Frederic G. Kenyon:

É encorajador achar, no final, que o resultado geral de todas estas descobertas e de todo este estudo é fortalecer a prova da autenticidade das Escrituras e a nossa convicção de que temos em nossas mãos, em integridade substancial, a verdadeira Palavra de Deus.³⁸

Visto que os textos gregos e hebraicos em que se baseiam nossas traduções em língua moderna são essencialmente os mesmos que os autores inspirados escreveram, agora podemos nos voltar para nossas duas tarefas finais. Em primeiro lugar, o que estas Escrituras afirmam de si mesmas? Afirmam ser realmente a infalível Palavra de Deus (capítulos 5-7)? E, em segundo, como podemos saber se essa afirmação é verdadeira (capítulos 8-17)?

-
20. D. A. Carson, “Matthew”, em *Matthew, Mark, Luke*, vol. 8, Expositor’s Bible Commentary, ed. Frank E. Gaebelin (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984), 145.
21. Richard J. Bauckham oferece uma defesa ampla dessa interpretação em *2 Peter, Jude*, vol. 50, Word Biblical Commentary, ed. David A. Hubbard, Glenn W. Barker, Ralph P. Martin (Dallas: Word, 1998), 228-33.
22. Jonathan Edwards, *Writings on the Trinity, Grace, and Faith*, vol. 21, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. Sung Hyun Lee (New Haven, CT: Yale University Press, 2003), 251.
23. Sinclair Ferguson, *From the Mouth of God: Trusting, Reading, and Applying the Bible* (Edinburgh: Banner of Truth, 1982), 11.
24. Estou me referindo de novo à Declaração de Fé do Presbitério da Bethlehem Baptist Church, pela qual não somente a igreja, mas também o Bethlehem College and Seminary e o desiringGod.org, são governados.
25. Mais notavelmente, o erudito bíblico Bart Ehrman escreveu e falou sobre seu próprio afastamento da ortodoxia cristã e argumentou que a Bíblia, como a temos hoje, não dá um fundamento seguro para a crença cristã histórica. Bart D. Ehrman, *The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament* (1993; repr. Oxford, UK: Oxford University Press, 2011); Bart D. Ehrman, *Misquoting Jesus: The Story Behind Who Changed the Bible and Why* (New York: HarperOne, 2007).

26. Timothy Paul Jones, *Misquoting Truth: A Guide to the Fallacies of Bart Ehrman's "Misquoting Jesus"* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2007); J. Ed Komoszewski, M. James Sawyer e Daniel B. Wallace, *Reinventing Jesus: What the Da Vinci Code and Other Novel Speculations Don't Tell You* (Grand Rapids, MI: Kregel, 2006); Daniel B. Wallace, *Revisiting the Corruption of the New Testament: Manuscript, Patristic, and Apocryphal Evidence* (Grand Rapids, MI: Kregel, 2011); Daniel B. Wallace, "The Reliability of the New Testament Manuscripts", em *Understanding Scripture: An Overview of the Bible's Origin, Reliability, and Meaning*, ed. Wayne Grudem, C. John Collins, Thomas R. Schreiner (Wheaton, IL: Crossway, 2012); Robert B. Stewart, ed., *The Reliability of the New Testament: Bart Ehrman and Daniel Wallace in Dialogue* (Minneapolis, MN: Fortress, 2011); Craig Evans, *Fabricating Jesus: How Modern Scholar Distort the Gospels* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2008); Craig Blomberg, *Can We Still Believe the Bible?: An Evangelical Engagement with Contemporary Issues* (Grand Rapids, MI: Brazos, 2014); Michael Bird, ed., *How God Became Jesus: The Real Origins of Belief in Jesus' Divine Nature: A Response to Bart D. Ehrman* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2014).

27. <http://www.csntm.org/manuscript>. Acesso em 27/03/2015.

28.

<http://www.thegospelcoaliton.org/blogs/justintaylor/2012/03/21/an-interview-with-daniel-b-wallace-on-the-new-testament-manuscripts>.

Acesso em 19/03/2015.

29. Ibid.

30. F. F. Bruce, *The New Testament Documents: Are They Reliable?*, 6th ed. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1981), 11.

31. Ibid., 14.

32. Paul Wegner, *A Student's Guide to Textual Criticism of the Bible* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2006), 298, citando Douglas Stuart, "Inerrancy and Textual Criticism", em *Inerrancy and Common Sense*, ed. Roger R. Nicole e J. Ramsey Michaels (Grand Rapids, MI: Baker, 1980), 98.

33. "An Interview with Daniel B. Wallace on the New Testament Manuscripts",

<http://www.thegospelcoalition.org/blogs/justintaylor/2012/03/21/an-interview-with-daniel-b-wallace-on-the-new-testament-manuscripts>.

Acesso em 19 de fevereiro de 2015.

34. D. A. Carson, *The King James Version Debate* (Grand Rapids, MI: Baker, 1979), 56.

35. http://www.answering-christian-com/injil_and_gospels_according_to_islam.htm. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

36. Zane Pratt, "Ten Things Every Christian Should Know about Islam". Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

<http://www.thegospelcoalition.org/article/10-things-every-christian-should-know-about-islam/print>.

37. Citado em Everett W. Huffard, "Culturally Relevant Themes about Christ", em *Muslims and Christians on the Emmaus Road*, ed. J. Doudley Woodberry (Monrovia, CA: MARC, 1989), 165.

38. Frederic G. Kenyon, *The Story of the Bible*, 2nd ed. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1967), 113.

Parte 3

O QUE AS ESCRITURAS CRISTÃS AFIRMAM DE SI MESMAS?

"... não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito"

As palavras do SENHOR são palavras puras,
prata refinada em cadinho de barro,

depurada sete vezes.

SALMO 12:6

Capítulo 5

O ANTIGO TESTAMENTO

A Bíblia é a confiável Palavra de Deus – é inspirada por Deus, verdadeira e isenta de erro? Se vamos procurar uma resposta a essa pergunta, é sábio consultar primeiro a Bíblia, para verificar o que afirma a respeito de si mesma. De fato, não somos aqueles que iniciaram essa interação com a Bíblia. A Bíblia existia primeiro. A própria Bíblia fazia afirmações sobre si mesma – e afirmações sobre nós – antes mesmo de decidirmos nos envolver com ela.

A Palavra de Deus não espera que lhe demos permissão para ser a Palavra de Deus. Se é a Palavra de Deus, é a Palavra de Deus – independentemente de nós. Se não reconhecemos que Deus está falando, isso não é desculpa. Somos responsáveis desde o começo. Então, é conveniente, de diversas maneiras, que ouçamos a Bíblia no que diz respeito a ela mesma, antes mesmo de formularmos a resposta final sobre a verdade.

Os fios e o tapete

Para ser honesto, minha abordagem da verdade da Escritura não é que somos convencidos de que a Escritura é verdadeira apenas porque afirma ser. Ao dizer isso, não estou negando que, se Deus afirma que sua palavra é verdadeira, essa é uma boa razão para crermos nela. Ninguém está mais bem-posicionado para saber que a Palavra de Deus é verdadeira do que o próprio Deus. Em vez disso, argumentaremos, nos capítulos 8 a 17, que as

Escrituras dão uma certeza bem-fundamentada à nossa confiança em sua verdade, muito além de suas afirmações serem verdadeiras.

Argumentarei que essas afirmações de verdade são fios num tapete cuja glória divina é autoconfirmadora. Ou, mudando a imagem, as afirmações de verdade da Escritura são faces no diamante do significado resplandecente da Escritura, que revela sua glória divina de maneira semelhante àquela como o Jesus humano revela sua glória divina. É dessa forma que argumentarei nos capítulos 8 a 17. Mas as afirmações de verdade da Escritura são fios realmente belos e importantes no tapete de seu significado. Portanto, os capítulos 5 a 7 são dedicados a vermos esses fios tão claramente quanto pudermos. Pode ser – realmente, essa é minha oração – que, ao ler o testemunho glorioso e singular da Bíblia quanto à sua própria grandeza, você veja não somente uma afirmação divina, mas também uma realidade divina.

Já tivemos vislumbres da opinião de Jesus sobre o Antigo Testamento (Mt 5:17-18) e de seu plano a respeito do Novo Testamento (Jo 14:24-26; 16:12-14). Consideramos o ponto de vista de Paulo sobre o Antigo Testamento (2 Tm 3:15-17) e sua própria inspiração apostólica (1 Co 2:13). Vimos também a opinião de Pedro sobre os escritos de Paulo (2 Pe 3:16). Mas esses foram apenas vislumbres. Mudando a metáfora mais uma vez, há um vasto panorama da apresentação que a própria Bíblia faz de suas veracidade e autoridade divinas. Não seremos capazes de enquadrar a extensão desse panorama nas lentes deste capítulo ou deste livro. É muito vasto.³⁹ Por isso, nos capítulos 5 a 7, apenas abrirei as lentes um pouco mais amplamente, para que tenhamos um senso melhor da extensão dessas afirmações, da força e da natureza do que somos chamados a crer – o que se manifesta para que vejamos.

Os escritores do Antigo Testamento no drama, e não fora dele

O Antigo Testamento nunca tece comentários sobre si mesmo como uma coleção de escritos. Os escritores tinham consciência do falar de Deus com eles e por meio deles (como veremos), mas nunca estiveram fora do Antigo Testamento, nem fizeram comentários sobre ele como um todo. Mas Jesus faz isso. Também o apóstolo Paulo. E todos os escritores do Novo Testamento tratam o Antigo Testamento como o depósito de autoridade da Palavra de Deus. Mas os escritores do Antigo Testamento eram, eles mesmos, atores no palco do drama do Antigo Testamento que Deus estava formando e dirigindo. Eles nunca estiveram fora do Antigo Testamento e nunca fizeram comentários sobre sua autoridade como um cânon completo de Escritura.

Assim, quando perguntamos como os escritores do Antigo Testamento deram testemunho de sua

verdade e autoridade, a resposta não é que afirmaram a veracidade do Antigo Testamento da maneira como Jesus o fez (Mt 5:17-18; Jo 10:35). Jesus o conhecia como uma coleção completa de livros que já funcionavam para o povo judeu como uma expressão unificada da Palavra de Deus. Mas os escritores do Antigo Testamento ainda estavam no meio do processo de o trazerem à existência.

Portanto, o que ouvimos deles são expressões não sobre o Antigo Testamento como um todo, mas, em vez disso, sobre a maneira como Deus se revelava a eles e aos outros por meio deles. O impacto dessas expressões visava tornar Israel ciente de que o Criador do universo estava falando com eles por meio das palavras de homens. Aceitamos isso com tanta naturalidade, na igreja cristã, que podemos deixar de nos admirar de quão assombrosa é essa realidade.

Deus é tão grande que sustenta as galáxias em existência e chama os trilhões de estrelas pelo nome

(Is 48:26) – pense nisto: pelo nome, trilhões de nomes. E ele não fica nem um pouco estressado ou fatigado por isso (Is 40:28). Esse Deus condescende (infinitamente!) em falar aos seres humanos. O que queremos ver, à medida que lemos, é como ele faz isso. Então, podemos parar e perguntar como tudo isso deu origem ao Antigo Testamento.

Então, considere comigo algumas das maneiras pelas quais o Antigo Testamento dá testemunho da admirável disposição de Deus em falar na linguagem humana.

Deus fala em linguagem humana

O primeiro e mais básico aspecto a observar é que, em todo o Antigo Testamento, desde Adão e Eva (Gn 2:16) até Malaquias (que, em quatro pequenos capítulos, usa vinte vezes a expressão “diz o SENHOR dos Exércitos”), Deus fala em linguagem humana diretamente aos seres humanos. “Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela

e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei” (Gn 12:1). “Então, falou Deus todas estas palavras: Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Êx 20:1-2). “Ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós?” (Is 6:8).

A forma como Deus fala realmente aos homens nunca é explicada. É duvidoso que haja uma “explicação” que um humano possa entender. Um dos parceiros nessa comunicação, ou seja, Deus, tem uma natureza tão sobrenatural que excede nossa capacidade de compreendê-lo totalmente ou seus caminhos (Is 55:8; Rm 11:33-34). Esse mistério tem feito muitas pessoas se tornarem céticas de que aquilo que o Antigo Testamento descreve seja realmente verdadeiro. Eruditos incrédulos que querem sustentar algum tipo de autoridade bíblica têm minimizado esse tipo de troca verbal entre Deus e o homem, colocando toda a ênfase na comunicação de Deus por meio de eventos, e não de

palavras divinas. Essa resistência às afirmações claras e abrangentes do Antigo Testamento levaram James Barr, que não era evangélico, a protestar:

Comunicação verbal direta entre Deus e homens específicos em ocasiões específicas... é, eu creio, um fato inescapável da Bíblia e, em especial, do Antigo Testamento. Deus pode dar mensagens verbais específicas, o que ele quiser, ao homem que escolher... Se persistirmos em dizer que a comunicação direta e específica deve ser incluída na revelação por meio de eventos da história e entendida como interpretação subordinada destes, eu direi que estamos abandonando a apresentação que a própria Bíblia faz do assunto em troca de outra que é apologeticamente mais agradável.⁴⁰

Deus fala a pessoas por meio de pessoas

Deus não somente fala diretamente aos seres humanos em toda a Bíblia, como também comissiona algumas pessoas a falarem a outras o que ele disse. De fato, essa é claramente a maneira mais normal de Deus tornar sua palavra conhecida no mundo. O Antigo Testamento não é um relato de

Deus tratando cada indivíduo como um receptor de comunicação divina direta, sem outras pessoas estarem envolvidas. A maneira característica de Deus se comunicar com a maioria das pessoas é por meio de outras pessoas – seus porta-vozes escolhidos.

Assim, por exemplo, Deus falou a Natã, o profeta: “Assim diz o SENHOR: Edificar-me-ás tu casa para minha habitação?” (2 Sm 7:5). E Deus falou com Isaías, dizendo: “Vai e dize a Ezequias: Assim diz o SENHOR, o Deus de Davi, teu pai: Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas; acrescentarei, pois, aos teus dias quinze anos” (Is 38:5). E disse a Jeremias: “Vai e dize aos homens de Judá e aos moradores de Jerusalém: Acaso nunca aceitareis a minha advertência para obedecerdes às minhas palavras?” (Jr 35:13). Em todos esses casos – e são típicos –, Deus não tencionou comunicar-se diretamente com Davi, com Ezequias ou com os homens de Judá sem

um profeta. Ele queria falar-lhes *por meio de* um profeta.

Portanto, achamos a afirmação de que Deus falou “por meio de” seus profetas: “Assim, exterminou Zinri todos os descendentes de Baasa, segundo a palavra do SENHOR, *por intermédio do profeta Jeú*, contra Baasa” (1 Rs 16:12). Mas essa afirmação explícita de que as palavras de Deus são comunicadas “por meio do” profeta não diminui a expectativa de que sejam as próprias palavras de Deus. Quando as palavras de Deus são comunicadas *por meio do* profeta, ainda são as palavras de Deus: “Tu lhes dirás as *minhas palavras*, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes” (Ez 2:7). São as palavras de Deus porque Deus superintende o falar do profeta, para que a boca do profeta seja como a boca de Deus: “Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar” (Êx 4:12).

A grande profecia sobre o profeta ideal, que viria na pessoa de Jesus Cristo, expressa isso ainda mais enfaticamente:

Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, *em cuja boca porei as minhas palavras*, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar. De todo aquele que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, disso lhe pedirei contas. Porém, o profeta que presumir de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não mandei falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta será morto (Dt 18:18-20; cf. At 3:22-23).

Com frequência, nos livros proféticos, essa identificação íntima entre as palavras de Deus e as palavras do profeta significa que o profeta fala na primeira pessoa do singular (“eu”), como se Deus mesmo estivesse falando: “Eu sou o SENHOR, e não há outro; além de mim, não há Deus” (Is 45:5).

Não surpreendentemente, confiar nas palavras dos profetas, quando falam no lugar de Deus, é

reputado como confiar no próprio Deus: “Ao saírem eles [os levitas], pôs-se Josafá de pé e disse: Ouvi-me, ó Judá e vós, moradores de Jerusalém! Crede no SENHOR, vosso Deus, e estareis seguros; *crede nos seus profetas e prosperareis*” (2 Cr 20:20). Uma implicação disso é que Deus estava em atividade para garantir a acurácia da mensagem de seu profeta, de modo que o que as pessoas entendessem deles tivesse a mesma veracidade de Deus falando diretamente.

Voltando a examinar todo o Antigo Testamento, essa realidade maravilhosa da fala divina por meio de seres humanos autorizados é vista como a realidade predominante que é. Em algumas versões da Bíblia, a expressão “assim diz o SENHOR” ocorre mais de quatrocentas vezes; e a frase “diz o SENHOR” ocorre mais de 350 vezes. Essas ocorrências devem impressionar-nos realmente. Esse livro – o Antigo Testamento – está repleto de afirmações explícitas de que nosso Criador, Sustentador e Redentor está

realmente falando de maneira inteligível ao mundo que criou.

Em um sentido, a comunicação inteligível de Deus a nós por meio de outros seres humanos parece óbvia e, em outro sentido, parece inacreditável. Parece óbvio porque ele é Deus e pode fazer o que lhe apraz. Se ele quer comunicar-se por meio de palavras humanas, ele o faz. Mas, por outro lado, há uma infinita diferença qualitativa entre Deus e a criatura de Deus. Se já houve uma vasta diferença “cultural” entre um tradutor e uma pessoa receptora, aí está ela – uma diferença infinita. Como pode o Criador eterno e infinito tornar-se inteligível a mentes e corações que são de uma ordem infinitamente diferente? Isso é tão misterioso quanto a vinda do próprio Deus ao mundo em Jesus Cristo. Ambos os fatos são insondáveis. E são reais. E, quando pegamos a Bíblia divino-humana nas mãos, deveríamos sentir uma admiração semelhante

àquela que sentiríamos ao tocar a pele do Deus-homem ressuscitado, Jesus Cristo.

Deus tencionava que sua revelação fosse escrita

Então, notamos que Deus tencionava que houvesse uma forma escrita de sua revelação divina. Ele disse a Moisés: “Escreve isto para memória num livro e repete-o a Josué” (Êx 17:14). E outra vez: “Escreve estas palavras, porque, segundo o teor destas palavras, fiz aliança contigo e com Israel” (Êx 34:27). “Moisés escreveu todas as palavras do SENHOR” (Êx 24:4; cf. Dt 27:3). No restante do Antigo Testamento, há dezenas de referências à Lei de Moisés escrita (1 Rs 2:3; 1 Cr 16:40; Ed 3:2; Ne 8:14; Dn 9:13).

E Deus não somente instruiu Moisés a escrever a revelação que recebera, como também instruiu os profetas a fazerem o mesmo. Ele disse a Jeremias: “Palavra que do SENHOR veio a Jeremias, dizendo:

Assim fala o SENHOR, Deus de Israel: Escreve num livro todas as palavras que eu disse” (Jr 30:1-2). “Veio esta palavra do SENHOR a Jeremias, dizendo: Toma um rolo, um livro, e escreve nele todas as palavras que te falei contra Israel, contra Judá e contra todas as nações, desde o dia em que te falei, desde os dias de Josias até hoje” (Jr 36:1-2, 28). E, de modo semelhante, Deus falou a Habacuque: “Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo” (Hc 2:2; cf. Ez 43:11).

Portanto, de acordo com isso, os livros proféticos escritos começam regularmente com a indicação de que o livro escrito é uma composição do profeta das revelações de Deus.

Palavras de Jeremias, filho de Hilquias, um dos sacerdotes que estavam em Anatote, na terra de Benjamim; a ele *veio a palavra do SENHOR*, nos dias de Josias, filho de Amom e rei de Judá, no décimo terceiro ano de seu reinado (Jr 1:1-2).

Aconteceu no trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês, que, estando eu no meio dos exilados, junto ao rio Quebar, se abriram os céus, e eu tive visões de Deus. No quinto dia do referido mês... *veio expressamente a palavra do SENHOR a Ezequiel, filho de Buzi, o sacerdote, na terra dos caldeus, junto ao rio Quebar, e ali esteve sobre ele a mão do Senhor (Ez 1:1-3).*

Palavra do SENHOR, que foi dirigida a Oseias, filho de Beerí, nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel (Os 1:1).

Palavra do SENHOR que, em visão, veio a Miqueias, morastita, nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, sobre Samaria e Jerusalém (Mq 1:1).

Palavra do SENHOR que veio a Sofonias, filho de Cusi, filho de Gedalias, filho de Amarias, filho de Ezequias, nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá (Sf 1:1).

As tuas palavras são em tudo verdade

O que surge dessa investigação da autoconfirmação do Antigo Testamento é uma cultura, em Israel, que

se reconhece confrontada por Deus mediante sua Palavra plena de autoridade, que não foi dada diretamente a cada indivíduo, mas por meio de pessoas escolhidas por Deus e capacitadas a falar confiavelmente sua palavra, incluindo a forma escrita. O surgimento de uma coleção desses escritos – o cânon da Bíblia hebraica – é, portanto, exatamente o que esperaríamos.

E, quando essa coleção de escritos surge, deveria ser manuseada com um cuidado extraordinário, porque não somente os escritos afirmam ser a Palavra de Deus, como também tornam explícita uma das claras implicações desse fato, ou seja, sua total veracidade.

Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa.

Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá? (Nm 23:19).

Também a Glória de Israel não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa (1 Sm 15:29).

As palavras do SENHOR são palavras puras, prata refinada em cadinho de barro, depurada sete vezes (Sl 12:6).

As tuas palavras são em tudo verdade desde o princípio, e cada um dos teus justos juízos dura para sempre (Sl 119:160).

Para sempre, ó SENHOR, está firmada a tua palavra no céu. A tua fidelidade estende-se de geração em geração; fundaste a terra, e ela permanece (Sl 119:89-90).

Toda palavra de Deus é pura; ele é escudo para os que nele confiam. Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda, e sejas achado mentiroso (Pv 30:5-6).

Nossas expectativas são elevadas

Os escritores do Antigo Testamento não fazem comentários a respeito do cânon do Antigo Testamento como um todo. Eles estão *no* drama, e

não assistindo a ele do lado de fora. Mas fazem afirmações impressionantes sobre Deus ao falarem diretamente a homens e por meio de homens. Há uma afirmação de que Deus tencionava que sua revelação fosse escrita. E há afirmações da veracidade inquestionável de Deus. Tudo isso significa que nossas expectativas são elevadas quando nos voltamos para Jesus – que afirmou ser o cumprimento do Antigo Testamento – e perguntamos: *qual era a estimativa de Jesus sobre esses escritos?*

Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar; vim para cumprir. Porque, em verdade, vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra.

MATEUS 5:17-18

39. Uma das descrições mais impressionantes da beleza e da vastidão da opinião da própria Bíblia sobre si mesma é de Wayne Grudem, “Scripture’s Self-Attestation and the Problem of Formulating a Doctrine of Scripture”, em *Scripture and Truth*, ed., D. A. Carson e John D. Woodbridge (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1983), 19-59.

40. James Barr, “The Interpretation of Scripture II: Revelation through History in the Old Testament and in Modern Theology”, *Interpretation* 187 (1963): 201-2.

Capítulo 6

A ESTIMATIVA DE JESUS SOBRE O ANTIGO TESTAMENTO

Em um sentido, Jesus estava no drama; e, em um sentido, ele podia vê-lo do lado de fora. Como assim? O drama da interação de Deus com o mundo prossegue depois do Antigo Testamento. Continua até hoje. Deus está agindo em sustentar o mundo, governar, salvar e conduzi-lo em direção ao dia em que Jesus virá de novo e

estabelecerá seu reino de adoração, justiça e paz. Mas, nesse drama da atividade de Deus no mundo, Jesus foi enviado para falar pessoalmente a infalível palavra de Deus ao seu povo e, depois, mediante seu Espírito, por meio de escritos – o Novo Testamento.

Com certeza, Deus habita em todos os cristãos por seu Espírito (Rm 8:9) e tem um relacionamento pessoal com todos eles. Os cristãos falam com ele como um Pai amoroso. E Deus se revela pessoalmente a eles, pela sua Palavra. É uma comunhão viva, pessoal e preciosa (Jo 14:18-23; Gl 2:20; 1 Pe 2:3). Mas nem nos tempos do Antigo Testamento, nem nos tempos do Novo Testamento, nem hoje, Deus entregou – nem entrega – sua palavra infalível diretamente a todos os seus filhos. Esse tipo de comunicação infalível, ele reservou para os livros – as Escrituras, os escritos inspirados.

Não recebemos o tipo de revelação direta e pessoal que Deus entregou por meio de seus apóstolos e profetas na Bíblia. Quando Paulo confrontou pessoas na igreja de Corinto que afirmavam receber revelações de Deus, ele não o negou, mas subordinou à sua própria palavra apostólica: “Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E, se alguém o ignorar, será ignorado” (1 Co 14:37-38).

Deus pode nos levar a ver e saber coisas, mas todas as nossas experiências reveladoras com Deus são subordinadas às Escrituras. Por isso, não somos infalíveis. Deus é. E a Palavra que ele inspirou também é. Podemos experimentar a dimensão poderosa e pessoal da Palavra de Deus quando o Espírito Santo a torna real e pessoal para nós (Rm 5:5). Mas Deus vinculou sua palavra infalível aos escritos – as Escrituras.

Portanto, há um sentido em que Jesus e nós estamos *dentro* do drama da história de redenção e

um sentido em que podemos vê-lo como um todo por meio da Palavra de Deus. Nós estamos na história. E podemos ler a história. O registro escrito dos lidares de Deus com a criação é nosso único guia confiável para entendermos a história em que estamos. Somente Deus vê todas as coisas e as vê perfeitamente. Ele inspirou um livro que é o único registro infalível da natureza, da vontade e do plano de Deus.

Portanto, quando Jesus vem ao mundo, isso acontece como parte da história de redenção. De fato, ele vem como a realização suprema da história de redenção (Mt 5:17), o cumprimento daquilo para o que o Antigo Testamento apontava (Rm 10:4; cf. Lc 24:27). Mas essa é a coisa crucial em referência ao Antigo Testamento. Quando Jesus vem, acha o Antigo Testamento terminado e completo. Ele não escreve o último capítulo do cânon do Antigo Testamento. O cânon está fechado. O drama prossegue. Embora Jesus tenha estado ativo no

Antigo Testamento (cf. Jo 12:41), agora ele vê o Antigo Testamento do lado de fora. É um livro. E Jesus o lê, embora antes estivesse agindo para trazer este livro à existência. Como disse o apóstolo Pedro:

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, *qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam* (1 Pe 1:10-11).

Ele escrevera a história. Agora, estava lendo-a. A pergunta diante de nós é: *qual era a estimativa de Jesus sobre este livro, as Escrituras hebraicas – que chamamos o Antigo Testamento?*

Jesus e os Salmos

Em síntese, a estimativa de Jesus sobre o Antigo Testamento e sua confiança nele eram perfeitas.

Trata-se de um livro que tem de ser cumprido na plenitude de seu escopo e não pode falhar nas minúcias de seus detalhes. Foi isso que ele ensinou.

No que diz respeito à inspiração, Jesus falou dos Salmos como a voz de homens que foram guiados pelo Espírito:

Jesus, ensinando no templo, perguntou: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi? O *próprio Davi falou, pelo Espírito Santo*: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés. O mesmo Davi chama-lhe Senhor; como, pois, é ele seu filho? (Mc 12:35-37).

A palavra “pelo” (“O próprio Davi falou, *pelo* Espírito Santo”) significa instrumentalidade. Isto é o que Jesus queria dizer: Davi falou “pela” orientação e o controle do Espírito. Isto foi o que Davi disse a respeito de suas próprias canções: “O Espírito do Senhor fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua” (2 Sm 23:2).

Esse também era o entendimento dos apóstolos quanto à inspiração de Davi. Pedro disse no dia de Pentecostes, cinquenta dias depois da ressurreição de Jesus: “Irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura *que o Espírito Santo proferiu anteriormente pela boca de Davi*, acerca de Judas” (At 1:16; Sl 69:25; cf. At 4:25; Hb 3:7; 10:15). De fato, essa foi precisamente a maneira como Pedro descreveu a inspiração de *toda* a profecia: “Homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1:21).

Deus falou o que Moisés falou

Há uma boa razão para crermos que Jesus pensava que todo o Antigo Testamento tinha esse tipo de conexão entre os autores humanos e a obra de guiar do Espírito de Deus. Quando Jesus abordou o assunto de divórcio, baseou sua posição nas palavras de Moisés sobre a história da criação, em Gênesis 2. As palavras que Jesus usou são uma evidência

incontestável de que ele via as palavras de Moisés como as palavras de Deus:

Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo? Então, respondeu ele: Não tendes lido que o *Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse*: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem (Mt 19:3-6).

Meu argumento aqui é um pouco detalhado, mas observe cuidadosamente. Quem disse: “Deixará o homem pai e mãe”? Resposta: “O Criador [do]... homem e mulher... disse...”. Ou seja, foi Deus. Mas, em Gênesis 2:24, Deus não é citado. O versículo que Jesus citou (Gn 2:24) simplesmente faz parte da narrativa que Moisés escreveu (“Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”).

Isso significa que Jesus entendia as narrativas de Moisés como o que Deus mesmo falara. Ele não pensava que temos a palavra de Deus somente naqueles lugares em que Moisés cita a voz de Deus. Toda a Escritura que Moisés escreveu era a voz de Deus. Isso confirma o que vimos antes – Deus tencionava que a voz de seus profetas fosse colocada de forma *escrita* e que tivesse a mesma autoridade no momento da pregação profética. Jesus confirma para nós que o Antigo Testamento é essa *escrita*.

As Escrituras não podem falhar

A inferência que Jesus extraiu desse tipo de inspiração das Escrituras foi que nenhuma delas pode falhar. Trata-se de uma afirmação abrangente. Jesus acabara de dizer aos judeus: “Eu e o Pai somos um”. E os judeus pegaram pedras para matá-lo (Jo 10:30-31). Eis a acusação e a maneira como Jesus se defendeu (visto que sua hora ainda não era chegada):

Responderam-lhe os judeus: “Não é por obra boa que te apedrejam, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo”. Replicou-lhes Jesus: “Não está escrito na vossa lei: ‘Eu disse: sois deuses?’ Se ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e *a Escritura não pode falhar*, então, daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: ‘Tu blasfemas’; porque declarei: ‘sou Filho de Deus?’” (Jo 10:33-36).

Nosso interesse aqui não é a estranheza da referência a “deuses”.⁴¹ Nosso interesse é a aparente inserção acidental das palavras “e a Escritura não pode falhar”. É a maneira de Jesus dizer: “Sim, esta é uma pequena, aparentemente incidental e, talvez, até mesmo obscura referência de Salmo 82:6 (Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo), mas a minha opinião – que, suponho, vocês compartilham – é que nem mesmo as pequenas partes da Escritura podem falhar”. Lembre-se: essa foi também a implicação das palavras de Jesus “nem um i ou um

til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra” (Mt 5:18).

Então, o que vimos até aqui é que Jesus acreditava que o Espírito Santo estivera guiando os autores da Escritura e que isso incluía não apenas partes em que era citado diretamente, mas também a outra narrativa e as partes poéticas; e isso significa que, na mente de Jesus, essas Escrituras não podem falhar – não podem estar erradas.

Elas o levarão ao erro?

Essa impecabilidade das Escrituras do Antigo Testamento é a razão pela qual conhecê-las nos guarda do erro – ou seja, conhecê-las corretamente nos guardará de errar quanto ao assunto que estão abordando. Jesus deixou isso bem claro na ocasião em que os saduceus tentaram fazer a doutrina da ressurreição parecer ridícula. Eles se aproximaram de Jesus com estas palavras:

Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de alguém e deixar mulher sem filhos, seu irmão a tome como esposa e suscite descendência a seu irmão. Ora, havia sete irmãos; o primeiro casou e morreu sem deixar descendência; o segundo desposou a viúva e morreu, também sem deixar descendência; e o terceiro, da mesma forma. E, assim, os sete não deixaram descendência. Por fim, depois de todos, morreu também a mulher. Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de qual deles será ela a esposa? Porque os sete a desposaram (Mc 12:19-23).

Jesus lhes respondeu: “Não provém o vosso erro de não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus?” (Mc 12:24). Ou seja, vocês erram porque não conhecem as Escrituras. Se as conhecessem e o poder de Deus que elas ensinam e a implicação que transmitem quanto à ressurreição do corpo, teriam sido protegidos de erros nesse assunto.

Aqui, Jesus nos ajuda a perceber por que a doutrina da inerrância da Escritura é importante. Não é meramente porque queremos afirmar que os documentos não contêm erros, mas, acima de tudo, para que não *erremos*. Ao preservar a *Bíblia* de erro,

Deus está *nos* amando. As Escrituras têm o alvo de proteger as pessoas. A verdade conduz à liberdade (Jo 8:32); o erro leva à escravidão (2 Tm 2:25-26). A verdade salva (2 Ts 2:10); o erro destrói (2 Ts 2:11). A verdade ilumina (Sl 43:3; Ef 5:9); o erro engana (Pv 12:17; 2 Co 11:13). A verdade dá a vida (1 Jo 5:20); o erro traz a morte (2 Sm 6:7). Portanto, Deus está interessado não somente em sua própria glória em ser um Deus da verdade (Rm 3:7), mas também em *nós*, quando guarda sua palavra do erro.

Jesus vence o Maligno com a Palavra

Como o perfeito Deus-*homem*, lutando contra as tentações de Satanás, no deserto, Jesus usou a palavra de Deus escrita como deveria. E estabelece o exemplo. Ele vence seus adversários pela verdade e pelo poder da Palavra de Deus. Isso é admirável, porque Jesus é Deus e poderia (como o fez muitas vezes) ter repellido Satanás com uma única palavra

de *si mesmo*. Mas, nesse caso, Jesus está sendo modelo de sua confiança humana na palavra do Pai.

Quando Satanás tentou Jesus no deserto, Jesus o venceu em cada ocasião por citar a Escritura. Ele fez isso, embora fosse o Filho de Deus – o que é o próprio argumento da tentação (“Se és Filho de Deus...”). Como Filho de Deus, Jesus tinha em si mesmo o poder para dizer a Satanás que se retirasse da maneira como falou aos dois mil demônios que se retirassem para a manada de porcos (Mc 5:12-13). Mas, em vez de usar esse poder, ele nos deu um exemplo. Observe a palavra “escrito”:

Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: “Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”. Jesus, porém, respondeu: “*Está escrito*: ‘Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus’”. Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: “Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: ‘Aos seus anjos, ordenará a teu respeito que te guardem’; e: ‘Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra’” (Mt 4:3-6).

E Jesus contestou o uso errado da Escritura por parte de Satanás com um uso verdadeiro:

Também está *escrito*: “Não tentarás o Senhor, teu Deus” (Mt 4:7).

Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares”. Então, Jesus lhe ordenou: “Retira-te, Satanás, porque está *escrito*: ‘Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto’” (Mt 4:8-10).

Em cada ataque, Jesus venceu seu adversário – um inimigo sobrenatural muito poderoso – ao citar o que está *escrito* – as Escrituras do Antigo Testamento. O resultado? “Com isso, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram” (Mt 4:11).

Ele fez a mesma coisa com seus adversários humanos. Quando viu a maneira como o comportamento dos escribas e fariseus não se

harmonizava com seu ensino da lei mosaica, Jesus reagiu censurando não a lei de Moisés, mas a incoerência dos mestres. Ele afirmou explicitamente que o problema não era a lei: “Na cadeira de *Moisés*, assentaram-se os escribas e os fariseus. Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis em suas obras; porque dizem e não fazem” (Mt 23:2-3). Em outras palavras, ainda que a Palavra de Deus venha por meio de instrumentos hipócritas (como os fariseus), ainda é a Palavra de Deus. Ela tem sua autoridade não das pessoas que a ensinam, mas de Deus, que a inspirou.

A estimativa de Jesus sobre o Antigo Testamento como um indicador de visão espiritual

Há pelo menos duas ocasiões em que Jesus chamou a atenção para a natureza peculiar do Antigo Testamento como um tipo de indicador da abertura de uma pessoa a outras verdades. Em outras

palavras, ele mostrou que, se alguém não crê na Palavra de Deus no Antigo Testamento, há um tipo de cegueira que talvez o impeça de ver a verdade sobre o inferno e sobre Jesus. A implicação dessas duas passagens parece ser que o Antigo Testamento não é um livro comum, mas tem uma inspiração e uma autoridade que o tornam diferente no efeito que tem sobre como alguém vê outras verdades.

O rico e Lázaro

A primeira ocasião é a história do homem rico e de Lázaro, o pobre que vivia à porta do rico. Ambos os homens morrem e vão para lugares diferentes:

Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. Então, clamando, disse: “Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama”. Disse, porém, Abraão: “Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males;

agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos. E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós”. Então, replicou: “Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento” (Lc 16:22-28).

A esse pedido, Abraão diz: “Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos” (v. 29). Em outras palavras, Deus já deu revelação a seus irmãos, e ela é suficiente. Mas a ênfase aqui é que ela é *mais* do que suficiente.

O rico protesta que as Escrituras não são suficientes: “Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão” (v. 30). Em outras palavras, o que eles precisavam era de um milagre para despertá-los. A voz de Deus não é suficiente; tem de haver algo mais sensacional.

Em seguida, Abraão diz algo realmente admirável: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco

se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (v. 31). Isso é admirável por duas razões. Uma é que pensamos instintivamente que ver alguém ressuscitando dos mortos seria mais convincente do que ler a Escritura. Então, por que Abraão deu essa resposta?

Por que a ressurreição não convenceria?

A outra razão pela qual as palavras de Abraão são admiráveis é que sinais e maravilhas miraculosas (como ressurreições, curas e exorcismos) foram vistos de maneira positiva pelos apóstolos como testemunhas da veracidade de sua mensagem – e Deus os usou para dar testemunho da veracidade de sua palavra. Por exemplo, Paulo e Barnabé, quando estiveram em Icônio, falaram “ousadamente do Senhor, o qual *confirmava a palavra da sua graça, concedendo que, pela mão deles, se fizessem sinais e prodígios*” (At 14:3). E Hebreus 2:3-4 nos lembra que a salvação, tendo sido “anunciada inicialmente

pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; *dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres* e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade”. Portanto, os milagres têm valor no processo de convencer as pessoas acerca da verdade da Palavra de Deus.

O efeito de uma ressurreição realizada pelos apóstolos pode ser visto em Atos 9:36-42. Uma discípula chamada Tabita havia morrido. Seus amigos pediram a Pedro que viesse e orasse por ela. Ele fez isso e Deus a ressuscitou dos mortos. Qual foi o efeito? “Chamando os santos, especialmente as viúvas, apresentou-a viva. Isso se tornou conhecido por toda Jope, e muitos creram no Senhor” (At 9:41-42).

O que Abraão quis dizer quando falou com o homem rico que estava no inferno: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão

persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lc 16:31)?

A primeira coisa que podemos dizer é o seguinte: milagres, por si mesmos, não convencem pecadores da verdadeira beleza espiritual de Jesus Cristo. Milagres podem convencer pecadores de que Jesus pode realizar milagres e de que ele seria um rei muito útil (Jo 6:15, 26). Milagres até convenceram os próprios irmãos de Jesus de que ele era um realizador de milagres. Eles insistiram com Jesus para que fosse a Jerusalém a fim de exhibir seu poder, “porque ninguém há que procure ser conhecido em público e, contudo, realize os seus feitos em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo” (Jo 7:4). Mas, sobre isso, João comentou: “Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele” (Jo 7:5; ver 2:22-25). Eles foram persuadidos pelos milagres, *mas* não eram verdadeiros crentes.⁴²

Quando Abraão disse: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda

que ressuscite alguém dentre os mortos”, talvez estivesse querendo dizer isto: *onde quer que haja surdez espiritual à voz de Deus no Antigo Testamento, milagres exteriores não curarão essa surdez espiritual*. Algo mais é exigido quando lemos a Escritura. E algo mais é exigido quando olhamos para um milagre. A mesma morte que cega para a primeira também cega para a segunda. E uma ou outra – a Escritura ou o milagre – pode ser a oportunidade para que essa morte seja removida. Mas, enquanto a morte permanece, nenhuma ressurreição será convincente.

Deus pode dar olhos para ver e ouvidos para ouvir quando uma ressurreição acontece (ou não – João 11:45-53), assim como pode dar ouvidos para ouvir e olhos para ver quando as Escrituras são ouvidas (ou não – Lc 4:16-30). Mas, em ambos os casos, a causa decisiva é a obra iluminadora de Deus, e não a palavra ou a obra externas. Alguém pode ler a Escritura e ver um milagre, mas *não* ver a glória de

Deus. Ver a glória de Deus na Palavra de Deus ou na obra de Deus é um dom de Deus (2 Co 4:6; 2 Tm 2:25-26).

Se esse dom for dado na leitura cheia de fé do Antigo Testamento (como no caso de Ana e Simeão, Lc 2:25-38), então o coração iluminado será capaz de reconhecer a chegada do Messias. Em outras palavras, a presença de um milagre não cria o coração que vê, mas confirma-o. Entretanto, se a leitura da Palavra de Deus se defronta somente com cegueira espiritual, então nenhum milagre externo, observado pelos olhos físicos, removerá a cegueira (Jo 5:38; 10:25).

“Se... crêsseis em Moisés”

A segunda ocasião em que Jesus chamou a atenção para a natureza peculiar do Antigo Testamento como um tipo de indicador da abertura de uma pessoa para outras verdades é em João 5:39-47. Jesus disse aos líderes dos judeus:

Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida. Eu não aceito glória que vem dos homens; sei, entretanto, que não tendes em vós o amor de Deus. Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis... se, de fato, crêsseis em Moisés, também crerieis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito. Se, porém, não credes em seus escritos, como creereis em minhas palavras?

Isso mostra, outra vez, que a cegueira para com o testemunho do Antigo Testamento acerca de Jesus é a mesma cegueira que impede uma pessoa de reconhecer Jesus quando ele vem. Isso significa que Jesus acreditava em um tipo de beleza e de verdade autoconfirmadora no Antigo Testamento que demonstrava se uma pessoa estava espiritualmente preparada para ver a glória de Cristo, quando ele se revelasse na história e no evangelho. Essa é uma das mais elevadas estimativas que pode ser dada ao Antigo Testamento – a estimativa de Jesus.

Jesus viu sua vida, morte e ressurreição como um cumprimento da Escritura

Já vimos que Jesus esperava plenamente que os escritos do Antigo Testamento, incluindo suas menores afirmações, se cumprissem.

Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque, em verdade, vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra (Mt 5:17-18).

O que ainda não vimos é a maneira usual como Jesus não somente prediz esse cumprimento da Escritura, como também destaca, repetidas vezes, durante sua vida, quando e como ela estava acontecendo. Eis alguns exemplos.

- O que aconteceu com Jesus em seus dias finais foi o cumprimento da Escritura:

Tomando consigo os doze, disse-lhes Jesus: “Eis que subimos para Jerusalém, e vai cumprir-se ali tudo quanto está escrito por

intermédio dos profetas, no tocante ao Filho do Homem; pois será ele entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado e cuspidos; e, depois de o açoitarem, tirar-lhe-ão a vida; mas, ao terceiro dia, ressuscitará” (Lc 18:31-33).

- A purificação do templo por Jesus foi um cumprimento de Isaías 56:7:

Entrando ele no templo, passou a expulsar os que ali vendiam e compravam; derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. Não permitia que alguém conduzisse qualquer utensílio pelo templo; também os ensinava e dizia: “*Não está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações?’ Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores” (Mc 11:15-17).*

- A cegueira das pessoas em relação às parábolas cumpriu a profecia de Isaías 6:9-10:

Por isso lhes falo por parábolas; porque, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem. De sorte que *neles se cumpre a profecia de Isaías: “Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entendereis; vereis com os olhos e de nenhum modo percebereis” (Mt 13:13-14).*

- Jesus descreveu todo o seu ministério como o cumprimento de Isaías 61:11-12:

Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhes deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor”. Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: “*Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir*” (Lc 4:16-21).

- Tanto o ministério de Jesus como o de João Batista se realizaram de acordo com a Escritura (Is 52:13-53:12; 1 Rs 19:1-2):

E interrogaram-no, dizendo: “Por que dizem os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?”. Então, ele lhes disse: “Elias, vindo primeiro, restaurará todas as coisas; como, pois, *está escrito sobre o Filho do Homem, que sofrerá muito e será aviltado?* Eu, porém, vos digo que Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram, *como a seu respeito está escrito*” (Mc 9:11-13).

- Jesus viu sua traição por Judas como o cumprimento do Salmo 41:9:

O Filho do Homem vai, *como está escrito a seu respeito*; mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido (Mc 14:21).

Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que *se cumpra a Escritura*: “Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar” (Jo 13:18).

- Jesus viu o abandono de seus discípulos como um cumprimento de Zacarias 13:7:

Então, Jesus lhes disse: “Todos vós vos escandalizareis, porque está escrito: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas’” (Mc 14:27).

- Jesus viu em sua detenção como um criminoso o cumprimento de Isaías 53:12:

Pois vos digo que *importa que se cumpra em mim o que está escrito*: “Ele foi contado com os malfetores”. Porque o que a mim se refere está sendo cumprido (Lc 22:37).

Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos? *Como, pois, se*

cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?
(Mt 25:53-54).

- Jesus ensinou que devemos estar prontos para crer em tudo que os profetas do Antigo Testamento falaram e que todas as Escrituras apontavam para ele:

Então, Jesus lhes disse: “Ó néscios e tardos de coração para crer em tudo que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?” E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava *em todas as Escrituras* (Lc 24:25-27).

A estimativa de Jesus é suprema

No Capítulo 2, vimos que a Bíblia que Jesus conhecia e amava era a mesma Bíblia hebraica que está por trás de nosso Antigo Testamento. Portanto, a estimativa de Jesus sobre a sua Bíblia é, em essência, a estimativa sobre o nosso Antigo Testamento.

Neste capítulo, vimos que a estimativa de Jesus sobre esse Antigo Testamento é suprema. Ao fazer

essa estimativa, Jesus teve uma posição inigualável na história. Seu relacionamento com o Antigo Testamento foi único. Ele estava lá em sua composição, guiando os profetas (1 Pe 1:11) e, depois, veio à história e estudou o livro que ele mesmo guiou e trouxe à existência. Somente Jesus, em toda a história, foi ativo como um autor, um tema, um cumprimento e um assessor do Antigo Testamento. Portanto, sua estimativa tem uma importância extraordinária.

Jesus ensinou que tudo no Antigo Testamento tinha de ser cumprido, que os escritores de Salmos falaram pelo Espírito Santo, que as palavras de Moisés nas Escrituras eram as próprias palavras de Deus, que nem uma parte sequer das Escrituras pode falhar, que a fidelidade às Escrituras nos guarda do erro, que elas podem vencer os adversários mais poderosos, que indicam se os olhos de nosso coração estão abertos para conhecer a Jesus, além de serem um script virtual sendo atuado

no triunfo de Jesus, em seus sofrimentos, morte e ressurreição.

E, se os cétricos objetarem: *como podemos saber que todas esses relatos acerca do que Jesus ensinou sobre o Antigo Testamento são históricos?*, há dois tipos de respostas. Um é da natureza da história; o outro é da obra do Espírito.

Do ponto de vista da história, os eruditos mais cétricos pensam que grande parte do Novo Testamento não aconteceu realmente, mas, apesar disso, admitem o fato de que o Jesus da história acreditava ardentemente no Antigo Testamento. Podem até pensar que Jesus estava errado. Mas a negação de que ele aceitava a autoridade divina do Antigo Testamento não é defendida com seriedade. Não há simplesmente nenhuma camada de evidência histórica para apoiá-la, dizem eles.

Do ponto de vista do Espírito Santo, há boas razões para acreditarmos que o Jesus que encontramos nos evangelhos do Novo Testamento é

o real e divino-humano Jesus da história, e que sua estimativa sobre o Antigo Testamento e seus planos para o Novo Testamento são dignos de confiança. Isso é o que consideraremos depois, nos capítulos 8 a 17. Antes disso, há mais um grupo de testemunhas que devemos ouvir no que concerne àquilo que a Bíblia afirma a respeito de si mesma – ou seja, os apóstolos.

Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E, se alguém o ignorar, será ignorado.

1 CORÍNTIOS 14:37-38

41. Se você está interessado na referência a “deuses”, falei sobre isso num sermão pregado em 2011. O texto, bem como o áudio e o vídeo, estão disponíveis em <http://www.desiringgod.org/sermons/i-and-the-father-are-one>.

42. No Capítulo 15, falaremos mais sobre esse assunto de como a glória de Deus é vista nos milagres de Jesus.

Capítulo 7

A AUTORIDADE DOS APÓSTOLOS

Visto que a formação do cânon do Novo Testamento foi, em sua maior parte, um reconhecimento da realidade do que o Novo Testamento afirmava sobre si mesmo – e o que ele demonstrou *ser* por inspiração divina –, já consideramos esse tema de maneira significativa no Capítulo 3, sobre o cânon do Novo Testamento. Entretanto, há mais coisas que precisamos considerar. Aquilo a que tento responder neste capítulo é: *quais reivindicações os escritos dos apóstolos*

fizeram sobre si mesmos?

A autoridade dos apóstolos vem de Jesus

A primeira e a mais importante coisa a dizer é que, à parte da autoridade suprema de Jesus Cristo, os escritos dos apóstolos nada reivindicam para si mesmos. Toda a sua autoridade é conscientemente derivada. Jesus Cristo é aquele que possui “toda a autoridade... no céu e na terra” (Mt 28:18). É o único

a quem o Pai deu “autoridade sobre toda a carne” (Jo 17:2);

o único que afirmou: “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11:27);

o único que podia dizer: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14:6);

o único que podia dizer: “Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18);

o único que ensinou de maneira tão incomparável que as multidões ficavam “maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas” (Mt 7:28-29);

o único que, “quando vier... na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas” (Mt 25:31-32);

o único que podia dizer: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (Mt 24:35);

o único que “repreendeu o vento e a fúria da água. Tudo cessou, e veio a bonança” (Lc 8:24).

o único que ordenou ao demônio, com toda a autoridade: “Cala-te e sai deste homem. O demônio, depois de o ter lançado por terra no meio de todos, saiu dele sem lhe fazer mal. Todos ficaram grandemente admirados e comentavam entre si, dizendo: “Que

palavra é esta, pois, com autoridade e poder, ordena aos espíritos imundos, e eles saem?” (Lc 4:35-36);

o único que, reivindicando perdoar pecados, o que somente Deus pode fazer, disse: “Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados – disse ao paralítico –, eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (Mc 2:10-11).

o único que ousaria dizer: “O Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz” (Jo 5:19).

Essas são as coisas que os apóstolos viram, ouviram, lembraram e registraram. “Este é o Senhor de todos” (At 10:36). Ele é Deus (Jo 1:1; 20:28; Rm 9:5; Cl 2:9; Hb 1:8-9). As palavras do Antigo Testamento que foram aplicadas a *Iaveh*, os apóstolos aplicaram a Jesus ressuscitado (Rm 10:11; 1 Co 1:31; 2 Co 10:17; Ef 4:8; Fp 2:10); Jesus é, portanto, “o nosso único Soberano e Senhor” (Jd 4).

Jesus, uma nova e única autoridade no mundo

Herman Bavinck, o teólogo reformado holandês da Universidade Livre de Amsterdã, resumiu nestes termos o lugar que Jesus ocupava na mente de suas testemunhas do Novo Testamento:

Em todo o Novo Testamento, o testemunho de Jesus é considerado divino, verdadeiro e infalível. Ele é o Logos que torna o Pai conhecido (Jo 1:18; 17:6), a testemunha verdadeira e fiel (Ap 1:5; 3:14; cf. Is 55:4), o Amém no qual todas as promessas de Deus são o “sim” e o “amém” (Ap 3:14; 2 Co 1:20). Não houve nenhum dolo em seus lábios (1 Pe 2:22). Ele é o apóstolo e sumo sacerdote de nossa confissão (Hb 3:12; 1 Tm 6:13). Não fala *ek tōn idiōn* [da parte de si mesmo], como Satanás, que é mentiroso (Jo 8:44), mas Deus fala por meio de Jesus (Hb 1:2). Jesus foi enviado por Deus (Jo 8:42) e dá testemunho somente daquilo que viu e ouviu (Jo 3:32). Ele fala as palavras de Deus (Jo 3:34; 17:8) e dá testemunho somente da verdade (Jo 5:33; 18:37). Por essa razão, seu testemunho é verdadeiro (Jo 8:14; 14:6), confirmado pelo testemunho de Deus mesmo (5:32, 37; 8:18).⁴³

Em outras palavras, como vimos no Capítulo 3, Jesus Cristo era uma nova e absolutamente única e suprema autoridade no mundo. Ele foi a entrada de Deus na história. Sua autoridade era, portanto, absoluta. Era suprema sobre o Antigo Testamento, que ele considerou infalível (Jo 10:35), e suprema, agora, sobre a igreja, que ele disse que edificaria com poder tão irresistível que as portas do inferno não prevaleceriam contra seu avanço (Mt 16:18).

O alvo de Jesus é governar seu povo por meio da Escritura

Outro erudito holandês, Norval Geldenhuys, considerou a absoluta autoridade de Jesus e seu propósitos para o mundo, extraíndo a implicação quanto ao papel que a Escritura deveria ter. O propósito de Jesus era propagar um movimento, em seu nome e para sua glória, para todos os povos do mundo (Mt 28:18-20). Ele almejava reunir em igrejas um povo redimido (Mt 18:17). E almejava

que todos vivessem sob a autoridade de seus ensinamentos até o fim do tempo (Mt 7:24-27). Geldenhuys concluiu que isso implica que Cristo proverá uma autoridade escrita para sua igreja, como Deus o fez para seu povo no Antigo Testamento:

O fato, *como tal*, de que Jesus possui autoridade suprema e divina é, mesmo à parte de ser reconhecido por todos os autores do Novo Testamento e por toda a igreja primitiva, de importância tremenda para o estudo da formação do Novo Testamento. Porque nos dá a segurança de que o Senhor de toda autoridade cuidaria para que, por meio da operação de seu poder, um relato confiável e completo e uma proclamação autêntica referente à importância de sua vida e de sua obra fossem escritos e preservados para as gerações vindouras. Porque a revelação de Deus em Cristo foi completa e *ephapax* (de uma vez por todas), conclui-se logicamente que o Senhor a quem foi dada toda a autoridade no céu e na terra regularia a história da igreja primitiva de tal maneira que o cânon do Novo Testamento seria genuíno e todo-suficiente.⁴⁴

Essa dedução lógica de Geldenhuys é, de fato, o que o Novo Testamento revela. Desde o começo de

seu ministério, Jesus estava preparando as coisas para transmitir sua verdade e autoridade à sua igreja, por meio de porta-vozes autorizados que ensinariam com autoridade, colocariam seus ensinamentos em forma escrita e deixariam um conjunto de escritos inspirados pelos quais Cristo governaria sua igreja até o seu retorno. Cristo fez isso ao chamar os apóstolos, comissioná-los e, depois, enviar o Espírito para guiá-los.

Jesus escolheu e preparou os apóstolos

A palavra *apóstolo* não é sinônimo de *discípulo*. *Discípulo* significa “seguidor” ou “aprendiz”, enquanto *apóstolo* significa “representante autorizado”. Veja a transição de discípulo para apóstolo em Lucas 6:12-13: “Naqueles dias, retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus. E, quando amanheceu, chamou a si os seus *discípulos* e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de *apóstolos*”. Todos os

apóstolos são discípulos. Mas nem todos os discípulos são apóstolos. Todos os cristãos são discípulos (At 11:26). Mas os doze apóstolos são um grupo de discípulos aos quais Jesus deu uma parte de sua autoridade. Observe em Mateus 10:1-2 que os Doze são inicialmente chamados “discípulos”, porém, depois de receberem autoridade, são chamados “apóstolos”:

Tendo chamado os seus doze *discípulos*, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades. Ora, os nomes dos doze *apóstolos* são estes: primeiro, Simão...

No começo, Jesus os preparou para seu ministério autorizado como representantes, supervisionando o trabalho deles pessoalmente:

Tendo Jesus convocado os doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para efetuarem curas. Também os enviou a

pregar o reino de Deus e a curar os enfermos... Então, saindo, percorriam todas as aldeias, anunciando o evangelho e efetuando curas por toda parte... Ao regressarem, os apóstolos relataram a Jesus tudo o que tinham feito. E, levando-os consigo, retirou-se à parte para uma cidade chamada Betsaida (Lc 9:1-2, 6, 10).

Eles eram emissários de Jesus. Quando estava terminando seu ministério terreno, Jesus orou ao Pai e confirmou que fizera tudo que o Pai lhe confiara a fazer: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17:4). Incluído nesta missão do Pai, estava isto: “Eu lhes tenho dado a tua palavra” (v. 14). Jesus diz novamente: “Eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste” (v. 8). Isso era o âmago da autorização apostólica. Deus desejava que suas palavras fossem conhecidas de seu povo na terra. Por isso, ele enviou o Filho nessa missão – transmitir a verdade de Deus ao homem em palavras dadas pelo Pai: “Para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (Jo 18:37).

As palavras dos apóstolos eram as palavras de Jesus

Ao escolher doze apóstolos, Jesus colocou em operação a continuidade da transferência autoritária da verdade de Deus para o homem. Eles se tornaram os embaixadores autorizados da Palavra de Deus. O que acontecia com eles acontecia com Jesus; a aceitação deles era a aceitação de Jesus (Mt 10:40). Suas palavras eram as palavras de Jesus (Jo 15:7). Os apóstolos começaram a ser a voz de Jesus enquanto ele ainda estava aqui (Mt 10:27). Eles se tornaram a voz de Jesus (At 8:25) e as mãos operadoras de milagres (At 5:12), depois que ele ascendeu ao Pai. Essa é a razão pela qual Lucas começa seu segundo volume, o livro de Atos, dizendo: “Escrevi o primeiro livro [o evangelho de Lucas], ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus *começou* a fazer e a ensinar” (At 1:1). Em outras palavras, o ponto é que, enquanto esteve na terra, Jesus *começou* a fazer e a ensinar sua igreja; e

agora, que ascendeu ao céu, ele continua a “fazer e a ensinar” – ou seja, pelo seu Espírito, por meio de seus porta-vozes inspirados.

Isso aconteceu por meio dos apóstolos de maneira única, porque esse tipo de representação autorizada é o que significa ser um apóstolo.

Ao chamar os doze homens que escolhera do círculo maior de discípulos pelo nome de “apóstolos” (*sheluhim*), e não meramente de “mensageiros” ou “arautos”, Jesus deixou claro que eles deveriam ser seus delegados que seriam enviados com a missão de ensinar e agir em seu nome e segundo sua autoridade. O fato de que isso era o que ele realmente tencionava é mostrado por toda a história de seus líderes com os Doze.⁴⁵

Como vimos no Capítulo 3, a maneira como Jesus assegurou a confiabilidade da obra representativa dos apóstolos foi prometer-lhes a ajuda especial do Espírito Santo, o Espírito da verdade (João 14: 25-26, 16: 12-14). Portanto, quando Jesus subiu ao céu, os apóstolos tinham um profundo senso de

responsabilidade dada por Deus para servir completamente submetidos à autoridade do Cristo ressuscitado. Eles sabiam que tinham autoridade única. E sabiam que isso não era algo absoluto. Eles eram homens sob autoridade.

Falamos de Cristo “na presença de Deus”

Paulo (Rm 1:1), Tiago (1:1), Pedro (2 Pe 1:1) e Judas (Jd 1), todos eles chamam a si mesmos de “servos” de Jesus Cristo. Isso significa que eles não pertenciam a si mesmos e não ensinavam a igreja como se pudessem falar de si mesmos ou em seu nome (1 Co 15:10; Mt 10:20). Eles falavam como homens que estavam debaixo de autoridade.

Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus (2 Co 2:17).

Pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de

Deus; antes, recomendamos-nos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade (2 Co 4:2).

Na terra, Jesus estabeleceu-se como o supremo Senhor e autoridade deles. Sua palavra era absoluta. O grupo de apóstolos não era uma democracia. Jesus era o Rei. Sua palavra era a lei. Como James Denny diz:

Nada é mais improvável do que Jesus fazer violência à liberdade de alguém ou invadir a sacralidade da consciência e da responsabilidade pessoal; mas o fato inquestionável é que, sem destruir a vontade deles, Jesus impôs sua própria vontade sobre eles e se tornou para eles uma autoridade moral suprema à qual se submeteram totalmente e pela qual foram motivados.⁴⁶

Doze fundamentos

Assim, quando Judas, um dos Doze, precisou ser substituído, os onze apóstolos sabiam que o Senhor mesmo faria corretamente essa escolha. Ele deixara

claro que os critérios para alguém fazer parte dos Doze eram:

Homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, começando no batismo de João, até o dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição (At 1:21-22).

Com esses critérios dados por Jesus, os onze apresentaram dois candidatos, e oraram para que Jesus escolhesse, e lançaram sortes:

E, orando, disseram: “Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido para preencher a vaga neste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou, indo para o seu próprio lugar”. E os lançaram em sortes, vindo a sorte a recair sobre Matias, sendo-lhe, então, votado lugar com os onze apóstolos (At 1:24-26).

Uma vez que os Doze foram estabelecidos para seu ministério fundacional, não havia nenhum plano ou

provisão para serem substituídos. Paulo se referiu à nova e crescente igreja como “a família de Deus, edificados sobre o *fundamento dos apóstolos e profetas*, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Ef 2:19-20). E, em Apocalipse, João descreveu a igreja como uma cidade que descia do céu, cujas muralhas tinham “*doze fundamentos*, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro” (Ap 21:14). O ensino de Paulo e João é que os fundamentos que Cristo estabeleceu são inalteráveis e de uma vez por todas. Não são substituídos em cada geração. Os apóstolos foram de uma vez por todas.

Alfred Plumer esclarece este ponto com base no propósito intrínseco do apostolado como Jesus o criou:

A ausência do ensino de Cristo a respeito de um sacerdócio dos Doze ou à transmissão dos poderes dos Doze a outros é notável. Como a função primária dos Doze era atuarem como testemunhas do que Cristo ensinara e fizera, especialmente em ressuscitar dos

mortos, nenhuma transmissão desse ofício excepcional era possível.⁴⁷

Paulo, um apóstolo, por mandato de Deus

No Capítulo 17, teremos muito mais a dizer sobre o grande apóstolo Paulo. E, evidentemente, ele é digno de toda a atenção que lhe pudermos dar. Sob a direção de Jesus, nenhum homem foi mais influente do que Paulo na história do mundo. Essa é uma afirmação grandiosa, mas estimo como suas cartas têm agido na alma da raça humana, onde quer que o cristianismo tenha chegado. Certamente, em meu caso, seria verdadeiro que, depois de Jesus, ninguém me tem moldado mais do que Paulo. Minha estimativa acerca de Paulo e minha afeição por ele são quase ilimitadas. E o “porquê” ficará evidente à medida que prosseguirmos, em especial no Capítulo 17.

O chamado de Paulo como apóstolo foi surpreendente para ele, como o foi para os Doze.

No Capítulo 3, vimos o processo de sua aprovação. Mas, visto que o Cristo ressurreto o chamou e o confirmou como apóstolo (Gl 1:1), e os Doze o reconheceram como igual a eles (Gl 2:7-10), o testemunho de Paulo quanto à inspiração e à autoridade dos apóstolos foi incomparável. Ele foi resolutivo na afirmação de seu próprio apostolado (1 Tm 2:7; 1 Co 9:1-2; 15:8-10; 2 Co 12:12). Paulo sabia que Jesus lhe dera autoridade singular para a edificação da igreja (2 Co 10:8; 13:10). Sabia que o evangelho que ele pregava era o fundamento e seria uma pedra de tropeço para todos os outros adversários (Gl 1:8-10). Paulo sabia que, ao pregar em nome de Cristo, o que ele proclamava era verdadeiramente a Palavra de Deus (1 Ts 2:13). Sabia que sua pregação não procedia dele mesmo e que sua mensagem lhe fora confiada “por mandato de Deus” (Tt 1:3).

Portanto, ele sabia que não era inferior àqueles que pretendiam passar por apóstolos, ainda que

procedessem de Jerusalém: “Em nada fui inferior a esses tais apóstolos, ainda que nada sou. Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos” (2 Co 12:11-12). E ressaltou, com veemência impressionante, que sua autoridade era mais elevada do que qualquer reivindicação de autoridade profética entre os carismáticos em Corinto: “Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E, se alguém o ignorar, será ignorado” (1 Co 14:37-38).

Não é surpreendente que Paulo tenha conjurado os tessalonicenses a lerem sua carta dirigida à igreja (ver 1 Ts 5:27). Ele via suas cartas como um meio extraordinário de pregação cristã. Eram fundamentos. São aquilo em que a pregação cristã deve basear-se até que Jesus volte. Paulo sabia que Deus lhe dera o papel de falar por meio do Espírito Santo: “Disto [sabedoria] também falamos, não em

palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais” (1 Co 2:12-13).

Em outras palavras, Paulo afirma que, em cumprimento da promessa de Jesus de enviar seu Espírito para guiar os apóstolos à verdade (Jo 14:25-26; 16:12-14), ele foi inspirado pelo Espírito a escrever a verdade que estava essencialmente no mesmo nível das Escrituras inspiradas e autoritárias do Antigo Testamento. Como já vimos, isto é o que Pedro disse sobre os escritos de Paulo:

E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as *demais Escrituras*, para a própria destruição deles (2 Pe 3:15-16).

A autoridade deles subsiste com a de Jesus

A afirmação dos apóstolos de falarem com veracidade inerrante, em Cristo, pelo Espírito Santo, é o desenvolvimento orgânico da esperança do Antigo Testamento e da encarnação do Filho de Deus como Jesus, o Messias. Os apóstolos não se impuseram à igreja com reivindicações imaginárias de inspiração profética. Eles foram chamados e designados pelo Messias, enviado por Deus, em cumprimento do Antigo Testamento. A veracidade e a autoridade dos apóstolos subsistem com a do Messias.

Ele veio para dar testemunho da verdade (Jo 18:37), com toda a autoridade de Deus (Jo 17:2; Mt 28:18). Planejou e preparou as coisas para que a verdade e a autoridade fossem preservadas por meio de um grupo de apóstolos, que ele guiaria por seu próprio Espírito a toda a verdade necessária para a fundação e a preservação de sua igreja (Jo 14:25-26; 16:12-14; Ef 2:20; 1 Co 2:13). Em perfeita harmonia com a vontade de Deus para Cristo e da

vontade de Cristo para a igreja, esses porta-vozes colocaram seus ensinamentos em forma escrita, com um senso consciente e solene de que o que escreveram para a igreja seria sua Constituição infalível até a volta de Jesus.

Portanto, nos capítulos seguintes, debruçaremos sobre a seguinte pergunta: as afirmações da Bíblia a respeito de si mesma (o que vimos nos Capítulos 5 a 7) são verdadeiras? A Bíblia cristã é a Palavra de Deus no pleno sentido de Escritura inerrante e inspirada? Minha resposta a essa pergunta é sim. E o resto deste livro é meu esforço para mostrar como podemos ter a convicção inabalável de que isso é verdadeiro.

-
43. Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics: Prolegomena* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2003), 397-98.
44. J. Norval Geldenhuys, *Supreme Authority: The Authority of the Lord, His Apostles, and the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1953), 43.
45. Ibid., 54. “Aplicado a uma pessoa, o termo *apóstolos* denota mais do que *aggelos*. O ‘apóstolo’ é não somente o mensageiro, mas também o delegado da pessoa que o envia. É encarregado de uma missão, tem poderes que lhe foram conferidos”. J. B. Lightfoot, *Epistle to the Galatians* (New York: Macmillan, 1865), 89.
46. James Denny, em *Dictionary of Christ in the Gospels*, ed. James Hastings (Edinburgh: T&T Clark, 1906), s.v. “authority”.
47. A. Plummer, em *Dictionary of the Apostolic Church*, ed. James Hastings (New York: Charles Scribner’s Sons, 1916), s.v. “apostle”.

Parte 4

COMO PODEMOS SABER QUE AS ESCRITURAS CRISTÃS SÃO VERDADEIRAS?

“... por uma visão da sua glória”

Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

LUCAS 10:22

Capítulo 8

UM INTERESSE COMPARTILHADO COM JONATHAN EDWARDS

A Bíblia é verdadeira? Totalmente verdadeira? Do começo ao fim. É tão digna de confiança em todos os seus ensinamentos que pode funcionar como o teste de todas as outras afirmações de verdade? Como argumentei que o ponto de vista da Bíblia a respeito de si mesma é que é a Palavra de Deus, e não mera palavra de homens,

essa pergunta agora inclui: essa afirmação é verdadeira? Quando entendida corretamente, a Bíblia ensina qualquer coisa que não seja verdadeira? E, é claro, quando fazemos essa pergunta, temos em mente o fato de que muitos dos ensinamentos do Antigo Testamento (como as leis que se referem a comida, circuncisão, sacrifícios e rituais de purificação que separavam Israel das outras nações) já se cumpriram e foram terminados por Cristo, não se aplicando a nós hoje da maneira como se aplicavam a Israel no Antigo Testamento.

Inspirada verbalmente, infalível, sem erros

Conservando tudo isso em mente, perguntamos: *a Bíblia é, como expressão da verdade de Deus, infalível? É inerrante?* O que leva a outra pergunta relacionada: *a Bíblia tem autoridade final sobre a nossa vida?* Devemos tentar harmonizar todo o nosso pensamento, sentimento e ação com o que a Bíblia ensina?

Minha resposta é esta, procedente da declaração de fé que rege o Bethlehem College and Seminary e o website desiringGod.org, bem como a igreja que pastoreei por 33 anos e outras igrejas irmãs:

- 1.1 cremos que a Bíblia, formada de 66 livros do Antigo e do Novo Testamento, é a infalível Palavra de Deus, inspirada verbalmente por Deus e sem erros nos manuscritos originais.
- 1.2 cremos que as intenções de Deus, reveladas na Bíblia, são a autoridade final e suprema em testar todas as afirmações sobre o que é verdadeiro e o que é certo. Em assuntos não tratados na Bíblia, o que é verdadeiro e certo é avaliado por critérios consistentes com o ensino da Escritura.

Em outras palavras, sim, a Bíblia é completamente verdadeira. Sua reivindicação de ser a Palavra de Deus é verdadeira. Sim, quando corretamente entendida, a Bíblia não ensina nada mentiroso. Ela é sem erros. Portanto, como a Palavra de Deus verdadeira e inerrante, ela tem plena autoridade sobre nossa vida. E, em consequência, sim, devemos

esforçar-nos para colocar todo o nosso pensamento, sentimento e ação em harmonia com o que a Bíblia ensina.

A pergunta mais crucial

Como sabemos isso? Essa é uma pergunta indispensável. Não é como dizer: “Como posso saber que a lua gira ao redor da terra?”. Ou: “Como posso saber que Abraão Lincoln existiu?”. A razão pela qual essas perguntas não são cruciais é que, se você crer nelas ou não, isso não causa nenhum efeito em sua maneira de viver. A resposta a essas perguntas não determina onde você passará a eternidade – no céu ou no inferno. Mas, de acordo com a Bíblia, Jesus disse: “Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3:36). E o apóstolo Paulo disse: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa” (At 16:31; cf. Rm 10:19). É por isso que

uma narrativa das obras e das palavras de Jesus foi escrita: “Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20:31).

Em outras palavras, a Bíblia ensina coisas muito mais importantes do que os movimentos da lua ou a existência de Abraão Lincoln. Ela ensina o caminho de escaparmos da ira de Deus e entrarmos na vida eterna. Reivindica ensinar o único caminho. A Bíblia apresenta um Jesus que tem toda a autoridade e diz: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14:6). E faz a afirmação radical de que “não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4:12).

Portanto, a pergunta sobre a veracidade da Bíblia é crucial – para todos. Nosso destino eterno depende de crermos nas boas notícias deste livro. E nossa

maneira de viver depende dele também. Em um raro momento de desaprovação pública, o apóstolo Paulo repreendeu o apóstolo Pedro por não agir de acordo com seu próprio ensino: “Resisti-lhe face a face... Quando... vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho” (Gl 2:11, 14). Em outras palavras, há um procedimento que é “segundo a verdade do evangelho”. Isso é o que a Bíblia ensina (ver 1 Ts 4:1). O ensino deste livro mostra o caminho para a vida eterna e molda a maneira como vivemos nesta vida. Portanto, saber que a Bíblia ensina a verdade tem importância crucial.

O lugar da argumentação histórica

Em minha vida, houve uma época em que gastei muito de minha energia mental em demonstrar, com argumentação histórica, que Cristo ressuscitou dos mortos e que suas afirmações são verdadeiras e que a Bíblia é verdadeira.⁴⁸ Fui e sou

profundamente agradecido pelos eruditos que, naqueles dias, me ajudaram a ver a credibilidade histórica do Novo Testamento. Esses eruditos estão sendo fiéis às palavras de Lucas que nos dizem que Jesus deu evidências históricas e visíveis de sua ressurreição física: “A estes também, depois de ter padecido, apresentou-se vivo, *com muitas provas* incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus” (At 1:3). Eles seguem os passos do apóstolo Paulo, que argumentou em favor da verdade do evangelho ao ressaltar para aqueles que não eram testemunhas oculares da ressurreição de Jesus que cerca de quinhentas dessas testemunhas ainda viviam, se alguém quisesse confirmar a verdade dessa maneira. Paulo disse

que [Jesus] foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém, alguns já dormem. Depois, foi visto

por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo (1 Co 15:4-8).

O que removeu meu foco (não minha aprovação, nem meu interesse) da argumentação histórica como um apoio para a fé foi a compreensão de que a maioria das pessoas no mundo – especialmente no mundo menos educado e desenvolvido – não dispõe do treinamento ou de tempo necessário para seguir esses argumentos detalhados em apoio da fé. Além disso, a Bíblia pressupõe que aqueles que ouvem o evangelho podem conhecer sua verdade e arriscar sua vida nele – de fato, têm de arriscar sua vida nele. “Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna” (Jo 12:25).

A Bíblia presume que, por meio da palavra escrita dos apóstolos, uma pessoa pode chegar a saber que tem a vida eterna. “Estas coisas vos escrevi, a fim de

saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus” (1 Jo 5:13). E os próprios apóstolos também sabiam disso em relação a outros: “Reconhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição, porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1 Ts 1:4-5). A verdade dos ensinamentos de Cristo pode ser conhecida por aqueles cuja vontade é submissa à vontade de Deus: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo” (Jo 7:17).

Isso significa que a Bíblia pressupõe que há uma base para o conhecimento firme e defensável de que o que ela ensina é verdadeiro. Ela presume que todos os que ouvem uma narrativa fiel do evangelho são responsáveis para crer nele – não por darem um salto no escuro, mas por verem fundamentos reais e convincentes para a fé. De acordo com a Escritura,

as pessoas não têm de ser historiadores educados para conhecer a verdade histórica da Escritura. Isso é crucial, visto que a maioria das pessoas no mundo que ouvirão o evangelho não está em condição de compreender a complexidade da argumentação histórica (legítima!) que apoia a ressurreição de Jesus e a confiabilidade da Bíblia.

A insuficiência da argumentação histórica

Quando estudei o método histórico-crítico, que dominou o mundo erudito nos meus seis anos de educação teológica formal (1968-1974), tornou-se cada vez mais claro que os resultados desse estudo não proveriam um fundamento seguro para a fé em que alguém poderia arriscar sua vida. Em 1975, Edgar Krents publicou a obra *The Historical Critical Method* (O método histórico-crítico), na qual afirma: “A crítica histórica produz somente resultados prováveis. Relativiza tudo. Mas a fé precisa de certeza”.⁴⁹

Alguns tentaram fazer desse problema uma virtude por argumentarem que a fé, por sua própria natureza, em vez de precisar de certeza, assume um risco e se lança na incerteza. Eles dizem: “A crítica nos livra da tirania da história e torna clara a vulnerabilidade da fé”.⁵⁰ Podem citar 2 Coríntios 5:7: “Visto que andamos pela fé, e não pelo que vemos”. Mas essa passagem se refere à esperança futura que não podemos ver, e não ao fundamento passado da esperança que podemos ser capazes de ver: “Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor” (2 Co 5:6). De fato, “a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de *fatos que se não veem*” (Hb 11:1). Sim, as *coisas em que cremos* não são vistas. Mas o Novo Testamento não diz que os *fundamentos* da fé não são vistos.

Quando comecei meus estudos teológicos, um dos mais proeminentes teólogos alemães era Wolfhart Pannenberg. Ele deplorava o que chamou de fuga

“para um porto supostamente seguro da maré crescente do método histórico-crítico”.⁵¹ Argumentava que a separação entre fé e seus fundamentos históricos e reais é “injuriosa à essência da fé” e leva “à credulidade cega”.⁵² Acho que, até certo ponto, Pannenberg está correto. Minha maneira de dizer isso é que a fé não pode glorificar seu objeto por se lançar no escuro. Em vez disso, essa fé glorifica a própria ousadia de assumir risco, quando se lança em “não sabe o quê”. Essa não é a fé do Novo Testamento, como veremos adiante.

No entanto, Pannenberg não ofereceu uma solução adequada para o problema do não historiador comum que precisa de uma base sólida para os pés de sua fé, se há de arriscar tudo em Cristo. Sem dúvida, uma das razões pelas quais fiquei sensível à inadequação da posição de Pannenberg é que Daniel Fuller, o professor mais influente que tive no seminário, trouxe isso à minha atenção. Três anos

depois de me tornar aluno, ele escreveu na obra *Easter Faith and History* (A fé e a história da Páscoa):

Se argumentação histórica é a única maneira pela qual os homens podem chegar à fé, então a fé se torna a possibilidade somente para os poucos que podem pensar historicamente, e a fé para o homem comum só é possível se ele estiver disposto a se comprometer com a autoridade de um sacerdócio de historiadores.

Pannenberg, que seja lembrado, quer tornar a fé uma possibilidade para todos os homens por ter o que é, aparentemente, um sacerdócio de historiadores. A tarefa da teologia, conforme ele pensa, consiste em afirmar a credibilidade da proclamação cristã, para que pessoas leigas possam crer nela por causa da autoridade que o teólogo, com habilidades históricas especiais, pode prover.⁵³

Pannenberg se expressou nestes termos:

A confiança que crê pode também surgir de uma maneira que o crente nem sempre tenha de provar sua própria confiabilidade no conhecimento pressuposto. É a tarefa especial da teologia fazer isto. Nem todo cristão individualmente precisa realizar esta tarefa. Ele pode confiar na pressuposição de que as coisas estão em ordem no que diz respeito ao alicerce de sua confiança. Esse ponto de vista

pressupõe, é claro, uma atmosfera de confiança na confiabilidade da tradição cristã.⁵⁴

Isso me pareceu uma resposta inadequada para o problema que o leigo comum enfrenta ao vir à fé no que a Bíblia ensina. Sua vida eterna está em jogo. Eu não direi: “Ele pode confiar *na pressuposição de que todas as coisas estão em ordem* no que diz respeito ao alicerce de sua confiança”. Devido a muitas e inúmeras discordâncias entre os eruditos quanto à historicidade e ao significado do que a Bíblia ensina, parece superficial dizer que podemos todos apenas confiar em que “todas as coisas estão em ordem”.

Não se espera que os não historiadores deem um salto no escuro

Pareceu-me que tinha de haver outra maneira para o leigo comum, que dispõe de pouco tempo e conta com pouco treinamento em história, ter uma base para o conhecimento firme e defensável de que a

Bíblia é verdadeira. A Bíblia não ensina nem pressupõe que chegamos à fé por nos lançarmos no escuro. Ela presume que aceitamos a Cristo e sua Escritura por vermos os fundamentos reais e convincentes da fé.

Nesse ponto, encontrei ajuda em uma fonte surpreendente. Pelo menos, foi surpresa para mim à época. Enquanto eu lutava com essas coisas na Alemanha, estava lendo Jonathan Edwards para meu enriquecimento espiritual, em meio a todos os estudos de crítica. Eu não esperava que ele lidasse com esse problema com discernimento e relevância tão admiráveis. No entanto, fui ajudado de tal maneira por Edwards que escrevi dois artigos a respeito.⁵⁵

O ponto de partida de Edwards não é “que tipo de certeza é possível por argumentação histórica?”, e sim “o que é possível para os membros de igreja comuns?” Em sua obra *Treatise Concerning Religious Affections* (Tratado concernente às afeições

religiosas), Edwards diz que pessoas comuns não podem chegar a uma fé inabalável da maneira como um historiador treinado pode fazê-lo:

É impossível que homens que não têm uma visão geral do mundo histórico ou da história em suas épocas cheguem à força de argumentos em favor da verdade do cristianismo, extraídos da história, que os induza eficazmente a lançar seu tudo sobre ele.⁵⁶

A voz do missionário⁵⁷ pode ser ouvida quando ele acrescenta:

Infeliz é a condição dos índios Houssatunnuck e outros que têm manifestado recentemente o desejo de serem instruídos no cristianismo, visto que não podem chegar a nenhuma evidência suficiente da verdade do cristianismo para induzi-los a renunciar a tudo por Cristo, de qualquer outra maneira, senão esta [o caminho da argumentação histórica].⁵⁸

Você pode pensar que Edwards está nos levando a dizer que a fé na mensagem da Bíblia é um salto no

escuro, e não um discernimento válido dos fundamentos reais e objetivos que proporcionam base para um conhecimento sólido e inteligente. Sem dúvida, ele insiste em que a argumentação histórica não pode oferecer o alicerce mais seguro e mais profundo da fé para o não historiador (ou mesmo para o historiador, como veremos). Entretanto, também sustenta que pessoas comuns podem ter uma “certeza das coisas divinas” alicerçada em “evidência real” e “boa razão”.⁵⁹

Confiança sem fundamento não honra aquele em quem se confia

Edwards era profundamente convicto, como acho que devemos ser, de que o fruto da fé cristã não é melhor do que a virtude sobrenatural, se essa fé não estiver arraigada em “uma convicção ou persuasão racional”.⁶⁰

Antes de ele explicar, pense da seguinte maneira: suponha encontrar na rua um homem que você não

reconhece, e ele lhe dê um pacote com 50 mil dólares, em espécie, e lhe peça que o deposite no banco por ele. E lhe diz que o número da conta está no pacote. Você fica surpreso porque não o conhece de maneira alguma. Então, pergunta: “Por que você me confiaria essa tarefa?”. Suponha que ele responda: “Por nenhuma razão; estou apenas correndo o risco”. Qual é o efeito dessa fé em você? Ele o honra? Não, não honra. Isso mostra que o homem é um tolo.

Mas suponha que ele diga: “Eu sei que você não me conhece, mas trabalho no mesmo prédio que você e o tenho visto nos últimos anos. Tenho visto sua integridade muitas vezes. Tenho falado com pessoas que o conhecem. Eu estou confiando este dinheiro a você porque tenho boas razões para crer que é honesto e confiável”. Ora, qual é o efeito dessa fé? Ele o honra verdadeiramente. Por quê? Porque está baseada na evidência real de que você é honrável. O fruto dessa fé não é tolice. O fruto dessa fé é

sabedoria, e essa fé e essa sabedoria honram a pessoa em quem se confia.

Isso também é verdadeiro em relação a Deus. Se ele diz: “Por que você confia em minha Palavra?, e respondemos: “Por nenhuma razão; apenas corro o risco”, Deus não é honrado e somos tolos. Por isso, Edwards está certo em dizer que o fruto da fé cristã não é melhor do que as virtudes meramente naturais, se essa fé não estiver arraigada em “uma convicção ou persuasão racional”.⁶¹ Mas o que é isso? Como a fé na Bíblia encontra esse firme fundamento?

Agora, deixemos Edwards explicar:

Por convicção racional, quero dizer uma convicção alicerçada em evidência real ou naquilo que é uma boa razão ou base válida de convicção. Homens podem ter uma forte persuasão de que a religião cristã é verdadeira, quando sua persuasão não está realmente edificada em evidência, mas totalmente em sua educação e na opinião dos outros; como muitos mulçumanos, que estão fortemente persuadidos da verdade da religião muçulmana porque

seus pais, vizinhos e nação creem nela. A crença da verdade da religião cristã que está edificada nesses mesmos fundamentos e a crença dos muçulmanos na religião muçulmana são o mesmo tipo de crença. E, embora a coisa acreditada seja melhor, isso [não] faz a própria crença ser de um tipo melhor; pois, embora a coisa crida seja verdadeira, a crença em tal coisa não se deve à sua veracidade, e sim à educação. Então, visto que a convicção não é melhor do que a convicção dos muçulmanos, assim também as afeições que dela resultam não são melhores, em si mesmas, do que as afeições religiosas dos muçulmanos.⁶²

Portanto, Edwards considerava essencial que a fé genuína e salvadora se baseie em “evidência real ou naquilo que é uma boa razão ou base válida de convicção”.

A Escritura encoraja a termos bons fundamentos de fé

Certamente, a Escritura nos guia a esse ponto. Por exemplo, o apóstolo João diz: “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, *provai* os espíritos

se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora” (1 Jo 4:1).

Em outras palavras, não sejam ingênuos. Procurem “evidência real” e “boa razão”, além de “bases válidas”.

De modo semelhante, teria sido iluminador ouvir algumas das pregações missionárias de Paulo, porque, de acordo com Lucas, ele tinha um costume interessante: “Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, *arrazoou* com eles acerca das Escrituras, *expondo e demonstrando* ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio” (At 17:2-3). Paulo acreditava que argumentar, explicar e demonstrar eram maneiras legítimas e apropriadas para levar uma pessoa à fé inabalável.

Lucas elogia explicitamente os judeus de Bereia porque, quando Paulo lhes ensinou coisas novas, eles as averiguaram: “Ora, estes de Bereia eram mais

nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim” (At 17:11). Eles acreditavam que tinham boas razões para crer nas Escrituras. Por isso, outras afirmações de verdade tinham de estar em harmonia com essa verdade.

Alguém pode dizer: “Bem, você está dizendo, então, que *conhecer* e *crer* são a mesma coisa?”. Não. Crer, no sentido salvífico, sempre inclui a aceitação de coração daquilo em que se crê; conhecer nem sempre inclui isso. No entanto, é importante notar que crer e conhecer não são alternativas no Novo Testamento. A crença é baseada em conhecimento e leva a um conhecimento mais profundo. Jesus orou em favor de seus discípulos: “Agora, eles *reconhecem* que todas as coisas que me tens dado provêm de ti; porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente

*conhecera*m que saí de ti, e creram que tu me enviaste” (Jo 17:7-8).

Apontando na mesma direção, Paulo escreveu aos coríntios: “Tendo, porém, o mesmo espírito da fé, como está escrito: Eu cri; por isso é que falei. Também nós *cremos*; por isso, também falamos, *sabendo* que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará convosco” (2 Co 4:13-14; cf. 5:1). Em 1 João, o apóstolo dá testemunho do “que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com nossos próprios olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida” (1 Jo 1:1). Portanto, podemos ver que a fé de João estava alicerçada em evidência real, e ele pôde dizer: “E nós *conhecemos* e *cremos* no amor que Deus tem por nós” (1 Jo 4:16).

Assim, quando Jonathan Edwards diz que a fé salvadora tem de ser alicerçada em “evidência real ou naquilo que é uma boa razão ou base válida de

convicção”, está dizendo o que as próprias Escrituras dizem.

O objeto da fé é mais do que meros fatos

Antes de perguntar o que é essa “evidência real”, precisamos esclarecer mais precisamente o que Edwards pensava sobre o objeto da fé. A razão para isso é que a natureza do objeto da fé determina a natureza da “evidência real” para a realidade da fé. Por exemplo, se o objeto da fé fosse o mel, então uma evidência real de que o objeto é mel seria o gosto. Mas, se o objeto da fé fosse amônia, então uma evidência real mais eficaz seria o cheiro. A natureza do que estamos tentando conhecer determina como podemos conhecê-lo. O mel diz: conheça-me pelo gosto. A amônia diz: conheça-me pelo cheiro.

De acordo com Edwards, o objeto da verdadeira convicção salvífica são “as grandes coisas do evangelho”.⁶³ Por “evangelho”, ele quer dizer “as

doutrinas ali ensinadas, a palavra ali falada e os conselhos, atos e obras divinos ali revelados”.⁶⁴ Ele se refere ao evangelho como “a gloriosa doutrina que a Palavra de Deus contém, concernente a Deus, a Jesus Cristo, ao caminho de salvação por meio dele e ao mundo de glória em que ele entrou e que comprou para todos aqueles que creem”.⁶⁵

Mas este é um fato crucial para Edwards: o objeto de nossa fé não é meramente a factualidade do evangelho, mas também “a santa beleza e a afabilidade [o antigo significado de *agradável*] que estão nas coisas divinas”.⁶⁶ É a glória das perfeições morais de Deus. É a beleza, ou glória, dessas perfeições que é o verdadeiro objeto de nossa convicção. É a “suprema e santa excelência e beleza dessas coisas”.⁶⁷ Beleza, excelência, perfeição, afabilidade, divindade e santidade – essas são as qualidades do evangelho das quais a fé salvadora deve ter certeza. Não apenas fatos históricos ou proposições doutrinárias.

Embora uma parte desse vocabulário possa ser novo para as pessoas modernas, o que Edwards está dizendo não é novo para a maioria dos cristãos. A maioria de nós tem, em algum ponto, compreendido que há um tipo de fé que os demônios possuem e que não tem nenhum benefício salvador. Edwards está assegurando que a nossa fé é de um tipo salvífico. Por exemplo, Tiago, irmão de Jesus, escreveu: “Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os *demônios creem e tremem*” (Tg 2:19). O que Edwards está enfatizando é que crer na existência da realidade divina – inclusive na realidade divina do evangelho ou da Bíblia – não significa que você crê de um modo que lhe fará qualquer bem. Os demônios sabem que existe um evangelho e sabem que a Bíblia é a Palavra de Deus. Mas o que eles não veem, como diz Edwards, é a beleza, a excelência, a perfeição, a afabilidade e a santidade da verdade. “Vendo, não veem” (Mt 13:13). Essa é a nossa

condição até que Deus nos dá olhos para ver (Ef 1:17-18).

O conhecido determina a maneira de conhecer

A natureza do que precisamos conhecer determina como podemos conhecê-lo. Se a glória de Deus no evangelho é o que temos de conhecer – se é aí que a fé tem de repousar –, então os olhos que veem essa glória não são meramente os olhos de nossa cabeça, mas o que Paulo chama “olhos do coração” (Ef 1:18). É por isso que Jonathan Edwards diz: “O evangelho do Deus bendito não vive implorando por evidências, como alguns pensam; o evangelho tem em si mesmo a mais elevada e mais poderosa evidência”.⁶⁸ Especificamente,

a mente ascende à verdade do evangelho somente por um degrau, que é a sua glória divina... A menos que os homens cheguem a uma persuasão e uma convicção firme e inteligente da verdade do evangelho, por suas evidências internas, da maneira que tem sido

falada, ou seja, por uma visão de sua glória, é impossível que aqueles que não são eruditos em história, nem são familiarizados com ela, tenham convicção total e eficaz do evangelho.⁶⁹

Portanto, a fé inabalável é não somente uma fé *inteligente* (baseada em evidência real e bons fundamentos), mas também *espiritual*, ou seja, é capacitada pelo *Espírito Santo* e mediada pela percepção *espiritual* da glória divina na verdade do evangelho. Nem toda convicção inteligente é uma convicção salvadora. “Alguns homens naturais [sem vida espiritual] dão à verdade da religião cristã um tipo de anuência de seus julgamentos, com base em provas ou argumentos racionais que são oferecidos para prová-la”.⁷⁰ Mas esse tipo de persuasão não tem nenhum proveito salvador. Edward cita como exemplos Judas e muitos judeus que ouviram Jesus (Jo 2:23-25) e Simão, o mágico (At 8:13, 23).

O que é necessário é o tipo de visão espiritual que foi dada a Simão Pedro: “Respondendo, Simão

Pedro disse: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Então, Jesus lhe afirmou: “Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (Mt 16:16-17). Em outras palavras, na pessoa de Jesus, há uma glória que realmente está lá, mas, sem o dom de Deus, somos cegos a ela. Jesus o descreveu assim:

Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Lc 10:21-22).

Entendimento, ou percepção espiritual, “consiste de um senso e uma prova da beleza e da excelência santa, suprema e divina dessas coisas”.⁷¹ Em outras palavras, há uma diferença entre mero conhecimento intelectual e conhecimento que está arraigado na visão espiritual, dada por Deus, da

glória divina que está realmente lá. No conhecimento espiritual, não somente exercemos nossa capacidade racional, mas também “provamos” nossa capacidade espiritual. “Oh! *Provai* e vede que o SENHOR é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia” (Sl 34:8). “Desejai afetosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que, por ele, vades crescendo, se é que já *provastes* que o Senhor é benigno” (1 Pe 2:2-3, ARC). “Quem já percebeu a doçura do mel sabe muito mais a respeito dele do que quem apenas o observou e o sentiu”.⁷² Assim, “entendimento espiritual consiste primariamente desse senso ou prova de beleza moral das coisas divinas”.⁷³

O texto bíblico que acendeu as luzes

Admito que, ao ler inicialmente essas coisas em Jonathan Edwards, a linguagem era nova para mim. Essa maneira de pensar era nova para mim. Essa maneira de descrever como cheguei a crer e a

conhecer a verdade era nova para mim. Mas, paradoxalmente, não parecia estranha. Ou seja, pareceu-me que ele estava descrevendo a realidade – a minha realidade. Estava colocando palavras e descrições no mistério da minha fé. É possível que experimentemos verdadeiras maravilhas divinas em nossa conversão e nunca nos seja ensinada uma verdadeira descrição do que é a nossa experiência. Então, alguém começa a descrever nossa experiência em palavras que nunca ouvimos e de maneiras que nunca entendemos; e, repentinamente, as estranhas palavras soam, todas, exatamente corretas. Podem ser novas palavras, mas estão descrevendo uma experiência profunda, real e pessoal. Foi assim que aconteceu comigo.

A passagem da Escritura que acendeu as luzes para mim foi 2 Coríntios 4:4-6. Quando Edwards usou essa passagem para apoiar o que estava dizendo, foi como se Deus mesmo colocasse o selo de aprovação. Pois, em última análise, não é Edwards, nem Piper,

nem qualquer outro homem que compelem a verdadeira fé, e sim Deus mesmo. “Minha palavra e minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder, *para que a vossa fé não se apoiasse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus*” (1 Co 2:4-5). Aqui está a passagem principal:

Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Porque não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos, por amor de Jesus. Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo (2 Co 4:3-6).

Observe quão análoga é a fraseologia do versículo 4 à do versículo 6. Há algumas analogias muito

próximas. No versículo 4, Satanás cega; no versículo 6, Deus ilumina. A coisa que Satanás esconde dos homens, no versículo 4, é o que Deus nos capacita a ver, no versículo 6. Observe as outras analogias quando colocamos os versículos lado a lado:

Versículo 4 Versículo 6

a luz

a luz

do evangelho

do conhecimento

da glória

da glória

de Cristo

de Deus

que é a imagem de Deus

na face de Jesus Cristo

As analogias ajudam a explicar as palavras. “Evangelho” e “conhecimento” são correspondentes porque o evangelho é a verdadeira história dos acontecimentos sobre Cristo e suas obras que pode ser *conhecida*. No evangelho, há fatos a serem conhecidos: “Irmãos, venho lembrar-vos o *evangelho*... que Cristo *morreu* por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que *foi sepultado e ressuscitou* ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Co 15:3-4). Não há evangelho sem fatos históricos que possam ser conhecidos.

No entanto, o foco deste texto é que o evangelho são as boas notícias da “glória de Cristo”. O diabo nos tem impedido de ver “a luz do evangelho da *glória* de Cristo”. Por isso, quando os fatos históricos são corretamente conhecidos, são conhecidos como gloriosos, belos. A princípio,

podemos pensar que a “glória de Cristo” (v. 4) e a “glória de Deus” (v. 6) são glórias diferentes. Mas, se olharmos com atenção, observaremos que, logo que Paulo menciona a “glória de Cristo”, descreve Cristo como aquele que “é a imagem de Deus”. E, assim que menciona a “glória de Deus” (v. 6), Paulo descreve essa glória como “na face de Cristo”. Em outras palavras, Paulo está assegurando que vemos a glória de Cristo e a glória de Deus como um única glória. Cristo é a imagem de Deus, e a glória de Deus resplandece na face de Cristo.

Portanto, a característica do incrédulo mencionada no versículo 4 (“o deus deste século cegou o entendimento dos *incrédulos*”) é a cegueira para com essa glória divina no evangelho. O incrédulo “conhece” os fatos do evangelho, talvez, mas não vê “a luz do evangelho da *glória* de Cristo”. O Cristo do evangelho não resplandece nos olhos do coração do incrédulo. O incrédulo não vê a glória de Cristo como beleza divina e, por consequência, como seu

tesouro supremo. Quando o evangelho é pregado, ou as Escrituras são lidas, ele vê fatos, mas não a glória.

A fé surge de vermos o que está realmente lá

É crucial enfatizar aqui que essa glória de Cristo, no evangelho, é uma realidade objetiva. A glória está em Cristo e no evangelho. Não está em nós. Não é subjetiva, e sim objetiva. Essa é a razão pela qual ela pode funcionar como “evidência real” e “base válida” para nossa fé. Não a constituímos. Não a colocamos no evangelho ou na Escritura. Ela está lá. E, se está lá, é para ser vista, exceto pela cegueira espiritual que nos torna tão insensíveis. Edwards enfatiza a realidade dessa glória.

Ora, esta glória distintiva do Ser divino tem sua aparência e manifestação mais resplandecente nas coisas que nos são propostas e exibidas no evangelho, as doutrinas ali ensinadas, a palavra ali falada e os conselhos, obras e atos divinos ali revelados. Essas coisas

têm as mais claras, mais admiráveis e mais distintivas representações e exibições da glória das perfeições morais de Deus que já foram feitas ao mundo. E, se existe tal manifestação distinguidora e evidencial da glória divina no evangelho, é razoável supor que possa haver tal coisa como vê-la. O que pode impedir que ela seja vista? Esse não é um argumento de que ela não pode ser vista, e sim que alguns não a veem, embora sejam homens de discernimento nas coisas temporais. Se há tais excelências inefáveis, distinguidoras e evidenciais no evangelho, é razoável supor que elas são de tal natureza que não podem ser discernidas senão pela influência e a iluminação especial do Espírito de Deus.⁷⁴

Edwards pergunta: *qual é a base do conhecimento firme e inteligente da verdade do evangelho?* E responde: “A glória das perfeições morais de Deus”, resplandecendo verdadeira e objetivamente “na face de Jesus Cristo”, no evangelho – “as doutrinas ali ensinadas, a palavra ali falada e os conselhos, obras e atos divinos ali revelados”.

Comentando 2 Coríntios 4:4-6, juntamente com 3:18 (“E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor,

somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem”), Edwards diz: “Nada pode ser mais evidente de que aqui o apóstolo fala de uma crença salvadora do evangelho como emergente da mente iluminada para contemplar a glória divina das coisas que o evangelho exhibe”.⁷⁵ Em outras palavras, a “evidência real” e a “base válida” sobre as quais repousa a fé são a glória de Deus manifestada no evangelho.

A beleza de Cristo proclamada

Nada dissemos sobre o versículo 5, o qual está entre os dois versículos análogos (4 e 6) que descrevem o evangelho da glória de Cristo. Paulo escreveu: “Porque não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus”. Há dois pontos enfáticos nesse versículo: primeiro, Cristo, o Senhor, e segundo, a posição humilde do pregador de Cristo, como servo. Ambos os pontos são importantes para o entendimento de como Paulo ajudava as pessoas a verem a glória de Deus, para que tivessem uma fé inabalável na verdade de sua Palavra.

Primeiro, ele proclamava Cristo como Senhor. Se o verdadeiro fundamento de nossa fé é “a glória de Deus na face de Cristo”, a proclamação que tem como alvo a fé deve ser uma apresentação verdadeira e vívida do Cristo glorioso. As pessoas devem ficar face a face com Cristo no que ouvem e leem. Devem

ser capazes de dizer como o apóstolo João: “Cheio de graça e de verdade... vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:14). João escreveu seu evangelho para que vejamos, por meio de seu retrato inspirado de Cristo, a glória que ele viu em primeira mão.

A glória que os discípulos viram em Jesus e que nós vemos quando ele é apresentado fielmente era a beleza moral de um homem cuja comida era fazer a vontade de seu Pai celestial (Jo 4:34). Ele nunca desejou ver sua própria glória à custa de alguém inocente, mas sempre buscou a glória do Pai até o ponto de morte. Precisamente na última hora da traição, sua glória se tornou mais visível: “Com esse propósito, vim para esta hora. Pai, glorifica o teu nome... Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele” (Jo 12:27-28; 13:31). É essa fidelidade magnífica e abnegada de Jesus à glória do Pai que o revela como verdadeiro e confirma nossa fé: “Quem fala por si mesmo está

procurando sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça” (Jo 7:18).

Esse é o magnífico Cristo que Paulo proclamava como Senhor. Embora Paulo não se tenha focado na vida terrena de Jesus da maneira como João o fez e como o fizeram os autores dos outros evangelhos, o mesmo caráter de Cristo é apresentado. Ele deixou de lado seus direitos para assumir a forma de um servo e morrer humildemente em obediência a seu Pai (Fp 2:6-8). Embora fosse rico, ele se fez pobre por amor de nós (2 Co 8:9). Cristo não agradou a si mesmo, mas recebeu as injúrias de homem para nos aceitar em sua comunhão na glória de Deus (Rm 15:2, 7). Quando Paulo proclamava a glória desse Cristo crucificado, na plenitude do evangelho, acreditava haver dado um fundamento adequado para a fé salvadora.

A beleza de Cristo incorporada

O segundo ponto enfático de 2 Coríntios 4:5 é este: a pessoa que proclama o Senhor da glória é, por amor de Jesus, um servo daqueles a quem procura convencer: “Porque não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e *a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus*”. Em outras palavras, o proclamador incorpora a beleza da pessoa proclamada. Ele abdica de sua própria liberdade, dada por Deus, e assume o papel de servo, colocando-se à disposição de outros, para o bem deles (Fp 2:5). Há uma causa evidente e um propósito específico nesse comportamento.

A causa desse comportamento abnegado se encontra em 2 Coríntios 3:18: “Todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”. Aquele que proclama a glória de

Cristo como Senhor precisa ter visto *essa* glória. E, de acordo com Paulo, não podemos ver a glória de Cristo e não sermos mudados. Contemplando a glória do Senhor, estamos sendo transformados.

A promessa que João nos dá em sua primeira carta, a promessa de que, “quando ele se manifestar, *seremos semelhantes a ele*, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1 Jo 3:2), está se cumprindo quando contemplamos a glória de Cristo no evangelho. Isso é o que Paulo está dizendo em 2 Coríntios 3:18. Tendemos a nos tornar como aqueles que admiramos. Isso significa que nós, à semelhança de Cristo, deixamos de lado nossos direitos e não procuramos agradar a nós mesmos, mas, em vez disso, tornamo-nos servos para o benefício de outros. Ao contemplarmos a beleza do caráter de Cristo, começamos a compartilhar dela.

O propósito dessa transformação num papel de servo abnegado é proporcionar outra manifestação da glória de Deus como o fundamento da fé – uma

manifestação incorporada. Assim, apresentamos a glória de Cristo não somente em nosso evangelho, mas também em nossa vida. Enquanto proclamamos a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo, também nos tornamos a luz do mundo, para que os homens vejam nossas boas obras e glorifiquem nosso Pai, que está no céu (Mt 5:16). Se vemos e amamos a glória de Deus em Cristo e estamos sendo transformados por ela, tornamo-nos um espelho dessa glória e um meio para a fé inabalável dos outros. É por isso que 2 Coríntios 4:5 está entre os versículos 4 e 6. A proclamação da glória do Senhor e a incorporação da glória do Senhor são a ocasião para o milagre do versículo 6 ou a cegueira do versículo 4 (cf. 2 Co 2:15-16).

Libertação da cegueira do diabo por Deus e pelo homem

O que está claro da relação entre 2 Coríntios 4:5 e seus sustentadores, os versículos 4 e 6, é que as pessoas chegam a um conhecimento bem-fundamentado e salvador da verdade pela combinação de comunicação humana e iluminação divina da glória de Deus. O versículo 5 é a comunicação humana: “Não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus”. E o versículo 6 é a iluminação divina sobrenatural: “Deus, que disse: ‘Das trevas resplandecerá a luz’, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. A glória de Cristo é proclamada e incorporada em linguagem e vida humanas, e a glória de Cristo é iluminada por Deus quando ele capacita o coração a ver.

Há uma confirmação admirável desse padrão em 2 Timóteo 2:24-26. Aqui há, por um lado, a

proclamação humana e, por outro lado, a iluminação divina:

Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, mas que seja brando para com todos, apto a instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecer plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-os dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade.

Observe que o “servo do Senhor” (“escravo”) deve apresentar tanto um conteúdo claro como um exemplo humilde. Conteúdo: “apto a instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem”. Exemplo: “não viva a contender, mas que seja brando para com todos... paciente... com mansidão”. Isso abrirá o coração dos “que se opõem” e lhes revelará a beleza de Cristo que o servo do Senhor está proclamando e incorporando? Não automaticamente. Paulo queria dizer que esse

testemunho humano é essencial, mas *insuficiente* por si mesmo.

O Senhor Jesus ressuscitado comissionara Paulo com estas palavras: “Livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus” (At 26:17-18). Paulo sabia (como mostram 2 Co 4:6; 2 Tm 2:25 e Ef 1:17) que Deus é o poder decisivo em dar visão espiritual. Mas aqui Jesus lhe disse que fosse realizar o que somente Deus poderia fazer. Isso porque Deus resolvera tornar o testemunho humano essencial em levar as pessoas à fé inabalável.

Qual é resposta de Paulo, em 2 Timóteo 2:25, à pergunta *a obra do “servo do Senhor” em ensinar e amar abre o coração daqueles que ele ensina e ama?* Paulo diz: “Na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecer plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-os dos laços do diabo, tendo sido feitos

cativos por ele para cumprirem sua vontade”. Não temos o controle ou a palavra final em quão eficazes são nosso ensinar e nosso amar. Mas há uma grande esperança, porque Deus tem realmente a palavra final, e nenhum poder de resistência humana pode subsistir quando resolve “conceder o arrependimento”.

Como em 2 Coríntios, aqui em 2 Timóteo 2:26, encontramos de novo Satanás, o “deus deste século”. Em 2 Coríntios 4:4, ele está cegando as pessoas para a verdade. Em 2 Timóteo 2:26, Satanás as tem em seus laços, capturadas para fazer a vontade dele. E, em 2 Timóteo 2:25, também encontramos o Deus soberano de 2 Coríntios 4:6. Ali, ele faz o que fez no primeiro dia da criação. Ele diz: “Das trevas, resplandecerá a luz”, para que a pessoa enredada nas trevas comece a ver imediatamente a glória de Deus. Aqui, esse Deus soberano “concede o arrependimento”. O efeito dessa obra sobrenatural é que o cativo de Satanás é libertado de seu estupor –

sua cegueira. Ele retorna à sensatez e vê a verdade e a beleza do que antes era monótono e não verdadeiro. Ele chega ao conhecimento da verdade.

É um conhecimento real. Está baseado em evidência real e bons fundamentos. O cativo libertado entende que sua ignorância acerca da verdade desse conhecimento estava presente não por faltarem fundamentos para a verdade, mas porque ele era cego. Estava num estupor demoníaco. Agora, pela graça de Deus, ele retorna à sensatez e vê a verdade. Tem o conhecimento da verdade.

Do evangelho para as Escrituras

Até esta altura neste capítulo, focamos principalmente a maneira como uma pessoa chega à firme convicção da verdade do *evangelho*. Não extraímos desse argumento a conexão explícita com a firme convicção da verdade das *Escrituras*. Mas as implicações para Edwards são fáceis de ver. Ele estava pensando no evangelho em termos mais amplos. Lembre que, por “evangelho”, Edwards quer dizer “as doutrinas ali ensinadas, a palavra ali falada e os conselhos, atos e obras divinos ali revelados”.⁷⁶ Ou, novamente: “A gloriosa doutrina que a Palavra de Deus contém, concernente a Deus, a Jesus Cristo, ao caminho de salvação por meio dele e ao mundo de glória em que ele entrou e que comprou para todos aqueles que creem”.⁷⁷

Evidentemente, estes são os imensos escopos da verdade: os conselhos, atos e obras divinos revelados no evangelho, o caminho de salvação por Cristo e o

mundo de glória. Em outras palavras, o vocábulo “evangelho” é usado como sinônimo de “todo o desígnio de Deus” (At 20:27) que provê os fundamentos, explicações e implicações da obra salvífica de Cristo. Isso não é algo distinto das Escrituras. Em vez disso, é o que as Escrituras são. As Escrituras são os escritos que Deus julgou necessários para prover os fundamentos, as explicações e as implicações de sua obra salvadora no mundo.

Portanto, o caminho que temos descrito para uma convicção inabalável da verdade do evangelho é o mesmo que leva a uma firme convicção da verdade das Escrituras. Assim como o evangelho carrega em si mesmo uma glória divina, real e objetiva, assim também, da mesma maneira, “as próprias Escrituras são uma evidência de sua própria autoridade divina”.⁷⁸

Essa mesma glória

A fé autêntica está fundamentada em “boa razão e base válida”. Enquanto a argumentação histórica pode demonstrar com elevada probabilidade aos olhos dos eruditos que Jesus ressuscitou dos mortos, a maioria das pessoas comuns não dispõe do tempo ou dos instrumentos necessários para seguir esse estudo disciplinado. Se a fé salvadora e inabalável precisa estar acessível a todos, deve ser achada de um modo mais direto do que por meio de argumentos históricos detalhados.

Jonathan Edwards nos remete a 2 Coríntios 4:3-6, que é um determinante de discernimento. Essa passagem mostra que a presença ou a ausência de fé salvadora depende de a pessoa ser cega ou ter recebido, da parte de Deus, a capacidade de ver a luz do conhecimento da glória de Deus em Cristo. Edwards chama essa glória de “excelência inefável, distinguidora e evidencial no evangelho”, que pode ser vista por aqueles que não são cegos e que é um

“fundamento justo” para a fé salvadora. Acho que ele está certo.

Essa glória divina, como veremos, permeia a Bíblia. É uma garantia para crermos não somente naquela parte da Escritura chamada “o evangelho”, mas também em toda a Palavra de Deus, que está, de fato, organicamente conectada com o evangelho e tem as marcas da mesma glória que resplandece mais brilhantemente em Cristo e em sua obra salvadora.

Para muitas pessoas, esse tipo de argumento em favor da verdade da Escritura – realmente esse tipo de vocabulário – é novo e estranho. Por essa razão, o capítulo seguinte tenta remover a surpresa desnecessária. Espero oferecer quatro analogias do que é ver a glória de Deus por meio de sua Palavra. Eu digo surpresa “desnecessária” porque talvez aconteça que as realidades com que lidamos lhe pareçam genuinamente tão estranhas que você tenha de começar numa condição de alguém surpreendido.

Por exemplo, se você nunca esteve em algum veículo que acelera rapidamente e, assim, nunca sentiu a força “g” empurrando você de volta ao assento, talvez fique totalmente admirado quando isso acontecer pela primeira vez. É uma experiência nova de realidade. Mas você aprende o que isso é e o torna parte de seu entendimento e de seu vocabulário. É assim que acontece com todas as experiências de nova realidade. A linguagem da glória de Deus e da visão espiritual pode até parecer surpreendente para aqueles que não têm nenhuma experiência com ela. Portanto, no capítulo seguinte, procurarei, pelo menos, remover a surpresa desnecessária.

Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade! Por isso, os filhos dos homens se acolhem à sombra de tuas asas. Fartam-se da abundância de tua casa, e na torrente de tuas delícias lhes dás de beber. Pois em ti está o manancial da vida; em tua luz, vemos a luz.

SALMO 36:7-9

48. Dedicarei um capítulo inteiro ao lugar da argumentação histórica (Cap. 17) e ao lugar apropriado que tem em nosso estudo da Escritura. Ver Daniel P. Fuller, *Easter Faith and History* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1965); Wolfhart Pannenberg, *Jesus, God and Man* (Philadelphia: Westminster Press, 1968); John Piper, *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist*, rev. ed. (Colorado Springs, CO: Multnomah, 2011), 332-39; William Lane Craig, *The Son Rises: The Historical Evidence of the Resurrection of Jesus* (Eugene, OR: Wipf & Stock, 2001); Gary R. Habermas e Michael Licona, *The Case for the Resurrection of Jesus* (Grand Rapids, MI: Kregel, 2004); Lee Strobel, *The Case for the Resurrection: A First-Century Investigative Reporter Probes History's Pivotal Event* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010); N. T. Wright, *The Resurrection of the Son of God* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 2003); Michael R. Licona, *The Resurrection of Jesus: A New Historiographical Approach* (Carol Stream, IL: IVP Academic, 2010); Craig S. Keener, *The Historical Jesus of the Gospels* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2012).

49. Edgar Krentz, *The Historical-Critical Method* (Philadelphia: Fortress Press, 1975), 67.

50. Ibid., 67.

51. Wolfhart Pannenberg, "Redemptive Event and History", em *Basic Questions in Theology*, vol. 1, trans. George H. Kehm (Philadelphia: Fortress Press, 1970), 16.

52. Ibid., 28.

53. Fuller, *Easter Faith and History*, 237-38.
54. Wolfhart Pannenberg, "Insight and Faith", em *Basic Questions in Theology*, vol. 2, trans. George H. Kehm (Philadelphia: Fortress Press, 1970), 33.
55. John Piper, "Jonathan Edwards on the Problem of Faith and History", *Scottish Journal of Theology* 31 (1978): 217-28; "The Glory and the Ground of Faith", *Reformed Journal* 26 (November 1976): 17-20. Os comentários seguintes a respeito de Edwards baseiam-se amplamente nesses dois artigos.
56. Jonathan Edwards, *A Treatise Concerning Religious Affections*, vol. 2, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. John Smith (New Haven, CT: Yale University Press, 1957), 303.
57. De 1751 a 1758, Edwards foi pastor da igreja na cidade fronteiriça de Stockbridge (MA) e missionário para os índios. Seu interesse na evangelização de índios remontava a seu pastorado em Northampton, como é mostrado por esses comentários em *Religious Affections*, que ele escreveu entre 1742 e 1746.
58. Edwards, *Religious Affections*, 304.
59. Ibid., 291, 295.
60. Ibid., 295.
61. Ibid.
62. Ibid.
63. Ibid., 291.
64. Ibid., 300.

65. Ibid., 294.

66. Ibid., 301.

67. Ibid., 297.

68. Ibid., 307.

69. Ibid., 299, 303.

70. Ibid., 295.

71. Ibid., 297.

72. Ibid., 272.

73. Ibid., 273.

74. Ibid., 300.

75. Ibid., 298.

76. Ibid., 300.

77. Ibid., 294.

78. Jonathan Edwards, *The "Miscellanies"*, vol. 13, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. Thomas Schafer (New Haven, CT: Yale University Press, 1994), 410 (#333).

Capítulo 9

O QUE É VER A GLÓRIA DE DEUS

Estou argumentando que “a mente ascende à verdade do evangelho [e das Escrituras] somente por um degrau, que é a sua glória divina”.⁷⁹ Mais do que qualquer outra pessoa, fora das próprias Escrituras, Jonathan Edwards me ajudou a entender essa experiência. Entretanto, mesmo em seus dias (1703-1758), o argumento pareceu estranho a muitos. Embora sua cultura fosse mais familiarizada com a linguagem religiosa do que a nossa própria cultura, suas descrições de

ver a glória divina nas Escrituras não foram apenas surpreendentes para muitos, como também ofensivas. Eis a maneira como Edwards exortou sua igreja e a maneira como nos exortaria:

Lancemos fora todos os preconceitos contra o conhecimento espiritual. Há muitas pessoas que nutrem preconceitos contra todas as experiências espirituais de que se fala. Elas ouvem ministros do evangelho falarem muito de iluminação salvadora, de a luz entrar, de descobertas, de convicção, de um senso de nossa pecaminosidade ou de uma visão da glória de Deus *etc.* E têm preconceito contra tudo isso. Essa conversa não é agradável aos ouvidos delas. Dificilmente, elas creem que essas coisas existam. Sim, alguns têm preconceito contra as próprias expressões pelas quais essas coisas são descritas... Esse é um grande obstáculo à iluminação salutar e ao conhecimento espiritual. Portanto, que nenhum de nós alimentemos preconceitos dessa natureza!⁸⁰

Em outras palavras, se a linguagem que estou usando para falar sobre como a Bíblia revela sua completa veracidade é nova, estranha ou mesmo antiquada, não deixe isso se tornar um grande

obstáculo para o conhecimento espiritual. É claro, não creia em algo apenas porque é novo – ou velho! Creia porque é bíblico e verdadeiro.

O que você aprendeu no passar dos anos é que nossa compreensão da própria realidade pode ser impedida por termos uma linguagem inadequada para designar essa realidade. Se você não consegue designá-la, é difícil alguém recebê-la ou passá-la adiante. Por exemplo, se você não tem nenhuma palavra para expressar “cavalheirismo”, como o reconhecerá quando o vir? Será capaz de ajudar seu filho a tê-lo?

Um dos grandes dons da Escritura é que ela cria para nós categorias de pensamento que nos ajudam a compreender mais a verdade. E nos dá palavras para falarmos sobre essas categorias que, sem a Bíblia, não as teríamos. Desse modo, Edwards diria, e eu digo, teste as categorias e as palavras deste livro pelas Escrituras, e não apenas por sua experiência. Somos todos aprendizes. E há sempre mais que

podemos ver e saber a respeito de Deus e de seus caminhos, mais do que podemos imaginar.

Quatro analogias da iluminação divina

Meu alvo neste capítulo é lançar tanta luz quanto for possível sobre o processo de iluminação divina, por meio de quatro analogias ou ilustrações. Em outras palavras, estou perguntando: o que é experimentar o milagre de 2 Coríntios 4:6? “Deus, que disse: ‘Das trevas, resplandecerá a luz’, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. Nenhuma analogia é uma reprodução perfeita de todo o processo. Esses exemplos são apenas indicadores. A visão real da glória divina continua a ser uma experiência sobrenatural sem qualquer correspondente natural.

A alma racional e a Palavra de Deus

Em primeiro lugar, há uma analogia que o próprio Edwards oferece. Tenha em mente que se trata de

uma analogia, e não de uma cópia exata da experiência de conhecer a realidade divina da Escritura. Recomendo uma leitura vagarosa e atenta. A linguagem é complexa, mas inteligível; compensa o que você investir nela.

O ser de Deus é evidente pelas Escrituras, e as Escrituras são, elas mesmas, uma evidência de sua própria autoria divina, da mesma maneira que a existência de um ser humano pensante é evidente pelas emoções, comportamento e fala de um corpo de forma e tessitura humana ou da mesma maneira que esse corpo é animado por uma mente racional. Pois sabemos disso pela coerência, harmonia e concomitância do conjunto de ações e sons e por sua concordância com tudo que podemos supor estar numa mente racional. Essas são evidências inequívocas de um entendimento e um desígnio que são a origem dessas ações.

Portanto, há essa maravilhosa harmonia, concordância e concomitância universal no alvo e na intenção [das Escrituras], essa manifestação de um desígnio maravilhoso e glorioso, essas marcas em todos os lugares de sabedoria, majestade e santidade exaltada e divina, em matéria, maneira, tessitura e alvo; de modo que a evidência é a mesma de que as Escrituras são a palavra e a obra de uma mente divina para aquele que é totalmente familiarizado com elas, assim como as palavras e as ações de um homem de

inteligência procedem de uma mente racional para aquele que, por muito tempo, está familiarizado com ele.⁸¹

Costumamos ignorar, em regra, as maravilhas que nos cercam. Mas não Edwards. É uma maravilha o fato de que podemos ver um movimento do corpo humano (olhos, lábios, face, ombros), ouvir as cordas vocais emitirem sons, seguir a interação desses movimentos e sons com pessoas e coisas que nos cercam e – de todas essas informações físicas e sensoriais – extrair a convicção bem-fundamentada de que, conectado a esse conjunto de movimentos e sons físicos, há um ser humano pensante – uma alma racional.

Não podemos ver uma alma, personalidade, pessoalidade ou racionalidade. Então, como podemos saber que há mais do que o corpo? Edwards diz: “A coerência, a harmonia e a concomitância do conjunto de ações e sons” concordam com “tudo que podemos supor estar

numa mente racional”. A maior parte do tempo, não fazemos conscientemente inferências sobre as pessoas a partir do que vemos para o que cremos. A consciência de personalidade é imediata, porque a união entre personalidade (alma) e corpo é muito profunda.

Em seguida, Edwards aplica essa analogia às Escrituras e ao Deus cujo ser as Escrituras expressam. Na analogia, as Escrituras correspondem ao corpo humano, enquanto Deus corresponde à alma. Quando construímos o significado da Escritura, vemos no significado uma “maravilhosa harmonia, concordância e concomitância universal no alvo e na intenção”. Vemos, em toda ela, a presença de um “desígnio maravilhoso e glorioso”. Vemos abundantes “marcas de sabedoria, majestade e santidade exaltada e divina, em matéria, maneira, tessitura e alvo”. E, nesse significado da Escritura, discernimos “a palavra e a obra de uma mente divina”.

Assim como raramente paramos e pensamos de modo consciente no fato de que inferimos uma alma por trás das ações e das palavras de nosso amigo humano, também raramente paramos e reconhecemos que inferimos uma mente divina por trás das Escrituras. A razão é que, em certo sentido, “por trás” é a palavra errada. A alma não está meramente *por trás* do corpo, assim como a Palavra de Deus não está meramente *por trás* das Escrituras humanas. Em ambos os casos, a união é tão profunda que, ao vermos o corpo humano agindo como devemos, e ao vermos o significado da Escritura como devemos, não há um inferir consciente. Há uma visão imediata. Isso é uma pessoa racional, e não apenas um corpo. Isso é a Palavra de Deus, e não apenas de homem.

O pintor e o Deus que fala

No exemplo seguinte, considere a analogia entre saber que Deus é o autor da Escritura e saber que

Rembrandt pintou “A Tempestade no Mar da Galileia”. A pergunta que sugiro aqui é: quanto da pintura você precisa ver para saber que ela é de Rembrandt? E quanto da Escritura você precisa ler para saber que é a Palavra de Deus? A razão para essa pergunta é que ela nos ajuda a esclarecer em que sentido a glória de Deus autoconfirmadora é visível por meio das Escrituras.

A maioria de nós concordaria que, se cobríssemos a pintura de Rembrandt com papel preto e, depois, fizéssemos um pequeno furo no papel para deixar visível um pontinho do quadro, não seríamos capazes de ter um conhecimento indiscutível de que a pintura é de Rembrandt. Nem mesmo saberíamos o que estaríamos olhando. De modo semelhante, a glória distintiva de Deus na Escritura não está na forma das letras. Ao olhar por um furo nas Escrituras, você pode ver uma letra. Mas isso não revelaria a glória distintiva do autor divino.

O significado do texto está onde a glória resplandece

Por outro lado, a glória que caracteriza as Escrituras como divinas é manifestada por meio do *significado* dos escritos. Enfatizo isso porque, entre outras razões, parece ser uma das implicações das palavras de Paulo em 2 Coríntios 4:4, quando se referiu à “luz do evangelho da glória de Cristo”. A “glória de Cristo” resplandece sua “luz” em nosso coração (v. 6) como a “luz do *evangelho*”. Mas essa não é a luz das letras gregas épsilon, úpsilon ou de quaisquer outras letras ou de palavras isoladas. O “evangelho” representa um complexo histórico de eventos e o significado que esses eventos têm no propósito de Deus. Portanto, a glória do evangelho resplandecerá não por meio de fragmentos inteligíveis e isolados desses eventos, nem por meio de fragmentos desse significado divino, mas, em vez disso, por meio de um relato verbal suficiente dessa realidade histórica e desse significado divino.

Quanto da Escritura é um “relato verbal suficiente”? Isso é semelhante à seguinte pergunta: quanto largo o furo tem de ficar antes de reconhecermos os traços peculiares do inigualável estilo de Rembrandt – especialmente a maneira como usa a luz? A resposta a essa pergunta dependerá de duas coisas: onde está focalizando o furo na pintura e quais sensibilidades artísticas o observador traz em relação à pintura.

Há partes da Escritura em que o significado de Deus requer um grande aumento do furo. Por exemplo, se o furo estivesse posicionado sobre o meio do livro de Jó, seria necessário aumentá-lo para abranger a maior parte do livro, porque os extensos diálogos entre Jó e seus amigos não revelam seu ensino e sua resolução divinamente designados sem o começo e o fim do livro. Por outro lado, se o furo estivesse posicionado sobre o Evangelho de João ou sobre a Epístola aos Romanos, o aumento do furo até um relato verbal suficiente da glória peculiar de

Deus poderia ser muito menor. O significado autoconfirmador de Deus está presente, de modo suficiente, em porções menores do escrito.

As sensibilidades artísticas do observador fazem a diferença

Quanto furo na pintura precisa ser aumentado antes que o observador possa perceber que o quadro é um Rembrandt também depende da sensibilidade artística da pessoa que observa o quadro. Uma pessoa que tenha amplo envolvimento com Rembrandt, por meio de seus quadros, talvez seja capaz de ver as marcas do artista muito mais rapidamente do que alguém como eu. Eu sei algumas coisas sobre o estilo de Rembrandt, mas não muito. E meu envolvimento com ele, por meio de seus quadros, é quase tanto quanto você teria numa aula de faculdade sobre apreciação de arte.

De modo semelhante, uma pessoa que tem grande envolvimento com Deus, por meio de sua Palavra,

provavelmente verá mais prontamente os traços de sua glória nas Escrituras do que alguém que tem pouca experiência com as Escrituras. Isso não acontece porque o ver é uma atividade meramente natural ou porque a pessoa que vê mais prontamente tem apenas dons naturais. Isso acontece por duas razões. Uma é que a glória resplandece no *significado*, e não por meio de frases ou palavras isoladas. Nós já vimos por que é assim. Implica que uma pessoa com mais experiência nas Escrituras será, em geral, capaz de construir mais rapidamente o verdadeiro significado de uma passagem do que alguém com pouca experiência.

A outra razão pela qual um amante maduro das Escrituras verá a glória de Deus nelas mais prontamente é que ele tem sido transformado pelas Escrituras. “Contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2 Co 3:18). A glória de Deus

revelada nas Escrituras transforma nossa mente e nosso coração, para que haja uma harmonia mais imediata com a glória de Deus na Palavra. Isso tem grandes implicações para a correlação entre nossa prática das Escrituras e nosso entendimento das Escrituras. Edwards diz: “O conhecimento espiritual é aumentado somente pela prática de virtude e santidade”.⁸²

Deus não assina sua obra-prima

E se o furo na pintura fosse em cima da assinatura do autor? Então, alguém que lesse (sem qualquer conhecimento das excelências do artista) poderia saber que a pintura era de Rembrandt. Menciono isso para chamar a atenção para o fato de que, nesse ponto, a analogia falha. Deus não assina sua obra-prima. A razão pela qual ele não faz isso é que esse conhecimento não nos faria bem algum. O único conhecimento da autoria de Deus que tem valor

eterno e salvador é o conhecimento descoberto pela visão de sua glória na Palavra.

O diabo sabe que a Bíblia é a Palavra de Deus. Ele o viu fazê-la. Mas esse conhecimento não o torna bom. Por quê? Porque é um conhecimento baseado na consciência externa do envolvimento de Deus (como ler uma assinatura), e não na visão interna da beleza de Deus autoconfirmadora no significado das Escrituras. A glória de Deus não é como uma assinatura no quadro da Escritura. Não é como uma luminária pendurada na porta da casa certa dizendo-nos onde entrar. A glória de Deus não é um adendo ao significado da Escritura. Está *no* significado.

A analogia da encarnação de Cristo pode ser útil aqui. Jesus Cristo é humano como as Escrituras são escritos humanos. E Jesus é também divino, como as Escrituras são também a Palavra de Deus.

Para ser conhecido como Deus encarnado, Jesus não dependeu de uma voz externa vinda do céu,

dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3:17). Certamente, Deus lhe deu esse endosso. Mas Jesus nunca apelou para esse anúncio como prova de quem ele era. Em vez disso, perguntou: “Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem vê a mim vê o Pai; como dizes tu: ‘Mostra-nos o Pai?’”. (Jo 14:9). Em outras palavras, o fato de ver e ouvir Jesus deveria ter sido suficiente. Por isso, quando João escreveu seu evangelho, depois de passar três anos com Jesus, disse: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:14).

O ponto aqui é que Deus era discernível em Jesus não por ter colocado uma assinatura no quadro, ou pendurado uma luminária em sua casa, ou anunciado do céu a divindade de Cristo, mas porque Deus estava em Jesus. Deus era quem Jesus era. Eles estavam unidos. As marcas de divindade estavam em Jesus – em toda a pessoa: o agir, o

pensar, o sentir, o falar. Assim também são as Escrituras. Eles não têm a assinatura, nem uma luminária, tampouco um voz proferida do céu. A própria palavra de homens está unida com a Palavra de Deus. As marcas de divindade estão no significado dos escritos.

O que isso significava em relação a Jesus é que as pessoas não podiam discernir a glória divina de Jesus ao olharem para seus pés descalços ou vislumbrarem um simples momento de seu corpo dormindo. Tinham de vê-lo agindo, ouvir sua palavra, observar suas atitudes. As Escrituras são assim. Você não pode ver a glória divina de Cristo nas Escrituras apenas olhando para uma letra do alfabeto em uma de suas sentenças ou no vislumbre aleatório de uma “sentença isolada”, que não tem nenhuma conexão com outras sentenças que deixam claro o significado. Como no caso de Rembrandt, as marcas da grandeza distintiva do artista estão na

composição – o significado do escrito inspirado por Deus.

A luz de Deus traz à luz toda a verdade

No terceiro exemplo, seguimos alguns pensamentos gerados do Salmo 36:9: “Na tua luz, vemos a luz”. E esses pensamentos são também provocados pelo estímulo de uma citação famosa de C. S. Lewis: “Eu creio no cristianismo assim como creio que o sol nasceu, não somente porque eu o vejo, mas porque, por meio dele, eu vejo tudo o mais”.⁸³

Ordinariamente, quando procuramos ter uma convicção inabalável sobre alguma afirmação de verdade neste mundo, trazemos toda a nossa experiência para lidarmos com essa afirmação e tentarmos entendê-la. O que sabemos por experiência antes de ouvir a afirmação, nós aplicamos à afirmação para verificar se ela é válida. É coerente com o que sabemos ser verdadeiro? Faz sentido à luz do que já sabemos? O que sabemos por

experiência é o padrão, o árbitro e a medida da verdade.

Mas o que acontece quando encontramos uma afirmação que diz: “Eu sou o padrão, o árbitro, a verdade?”. Essa afirmação é singular. Não é semelhante a outras afirmações de verdade neste mundo. Quando a medida suprema de toda a realidade fala, você não sujeita essa medida à medida de sua mente ou de sua experiência do mundo. Ele criou tudo isso. Quando o padrão supremo de toda verdade e beleza aparece, não é colocado no banco para ser julgado pelas percepções anteriores de verdade e beleza que trazemos ao tribunal.

A origem eterna e absoluta é vista como verdadeira e bela não porque ele é coerente com o que sabemos, mas porque toda a verdade e toda a beleza que conhecemos são coerentes nele. São padronizadas por ele e fluem dele. Ele não faz sentido e tem plausibilidade na luz deste mundo. Ele traz sentido ao mundo. Ele é o sentido. A luz que temos no

mundo não resplandece nele e revela sua verdade. Ele é a luz do mundo, e na sua luz vemos a luz.

“Na tua luz, vemos a luz.”

Salmo 36:9 diz: “Em ti está o manancial da vida; na tua luz, vemos a luz”. O que significa a segunda parte deste versículo? Considere o contexto. Os primeiros quatro versículos do salmo descrevem a condição daqueles que não têm “temor de Deus” (v. 1). Em vez disso, “Há no coração do ímpio a voz da transgressão” (v. 1). O que ela diz? “A transgressão o lisonjeia a seus olhos... que a sua iniquidade não há de ser descoberta” (v. 2). A negação de Deus e o poder do pecado colocam o homem num mundo de ilusão. Ele acha que é autossuficiente e seguro. Por isso, dedica-se a palavras de engano e atos de maldade (vv. 3-4). Ele é como uma formiga que nega a existência da terra, ou um pássaro que nega a existência do ar, ou um peixe que nega a existência da água.

Em seguida, o salmista (Davi) coloca a majestade de Deus em contraste com essa ilusão. “A tua benignidade, SENHOR, chega até aos céus; até às nuvens, a tua fidelidade. A tua justiça é como as montanhas de Deus; os teus juízos, como um abismo profundo. Tu, SENHOR, preservas os homens e os animais” (vv. 5-6). O homem que nega a Deus e os animais que não conhecem a Deus são, ambos, sustentados pelo Deus que eles não conhecem. Montanhas e grandes abismos não desaparecem porque os homens e os animais são cegos à glória deles.

Mas Davi sabe quão abrangente é a benignidade de Deus em sustentar a existência de todas as coisas. Ele canta a preciosidade desse amor: “Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade!” (v. 7). Não importa se eles a veem ou não, Davi confessa que todos os homens vivem no cuidado sustentador de Deus. Têm sua vida, respiração e tudo da parte de Deus. “Os filhos dos homens se acolhem à sombra

de tuas asas. Fartam-se da abundância de tua casa, e na torrente de tuas delícias lhes dás de beber” (vv. 7-8). As pessoas – os filhos dos homens – que não têm “temor de Deus” e que lisonjeiam a si mesmas dizendo que são autossuficientes e seguras sem Deus, essas mesmas pessoas vivem na abundância da casa de Deus, sem saber. Bebem do rio de deleites de Deus. São sustentadas pelo Deus que negam.

Como pode ser isso? O versículo 9 começa com “pois” (hebr. *kiy*), que dá a razão. “Pois em ti está o manancial da vida; na tua luz, vemos a luz.” A razão pela qual até aqueles que não temem a Deus podem vir e beber da vida de Deus é que Deus é a fonte de toda a vida. Não há vida sem Deus. E Deus é a fonte de toda a luz. Não há luz, nem conhecimento, nem sabedoria à parte de Deus. Toda a existência e todo o conhecimento dependem de Deus. Se temos vida, vivemos por ele. “Nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (At 17:28). Se temos

qualquer conhecimento, nós o temos por ele. “Dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas” (Rm 11:36). Não derramamos luz em Deus pela luz que vemos. Ele é a origem, a fonte. Se temos qualquer medida de luz, isso acontece porque é ele, e não nós, quem está derramando luz no que vemos.

Portanto, quando o Filho de Deus veio ao mundo – quando a Palavra se tornou carne (Jo 1:14) –, “a verdadeira luz que... ilumina a todo homem” veio ao mundo (Jo 1:9). A origem, a fonte, se tornou parte da torrente de criação que flui dele mesmo. A luz entrou na luz que ele mesmo criou. Jesus Cristo é singular. Ele é realmente criatura e realmente Criador – uma pessoa em duas naturezas. Jesus Cristo é aquele que pode ser conhecido e que torna possível todo conhecimento. Ele é um ponto de luz – um ponto de verdade e de conhecimento – que penetra nossa mente e, ao mesmo tempo, a luz pela qual vemos todos os pontos de luz. Por conseguinte, sabemos que ele é verdadeiro, não porque nossa luz

mostra que ele é assim, mas porque sua luz divina resplandece com sua própria glória, que ilumina e esclarece tudo.

Isso também é verdadeiro quanto à sua palavra, as Escrituras, as quais estão organicamente relacionadas à Palavra encarnada. Como a luz do mundo, Cristo é a síntese e o esplendor de toda a verdade do Antigo Testamento. E ele quis que a luz que ele trouxe ao mundo fosse preservada de novo como a síntese e o esplendor do Novo Testamento. Como disse Herman Bavinck, a Escritura “é o produto da encarnação de Deus em Cristo e, num sentido, a sua continuação”.⁸⁴ Assim, sabemos que as Escrituras são verdadeiras não porque nossa luz mostra que são verdadeiras, mas porque a luz divina das Escrituras resplandece com sua própria glória singular, que ilumina e esclarece todas as coisas.

O que Pedro viu que Judas não viu?

Em nosso quarto exemplo, gostaria de refletir com você sobre a diferença entre o que os apóstolos Pedro e Judas viram quando olharam para Jesus. Até chamar Judas “apóstolo” é chocante. Mas aí está: “Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro... e Judas Iscariotes” (Mt 10:2-4). Ele não cumpriu o propósito de um apóstolo de falar a verdade em nome de Jesus e, por isso, foi excluído dos Doze antes de os apóstolos serem encarregados da missão na partida de Jesus. Jesus sabia que Judas fracassaria quando o escolheu. “Jesus sabia, desde o princípio... quem o havia de trair” (Jo 6:64). Judas foi escolhido para que aprendamos com seu fracasso.

Pedro foi diferente. Apesar de todos os seus erros, Pedro viu Cristo como persuasivamente verdadeiro e grande. Conhecê-lo era supremamente recompensador. Quando outros deixavam Jesus porque seu ensino se tornava cada vez mais controverso, Jesus perguntou aos Doze:

“Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?”. E Pedro respondeu: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna” (Jo 6:67-68). E, quando Jesus perguntou a seus discípulos: “Mas vós... quem dizeis que eu sou?”. Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16:15-16). Em outras palavras, Pedro viu a pessoa e os ensinamentos de Jesus como irresistivelmente verdadeiros, importantes e satisfatórios. Você é a maior pessoa que existe. Seus ensinamentos são incomparáveis. Não há outra pessoa que preferimos. Você é o Messias. Você é o Filho de Deus. Nossa busca acabou.

“Não foi carne e sangue que to revelaram.”

Como Pedro, que era manifestamente um homem pecador e imperfeito (Lc 5:8), viu Cristo pelo que ele realmente era? Jesus responde, usando o nome original de Pedro: “Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to

revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (Mt 16:17). Essa foi a maneira de Jesus dizer o que Paulo disse em 2 Coríntios 4:6, 2 Timóteo 2:25 e Efésios 1:17 – ou seja, que Deus tem de abrir os olhos de nosso coração antes que a glória de Deus em Cristo e em sua palavra seja vista pelo que realmente é.

Pedro não foi o único que desfrutou disso. Jesus disse aos seus discípulos: “A vós outros, é dado conhecer os mistérios do reino de Deus; aos demais, fala-se por parábolas, para que, vendo, não vejam; e, ouvindo, não entendam” (Lc 8:10). Todos os verdadeiros seguidores de Jesus experimentaram o que Pedro experimentou. Deus lhes tinha “dado conhecer”. Essa é a maneira como alguém chega a conhecer a verdade e a beleza de Cristo.

Por aquele tempo, exclamou Jesus: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém

conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11:25-27).

Ninguém conhece o Pai ou o Filho sem esse dom de visão sobrenatural. A razão pela qual Pedro viu Jesus como verdadeiro, importante e supremamente recompensador foi que Deus, em sua misericórdia soberana e espontânea, escolheu abrir os olhos de Pedro para que ele visse o que Paulo chamou “a glória de Deus na face de Cristo”.

Reter a cura não causa cegueira

Mas, no caso de Judas e de outros, “vendo, não vejam; e, ouvindo, não ouçam” (Mt 13:13). Judas viu o mesmo Jesus físico que Pedro viu. Ele fazia parte do grupo de apóstolos. Esteve com Jesus durante quase todo o tempo durante três anos. Por que não viu? Não é conveniente dizer que ele não viu porque Deus não abriu seus olhos. O gracioso dom de visão da parte de Deus não é a razão pela

qual as pessoas veem. Sua ausência não é exatamente a razão pela qual elas não veem. Reter Deus a cura não é a causa da cegueira das pessoas.

A história de Judas revela por que ele não podia ver a glória de Deus em Cristo. Judas amava o dinheiro (Mt 26:15), era um mentiroso (Lc 22:48), um ladrão (Jo 12:6) e um traidor (Mc 14:10). Essa era a sua cegueira. Quando Jesus visitou o lar de Marta e Maria, esta ungiu Jesus com unguento caríssimo. Judas se opôs: “Por que não se vendeu esse perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres?’ Isso disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava” (Jo 12:4-6).

Aí está: amante de dinheiro, ladrão, mentiroso. É isso que amar a criação mais que o Criador faz à alma humana. Judas tirava para si mesmo o que era colocado na tesouraria dos apóstolos. Ele era um ladrão. E encobria seu roubo com protestos hipócritas sobre amar os pobres. Judas era um

mentiroso. Ele perguntou a Jesus na última ceia: “Acaso, sou eu, Mestre [quem vai traí-lo]?” (Mt 26.25), embora soubesse perfeitamente bem que era o traidor. Judas era um enganador. Traiu Jesus com um beijo – um beijo mentiroso (Lc 22:47). Amar o dinheiro transforma as pessoas em mentirosos e ladrões que não podem ver a glória de Cristo.

A cobiça causa cegueira em relação à glória

Por que amar o dinheiro torna a pessoa cega para a glória de Jesus? Porque a glória de Jesus deve ser o maior tesouro no mundo para nosso coração. “O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo” (Mt 13:44). Como o Rei de Israel, cujo reino nunca tem fim (Lc 1:32-33), Jesus era a incorporação do reino de Deus. Onde ele agia, o governo real de Deus estava agindo (Lc 11:20). Portanto, essa parábola de um único

versículo sobre o reino de Deus (Mt 13:44) é sobre achar Jesus como nosso tesouro supremo. Quando o vemos como ele é – infinitamente belo, valioso e satisfatório –, nosso amor pelo dinheiro é neutralizado. Vemos isso porque, na parábola, o homem que encontra o tesouro vende alegremente tudo que tem para possuir o tesouro. Isso significa uma substituição radical de dinheiro por Cristo como nosso tesouro supremo.

É excludente. Dinheiro ou Cristo. “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6:24; cf. Mt 10:37-39; Lc 8:14; Mc 10:21-22). Você não pode servir a Cristo e ao dinheiro. Judas é uma prova disso. O amor ao dinheiro cega a mente para o supremo valor de Jesus. Mesmo antes de considerarmos o valor de Jesus, nosso coração está se rebelando contra a

reivindicação de Jesus para tomar o lugar do dinheiro como o supremo tesouro de nossa vida.

Portanto, Judas viu o mesmo Jesus que Pedro viu, mas Judas não o viu como persuasivamente glorioso, belo e todo-satisfatório. Ele não estava cego para o ser humano. Estava cego para a infinita beleza e valor da glória divina.

E a razão para essa cegueira não foi o fato de Judas ser um fantoche desamparado nas mãos de Satanás, e sim que ele se uniu a Satanás para odiar a sublime luz da glória de Cristo. A cegueira de Judas – a nossa cegueira – estava arraigada em sua rebelião. Eis o que Jesus disse sobre a nossa cegueira para com sua glória:

O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens *amaram* mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal *aborrece* a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas suas obras (Jo 3:19-20).

A raiz de nossa cegueira não é o fato de sermos *vítimas* das trevas, e sim que somos *amantes* das trevas. A raiz de nossa cegueira não é o fato de estarmos *impedidos* da luz, e sim de *odiarmos* a luz. Amamos as trevas de fazer coisas à nossa maneira e odiamos a extraordinária beleza do Cristo, que é soberano, todo-satisfatório e possui toda a autoridade. E, portanto, nossa cegueira é digna de culpa – não, como dizem os advogados, justificadora. Ela não remove a nossa culpa. É a nossa culpa.

De acordo com essa analogia, Judas representa as pessoas que se aproximam das Escrituras cristãs com a mente e o coração em tamanha desarmonia com a música de seu significado que não podem ouvi-la como realmente é. Há uma dissonância tão grande que o coração repele a revelação de Deus como indesejável e não verdadeira. Pedro representa as pessoas que se achegam às Escrituras com a mente e o coração humilhados pelo Espírito Santo e

abertos para a beleza e a verdade da glória de Deus, que resplandece por meio do significado do texto. O que a analogia deixa claro é que duas pessoas podem olhar para a mesma pessoa (Jesus Cristo) ou para o mesmo livro (a Bíblia) e não ver o que realmente está lá. A analogia mostra que o caminho para vermos inclui a purificação de nosso coração. “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5:8).

As Escrituras revelam a glória

O objetivo dessas quatro analogias é ilustrar como as Escrituras se manifestam como a Palavra de Deus por revelarem a sua glória. O que é experimentar uma convicção inabalável acerca da verdade da Escritura pela visão de sua glória dada por Deus?

O caminho que descrevemos em direção a uma convicção inabalável da verdade da Escritura está fundamentado no ensino de Paulo em 2 Coríntios 4:4-6, onde ele diz que, por meio do ouvir (ou ler) o

evangelho, Deus transmite ao nosso coração a luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. Esse caminho para a certeza no evangelho é o mesmo que leva a uma convicção inabalável da verdade de toda a Escritura. Assim como o evangelho leva em si mesmo a glória divina, real, objetiva e autoconfirmadora, assim também, da mesma maneira, “as Escrituras são, elas mesmas, uma evidência de sua própria autoridade divina”.⁸⁵

Uma das implicações desse caminho para a certeza é que outros caminhos que oferecem probabilidades e risco se tornam problemáticos. Existem alguns exemplos famosos desses outros caminhos. Lidar com um deles esclarecerá o caminho diferente que estou seguindo. Por isso, no capítulo seguinte nos voltaremos para a *Aposta de Pascal*.

Não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração,

para saberdes qual é a esperança de seu chamamento, qual é a riqueza da glória de sua herança nos santos.

EFÉSIOS 1:16-18

-
79. Jonathan Edwards, *A Treatise Concerning Religious Affections*, vol. 2, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. John Smith (New Haven, CT: Yale University Press, 1957), 299.
80. Jonathan Edwards, “A Spiritual Understanding of Divine Things Denied to Unregenerate”, em *Sermons and Discourses, 1723-1729*, vol. 14, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. Harry S. Stout e Kenneth P. Minkema (New Haven, CT: Yale University Press, 1997), 91.
81. Jonathan Edwards, *The “Miscellanies”*, vol. 13, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. Thomas Schafer (New Haven, CT: Yale University Press, 1994), 410-11 (#333).
82. Ibid., 287 (Miscellany 123). “O conhecimento espiritual é aumentado somente por meio da prática de virtude e santidade. Não podemos ter a ideia sem a disposição adequada da mente; e, quanto mais adequada for a disposição, tanto mais clara e intensa será a ideia; porém, quanto mais praticarmos, tanto mais aumentada será a disposição.”
83. C. S. Lewis, “Is Theology Poetry?”, em C. S. Lewis, *Essay Collection and Other Short Pieces* (London: HarperCollins, 2000), 21.
84. Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics*, vol. 1: *Prolegomena* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2003), 380.
85. Edwards, “Miscellanies”, 410 (#333).

Capítulo 10

PONDERANDO A APOSTA DE PASCAL

Enquanto escrevia os dois capítulos anteriores, eu estava motivado pela preocupação de que um argumento histórico complexo em favor da verdade da Bíblia está fora de alcance para a maioria das pessoas no mundo. A maioria das pessoas não dispõe dos instrumentos ou de tempo para desenvolver tal argumento. Não somente isso, mas também o fato de que tais argumentos produzem somente resultados prováveis e deixam a pessoa com o senso

de que sua confiança na Bíblia é tão firme quanto sua compreensão da situação presente em relação aos estudos históricos. Minha preocupação, portanto, tem sido encontrar um meio de ter uma confiança inabalável na verdade da Bíblia, uma confiança baseada em evidência que uma pessoa possa ver, embora não tenha nenhum treinamento em história e disponha de pouco tempo para se dedicar a um estudo rigoroso.

Como eu tenho confiança em minha esposa?

Uma maneira de pensar nessa abordagem é compará-la com a confiança que eu tenho de que minha esposa é fiel a mim – que ela não está tendo um caso com outro homem. Como eu posso ter uma confiança inabalável de que ela é fiel? Uma maneira de lidar com isso seria contratar um detetive particular e pedir-lhe para fazer a vigilância necessária a fim de provar que ela não está tendo um

encontro secreto. Mas essa maneira de lidar me deixa preocupado com o fato de que meu detetive talvez não seja meticoloso. Talvez ele perca algo. Talvez minha esposa suspeite de que ele está agindo e encontre um meio de enviá-lo à procura de algo inexistente, enquanto ela prossegue com seu caso. Essa maneira de lidar com a questão me deixará preocupado e não convencido. A única maneira de ter uma confiança inabalável em minha esposa, uma confiança que me deixe completamente em paz, consiste em fundamentá-la no conhecimento direto do tipo de pessoa que ela é. Com o passar do tempo, eu cheguei a conhecê-la profundamente. Vejo as marcas densas de integridade, de santidade, do temor a Deus e de sua dedicação a ele e a mim. Essas são as realidades que nenhum detetive particular pode me provar. Eu as conheço em primeira mão. Não posso quantificá-las. Se pudesse, elas perderiam a força, porque eu estaria sempre me perguntando se haveria necessidade de um pouco

mais de “quantidade” para estabelecer o caráter dela. Não é assim. É algo mais imediato. Mais intuitivo. Mas não meramente subjetivo. Está baseado em incontáveis horas e experiências passadas juntos. Essa maneira de conhecer a fidelidade de minha esposa produz uma confiança inabalável na qual eu arriscaria minha vida. Eu durmo em paz, sem me inquietar.

Se isso é possível no caso de uma esposa que é meramente humana, bem como imperfeita e pecadora, mais ainda é possível conhecer, de maneira direta, a verdade e a fidelidade da Palavra de Deus, na medida em que a glória divina do caráter de Deus aparece nas Escrituras que ele inspirou. Neste capítulo, quero seguir essa maneira de conhecer a verdade da Escritura relacionando-a à Apostasia de Pascal. A razão pela qual penso que isso trará mais luz a respeito de como ganhamos uma confiança inabalável na Escritura é que a inadequação da Apostasia de Pascal nos envia às

próprias Escrituras com discernimentos que aprofundam e fortalecem nosso entendimento de como sabemos que a Bíblia é verdadeira.

A Aposta de Pascal

Pascal foi um matemático e filósofo francês que morreu em 1662. Sua obra mais famosa é *Pensamentos*. No pensamento 233, ele propôs sua aposta, que diz respeito a como você decide crer em Deus ou não. Em sua forma popular, é um pouco enganosa, acho. É por isso que a considero aqui. Ao mostrar como ela é enganosa, lançamos luz sobre o processo de como chegar à crença inabalável em Deus e em sua Palavra, e não à crença baseada em risco.

O cerne da aposta de Pascal é que arriscar-se a crer em Deus envolve pouco risco e elevada possibilidade de ganho. Ou, em outras palavras, apostar que Deus não existe e descobrir que você está errado resulta em perda eterna. Mas apostar que ele existe e

descobrir que você está errado resulta em pouca perda. Nas palavras do próprio Pascal, a aposta é expressa nestes termos:⁸⁶

Deus existe ou não existe. Mas para qual lado nos inclinaremos? A razão nada pode determinar aqui... um jogo está sendo jogado na extremidade dessa infinita distância em que se joga cara ou coroa. O que você apostará? De acordo com a razão... você não pode defender nem uma nem outra das proposições...

Você tem de apostar. Não é opcional. Você está obrigado a isso. O que você escolherá, então?... Sua razão não fica mais chocada em escolher uma ou outra, visto que, por necessidade, você tem escolher... Mas qual é a sua felicidade? Vamos pesar o ganho e a perda em apostar que Deus existe...

Se você ganhar, ganha tudo; se perder, não perde nada. Aposte, então, sem hesitação, em que ele existe... Há aqui a infinidade de uma vida infinitamente feliz, uma chance de ganho contra um número finito de chances de perda... onde quer que o infinito esteja, e não há uma infinidade de chances de perda contra a de ganho, não há tempo para hesitar, você tem de dar tudo...

E, assim, nossa proposição é de força infinita, quando o finito está em jogo, num jogo em que há riscos iguais de ganho e de perda e o infinito para ganhar. Isso é demonstrável; e, se homens são capazes de quaisquer verdades, essa é uma delas (*Pensamentos*, 233).

A aposta tão simples mas enganosa

Aqui é onde o entendimento popular (e enganoso) da Aposta de Pascal termina. Por que é enganoso?

É enganoso porque dá a impressão de que a fé salvadora em Deus é uma escolha que fazemos sem ver Deus como verdadeiro e cativantemente belo. A aposta diz: “Você não sabe se Deus realmente existe. Deus mesmo não é uma realidade para você. É uma possibilidade. Quando você olha para a natureza ou para a história do evangelho sobre o Cristo crucificado e ressuscitado, não vê uma glória divina que é convincente e bela para você”. Entretanto, a aposta diz: “Você tem de escolher”. E diz: “Escolha Deus. Mas, quando você faz a escolha, a escolha que você faz não se deve a uma visão de glória que convence e encanta”.

No entanto, de acordo com as Escrituras, essa escolha não tem valor eterno. Não é fé salvadora. É algo puramente natural, e não uma coisa sobrenatural. Somos atraídos para algo que não

conhecemos. Esperamos por uma extensão e um aprimoramento eterno da felicidade que temos aqui nas coisas deste mundo (visto que não conhecemos a Deus). Mas a fé salvadora não é assim. Está alicerçada na visão e no gozo antecipado da felicidade na realidade sobrenatural – Deus mesmo. De acordo com as Escrituras, a fé viva é criada na alma morta pelo milagre do novo nascimento. “Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama aquele que o gerou também ama o que dele é nascido” (1 Jo 5:1). É assim que a fé acontece.

Sem esse novo nascimento, somos meramente carne – meramente humanos, meramente naturais. “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3:6). E a mente da carne não pode sujeitar-se a Deus (Rm 8:7); e não pode ver as coisas de Deus senão como loucura (1 Co 2:14). “Nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não

resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2 Co 4:4).

Portanto, para que a fé salvadora chegue a existir, Deus tem de outorgar arrependimento. “Disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade” (2 Tm 2:25). Ou seja, Deus tem de vivificar os espiritualmente mortos. “E, estando nós mortos em nossos delitos, deu-nos vida juntamente com Cristo” (Ef 2:5). Esse novo nascimento, “mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1 Pe 1:23), dá a luz do conhecimento da glória de Deus. “Deus, que disse: ‘Das trevas, resplandecerá a luz’, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4:6).

Essa visão da glória de Deus, em Cristo, dada sobrenaturalmente é o fundamento da fé salvadora. Deus é visto com os olhos do coração, tão

verdadeiramente quanto os olhos de nossa cabeça vê o sol no céu. E essa visão da glória de Deus em Cristo nos compele. É tão irresistível quanto o gozo de sua comida favorita quando está em sua boca. E isso também acontece quando Deus se torna a sua coisa favorita, por abrir seus olhos para ver a beleza convincente e encantadora dele mesmo. Vê-lo como supremo em beleza é desejá-lo acima de tudo.

Portanto, a opinião simples e popular da Aposta de Pascal é enganosa. Ela dá a impressão de que você pode realmente ter uma felicidade eterna em Deus apenas ao escolher crer que ele existe, quando você nem provou, nem viu sua glória convincente e encantadora. De acordo com as Escrituras, isso não é fé salvadora. Como vimos no Capítulo 8, fé sem fundamento não manifesta a confiabilidade daquele em quem confiamos. A “fé” da aposta não abraça a Deus como verdadeiro ou belo. Deus é um risco desconhecido. Mas isso não honra a Deus e, portanto, não é fé salvadora, porque a fé salvadora

glorifica a confiabilidade de Deus em manter suas promessas (Rm 4:20). A única fé de valor eterno é a fé bem-fundamentada. Mas a Aposta de Pascal, em sua forma popular, dá a impressão de que a pessoa pode ter a vida eterna por assumir um risco.

A aposta como algo complexo e desafiador

Mas Pascal estava, de fato, consciente desse problema em sua aposta, embora os usos mais populares da aposta não levem isso em conta. Para sermos justos com ele, precisamos esclarecer esse ponto. Ele retrata seus ouvintes respondendo à aposta:

“Eu o confesso e o admito. Mas, ainda assim, não há meio de vermos as faces das cartas?”. Sim, a Escritura e o resto *etc.* “Sim, mas eu tenho minhas mãos amarradas e minha boca fechada; sou obrigado a apostar e não estou livre. *Não estou liberto e sou feito de tal maneira que não posso crer. O que, então, você quer que eu faça?*” (ênfase acrescentada).

Pascal responde:

É verdade. Mas, pelo menos, aprenda sua incapacidade para crer, visto que a razão o traz a isso, mas você não pode crer. Empenhe-se, então, para convencer-se a si mesmo, não pelo aumento de provas de Deus, mas pela diminuição de suas paixões. Você gostaria de chegar à fé e não sabe como; gostaria de curar a si mesmo da incredulidade e procura o remédio para ela. Aprenda com aqueles que estavam presos como você e, agora, arriscam todas as suas posses. São pessoas que sabem o caminho que você quer seguir e estão curadas da enfermidade da qual você quer ser curado.

Não é fácil saber, da brevidade de *Pensamentos*, exatamente como Pascal concebe essa “cura” para a incredulidade. Sua resposta básica é: comece a andar no caminho da fé, como se você cresse, e logo terá olhos para ver a certeza de tudo isso.

Eu lhe direi que... em cada passo que der neste caminho, verá tão grande certeza de ganho, tão grande nulidade no que arrisca, que

reconhecerá, por fim, que fez uma aposta por algo certo e infinito, pelo que você não deu nada.

Gostaria de pensar que Pascal quis dizer: busque o milagre do novo nascimento ao imergir na Palavra de Deus, pela qual vem o milagre da visão e da certeza (1 Pe 1:23). Mas tenho receio de que não foi isso o que ele quis dizer. Seu sacramentalismo católico romano estabelecia um caminho diferente. Ele aconselha ao interessado: siga aqueles que têm agido “como se cressem, recebendo a água santa, assistindo às missas *etc.* Até isso fará você crer naturalmente”.

Acho que esse não é um bom conselho. Mas a aposta, em sua verdadeira complexidade, é um desafio sábio e inteligente. O desafio não é procurar a fé por meio de água santa e missas. O desafio é compreender que as coisas infinitas estão em jogo. A fé salvadora é essencial; não é uma aposta. Pelo contrário, é um entrar pela porta de Cristo, atraído

irresistivelmente pela prelibação convincente e atraente da beleza encantadora de Deus no evangelho.

A Aposta de Pascal se aplica não somente à fé em Deus, mas também à fé na Palavra de Deus. Arriscar-se a crer na Bíblia, sem qualquer base para fazer isso, não é honrar as Escrituras. A Palavra de Deus não é valorizada se alguém crer nela pelo lançar de uma moeda. De fato, essa “crença”, como já vimos, não seria uma crença de algum valor. Seria como um homem que escolhe jogar uma moeda para saber com qual de duas mulheres deve casar-se. A escolhida saberia não ter sido escolhida por boas razões. A fé na Palavra de Deus que honra a Deus tem seus fundamentos. Temos visto sua glória divina. Temos visto “a glória de Deus na face de Cristo”. E não podemos afastar-nos para outra. Dessa maneira, Cristo e sua Palavra são honrados.

Experiências indescritíveis e dúvidas reais

No entanto, isso não significa que não haja dúvidas ao longo do caminho. Também não significa que as experiências conscientes de todos que adotam a Bíblia como a Palavra de Deus sejam as mesmas. Uma pessoa pode chegar a ter uma confiança inabalável na Palavra de Deus e nunca ter ouvido a expressão “glória de Deus”. Pode nunca ter ouvido expressões como “autoconfirmadora”, “testemunho interno” ou “evidência convincente e irresistível”, ou outras semelhantes. A experiência de ver a realidade de Deus autoconfirmadora na Escritura é amplamente diferente de ser capaz de explicar essa experiência. Não são a mesma coisa.

Milhões de pessoas já chegaram a uma confiança inabalável na Bíblia e não têm sido capazes de encontrar palavras suficientes para descrever essa experiência. Eu nem mesmo afirmo que as palavras que estou usando são suficientes para explicá-la. Então, sejamos claros: o milagre de ver “a glória de Deus na face de Cristo”, por meio das Escrituras,

pode acontecer a uma pessoa que nunca será capaz de explicar suficientemente por que confia na Bíblia. Sua confiança pode ser inabalável sem ela saber como isso se passa.

A conversão e a execução de Tokichi Ishii

Por exemplo, considere a história da conversão e da execução de Tokichi Ishii – um homem que foi enforcado por assassinato em Tóquio, em 1918.⁸⁷ Ele fora enviado à prisão mais de vinte vezes e era conhecido por ser tão cruel quanto um tigre. Certa ocasião, depois de atacar um oficial da prisão, ele foi amordaçado e amarrado, e seu corpo foi pendurado de modo que os dedos dos pés dificilmente alcançavam o chão. Mas o obstinado se recusava a dizer que se arrependia do que havia feito.

Pouco antes de ser sentenciado à morte, Tokichi recebeu um Novo Testamento de duas missionárias cristãs, Srta. West e Srta. McDonald. Depois de uma visita da Srta. West, ele começou a ler a

história do julgamento e execução de Jesus. Sua atenção foi tomada pela frase “Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34). Essa frase transformou sua vida.

Eu parei. Fui atingido no coração como que por um prego de 12 cm. O que o versículo me revelou? Posso chamar isso de amor do coração de Cristo? Ou chamarei de sua compaixão? Eu não sei como chamá-lo. Sei apenas que, com um coração indizivelmente grato, eu cri.⁸⁸

Isso é o que quero dizer ao falar do poder da Palavra de Deus para gerar uma fé inabalável, mesmo que um crente não saiba como descrever o que aconteceu. No contexto da vida de Jesus, uma frase (“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”) foi uma iluminação verdadeira e convincente da beleza divina. Foi suficiente. A fé nasceu. E o fundamento era sólido.

Tokichi foi sentenciado à morte e a aceitou como “o julgamento imparcial e justo de Deus”. Ora, a Palavra que o levou à fé também sustentou sua fé de maneira admirável. Perto do fim, a Srta. West lhe dirigiu as palavras de 2 Coríntios 6:8-10 a respeito do sofrimento do justo. As palavras o comoveram profundamente e ele escreveu:

“Entristecidos, mas sempre alegres.” As pessoas dirão que eu devo ter um coração muito entristecido, porque espero diariamente pela realização da sentença de morte. Esse não é o caso. Não sinto nem tristeza, nem angústia, nem dor. Fechado numa cela de prisão, de 1,8 m por 2,7 m, sou infinitamente mais feliz do que era nos dias de meu pecar, quando não conhecia a Deus. Dia e noite... estou falando com Jesus Cristo.

Esta é a explicação: por meio da Palavra de Deus, Tokichi Ishii encontrou verdadeiramente o Deus vivo. Ele viu a glória de Deus na face de Cristo. E conheceu a Deus. “Sou infinitamente mais feliz do que era... quando não conhecia a Deus.” Isso era

conhecimento real com um alicerce real na beleza divina de Cristo, quando orou por seus inimigos, que o matavam, e quando morreu por eles. A autenticidade da experiência de Tokichi não dependeu de sua capacidade de expressá-la em palavras, embora tenha feito isso com uma eficiência admirável.

As dúvidas de Billy Graham

A experiência autêntica de uma pessoa com a glória de Deus na Escritura pode ser obscurecida não apenas pela inadequação da linguagem humana, como também por dúvidas e, apesar disso tudo, ser real. A solução dessas dúvidas pode parecer, algumas vezes, a solução da Apostasia de Pascal – apenas arriscar-se na Bíblia. Entretanto, na fé genuína – a fé inabalável –, há sempre mais acontecendo.

A crise de Billy Graham em relação à confiança na Bíblia, que chegou a um ponto crítico em 1949, é

um bom exemplo disso. Em 1948, Charles Templeton, amigo de Billy Graham, estava tendo dúvidas sobre a integridade das Escrituras. Ele deixou seu pastorado em Toronto e entrou no Seminário de Princeton. Billy elogiou Templeton e disse que, se ele tivesse escolhido Oxford, teria ido com ele. Billy “desejava muito fazer pós-graduação”.⁸⁹ E muitas dúvidas fervilhavam em sua mente, embora achasse que Templeton e ele se moviam em direções diferentes: Templeton, na direção de apoiar suas dúvidas; Graham, rumo à sua solução.

As dúvidas de Billy não estavam em um vácuo. Ele vira a poderosa mão de Deus através das Escrituras. Sabia que, “ao tomar a Bíblia como a Palavra de Deus e usá-la, sua pregação tinha poder. Já tinha visto homens e mulheres sobrecarregados de cuidados e moralmente arruinados serem vivificados e se tornarem radiantes”.⁹⁰ Em anos posteriores, ele diria: “Quando prego a Bíblia diretamente – sem

questões, sem dúvidas, sem hesitações –, então Deus me dá um poder que está além de mim. Quando eu digo: ‘A Bíblia diz’, Deus me dá esse poder incrível. É algo que eu não entendo completamente... Quando pego a Bíblia, sinto como se tivesse uma espada nas mãos”.⁹¹

No entanto, em 1949, a batalha se travou em sua alma. Nas palavras de seu biógrafo, John Pollock:

Ele tinha de decidir logo, de uma vez por todas, se gastaria toda a sua vida estudando se Deus havia ou não falado, ou se gastaria sua vida como um embaixador de Deus, levando a mensagem que ele talvez só compreenderia totalmente, em todos os detalhes, depois da morte. O homem intelectualmente honesto tem de saber tudo a respeito das origens da Bíblia, antes de poder usá-la? Os professores de teologia eram os únicos qualificados para falar de religião, ou um americano simples, um camponês não educado ou mesmo uma criança poderiam levar outra pessoa a Cristo?⁹²

A crise chegou ao seu ápice em agosto de 1949, no centro de retiros Forest Home, perto de San

Bernardino, na Califórnia:

Billy estava profundamente inquieto... Depois do jantar, em vez de ir ao culto vespertino, ele se retirou para sua casa de toras e leu de novo a passagem bíblica concernente à autoridade das Escrituras... Meditou na atitude de Cristo, que cumpriu plenamente a lei... “Ele amava as Escrituras, citava-as frequentemente e nunca teve medo de que estivessem erradas.”

Billy saiu para a floresta e vagueou pela montanha, orando enquanto andava... Ele sabia que tinha chegado ao que acreditava ser uma crise.

Ele entendeu que o intelecto sozinho não pode resolver a questão de autoridade. Tinha de ir além do intelecto... “Por isso, voltei para casa, peguei minha Bíblia e saí à luz do luar. Aproximei-me de um toco e coloquei minha Bíblia sobre ele. Ajoelhei-me e disse: ‘Ó Deus, não posso provar certas coisas. Não posso responder a algumas das perguntas que Chuck [Templeton] e algumas das outras pessoas estão levantando, mas aceito este Livro pela fé como a Palavra de Deus’.”⁹³

A convicção de Billy Graham a partir desse momento estava baseada em uma adivinhação? Ele estava fazendo a aposta de Pascal? A afirmação

“Aceito este Livro pela fé como a Palavra de Deus” estava bem fundamentada? É claro que não conheço o coração de Billy Graham quanto a esse momento. Meu argumento aqui é que essa resolução de dúvidas não *tem* de ser um salto no escuro. Ele não estava saltando no escuro. O Graham de 31 anos de idade já vira muito de Deus nas Escrituras. Havia provado o poder da Palavra de Deus em sua própria pregação. O que sua experiência – e a experiência de milhares de outros – nos ensina é que a visão da glória de Deus autoconfirmadora na Escritura é frequentemente uma visão cercada de lutas. O que vemos, experimentamos e conhecemos com uma certeza defensável num dia pode ser obscurecido no dia seguinte.

Visão cercada de lutas

Jonathan Edwards descreveu assim essas experiências:

É notável que as mesmas pessoas que leem a mesma porção da Escritura, em um tempo, serão grandemente afetadas por ela e verão o que é assombrosamente glorioso nela... a pertinência e a concisão da expressão, a majestade admirável, a coerência e a harmonia; e, em outro tempo [para essas mesmas pessoas], [ela] parecerá insípida, rude, impertinente e incoerente.⁹⁴

Em outras palavras, Deus não ordena que sua obra de iluminação na mente humana triunfe sem batalhas. Deus poderia, se quisesse, fazer-se tão consistentemente claro e convincente que essas experiências de visão obscurecida nunca aconteceriam. Mas nós sabemos das Escrituras, bem como de nossa própria experiência, que essa não é a maneira como ele age. Paulo não oraria pelos efésios da maneira como o fez se Deus mantivesse inalteráveis as mais claras visões de sua glória em todos os santos. Paulo orou:

Que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno

conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos (Ef 1:17-18).

Paulo estava pedindo que Deus fizesse os crentes verem, com “os olhos do vosso coração”, a glória encantadora que Deus lhes prometeu em sua Palavra – a esperança do chamamento deles e a glória de sua herança. A visão espiritual dessas coisas é real, mas está em meio a lutas. Lutamos, por meio de oração e de uma firme contemplação na Palavra de Deus, pela visão da glória de Deus, que sustenta nossa esperança inabalável.

De novo, Paulo orou em favor dos efésios:

A fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus (Ef 3:18-19).

Há um tipo de “poder” que não é muscular, mas espiritual. É poder para “compreender... e conhecer o amor de Cristo”, revelado na Palavra de Deus. O amor de Cristo tem largura, comprimento, altura e profundidade que o tornam uma realidade inigualável e autoconfirmadora. Isso pode ser visto pelos olhos do coração quando o “poder” de Deus para ver é dado. E, quando é visto pelo que realmente é, sabemos que é real. Nenhum humano pode produzi-lo. Mas essa convicção é uma convicção cercada de lutas. Foi por isso que Paulo orou em favor dos efésios.

Suponha que alguém pergunte: “Bem, se a visão da realidade divina de Deus na Escritura pode ser brilhante um dia e obscura no dia seguinte, como podemos saber em que dia ela deve ser crida?”. Minha resposta é: se você tem visto verdadeiramente a santidade de Deus por meio das Escrituras – o supremo, puro e transcendente valor e a beleza de Deus por meio de sua Palavra –, essa

visão o sustentará nos tempos de luta. Há uma infinita diferença qualitativa entre o testemunho de Deus por meio de sua Palavra e o testemunho dos tempos obscuros. A batalha pode ser tão severa que, em sua mente, você não pode, em determinado tempo, distinguir entre a luz divina e as trevas humanas. Mas Deus prometeu sustentar aqueles que são nascidos dele, que possuem o Espírito Santo e têm visto a sua glória (1 Co 1:8-9; 1 Ts 3:13; Jd 24-25). Ele se revelará no devido tempo e removerá a obscuridade, para que você veja novamente com clareza (Sl 42:5).

Jesus nos ensinou, por meio de sua oração em João 17, que, enquanto estava na terra, havia começado um ministério de iluminação na mente de seus discípulos que ele tencionava que seu Pai preservasse, quando Jesus não estivesse mais no mundo. Ele revelara a glória do Pai a seus discípulos: “Eu te glorifiquei na terra... Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado” (Jo

17:4, 22). O ensino de Jesus era que ele havia revelado a glória do Pai a seus discípulos, para que eles soubessem que Deus é real. E, quando se preparava para sua ausência, Jesus pediu ao Pai que preservasse essa iluminação nos discípulos:

Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo... Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste... Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura... Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal... Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade (Jo 17:6-17).

O alvo dessa oração é dar-nos a jubilosa confiança (v. 13) de que a manifestação da glória do Pai, uma vez dada, nunca será perdida. E podemos ter certeza disto: Jesus não estava orando apenas por aqueles discípulos, mas, como ele disse, também pelos discípulos do século XXI: “Não rogo somente por

estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra” (Jo 17:20).

Portanto, embora o dom sobrenatural de ver a glória de Deus na Palavra seja uma experiência cercada de lutas, não é uma experiência incerta. Deus não faz seu povo nascer de novo, com novos olhos, apenas para deixá-los morrer e irem cegos para a eternidade. Ele “vos confirmará até o fim... Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor” (1 Co 1:8-9). “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até o Dia de Cristo Jesus” (Fp 1:6). “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8:35).

A fé autêntica não é uma aposta

Entramos agora no assunto do capítulo seguinte, ou seja, o novo nascimento e sua relação com a obra de Deus em nos dar uma confiança inabalável na Bíblia como a Palavra de Deus. O que vimos aqui, com a

ajuda da Aposta de Pascal, é que não existe fé autêntica – a fé salvadora que honra a Deus – baseada em uma adivinhação. Abraçar a realidade de Deus em Cristo, revelada na Escritura, não é uma aposta. O único tipo de confiança que honra aquele em quem se confia é a confiança inabalável.

A experiência de Tokishi Ichii ilustrou o fato de que uma pessoa chega a esse tipo de confiança inabalável ainda que não tenha palavras suficientes para descrevê-la. E a experiência de Billy Graham ilustrou o fato de que uma visão genuína da verdade divina da Escritura é uma visão cercada de lutas. No final, a vitória do crente nessa batalha é a obra de Deus, e não do homem. Essa é a verdade que está por trás do ensino histórico sobre o “testemunho interno do Espírito Santo”, que consideraremos em seguida.

E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade... Se admitimos o testemunho dos homens, o testemunho

de Deus é maior; ora, este é o testemunho de Deus, que ele dá acerca do seu Filho... E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e essa vida está no seu Filho.

1 JOÃO 5:6, 9, 11

86. Alguns desses pensamentos foram publicados inicialmente em um artigo sobre “A Aposta de Pascal” em <http://desiringGod.org>.

87. Essa história foi extraída de John Piper, *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist*, rev. ed. (Colorado Springs: Multnomah, 2011), 147-48. É recontada em Norman Anderson, *God’s Word for God’s World* (London: Hodder & Stoughton, 1981), 25.

88. Ibid.

89. John Pollock, *Billy Graham: The Authorized Biography* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1966), 50.

90. Ibid., 51.

91. <http://www.ccel.us//billy.ch.3.thml>. Acesso em 5 de março de 2015.

92. Pollock, Billy Graham, 52.

93. Ibid., 53.

94. Jonathan Edwards, *The “Miscellanies”*, vol. 13, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. Thomas Schafer (New Haven, CT; Yale University Press, 1994), 289 (Miscellany 126).

Capítulo 11

JOÃO CALVINO E O TESTEMUNHO INTERNO DO ESPÍRITO SANTO

No capítulo anterior, vimos que Billy Graham passou por uma crise de dúvida sobre a verdade da Bíblia. Seu biógrafo, John Pollock, revelou que algumas das questões eram as mesmas que moldaram a abordagem deste livro. De acordo com Pollock, Graham estava perguntando:

O homem intelectualmente honesto tem de saber tudo a respeito das origens da Bíblia antes de poder usá-la? Os professores de teologia eram os únicos qualificados para falar de religião ou um americano simples, um camponês não educado ou até mesmo uma criança poderiam levar outra pessoa a Cristo?⁹⁵

Sou profundamente grato pela erudição bíblica rigorosa. Sou grato pelo fato de, no decorrer de toda a história da igreja, Deus ter levantado brilhantes servos eruditos que fizeram acurada investigação para reunir evidências racionais e históricas de que a Bíblia é um registro confiável dos atos de Deus na história e da interpretação de Deus desses atos. Esses eruditos têm sido muito úteis em minha própria peregrinação.

Compartilhando a preocupação de Billy Graham

Mas, desde meus dias de seminário, tenho carregado a preocupação do não erudito. Usando as palavras

de Billy Graham, “um americano simples, um camponês não educado ou até mesmo uma criança” saberão que a Bíblia é a Palavra de Deus? Ou, quando parte da Bíblia é usada para pregar o evangelho, como o não erudito discernirá que essa é a própria Palavra de Deus? Tenho argumentado que Deus não é honrado, e a alma não é salva pela fé que não tem nenhuma boa evidência ou fundamento consistente. A fé salvadora no evangelho e em todo o “conselho de Deus” na Escritura que apoia, explica e aplica a fé salvadora é uma convicção inabalável, e não uma aposta, uma aventura ou uma imaginação. É uma contradição de termos dizer: “Eu aceito, dependendo e sou encantado com a glória de Deus, que imagino estar lá”. Se não a vemos, não a honramos. E, se a vemos, sabemos que ela está lá.

Então, durante cinquenta anos, minha pergunta tem sido: como uma pessoa comum, sem educação erudita e com pouco tempo para investir em estudos

históricos, sabe com certeza que a Bíblia é a confiável Palavra de Deus em tudo que ensina?

Histórica e biblicamente, uma resposta que tem sido apresentada é: sabemos que a Bíblia é a Palavra de Deus pelo “testemunho interno do Espírito”. O que é isso? Acho tanto inspirador como iluminador seguir a vida e o pensamento de João Calvino nesse assunto. Isso nos levará às partes cruciais da Escritura que descrevem o que pretendo dizer por testemunho do Espírito.

A conversão de Calvino⁹⁶

Calvino nasceu em 10 de julho de 1509, em Noyon, na França, quando Martinho Lutero tinha 25 anos e começara ensinar a Bíblia em Wittenberg. Quando tinha 14 anos, seu pai o enviou para estudar teologia na Universidade de Paris, que, na época, não fora tocada pela Reforma alemã e estava imersa na teologia medieval. Mas, cinco anos depois (quando Calvino tinha 19 anos), seu pai entrou em conflito

com a igreja e disse a seu filho que abandonasse o curso de teologia para estudar direito, o que ele fez nos três anos seguintes, em Orleans e Bourges.

Seu pai morreu em maio de 1531, quando Calvino tinha 21 anos. Calvino se sentiu livre para mudar do curso de direito para seu primeiro amor, que eram os clássicos. Em algum tempo, durante esses anos, ele entrou em contato com a mensagem e o espírito da Reforma, e, por volta de 1533, algo dramático aconteceu em sua vida.

Em novembro de 1533, Nicholas Cop, um amigo de Calvino, pregou na abertura da temporada de inverno na Universidade de Paris e foi chamado para prestar contas ao Parlamento por suas doutrinas parecidas com as de Lutero. Ele fugiu da cidade, e irrompeu uma perseguição contra o que o rei Francisco I chamou “a maldita seita luterana”. Calvino estava entre os que escaparam. A conexão com Cop era tão próxima que alguns suspeitaram que Calvino escrevera a mensagem que Cop pregou.

Assim, por volta de 1533, Calvino já havia cruzado a linha. Era totalmente dedicado a Cristo e à causa da Reforma.

O que aconteceu? Calvino relata, sete anos depois, como sua conversão se realizou. Descreve como estava lutando para viver com zelo a fé católica,

quando uma forma diferente de doutrina começou, não uma que nos afasta da profissão cristã, e sim uma que leva de volta à sua fonte... à sua pureza original. Ofendido pela novidade, ouvi com indisposição e, a princípio, confesso, resisti firme e ardentemente... a confessar que tinha passado toda a minha vida em ignorância e erro.

Depois de algum tempo, percebi, como se a luz tivesse brilhado em mim [uma expressão importante em face do que veremos], em que chiqueiro de erro eu me revolvía e, por isso, quanta poluição e impureza havia contraído. Ficando grandemente alarmado com a miséria em que eu tinha caído... como por dever, a minha prioridade foi dirigir-me ao teu caminho [ó Deus], condenando minha vida passada, não sem tristeza e lágrimas.⁹⁷

Por meio de uma conversão repentina, Deus subjugou minha mente e trouxe-a a uma disposição ensinável... Havendo, assim, recebido o gosto e o conhecimento da verdadeira piedade, fui

imediatamente inflamado com [um] intenso desejo de fazer progresso.⁹⁸

Como Deus levou Calvino à fé? Calvino menciona dois aspectos principais. Um foi o resplandecer da luz: “Depois de algum tempo, percebi, *como se a luz tivesse brilhado em mim*, em que chiqueiro de erro eu me revolvia”. O outro foi a criação de humildade: “Por meio de uma conversão repentina, Deus subjugou minha mente e trouxe-a a uma disposição ensinável”. Pela obra de iluminação e humilhação operada pelo Espírito, Deus criou em Calvino uma profunda confiança em Deus e em sua Palavra.

A forma como isso aconteceu é extremamente importante, e precisamos deixar o próprio Calvino descrevê-la em sua obra mais famosa, *As Institutas*, em especial o livro 1, capítulos 7 e 8. Aqui, Calvino aborda como podemos chegar a um conhecimento salvífico de Deus por meio das Escrituras. Sua

resposta é a famosa expressão “o testemunho interno do Espírito Santo”.

O testemunho interno do Espírito, não o testemunho da igreja

Esta foi a resposta de Calvino à afirmação da Igreja Católica Romana de que os cristãos comuns dependem da igreja para decidir por eles aquilo que se refere à autoridade da igreja:

Um erro muito pernicioso que prevalece amplamente é o de que as Escrituras têm tanta importância quanto lhe é atribuída pelo consentimento da igreja. Como se a vida eterna e a inviolável verdade de Deus dependessem da decisão de homens!... Mas, se isso é verdade, o que acontecerá às infelizes consciências que buscam a firme segurança da vida eterna, se todas as promessas de vida eterna consistem de e dependem unicamente do julgamento de homens?⁹⁹

No lugar da igreja, Calvino viu a majestade da própria Palavra de Deus, que leva sua própria glória

e doçura autoconfirmadoras:

Como podemos ter certeza de que isso procede de Deus, se não temos acesso aos decretos da igreja? Como se alguém perguntasse: de onde aprenderemos a discernir luz de trevas, branco de preto, doce de amargo? De fato, a Escritura manifesta plenamente uma evidência tão clara de sua própria verdade, como o branco e o preto o fazem de sua cor, ou coisas doces e amargas o fazem de seu sabor (*Institutas*, 1.7.2).¹⁰⁰

No entanto, seria um erro descrever o poder autoconfirmador da Palavra sem o papel do Espírito Santo:

O testemunho do Espírito é mais excelente do que toda a razão. Pois, visto que Deus, sozinho, é um testemunho suficiente de si mesmo em sua Palavra, a Palavra não achará aceitação no coração dos homens antes de ser selada pelo testemunho interno do Espírito. Portanto, o mesmo Espírito que falou pela boca dos profetas tem de penetrar em nosso coração para nos convencer de que eles proclamaram fielmente o que lhes foi ordenado por

Deus... porque, enquanto ele não ilumina a mente dos homens, estes sempre hesitam entre muitas dúvidas!¹⁰¹

E quanto ao papel dos argumentos históricos e de outros esforços apologéticos para confirmar a verdade da Palavra de Deus? Eles têm algum lugar? Calvino responde:

De si mesmos, estas [provas] não são fortes o suficiente para proporcionar uma fé firme, até que nosso Pai celestial, revelando sua majestade ali, eleve a reverência pela Escritura além do âmbito da controvérsia. Portanto, a Escritura será, em última análise, suficiente para um conhecimento salvador de Deus, somente se a sua certeza for achada na persuasão interna do Espírito Santo. De fato, esses testemunhos humanos que existem para confirmá-la não serão inúteis se, como ajudas secundárias à nossa fragilidade, seguirem esse testemunho principal e mais elevado.¹⁰²

No capítulo anterior, vimos que a visão espiritual da majestade de Deus na Palavra está cercada de lutas. Pode ser obscurecida. Na sabedoria e na

providência de Deus, ele ordenou que “testemunhos humanos” e “ajudas secundárias” sejam usados, de vez em quando, para remover a obscuridade e servir à luz da glória de Deus na Escritura. Isso é, eu acho, o que Calvino queria dizer.

Como acontece?

Para Calvino, “a Escritura será suficiente para um conhecimento salvador de Deus apenas quando sua certeza estiver fundamentada na persuasão interior do Espírito Santo”. Portanto, para Calvino, duas coisas se uniram para lhe dar um conhecimento salvador de Deus: a própria Escritura e a persuasão interior do Espírito Santo. Nenhuma das duas, sozinha, é suficiente para salvar.

Ora, como isso realmente acontece? O que o Espírito faz? A resposta não é que o Espírito nos dá revelação adicional ao que está na Escritura, mas que ele nos desperta, como que dos mortos, para vermos e provarmos a realidade divina na Escritura,

o que a confirma como a Palavra de Deus. Calvino diz: “Nosso Pai celestial, revelando sua majestade [na Escritura], eleva a reverência pela Escritura além do âmbito da controvérsia”. Esta é a chave para Calvino: o testemunho de Deus quanto à Escritura é a revelação imediata, inquestionável e outorgadora de vida, para a mente, da majestade de Deus que se manifesta nas próprias Escrituras.

Repetidas vezes, em sua descrição do que acontece no ato de chegar à fé, vemos referências de Calvino à majestade de Deus revelada na Escritura e vindicando a Escritura. Portanto, já nas dinâmicas da conversão de Calvino, a paixão central de sua vida estava sendo despertada.

Estamos quase na base da experiência de Calvino. Se formos um pouco mais fundo, veremos com mais clareza por que sua conversão resultou em tal “constância invencível” na lealdade vitalícia de Calvino à majestade de Deus e à verdade da Palavra de Deus. Eis as palavras que nos levarão mais fundo:

Portanto, iluminados pelo poder [do Espírito], cremos, não por nós mesmos [observe isso], não pelo julgamento de outra pessoa, que a Escritura é de Deus; mas, acima do julgamento humano, afirmamos, com toda certeza (como se estivéssemos contemplando a majestade de Deus mesmo), que ela chegou até nós da própria boca de Deus pelo ministério de homens.¹⁰³

Isso é quase desconcertante. Não por nosso próprio “julgamento”, cremos que a Escritura é de Deus – o que isso significa? Não devemos formar julgamentos sobre essas coisas? Sim, devemos. Mas, por trás de um julgamento espiritualmente vital – um julgamento que implica que a vida eterna está presente –, está uma iluminação dada pelo Espírito quanto à majestade de Deus mesmo. A visão da glória de Deus precede e fundamenta a formação de julgamentos racionais sobre a verdade da Escritura.

Quando Calvino diz, na citação anterior, que nossa certeza sobre as Escrituras vem de uma visão da glória de Deus, como se estivéssemos contemplando

a majestade de Deus mesmo, as palavras “como se” servem apenas para distinguir o ato de contemplarmos “a majestade de Deus mesmo” de maneira imediata, sem a Escritura como prisma no meio, de contemplarmos a majestade de Deus através da Escritura. Vemos realmente a majestade de Deus com os olhos do coração (Ef 1:18), mas a vemos na Escritura, não *como se* estivéssemos na presença não mediada de Deus.

O testemunho não é acrescentado à Escritura

Portanto, o testemunho interno do Espírito não é uma revelação *acrescentada* ao que vemos na Escritura. Não é a voz do Espírito dizendo à nossa mente: “O que você está vendo agora na Bíblia é a majestade de Deus; então, comece a vê-la”. Ver não funciona dessa maneira. Você não pode ver o que não vê. E, se você vê, não precisa ser dito que veja. Por isso, o testemunho do Espírito não é uma

informação acrescentada que não é dada na própria Escritura. John Frame ressalta que este é o entendimento comum do testemunho do Espírito:

O Espírito nos diz quais livros pertencem ao cânon? Ele nos ajuda a decidirmos entre interpretações rivais? O Espírito nos ajuda em questões eruditas sobre gênero literário, variantes textuais e coisas semelhantes? Não no sentido de cochichar em nosso ouvido as soluções para esses problemas. Nessa questão, os reformadores, os ortodoxos e Berkouwer são concordes: a Escritura nunca apresenta a obra do Espírito como a entrega de uma nova informação *sobre* a Bíblia.

Ninguém, por exemplo, deve afirmar que o Espírito lhe deu uma lista de livros canônicos. A lista atual vem da investigação histórica e teológica dos conteúdos desses livros. Mas o Espírito cumpriu, certamente, um papel na história do cânon. Por iluminar e persuadir a igreja em referência aos verdadeiros livros canônicos, ele ajudou a igreja a fazer distinção entre o falso e o verdadeiro. Ele motivou a igreja a procurar razões para o que lhes ensinava no coração.¹⁰⁴

Portanto, ainda que a expressão “testemunho do Espírito” nos tenha levado a pensar que significa

informação acrescentada ao que temos na Escritura, Calvino queria dizer que a obra do Espírito foi abrir os olhos de nosso coração para vermos a majestade de Deus nas Escrituras. Nesse sentido, embora pareça paradoxal, o “testemunho do Espírito” é a obra de Deus em nos dar a visão do testemunho da Escritura *sobre si mesma*. “Esse fato permanece: aqueles a quem o Espírito Santo ensina interiormente confiam verdadeiramente na Escritura, e a Escritura é realmente autoconfirmada.”¹⁰⁵

A Confissão de Westminster expressa isso nos seguintes termos:

As... excelências incomparáveis e toda a perfeição [da Escritura] são argumentos pelos quais ela dá evidências abundantes de ser ela mesma a Palavra de Deus; mas, apesar disso, nossas persuasão e certeza plenas da verdade infalível e da autoridade divina da Escritura procedem da obra interior do Espírito Santo, dando testemunho por e com a Palavra em nosso coração (Artigo 1.5).

O testemunho do Espírito é “por e com” a Palavra. Não estou certo do que “com” deve acrescentar a “por” nessa frase. Mas a ênfase, como em Calvino, não está em informação acrescentada, e sim em como o Espírito nos capacita a ver o que a própria Escritura revela.

O testemunho é que Deus nos deu vida

Como sempre, o passo crucial agora é voltar-nos às próprias Escrituras para verificar o que (e se) ensinam sobre o testemunho do Espírito. Em meu esforço para testar essas coisas pelas Escrituras, a passagem-chave chegou a ser 1 João 5:6-11:

E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade... Se admitimos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; ora, esse é o testemunho de Deus, que ele dá acerca do seu Filho... E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e essa vida está no seu Filho.

João começa em versículo 6: “O Espírito é o que dá testemunho”. E é “maior” do que qualquer testemunho (v. 9) – incluindo, acho que João diria nesse contexto, como vimos antes, o testemunho de nosso próprio julgamento. E o que é esse testemunho de Deus? Não é meramente uma palavra dada ao nosso julgamento para reflexão, para que nossa convicção confie nessa reflexão. O que é, então?

O versículo 11 é a chave: “E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna”. Entendo que isso significa que Deus nos dá testemunho de sua realidade, da realidade de seu Filho e de sua Palavra, por nos dar vida para que fiquemos vivos para sua majestade e o vejamos pelo que ele é, em sua Palavra. Naquele momento de chegarmos à vida, não raciocinamos a partir de premissas para conclusões; vemos a luz porque estamos vivos – vivificados dos mortos –, e não há julgamento anterior que nos possa persuadir de que estamos vivos, despertos e

capazes de ver. O testemunho de Deus quanto à sua Palavra é *vida dentre os mortos que vê imediatamente*.

Calvino descreveu sua experiência de conversão com a Palavra de Deus “como se a luz houvesse brilhado em mim... recebi um gozo e um conhecimento da verdadeira piedade”. O que o levou a uma convicção inabalável da majestade de Deus em sua Palavra foi a experiência imediata de luz e gozo. Antes, Calvino estava morto para o esplendor e a doçura da majestade de Deus em sua Palavra. Deus lhe deu vida. E essa vida é o testemunho de Deus em sua Palavra.

Estávamos mortos e cegos para a majestade espiritual. Então, o Espírito “dá testemunho”. Ele nos vivifica. “E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna” (v. 11). Quando Lázaro foi ressuscitado dos mortos pelo chamado, ou o “testemunho”, de Cristo, ele soube, sem um processo de raciocínio, que estava vivo. Ouviu a

palavra majestosa. Esse foi o testemunho. Lázaro foi vivificado.

Pelo testemunho, vemos o que está realmente lá

De modo semelhante, de acordo com Paulo, éramos cegos para a glória de Cristo no evangelho. O que precisou acontecer para vermos essa autoconfirmadora “luz do evangelho da glória de Cristo” (2 Co 4:4)? O que precisou acontecer foi a obra de Deus descrita no versículo 6: “Porque Deus, que disse: ‘Das trevas resplandecerá a luz’, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4:6). A palavra de criação de Deus – sua palavra de testemunho! – trouxe vida e luz à nossa alma. Vimos – no mundo – a luz “do conhecimento da glória de Deus”.

Esse é o “testemunho interno do Espírito”. A Palavra tem sua própria glória – a glória de Deus

em Cristo com todos os seus traços. E essa glória nos convence quando, pela obra do Espírito, somos capacitados a ver o que realmente está lá. J. I. Packer confirma que, para Calvino, a autoconfirmação da Escritura e o testemunho do Espírito Santo trabalham juntos:

Calvino afirma que a Escritura é autoconfirmadora por meio do testemunho interior do Espírito Santo. O que é esse “testemunho interior”? Não é uma qualidade especial de experiência, nem uma revelação nova e particular, tampouco uma “decisão” existencial, e sim uma obra de iluminação pela qual, pelo instrumento de um testemunho verbal, os olhos cegos do espírito são abertos, e as realidades divinas chegam a ser reconhecidas e abraçadas pelo que são. Esse reconhecimento, diz Calvino, é tão imediato e inexamínável quanto a percepção de uma cor, ou de um sabor, pelo senso físico – um evento sobre o qual nada mais pode ser dito além do que aconteceu quando os estímulos apropriados estavam presentes, e, quando aconteceu, sabemos que aconteceu.¹⁰⁶

O Espírito dá vida

O apóstolo João confirmou que Calvino estava certo ao ensinar a necessidade da atuação do Espírito Santo em nos levar a uma confiança inabalável na Bíblia como a Palavra de Deus. Como vimos no Capítulo 9, Deus não pendura uma luminária na casa da Escritura para que saibamos que ela é a sua casa. Ele não certifica sua obra-prima com uma assinatura distintiva, à semelhança de Rembrandt. Deus não dá uma voz do céu, que diz: “Este é meu livro. Ouçam-no”. Isso não é o que a palavra “testemunho” significa na expressão “testemunho do Espírito Santo”.

Pelo contrário, o testemunho do Espírito é a obra do Espírito em nos dar vida nova e, com a vida, olhos para vermos o que realmente está lá nas glórias divinas autoconfirmadoras da Escritura – o significado da Escritura. Em outras palavras, este capítulo confirmou o que já vimos com base nas palavras de Paulo em 2 Coríntios 4:4-6 e 2 Timóteo 2:24-26. A luz do conhecimento da glória de Deus

na face de Cristo é visível na Palavra de Deus somente para aqueles em cujo coração o Criador do universo diz: “Haja luz”. Isso é quase o mesmo que o testemunho outorgador de vida de 1 João 5:11.

Saber que a nossa capacidade de ver a glória de Deus autoconfirmadora na Escritura depende da obra soberana do Espírito Santo deveria tornar-nos humildes e alegremente dispostos a rogar que o Espírito venha com seu poder outorgador de luz e vida e faça a verdade e a beleza da Palavra de Deus resplandecerem em nossa mente e coração.

O que emergiu no decorrer de nosso estudo foi o fato de que a glória de Deus tem importância suprema no processo de vermos as Escrituras como a Palavra de Deus. Agora, vamos focar nessa realidade central como o “propósito do todo” – o todo do *mundo* de Deus e o todo da *Palavra* de Deus. A comparação entre ver a glória de Deus em seu mundo e vê-la em sua Palavra confirmará e esclarecerá a importância dessa glória em nos

convencer de Deus como criador do mundo e inspirador da Palavra.

-
95. John Pollock, *Billy Graham: The Authorized Biography* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1966), 52.
96. Parte do que se segue é adaptado de John Piper, *John Calvin and His Passion for the Majesty of God* (Wheaton, IL: Crossway, 2009), 21-23.
97. John Delinberg, *John Calvin, Selections from His Writings* (Saarbrücken, Germany: Scholars Press, 1975), 114-15.
98. Ibid., 26.
99. John Calvin, *Institutes of the Cristian Religion*, trans. F. L. Bates, ed. J. T. McNeill (Philadelphia: Westminster Press, 1960), 1.7.1.
100. Cem anos depois de Calvino, o erudito reformado Francis Turretin ecoou o discernimento de Calvino: “A luz é mais certamente conhecida por nós, de maneira imediata, pelo seu próprio brilho; a comida, por sua doçura peculiar; um odor, por sua fragrância peculiar, sem qualquer testemunho adicional. Assim também, a Escritura que é manifestada para nós em referência ao novo homem e aos sentidos espirituais sob o símbolo de uma luz clara (Sl 119:105), e da comida mais agradável (Sl 19:10; Is 55:1, 2; Hb 5:14), e, de novo, do aroma mais suave e agradável (Ct 1:3), pode ser facilmente distinguida, pelos sentidos do novo homem, logo que lhe é apresentada e se faz conhecida por sua própria luz, doçura e fragrância (*euōdia*); para que não haja necessidade de buscar provas, em outros lugares, de que isso é luz, comida ou um aroma suave e agradável”. Francis Turretin, *Institutes of Elenctic Theology*, ed. James T. Dennison Jr., trans. George Musgrave Giger, vol. 1 (Phillipsburg, NJ: P&R, 1992-1997), 89-90.

- 101. Calvin, *Institutes*, 1.7.4.
- 102. Ibid., 1.8.13.
- 103. Ibid., 1.7.5.
- 104. Citado em *Hermeneutics, Authority, and Canon*, ed. D. A. Carson e John D. Woodbridge (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1986), 229.
- 105. Calvin, *Institutes*, 1.7.4.
- 106. J. I. Packer, “Calvin, the Theologian”, em *John Calvin, A Collection of Essays* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1966), 166.

Parte 5

**COMO AS
ESCRITURAS
CRISTÃS SÃO
CONFIRMADAS
PELA GLÓRIA
PECULIAR DE DEUS?**

“... a luz do evangelho da glória de Cristo”

Capítulo 12

A GLÓRIA DE DEUS COMO O PROPÓSITO DO MUNDO E DA PALAVRA

Toda a Bíblia, entendida apropriadamente, tem este propósito divino: comunicar ou manifestar a glória de Deus. E esse alvo abrangente das Escrituras, de glorificar a Deus no que ensinam e como o ensinam, revela a obra de

Deus no escrever da Bíblia. Esse é o argumento deste capítulo. Mas permita-me colocá-lo no contexto mais amplo do livro.

Aqui e nos capítulos seguintes (12-17), meu alvo é substanciar a experiência de ver a glória de Deus autoconfirmadora em sua Palavra e esclarecer como ela realmente produz uma confiança inabalável na veracidade completa da Escritura. Em um sentido, estes capítulos serão uma extensão do Capítulo 9, no qual ofereci quatro exemplos ou analogias de como é ver a glória de Deus na Escritura. Mas eram apenas analogias; aqui nos voltaremos para a experiência real de ver a glória.

O objetivo deste capítulo é mostrar por que a glória de Deus desempenha papel central em confirmar a verdade da Palavra de Deus. O que veremos é que a glória de Deus no *mundo* e em sua *Palavra* é a realidade central da ambos. Esse é o incomparável resplendor divino que somos responsáveis por ver, quer estejamos olhando para as obras de Deus na

natureza, quer para as palavras de Deus na Bíblia. Ao compararmos a visão da glória na natureza com a visão da glória na Escritura, veremos quão central é a glória de Deus no processo de conhecermos a Deus; veremos que o sobrenatural é conhecido por meio do natural; e veremos que somos responsáveis por ter esse conhecimento – ambos por meio do mundo e da Palavra.

Conhecimento bem-fundamentado da verdade para todos

No entanto, antes de focarmos nessa comparação do mundo e da Palavra, vamos esclarecer por que estamos adotando essa abordagem – buscar a confiança inabalável em Deus por meio de uma visão de sua glória.

Nos capítulos 8 a 11, argumentei que pessoas comuns com pouca ou nenhuma instrução podem ter uma convicção inabalável na verdade da Escritura. Há argumentos históricos fortes, eruditos

e convincentes em favor da autenticidade dos escritos bíblicos.¹⁰⁷ Entretanto, a maioria das pessoas no mundo – muitas delas iletradas – tem pouco acesso a esses argumentos. Elas conhecem o evangelho em alguma porção limitada da Palavra de Deus ou na transmissão oral da mensagem bíblica. Meu interesse é mostrar que todos nós, incluindo essas pessoas, podemos chegar a uma confiança inabalável na verdade do evangelho, e, à medida que o conhecimento da Escritura vai aumentando, essa mesma confiança pode estender-se a toda a Bíblia.

Uma razão para adotarmos essa abordagem, uma razão que ainda não mencionei, é que o Novo Testamento ensina que as pessoas são responsáveis por responder ao evangelho com uma crença inabalável quando o evangelho é pregado fielmente em harmonia com a Palavra de Deus. Outra razão, que já consideramos, é que o evangelho tem em si uma luz ou uma glória autoconfirmadora que tornam possível essa crença inabalável.

Seremos julgados pelo que temos acesso a conhecer

O apóstolo Paulo não presume que pessoas que nunca tiveram a oportunidade de ouvir o evangelho sejam responsáveis por crer nele. Pelo contrário, o julgamento delas virá por outras razões. “Todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram mediante lei serão julgados” (Rm 2:12). A razão, diz Paulo, pela qual aqueles que pecarem sem lei perecerão é que serão julgados com base na revelação a que tiveram acesso mas suprimiram:

A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou... Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, tornaram-se nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato (Rm 1:18-21).

No entanto, Paulo presume realmente que, se as pessoas ouvem uma verdadeira apresentação da Palavra de Cristo, são responsáveis por crer no evangelho e estão sujeitas a julgamento por não crerem. Essa convicção é o que está por trás destas palavras em Romanos 10:

Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?... E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo (vv. 13-17).

Portanto, quando essa pregação da Palavra de Cristo é rejeitada, Paulo nos adverte de que rejeitar o evangelho significa rejeitar a vida eterna: “Cumpria que a vós outros, em primeiro lugar, fosse pregada a palavra de Deus; mas, como a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios” (At 13:46). Ele

adverte que rejeitar a verdade do evangelho expõe uma pessoa a julgamento e decepção final, “porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos” e porque “não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça” (2 Ts 2:10, 12).

Por outro lado, Paulo se regozija e agradece a Deus quando a pregação fiel do evangelho leva as pessoas a crerem. “Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus” (1 Ts 2:13). Por isso, concluo das Escrituras que as pessoas são responsáveis por crer no evangelho quando ele é pregado fielmente, em harmonia com a Palavra de Deus.

A fé inabalável é possível por meio do evangelho

Segundo, concluo que o evangelho tem em si uma luz ou uma glória autoconfirmadora que tornam possível essa crença inabalável. Vimos isso, mais claramente, na passagem em que Paulo fala da “luz do evangelho da glória de Cristo” e da “iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4:4-6). Em outras palavras, Paulo ensina que o evangelho – uma apresentação fiel da “palavra de Cristo” (Rm 10:17) que revela a pessoa e a obra de Cristo da maneira que salva os pecadores – tem em si uma “glória” que pode ser vista pelos olhos do coração (Ef 1:17; 2 Co 4:6). Por isso, concordamos com Jonathan Edwards, quando diz sobre esta passagem:

Nada pode ser mais evidente do que o fato de que, nessa passagem, o apóstolo fala de uma crença salvadora no evangelho como que surgindo de a mente ser iluminada para contemplar a glória divina das coisas que o evangelho exhibe...

A menos que um homem chegue a uma persuasão e uma convicção racional e consistente da verdade do evangelho pelas evidências

internas dele, da maneira como foi falada, ou seja, por uma visão de sua glória, é impossível que os não instruídos e não familiarizados com história tenham, de alguma forma, qualquer convicção plena e eficaz da verdade.¹⁰⁸

Isso é o que motiva a abordagem que estamos adotando. Primeiro, as pessoas têm de ouvir o evangelho para serem salvas, e são responsáveis por crerem na verdade, quando a ouvem. Segundo, o evangelho tem em si uma luz ou uma glória autoconfirmadora que tornam possível essa crença inabalável. E, à medida que o conhecimento da Escritura por parte do crente vai aumentando, essa mesma glória divina confirma tudo da Escritura.

Agora, voltamo-nos para a principal ideia deste capítulo – uma comparação entre ver a glória de Deus por meio de sua Palavra e vê-la por meio de seu mundo.

**O que se pode conhecer de Deus é
manifesto a eles**

Em primeiro lugar, considere comigo a maneira como Deus espera que os seres humanos vejam sua glória no mundo natural. Isso produzirá esclarecimento significativo a respeito de como Deus espera que vejamos sua glória em sua Palavra escrita. A passagem-chave da Escritura é Romanos 1:19-21, na qual Paulo fala dos seres humanos em geral em todos os lugares do mundo:

Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, *claramente se reconhecem*, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, *tendo conhecimento de Deus*, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, tornaram-se nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato.

Essa passagem revela como Deus se torna conhecível e considera todos os seres humanos

responsáveis por conhecê-lo, glorificá-lo e dar-lhe graças. Observe a expressão “atributos invisíveis” (literalmente, “invisíveis” ou “coisas invisíveis”) no versículo 20. Isso é o que Deus está revelando. Está tornando conhecível o “invisível”. Está tornando a si mesmo – suas glória e benevolência (que evocam glorificação e ações de graça) – conhecível.

O que especificamente Deus está tornando conhecível? Paulo menciona duas coisas “invisíveis”: “seu eterno poder, como também sua própria divindade” (v. 20). Sabemos que há outros atributos invisíveis que Deus revela no mundo natural, tais como sua bondade generosa para com pessoas indignas (At 14:16-17), sua sabedoria (Sl 104:24) e seu esplendor e majestade (Sl 104:1). Por isso, Deus espera que os seres humanos conheçam e respondam com adoração às coisas invisíveis que ele tem revelado.

Como elas são reveladas? A resposta de Paulo é admiravelmente impactante. Elas são percebidas

“claramente... por meio das coisas que foram criadas [τοῖς ποιήμασιν νοούμενα καθορᾶται]”. Literalmente, “elas são vistas claramente, sendo entendidas, pelas coisas que são criadas”. Há três passos aqui: (1) Deus fez o universo (τοῖς ποιήμασιν); (2) nossa mente assimila algo de Deus pelas coisas criadas (τοῖς ποιήμασιν νοούμενα); (3) por meio dessa assimilação mental, vemos claramente o invisível (καθορᾶται). Observe cuidadosamente: os objetos que são vistos não são as coisas criadas (τοῖς ποιήμασιν). O caso dativo significa que vemos claramente “*por meio* das coisas que foram criadas”. Portanto, Paulo está dizendo que (1) por meio das coisas criadas, visíveis ao olho físico (τοῖς ποιήμασιν) e (2) pela assimilação mental dessas coisas, quando pensamos sobre elas (νοούμενα), percebemos “claramente” ou vemos os atributos invisíveis de poder e divindade de Deus.

Admitida ou não, a glória de Deus é clara

Se alguém diz: “Bem, eu não os vejo”, Paulo responde: “Sim, você vê”. Ele diz isso duas vezes: no versículo 19, “O que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles [τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ φανερόν ἐστὶν ἐν αὐτοῖς]”; e no versículo 21, “Porquanto, *tendo conhecimento de Deus*, não o glorificaram como Deus [γνόντες τὸν θεὸν οὐχ ὡς θεὸν ἐδόξασαν]. Portanto, ainda que protestemos que não vemos nem conhecemos Deus a partir do mundo natural, Paulo discorda e diz que sim. *Todos nós* o vemos e o conhecemos. E o que podemos chamar “não conhecer”, Paulo chama “*deter* o conhecido”. As pessoas “detêm a verdade pela injustiça” (Rm 1:18).

As coisas que são conhecidas a respeito de Deus por meio da natureza são coisas que nos tornam responsáveis por glorificar a Deus e lhe dar graças (v. 21). Isso deve incluir sua existência, sua gloriosa majestade e sua generosidade em nos dar “vida, respiração e tudo o mais” (At 17:25).

“Os céus proclamam a glória de Deus” (Sl 19:1). Essa é a razão pela qual Deus os criou – colocar em exibição sua glória majestosa. O telescópio espacial Hubble manda para a terra imagens em infravermelho de galáxias tênues que distam talvez doze bilhões de anos-luz (doze bilhões vezes nove trilhões de quilômetros). Mesmo em nossa Via Láctea, há estrelas tão grandes que desafiam a descrição, como Eta Carinae, que é cinco milhões de vezes mais brilhante do que o sol.

Se você tem dificuldade com essa vastidão, julgando ser desproporcionalmente grande quando comparada com os infinitesimamente pequenos homem e sua habitação, lembre-se de que o significado dessa magnitude não diz respeito principalmente a nós. Diz respeito a Deus. “Os céus proclamam a glória *de Deus*.” A razão para “desperdiçar” tanto espaço em um universo para hospedar um pontinho de humanidade é estabelecer um fato a respeito de nosso Criador, e não de nós.

“Levantai ao alto os olhos e vede. Quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelo nome; por ser ele grande em força e forte em poder, nem uma só vem a faltar” (Is 40:26).

Deus tenciona que o mundo criado comunique sua majestade. Como diz o poeta Gerard Manley Hopkins em seu poema mais famoso:

O mundo está repleto da grandeza de Deus.
Flamejará, como o brilho de metal reluzente...
Ali vivem as coisas mais lindas e profundas
E, embora as últimas luzes do poente se vão,
Oh! rompem as luzes da aurora no Leste —
Pois o Espírito Santo a este mundo caído
Aquece com peito cálido e, oh!, asas luzentes.

As palavras “coisas mais lindas e profundas” apontam para o outro fato, além de revelarem a majestade de Deus, de que o mundo revela a beneficência de Deus. Deus espera não somente que

o glorifiquemos, mas também que lhe demos graças (Rm 1:21). Tudo aquilo que nos sustenta e nos dá prazer vem das mãos de Deus (embora tenhamos feito disso um ídolo que substitui a Deus – Sl 36:7-9).

No entanto, o efeito do pecado é tornar-nos resistentes a glorificar a Deus e a dar-lhe graças (v. 21). No profundo de nossa alma, há uma rebelião contra a majestade de Deus e sua plena suficiência. Não gostamos de ser totalmente sujeitos ao poder de Deus e totalmente dependentes de sua misericórdia. No profundo de nosso ser, também percebemos que nossa resistência a Deus é tão condenatória que não podemos viver com a consciência dessa resistência. O resultado é que detemos “a verdade” (v. 18) e nos tornamos nulos em nosso próprio raciocínio e obscurecidos em nosso coração (v. 21). Ou negamos a existência de Deus, ou distorcemos sua majestade para torná-lo suportável.

O que sei a partir do mundo natural?

O que Paulo ensina em Romanos 1:18-23 é profundamente relevante em como reconhecemos a verdade da Escritura. Permita-me levá-lo comigo no caminho que tenho andado em minha própria experiência do mundo e da Palavra.

Quando chego a Romanos 1, sou confrontado com as verdades chocantes de que aquilo que pode ser conhecido sobre Deus é claro para John Piper, de que Deus manifestou-se a si mesmo para John Piper (v. 19), de que John Piper percebe claramente, pelas operações de sua mente e por meio das coisas criadas, o poder e a divindade de Deus (v. 20) e de que, por isso, no âmago de seu ser, John Piper conhece a Deus (v. 21), mas falhou em glorificar a Deus e em lhe agradecer na proporção que ele merece.

Confrontado com essas verdades impressionantes a respeito de mim mesmo, tenho procurado honestamente fazer uma estimativa do que sei de

Deus a partir do mundo natural. Eis o meu melhor esforço para discernir o conhecimento de Deus em minha própria mente e coração, que é um efeito imediato de minha consciência no mundo como ser humano.

Não estou dizendo que eu teria percebido tudo isso sem a graça especial do novo nascimento e a transformação da mente que ocorre por obra do Espírito Santo. Mas também não estou dizendo que percebo essas coisas porque a Bíblia me diz que estão lá – o que, é claro, resolveria a questão. As coisas que percebo envolvem raciocínio sobre o que tenho visto, e não apenas pura observação. Não sei quanto dessas coisas eu perceberia sem a graça capacitadora do Espírito. O que estou dizendo é que essas coisas podem ser realmente vistas na natureza, e não apenas na Bíblia. E suspeito que nosso Criador achará falta no mundo por não verem mais do que isso.

- Deus existe. Esse é o significado mais básico do mundo; e esse significado é manifesto para todos.
- Deus é o único originador de toda a realidade material e espiritual que não é Deus, visto que dois originadores absolutos de todas as coisas são uma contradição.
- Deus é totalmente autossuficiente, sem nenhuma dependência de qualquer coisa fora de si mesmo para ser tudo que ele é, pois isso está implícito em ser o Criador de tudo.
- Deus não tem começo, fim ou progresso de pior para melhor, sendo, portanto, absoluto e perfeito, porque não pode ser aprimorado pelo que depende totalmente dele para sua existência e excelência.

- Deus é aquele de quem sou dependente a cada momento para todas as coisas –nenhuma das quais mereço – e que, portanto, é beneficente. Isso procede da plenitude de Deus como criador e sustentador de todas as coisas, bem como das incontáveis riquezas ao meu redor e de minha consciência culpada, que resulta de meu fracasso em viver de acordo com meus padrões inatos.
- Deus é pessoal e me confronta como aquele que me deu uma personalidade que não é meramente física. Pois a existência de minha própria personalidade e meu senso inato de seu significado moral só podem ser explicados por um Deus pessoal.
- Deus é a explicação do design inteligente no macro (galáxias) e no micro (moléculas e células) universo – um fato tão evidente quanto o automóvel que dá testemunho da existência do homem.

- Deus sabe tudo, porque ele criou e sustenta todas as coisas.
- Deus merece ser reverenciado, admirado, agradecido e buscado por motivo de orientação e ajuda. Isso resulta de meu senso inato de julgamento moral em face de tudo que tenho visto até agora.
- Deus me vê como culpado por não lhe dar a glória e a gratidão que merece. Ele dá a explicação final da má consciência universal no mundo. Isso resulta da perfeita dimensão pessoal em Deus e da deficiente dimensão moral em mim, o que minha consciência revela com uma constância inabalável.
- Deus pode me salvar de minha culpa, mas precisava fazer isso de um modo que vencesse meu impulso mau de resistir a ele e teria de fazê-lo de uma maneira que sua glória seria mantida,

ao mesmo tempo que não me puniria por traição. Pois é evidente que tenho menosprezado sua glória e não posso pagar uma dívida tão grande quanto a que devo, pois tenho ofendido sua bondade infinita.

Outra vez, o argumento aqui não é que qualquer pessoa percebe tudo isso sem a ajuda especial do Espírito de Deus. O argumento é: tudo está realmente lá para ser visto, e nós somos responsáveis por vê-lo.

Coisas formidáveis e autoevidentes que não posso conhecer

Tudo isso equivale à profunda e inescapável compreensão de que Deus fez o mundo para comunicar sua glória – ou seja, a grandeza e a beleza de suas multiformes perfeições. E Deus me criou para experimentar sua glória e, por meio dessa experiência, glorificá-lo e dar-lhe graças. Sou criado para *magnificar* a glória de Deus – não da maneira

que um *microscópio* magnifica (fazendo coisas pequenas parecerem maiores do que são), e sim da maneira que um *telescópio* magnifica (fazendo coisas que parecem pequenas para o mundo se mostrarem tão grandes quanto realmente são). Intuitivamente, eu sei que agradecer a Deus é uma maneira de glorificá-lo. A gloriosa beneficência de Deus é magnificada em meu testemunho humilde, dependente e grato de sua bondade para comigo. Isso é confirmado em Salmo 50:23: “O que me oferece sacrifício de ações de graças, esse me glorificará”.

Também é intuitivamente óbvio para mim que, se a autorrevelação de Deus me constrange a *agradecer-lhe*, a revelação da glória de Deus é para meu bem, ou seja, para meu gozo. Isso é o que eu sinto intuitivamente. Paulo espera que entendamos isso nas coisas criadas. E isto é o que eu realmente entendo: se brota em meu coração um profundo senso de dívida para com Deus pela revelação de sua

glória, eu sou uma testemunha da verdade de que essa revelação é boa para mim.

É também autoevidente para mim que uma gratidão a Deus que acha seus dons agradáveis, mas sua pessoa desagradável, não é gratidão que o glorifica. Portanto, é evidente que, na criação, a bondade dos dons de Deus tem o propósito de nos dar uma amostra da bondade do próprio Deus. Dessa maneira, nossa gratidão é uma forma de glorificar a *ele*, e não a seus dons.

Portanto, também sei intuitivamente que, se acho Deus desagradável, não o glorifico. Ou, em outras palavras, se não acho Deus supremamente satisfatório para minha alma, não o glorifico como deveria. Ou, dito em termos positivos, se acho realmente que Deus é minha satisfação suprema, por meio dessa própria satisfação, Deus é colocado em exibição como o todo-satisfatório e todo-glorioso. Por conseguinte, eu sei, intuitivamente, que a revelação da glória de Deus é para meu gozo

supremo e que, por encontrar esse gozo nele, ele será glorificado. Esse conhecimento é dado na maneira como eu e o mundo fomos criados. E isso é confirmado em Salmo 19:1-5:

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.... Aí, pôs uma tenda para o sol, o qual, como noivo que sai dos seus aposentos, se regozija como herói, a percorrer o seu caminho.

Dessa maneira, o universo criado declara a glória de Deus. Ou seja, o sol se levanta em sua supremacia gloriosa e esplendente durante o dia. E o que isso significa no que diz respeito à glória de Deus? É como um herói que “se *regozija...* a percorrer o seu caminho”. A glória do sol, que pertence a Deus, tem o propósito de ser experimentada como a revelação de gozo em Deus.

À medida que conheço cada vez mais minha mente e meu coração, essas coisas se tornam conhecidas

por mim com base no próprio fato de que o mundo natural existe e no fato de que existo neste mundo como uma pessoa de consciência, conhecimento e valor.

"Pelo propósito do todo"

Ora, qual é a conexão entre conhecer a Deus por meio da natureza, dessa maneira, e a natureza autoconfirmadora das Escrituras? O Catecismo Maior de Westminster provê a ligação – e explica por que o palavra “propósito” está no título deste capítulo. A Pergunta 4 desse catecismo histórico, que foi concluído em 1647, diz: “Como se demonstra que as Escrituras são a Palavra de Deus?”. Em outras palavras, como podemos saber que a Bíblia é a Palavra de Deus e, portanto, verdadeira? Parte da resposta é crucial à nossa linha de pensamento neste capítulo – e neste livro! “Resposta: As Escrituras demonstram ser a Palavra

de Deus... pelo propósito do todo, *que é dar toda a glória a Deus*".¹⁰⁹

O que isso significa? Revertendo a frase, ela diz: "O alvo ou propósito das Escrituras, ou seja, dar toda glória a Deus, é o propósito de toda a Bíblia". Entendo que a expressão "propósito do todo" significa "tudo que a Bíblia tem em vista a totalidade de seus escritos". Em outras palavras, toda a Bíblia, entendida apropriadamente, tem este propósito divino: comunicar ou manifestar a glória de Deus.

Ora, você pode ver imediatamente como isso se relaciona ao propósito do mundo natural em Romanos 1:18-23. Se o catecismo está certo, toda a *Palavra* de Deus está declarando a glória de Deus. E isso, diz Paulo, é o que todo o *mundo* de Deus também está fazendo: "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos" (Sl 19:1). O que isso significa é que, se Deus nos considera responsáveis por vermos sua glória por meio do mundo criado, quanto mais

responsáveis ele nos considerará por vermos sua glória por meio de sua Palavra inspirada.

Isso é verdadeiro se realmente o desígnio maior das Escrituras, determinado por Deus, é revelar sua glória. Os homens que escreveram o Catecismo Maior de Westminster acreditavam que esse era realmente o desígnio de toda a Bíblia. Jonathan Edwards afirmou isso no livro que tem moldado meu pensamento, mais do que qualquer outro livro além da Bíblia, *The End for Which God Created the World* (O fim para o qual Deus criou o mundo):

Tudo que é falado na Escritura como um propósito supremo das obras de Deus está incluído naquela única expressão *a glória de Deus...* A refulgência brilha sobre e na criatura, sendo refletida de volta para o luminar. Os raios de glória vêm de Deus, são algo de Deus e são restituídos à fonte original. De modo que o todo é *de Deus, em Deus e para Deus*, e Deus é o começo, o meio e o fim neste evento.¹¹⁰

Em outras palavras, a Escritura dá testemunho uniforme e amplo da verdade de que tudo que acontece é, em última análise, para a glória de Deus. Esse é o desígnio de Deus para seu *mundo*, e esse é o desígnio de Deus para sua *Palavra*. E, por ser esse o desígnio de Deus para o mundo e para a Palavra, a glória de Deus é central em como as pessoas comuns chegam a conhecer Deus por meio da Palavra.

Fomos criados para conhecer a glória de Deus por meio do mundo e da Palavra

Volte, por um instante, a Romanos 1. Paulo disse que todos os seres humanos, na profundidade de sua alma, têm “conhecimento de Deus” (v. 21). “O que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles” (v. 19). Especificamente, Paulo diz, todos os seres humanos conhecem a glória de Deus, porque essa é a verdade que suprimimos e o tesouro que mudamos. “Mudaram a glória do Deus incorruptível

em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis” (v. 23).

Não acho que Paulo está dizendo que todos os seres humanos têm um conhecimento espiritual e salvífico da glória de Deus, pois ele diz que estamos sob a ira de Deus e sem desculpas (vv. 18-21). Em vez disso, entendo que Paulo quer dizer que, por sermos todos criados à imagem de Deus, com o destino original de refletir a glória de Deus, há traços desse desígnio em nossa alma. O pecado destronou a glória de Deus como nosso tesouro e prazer supremos, mas não destruiu o molde formado por Deus que esse destronamento deixou para trás.

Fomos criados para a glória de Deus. Nossa mente é planejada para *conhecer* a glória de Deus, e nosso coração é planejado para amar a glória de Deus. O anseio mais profundo da alma humana é conhecer e gozar a glória de Deus. Somos criados para isso. “Traisei meus filhos de longe e minhas filhas, das

extremidades da terra, a todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei *para minha glória*” – diz o Senhor (Is 43:6-7). Vê-la, gozá-la e mostrá-la – essa é a razão de nossa existência.

As expansões inalcançadas e inimagináveis do universo criado são uma parábola sobre as riquezas inesgotáveis da glória de Deus (Rm 9:23). O olho físico tem o propósito de dizer ao olho espiritual: “Não isto, mas o Criador disto, é o desejo de sua alma”. Paulo diz: “Gloriamo-nos na esperança da glória de Deus” (Rm 5:2). Ou, ainda mais precisamente, ele diz que fomos preparados de antemão “para a glória” (Rm 9:23). Essa é a razão pela qual fomos criados – para que ele “desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia” (Rm 9:23).

Isso é o que Paulo pretende dizer ao declarar que todo ser humano conhece a Deus (Rm 1:21). Há em cada coração humano um verdadeiro testemunho da realidade da glória de Deus no mundo e na

Palavra. É o testemunho de um molde residual (como uma peça de quebra-cabeça é cortada para que somente uma peça especial se encaixe). O molde em nosso coração espera pelo encaixe de sua contraparte divina – a glória de Deus. É por isso que ver a glória de Deus é a cura de nossas vidas desordenadas. “E todos nós, com o rosto desvendado, *contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória*, na sua própria imagem” (2 Co 3:18). Há em cada alma um testemunho, embora obscuro, de que fomos criados para a glória de Deus.

Esse testemunho é de tal natureza que, quando a glória de Deus rompe nossa cegueira, que é causada pelo pecado (1 Jo 2:11) e agravada por Satanás (2 Co 4:4), o conhecimento dessa glória é imediato, convincente e confirmado. É um conhecimento inabalável. A alma vê e conhece com a certeza inabalável de que este mundo é o mundo de Deus e esta Escritura é a Palavra de Deus.

A diferença entre conhecer a Deus pelo mundo e pela Palavra

Há uma diferença na maneira como Deus revela sua glória na criação da natureza e na maneira como revela sua glória na inspiração da Escritura. Há uma diferença na maneira como o sol revela a glória de Deus e a maneira como o livro de Romanos revela a glória de Deus. Em Romanos, o que revela a glória de Deus é o *significado* do escrito, e não o pergaminho, a tinta ou as letras. O alvo de Deus não é que se olhe para as letras originais de Paulo e se diga: “Que Deus glorioso e bom deve estar por trás dessa caligrafia!”. Em vez disso, as palavras que Deus guiou Paulo a escrever são reveladoras, porque são os instrumentos escolhidos do *significado* de Deus. O sol, por outro lado, não é como o pergaminho, a tinta ou as letras. Eles têm magnitude e beleza resplendentes somente para que revelem diretamente a glória de Deus, e esse é o seu significado. Deus *espera* realmente que olhemos para

o “escrito solar” e digamos: “Que Deus glorioso e bom escreve com tão intenso fogo!”.

O mundo e a Palavra de Deus revelam sua glória

Apesar das diferenças entre a revelação de Deus na natureza e sua revelação na Escritura, a comparação é importante e esclarecedora. Esse foi o assunto deste capítulo – a maneira como o mundo de Deus e a Palavra de Deus revelam a glória de Deus. Há três razões pelas quais a comparação é esclarecedora.

Em primeiro lugar, a comparação mostra que o “propósito do todo” em ambos os casos – o mundo natural e a Palavra inspirada – é a glória de Deus. O Catecismo Maior diz: “As Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus... pelo propósito do todo, que é dar toda a glória a Deus”. Isso aponta para a ligação entre a Escritura e a natureza. Ambos carregam a mesma mensagem autoconfirmadora: todas as coisas existem para a glória de Deus. Isso

torna o mundo e a Palavra autoconfirmadores (como o mundo *de Deus* e a Palavra *de Deus*), porque corresponde ao conhecimento que está no mais profundo de nossa alma (Rm 1:21).

Em segundo lugar, a comparação mostra que a glória de Deus deve ser vista por meio de coisas que não são a sua glória. Uma nuvem, uma estrela, uma galáxia não são a glória de Deus. Ele manifestou sua glória nelas (Rm 1:19). Vemos a glória de Deus “*por meio das coisas que foram criadas*” (Rm 1:20). Isso é possível porque nós mesmos conhecemos a Deus (Rm 1:19, 21). Entretanto, mais profundamente do que todo o nosso deter, há um molde primordial criado para se harmonizar perfeitamente com a glória de Deus. Sabemos desse molde – esse projeto – que fomos criados para ver e desfrutar a glória de Deus. No pecado, mudamos essa glória por ídolos. Mas eles não se encaixam no molde. São complementos artificiais. Por isso, temos um testemunho constante no mundo e em nossa

própria alma de que fomos criados para adorar a Deus por sua glória.

De modo semelhante (embora não exatamente da mesma maneira), a glória de Deus resplandece por meio das Escrituras que ele inspirou. Dessa maneira, Deus confirma que esses escritos são dele. Mas esses escritos não são a glória de Deus, nem mesmo seu significado é idêntico à glória de Deus. Devemos ver a glória de Deus *por meio dos* escritos e de seu significado. Nem o mundo natural nem a Palavra são idênticos à glória de Deus, mas foram destinados por Deus para revelar sua glória.

Em terceiro lugar, somos todos responsáveis por ver a glória de Deus no mundo e na Palavra. Há glória suficiente no mundo e na Palavra, e em nossa alma há conhecimento suficiente para nos tornar responsáveis por vermos a glória de Deus. E somos, portanto, responsáveis por glorificar e agradecer a Deus em resposta à sua criação e a crer nele em resposta à sua Palavra. A criação de galáxias

incomparáveis nos constrange a adorar o poder de Deus. A criação de significado verbal nos constrange a crer em sua verdade.

No capítulo seguinte, consideraremos a essência peculiar da glória de Deus autoconfirmadora revelada nesse significado da Escritura. Minha esperança é mostrar não somente que a glória em geral confirma a Escritura, mas também que a maneira particular como Deus revela sua glória torna a sua Palavra supremamente convincente.

Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: “Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos”.

ISAÍAS 57:15

107. Ver cap. 8n1.

108. Jonathan Edwards, *A Treatise Concerning Religious Affections*, vol. 2, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. John Smith (New Haven, CT: Yale University Press, 1957), 299, 303.

109. Ênfase acrescentada. Toda a resposta diz: “As Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus por sua majestade e pureza; pela harmonia de todas as partes e pelo propósito do todo, que é dar toda a glória a Deus; por sua luz e poder para convencer e converter os pecadores, consolar e edificar os crentes para a salvação. Mas o Espírito de Deus, dando testemunho por e com as Escrituras no coração do homem, é, sozinho, totalmente capaz de convencê-lo de que elas são a própria Palavra de Deus”.

110. Jonathan Edwards, *The Dissertation Concerning the End for Which God Created the World*, vol. 8, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. Paul Ramsay (New Haven, CT: Yale University Press, 1989), 526, 531.

Capítulo 13

MAJESTADE EM HUMILDADE: A GLÓRIA PECULIAR EM JESUS CRISTO

No capítulo anterior, vimos que a resposta do Catecismo Maior de Westminster tocou em algo profundo. Quando indagado: “Como as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus?”, o catecismo responde: “As Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus... *pelo propósito do todo, que é dar toda a glória a Deus*”. Entre

todas as evidências da origem divina da Escritura que o catecismo menciona,¹¹¹ essa parte da resposta é crucial no argumento que estamos seguindo. O catecismo está dizendo, como vimos, que toda a Bíblia, entendida corretamente, tem este propósito divino: comunicar ou manifestar a glória de Deus. E esse alvo abrangente das Escrituras, de glorificar a Deus no que ensinam e como o ensinam, revela a obra de Deus na redação escrita da Bíblia.

A Escritura, o evangelho e o universo autoconfirmadores

Sabemos que estamos abordando algo profundo aqui, não somente porque isso associa a autoconfirmação da Escritura com a autoconfirmação de toda a criação (Rm 1:18-21), mas também porque liga a autoconfirmação da Escritura com a autoconfirmação do evangelho. Vemos isso com mais clareza em 2 Coríntios 4:4-6 (que consideramos no Capítulo 8). Paulo se refere à

“luz do *evangelho* da *glória* de Cristo, o qual é a imagem de Deus”. Em outras palavras, o evangelho é sintetizado como o evangelho da *glória de Cristo*. E Paulo afirma que essa glória flui do evangelho com uma *luz*. O versículo 4 afirma que “o deus deste século” cega as pessoas para não verem essa luz. E o versículo 6 diz que Deus reverte essa cegueira: ele dá a iluminação “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”.

Em outras palavras, a maneira como o evangelho vence a autoconfiança de seus ouvintes é resplandecendo no coração com a “luz do evangelho da *glória*”. Não ignore quanto isso é admirável. O evangelho é a narrativa verbal dos eventos sobre a morte e a ressurreição de Cristo e do significado desses eventos (1 Co 15:1-4). E essa narrativa verbal é o prisma pelo qual Deus faz a glória espiritual resplandecer no coração humano. Dessa maneira, a glória divina se torna o poder autoconfirmador do

evangelho que vence o impedimento de nosso coração.

Portanto, quando o catecismo diz que “as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus pelo propósito do todo, que é dar toda a glória a Deus”, está ligando a autoconfirmação da Escritura com a autoconfirmação do evangelho (2 Co 4:4-6) e com a autoconfirmação de todo o mundo criado (Rm 1:18-21). Uma das implicações mais importantes é mostrar que essa maneira de pensar sobre uma confiança inabalável na Bíblia é não somente bíblica, mas também está no âmago da Bíblia – a exaltação da glória de Deus, que alcança seu clímax na pessoa e na obra de Jesus Cristo.

Que Deus é glorioso e como Deus é glorioso

Uma questão remanescente do capítulo anterior é se o Catecismo Maior está realmente correto em dizer que “o propósito do todo” da Escritura é, de fato,

“dar toda a glória a Deus”. Por isso, meu alvo neste capítulo é mostrar que a resposta a essa pergunta é sim. Ao fazermos isso, descobrimos que há duas maneiras de a Bíblia mostrar seu propósito de dar toda a glória a Deus. Uma delas é que a Bíblia diz, repetidas vezes, do começo ao fim, que Deus faz tudo que faz para sua própria glória e que devemos fazer o mesmo. A outra é que a Bíblia descreve o que há nos caminhos de Deus que os torna gloriosos. Em outras palavras, o que achamos é que a Bíblia dá “toda a glória a Deus” não somente por mostrar *que* Deus faz tudo para sua própria glória, mas também *como* – tanto *que* Deus é glorioso como *a maneira* como ele é glorioso em tudo que faz.

O fato de as Escrituras fazerem ambas as coisas (*que e como*) é um serviço importante e misericordioso prestado a nós. Deus está indo longe, em sua autorrevelação, para nos ajudar a ver a manifestação autoconfirmadora de sua glória. É como se, de vez em quando, ele parasse no próprio

ato de brilhar e nos dissesse por que isso é, de fato, um brilho autoevidente e atraente. É como se um esposo estivesse de pé à porta de sua casa, clamando que sua esposa abrisse, e ela dissesse: “Como posso saber que é você?”. E, em vez de se retirar irado, porque ela não reconheceu sua voz, o esposo lhe recorda, através da porta, as características distintivas de sua voz, até que ela diz: “Oh!, sim, agora, eu a ouço” e abre a porta. Deus é muito paciente com nossa lentidão em ouvir sua voz. E devemos ser profundamente gratos por isso. Pois Jesus disse: “Minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (Jo 10:27).

Deus manifesta sua glória do começo ao fim

Em primeiro lugar, focalizaremos brevemente o fato de que a Bíblia, do começo ao fim, declara e mostra que Deus faz tudo para sua glória. Digo que o faremos *brevemente*, embora esse seja um tema vasto na Escritura. A razão é que eu e outras pessoas já

dedicamos muito espaço em outros livros mostrando que isso é assim.¹¹² Um resumo da história de redenção será suficiente aqui. Desde a eternidade passada até a eternidade futura, as ações de Deus são descritas como ações que exaltam a ele mesmo. Deus almeja que tudo que ele faz comunique sua glória. Considere seis pontos cruciais na história da redenção.

Predestinação

[Deus] nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, *para louvor da glória de sua graça* (Ef 1:5-6).

Criação

Trazei meus filhos de longe e minhas filhas, das extremidades da terra, a todos os que são chamados pelo meu nome, e os que *criei para minha glória*, e que formei, e fiz (Is 43:6-7).

Encarnação

Cristo foi constituído ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus... para *que os gentios glorifiquem a Deus por causa de sua misericórdia* (Rm 15:8-9).

Propiciação

A quem [Cristo] Deus propôs, em seu sangue, como propiciação, mediante a fé, *para manifestar sua justiça*, por ter Deus, em sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; *tendo em vista a manifestação de sua justiça* no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus (Rm 3:25-26).

Santificação

E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo,

cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, *para a glória e o louvor de Deus* (Fp 1:9-11).

Consumação

Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória de seu poder, quando vier para ser *glorificado em seus santos e ser admirado em todos os que creram* (2 Ts 1:9-10).

Desde a predestinação na eternidade passada até a consumação no fim da história, o alvo supremo de Deus, em todas as suas obras, é o louvor de sua glória. Esse resumo é uma pequena amostra do fruto que se desenvolve em todos os livros da Bíblia. O “propósito do todo” é, realmente, dar toda a glória a Deus. O catecismo está correto. De fato, para ser mais exato, o propósito da Escritura é mostrar que Deus *mesmo* sustenta e manifesta sua glória e que nos chama a nos unirmos a ele por fazermos dela o alvo de nossa vida até nos mínimos detalhes. “Quer comais, quer bebais ou façais outra

coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10:31).

A autoexaltação divina é gloriosa?

Uma grande tristeza é que esse tema da autoexaltação de Deus – ele fazer todas as coisas para comunicar sua própria glória – tem levado muitas pessoas para longe das Escrituras.

- Ophra Winfrey se afastou do cristianismo ortodoxo quando tinha cerca de 27 anos, por causa do ensino bíblico de que Deus é zeloso – exige que somente ele e ninguém mais receba nossa mais elevada lealdade e afeição. Isso não pareceu amável para Ophra.¹¹³
- Brad Pitt se afastou de sua fé da infância, ele afirma, porque Deus diz: “Você tem de dizer que eu sou o melhor... Isso pareceu egoísmo”.¹¹⁴

- Erick Reece, professor e escritor de *An American Gospel* (Um evangelho americano), rejeitou o Jesus dos evangelhos porque somente um egomaniaco exigiria que o amássemos mais do que amamos nossos pais e filhos.¹¹⁵
- Michael Prowse, colunista do *London Financial Times*, afastou-se da fé porque somente “tiranos, inchados de orgulho, anseiam por adulação”.¹¹⁶

Pessoas veem a exaltação e a comunicação da própria glória de Deus como um problema. Elas não gostam disso. Acham que essa autoexaltação é imoral, egoísta e até mesmo patológica. Mas há outra maneira de olharmos para ela.

Suponha que seu coração fosse um molde feito para receber seu complemento, a glória de Deus (ver Capítulo 12). Suponha que você tivesse sido criado para conhecer e amar a Deus e ser satisfeito pela majestade e pela beleza de Deus. Suponha que a glória de Deus fosse a mais bela realidade do

universo para você e, portanto, a mais satisfatória para sua alma. Suponha que você tivesse fome e sede da presença da grandeza de Deus, mais do que de qualquer coisa no mundo. E suponha que este Deus, apesar de todo o seu pecado, tivesse criado um meio para que a glória de sua santidade e de sua justiça fosse mantida e exaltada, enquanto, ao mesmo tempo, daria a si mesmo em amizade para você, para seu regozijo eterno.

Se tudo isso é verdadeiro, o compromisso inalterável de Deus para sustentar e manifestar sua glória não seria uma marca de orgulho egoísta, e sim uma marca de amor altruísta. Ele estaria sustentando e comunicando a própria coisa pela qual sua alma anseia. Esse não seria o padrão de uma mulher idosa que anseia por elogios, ou de um egomaníaco, ou de um tirano necessitado, ou de um amante inseguro e ciumento. Em vez disso, seria o padrão do Deus vivo, verdadeiro e gracioso. Você veria que não há nenhum outro Deus como este e

nenhum outro livro como a Bíblia, que o apresenta de maneira fiel. Você veria uma glória divina autoconfirmadora. Nenhuma outra pessoa, nenhum outro deus, nenhum outro livro possuem essas marcas de santa e divina autoexaltação que ecoam no gozo eterno e teocêntrico do povo de Deus.

Ele é glorioso de tantas maneiras quanto as faces do diamante

Já consideramos, nesses dois últimos parágrafos, a verdade de que a Bíblia mostra *que* Deus faz tudo para sua glória. Agora veremos a verdade ainda mais notável de que a Bíblia mostra *como* Deus age para sua glória.

Quando pensamos em *como* a glória de Deus é gloriosa ou em por que uma *maneira* específica de revelar a glória de Deus é gloriosa, precisamos reconhecer que estamos lidando com algo que está além de nossa compreensão. E isso é bom. Se eu pudesse entender, talvez descrever, todas as

maneiras como Deus faz sua glória parecer gloriosa para pessoas diferentes e para diferentes povos e culturas, eu seria Deus. Lembre-se de que um dos interesses que me impelem é o fato de que Deus tenciona que todas as pessoas, quer sejam instruídas, que sejam iletradas, sejam capazes de ter confiança inabalável na verdade da Palavra de Deus, quando apresentada a elas de maneira exata e suficiente. O que isso significa é que, para milhões de indivíduos e para milhares de culturas, Deus designou um meio, nas Escrituras inspiradas, para que a luz da glória de Cristo seja vista e conhecida com profunda certeza.

Portanto, seria presunçoso eu supor que posso definir todas as maneiras pelas quais as Escrituras fazem isso. Pense nas Escrituras como um diamante que Deus lapidou em inúmeras faces – incontáveis superfícies perfeitamente refletidoras. Quando as Escrituras são lidas por inúmeras pessoas e em milhares de culturas, esse diamante é girado de

maneiras que, repentinamente, pegam e liberam um raio da glória de Deus autoconfirmadora, maneiras que eu nunca notei. Por exemplo, determinada cultura pode ter um discernimento quanto ao propósito divino das genealogias bíblicas que revela uma dimensão da glória de Deus que eu, em minha cultura individualista, não consigo ver.¹¹⁷ Isso acontece todo dia ao redor do mundo. De fato, acontece em minha vida continuamente, quando alguma nova face do diamante manda um novo raio da glória de Deus para a retina dos olhos de meu coração.

Portanto, o alvo do que estamos considerando agora, neste e nos capítulos seguintes, não é descrever todas as maneiras pelas quais Deus faz sua glória parecer gloriosa à nossa mente e ao nosso coração, e sim mostrar alguns exemplos – algumas faces do diamante – que eu julgo serem a essência do que torna a glória de Deus tão atraente entre todas as afirmações religiosas rivais no mundo.

O âmago da glória de Deus: majestade em humildade

A essência do que torna a glória de Deus gloriosa é a maneira como sua majestade se combina com sua humildade. Outro modo de expressar isso seria que Deus é mais glorioso porque é uma justaposição paradoxal de características aparentemente opostas, em vez de ser uma manifestação apenas de virtudes majestosas. E a característica unificadora dessa justaposição paradoxal é que as magníficas alturas de Deus são glorificadas especialmente pela maneira como servem ou se abaixam em humildade para salvar os fracos. Em outras palavras, o que é distintivamente impressionante – na verdade, autoconfirmador – quanto ao Deus cristão (e sua Escritura) é que ele ganha o louvor de sua majestade não por reunir o trabalho de escravos para servi-lo, mas por se tornar um escravo para libertar os escravos do pecado.

A glória do Deus de Isaías

O profeta Isaías se admirou da singularidade de Deus entre todos os deuses dos povos: “Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu Deus além de ti, que trabalha para aquele que nele espera” (Is 64:4). Isaías diz que não há Deus como este. Ele é único. Em seguida, Isaías descreve o que distingue Deus como admirável e o separa de todos os outros deuses: ele “trabalha para aquele que nele espera”. Em outras palavras, outros deuses exigem que as pessoas juntem sua força de trabalho. Mas o verdadeiro Deus se torna uma força de trabalho para aqueles que esperam nele. Se nos humilharmos e cessarmos de recorrer à autoconfiança humana e nos voltarmos para Deus com a fé de que ele trabalhará por nós, então Deus nos dará a ajuda de que necessitamos. Ele glorificará a plena suficiência de seus recursos, sabedoria, poder e graça por

trabalhar para satisfazer às nossas necessidades, em vez de exigir que trabalhemos para satisfazer as dele.

Esta é a glória distintiva de Deus entre os deuses: eles exaltam a si mesmos por exigir serem servidos; o verdadeiro Deus exalta a si mesmo em servir àqueles que creem nele. Veja como Isaías graceja dos deuses babilônicos exatamente neste ponto:

Bel se encurva, Nebo se abaixa; os ídolos são postos sobre os animais, sobre as bestas; as cargas que costumáveis levar são cansa para as bestas já cansadas. Esses deuses juntamente se abaixam e se encurvam, não podem salvar a carga; eles mesmos entram em cativeiro. “Ouvi-me, ó casa de Jacó e todo o restante da casa de Israel; vós, a quem desde o nascimento carrego e levo nos braços desde o ventre materno. Até à vossa velhice, eu serei o mesmo e, ainda até às cãs, eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei” (Is 46:1-4).

O que distingue Deus como singularmente glorioso é que outros deuses têm de ser levados por homens (vv. 1-2), mas Deus carrega seu povo do

nascimento à velhice. É um quadro impressionante: os falsos deuses andam em carroças; o Deus verdadeiro é a carroça. Isso é o que eu estava querendo dizer antes, quando afirmei que a característica unificadora da glória de Deus é que as magníficas alturas de Deus são glorificadas especialmente pela maneira como servem ou se abaixam em humildade para salvar os fracos.

Isaías enfatiza a verdade de que a perfeita singularidade de Deus está em sua incomparável disposição de ser misericordioso para com quem nada merece:

Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar. Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos (Is 55:7-9).

Qual é a razão que Deus apresenta para explicar por que pessoas pecaminosas e arrependidas podem converter-se a ele e encontrar esperança de perdão? Observe a palavra “porque” no início do versículo 8: “*Porque* os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos”. Em outras palavras, Deus é totalmente diferente dos deuses e, também, diferente dos homens. E essa diferença reside nisto: ele perdoará abundantemente. Para apoiar esse fato, Deus não diz: “Porque meus caminhos e meus pensamentos são mais baixos do que os vossos”. Ele diz: “Porque, assim como os céus são *mais altos* do que a terra, assim são os meus caminhos *mais altos* do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, *mais altos* do que os vossos pensamentos”. Em outras palavras: “Eu glorifico as alturas de meus caminhos por condescender em perdoar os pecadores indignos”.

Isaías enfatiza novamente esta visão de Deus:

Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: “Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos” (Is 57:15).

A glória singular do Deus da Bíblia é que ele é o mais elevado de todos os seres em santidade transcendente, e essa altura e essa santidade são glorificadas não apenas em sua majestade, mas na justaposição paradoxal da altura intrínseca de santidade e do abaixamento intencional de serviço. Isaías afirma claramente esse princípio: “O SENHOR espera, para ter misericórdia de vós, e se detém, para se compadecer de vós” (Is 30:18).

Portanto, Isaías retrata Deus como autoconfirmador em sua gloriosa singularidade. Não há deus e nenhum humano como Deus. Ele é elevado demais para ser o produto de temor e humilde demais para ser o produto de orgulho. Deus não é criação de homem, não está no panteão dos deuses. Ele é real, é verdadeiro.

A glória de Deus na história e nos Salmos

Essa visão da glória de Deus, como majestoso em misericórdia e humildade, não é peculiar de Isaías. Permeia todos os livros bíblicos de história e poesia, bem como de profecia. Manifesta-se no Novo Testamento com uma clareza incomparável na encarnação do Filho de Deus, Jesus Cristo.

Por exemplo, quando Asa, o rei de Judá, recusou-se a se humilhar e confiar em Deus para lutar por ele, mas, em vez disso, confiou no rei da Síria, Deus o repreendeu com palavras impressionantes:

Porquanto confiaste no rei da Síria e não confiaste no SENHOR, teu Deus, o exército do rei da Síria escapou das tuas mãos. Acaso não foram os etíopes e os líbios grande exército, com muitíssimos carros e cavaleiros? Porém, tendo tu confiado no SENHOR, ele os entregou nas tuas mãos. Porque, *quanto ao SENHOR, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele* (2 Cr 16:7-9).

O versículo 9 apresenta uma descrição impressionante de Deus. Ele não está esperando que as pessoas venham servir a ele, ou ajudá-lo, ou lutar por ele. Pelo contrário, seus olhos passam por toda a terra à procura de pessoas a quem possa servir em suas lutas. Deus exalta sua força por achar pessoas fracas cujo coração é totalmente dele, para que possa lutar por elas e trabalhar por elas.

De modo semelhante, nos Salmos, Deus chama seu povo, por assim dizer, ao tribunal, em Salmo 50. O que Deus tem contra eles é que estão tratando-o como se precisasse do serviço e dos sacrifícios deles. Esqueceram a glória peculiar que ele tem entre todos os deuses. Deus não precisa deles. Eles precisam de Deus. E sua glória peculiar é servir àqueles que confiam nele. Deus é o benfeitor, não o beneficiário. Essa é a sua glória.

Escuta, povo meu, e eu falarei; ó Israel, e eu testemunharei contra ti. Eu sou Deus, o teu Deus... De tua casa, não aceitarei novilhos,

nem bodes, dos teus apriscos... Se eu tivesse fome, não to diria, pois o mundo é meu e quanto nele se contém... Oferece a Deus sacrifício de ações de graças e cumpre os teus votos para com o Altíssimo; invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás (Sl 50:7-15).

Charles Spurgeon amava este texto e exultava na maneira como ele glorificava a Deus exatamente em nos servir:

Deus e o homem que ora têm partes... Primeiro, aqui está a nossa parte: “Invoca-me no dia da angústia”. Em segundo, aqui está a parte de Deus: “Eu te livrarei”. Outra vez, recebemos a nossa parte – porque seremos livrados. E, depois, novamente, é a vez do Senhor: “Tu me glorificarás”. Isso é um acordo, uma aliança na qual Deus entra com aquele que ora a ele e a quem ele ajuda. Ele diz: “Você terá meu livramento, mas eu tenho de receber a glória” (...) Isto é uma parceria deleitosa: obtemos aquilo de que tanto precisamos, e tudo que Deus recebe é a glória que é devida ao seu nome.¹¹⁸

Na verdade, essa “parceria deleitosa” está no âmago do que torna o Deus cristão glorioso e do que torna as Escrituras singulares.

Jesus Cristo e a incorporação da glória peculiar

Quando passamos ao Novo Testamento, a glória peculiar da justaposição paradoxal de Deus chega a uma expressão supremamente bela em Jesus Cristo. Quando Paulo esteve diante dos filósofos no Areópago, em Atenas, descreveu o mesmo Deus de Isaías, 2 Crônicas e Salmos, cuja glória é que ele não precisa do homem e abençoa o homem: “Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo o mais” (At 17:25). A glória de Deus não está em quantos servos ele pode reunir, mas em sua disposição para congregar um povo humilde que confiará nele para servi-los.

Quando Jesus, o eterno Filho de Deus, entrou na humanidade, isto foi o que ele afirmou a respeito de si mesmo: “O próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10:45). Sua glória não estava no recrutamento de servos para atender às suas necessidades, mas na tremenda disposição de servir, até o ponto de dar sua vida por aqueles que creriam nele.

Paulo se ergue em admiração e perplexidade quando contempla o fato de que Deus não precisa de conselhos, mas os dá, e de que ele não restitui coisa alguma às pessoas porque não precisa emprestar nada.

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele,

e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (Rm 11:33-36)

O clímax dos primeiros onze capítulos de Romanos é “A ele, pois, a glória eternamente”. Por quê? Esses versículos expressam a razão em termos negativos e positivos. Negativamente, ninguém jamais deu coisa alguma a Deus, para que Deus lhe fosse devedor. Ninguém jamais satisfez a qualquer necessidade de Deus. Ele não tem nenhuma. Está acima de toda beneficência da parte do homem. Ninguém jamais lhe deu conselho. Não podemos oferecer a Deus qualquer conselho que ele já não saiba.

Positivamente, todas as coisas são de Deus, por meio dele e para ele. Deus é infinitamente autossuficiente. Não pode ser aprimorado pelos dons ou conselhos de alguém. Em vez disso, ele é a fonte da vida. Dá a todos os homens vida, respiração e tudo o mais. Especificamente, Deus

veio à terra em Jesus Cristo para servir e dar sua vida como um resgate, ou seja, para “usar de misericórdia para com todos” (v. 32), para que as nações “glorifiquem a Deus por causa de sua misericórdia” (Rm 15:9). É por isso que Paulo chega ao clímax de toda a obra misericordiosa de Deus com as palavras “A ele... a glória eternamente” (Rm 11:36). Esta é a glória singular de Deus: ser glorioso na condescendência de sua grandeza transcendente em misericórdia para com homens pecaminosos.

Toda a vida e todo o ministério de Jesus foram uma incorporação dessa glória peculiar de Deus. E, no fim de sua vida, Jesus orou ao seu Pai: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17:4). O alvo de todo o seu ministério era este: fazer o Pai parecer glorioso. Antes, ele havia clamado:

Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta

hora. Pai, glorifica o teu nome. Então, veio uma voz do céu: “Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei” (Jo 12:27-28).

Essa foi sua missão. Mas como aconteceria? Por meio de autoesvaziamento, servilidade, humilhação e morte:

Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz (Fp 2:6-8).

Por causa dessa humilhação majestosa, por amor aos pecadores, Deus exaltou a Jesus e lhe deu um nome que está acima de todo nome (Fp 2:9). Mas o alvo de tudo era: “Toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, *para glória de Deus Pai*” (v. 11). Esta é a glória peculiar de Deus e de suas Escrituras: a glória de Deus é o alvo em toda parte, e o principal

meio é a auto-humilhação de Deus mesmo em Jesus Cristo. Essa é a “luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2 Co 4:4).

A glória da justaposição paradoxal de opostos aparentes em Jesus Cristo está no âmago de como Deus se mostra glorioso nas Escrituras. Jesus disse que todas as Escrituras do Antigo Testamento apontavam para ele. “E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24:27). A união desses paradoxos em Cristo, com harmonia magnífica, é o centro da glória que brilha por meio das Escrituras.

O Leão e o Cordeiro unidos

Jonathan Edwards resumiu isso num grande sermão chamado “The Excelencies of Christ” (As Excelências de Cristo). Ele chamou a atenção para Apocalipse 5:5-6, em que Cristo aparece como “o Leão da tribo de Judá” e “um Cordeiro como tendo

sido morto”. Esse é o quadro dos paradoxos de Leão e Cordeiro. Ele é tanto um leão semelhante a Cordeiro como um cordeiro semelhante a Leão. Um leão é admirável por sua força violenta e aparência imperial. Um cordeiro é admirável por sua mansidão e provisão servil de lã para nos vestir. Entretanto, ainda mais admirável é a união dos opostos aparentes – um Leão semelhante a cordeiro e um Cordeiro semelhante a leão. O que torna Cristo glorioso, como diz Edwards, é “uma admirável conjunção de excelências diversas”.¹¹⁹

Por exemplo, ecoando Edwards,¹²⁰ admiramos Cristo por sua transcendência, porém nós o admiramos muito mais porque a transcendência de sua grandeza é mesclada com submissão a Deus. Nós nos maravilhamos dele porque sua justiça santa é temperada com misericórdia. Sua majestade é adoçada com humildade. Em sua igualdade *com* Deus, Cristo tem uma profunda reverência *por* Deus. Embora seja digno de todo o bem, ele foi

paciente em sofrer o mal. Seu domínio soberano sobre o mundo foi vestido com um espírito de obediência e submissão. Ele desconcertou os escribas orgulhosos com sua sabedoria, mas foi simples o suficiente para ser amado por crianças. Acalmou uma tempestade com uma palavra, mas não quis atingir os samaritanos com raios, nem descer da cruz.

Há um molde no coração humano criado por Deus, pronto para receber, com certeza autoconfirmadora, essa glória divina. Fomos criados para conhecer e gozar esta pessoa, Jesus Cristo, a encarnação humilde do Deus todo-glorioso. Podemos sentir isso em nossa fadiga ou em nossos anseios. Mas sabemos. Está escrito em nosso coração: este Deus-homem é verdadeiro.

Jesus disse: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis

descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (Mt 11:28-30). A mansidão e a humildade semelhantes às de cordeiro que este Leão possui nos atraem em nossa fadiga. E nós o amamos por isso. Se ele recrutasse apenas os marines, que querem força, nós nos desesperaríamos de ir a ele.

No entanto, essa qualidade de mansidão, se, por si mesma, estivesse separada da majestade de Cristo, não seria gloriosa. A mansidão e a humildade do Leão semelhantes às do cordeiro se tornam brilhantes juntamente com a ilimitada e a eterna autoridade do leão semelhante à do Cordeiro. Somente isso satisfaz nossos anseios. Sem dúvida, somos fadigados, cansados e sobrecarregados. Mas arde em todo coração, pelo menos de vez em quando, o anseio de que nossa vida tenha maior valor. A esse anseio, Jesus diz: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações... E eis que estou

convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28:18-20).

Sabemos, com base no molde inato de nossa fragilidade e em nosso anseio por grandeza transcendente, que a glória de Jesus Cristo – o Leão e o Cordeiro – é a glória para a qual fomos criados. Esse é o âmago da glória que brilha em nosso coração por meio das Escrituras, pelo poder do Espírito Santo, e nos convence de que elas são as próprias palavras de Deus.

Majestade expressa por humildade

Ainda estamos investigando a resposta do Catecismo Maior de que “As Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus... pelo propósito do todo, que é dar toda a glória a Deus”. Argumentei neste capítulo que as Escrituras dão, realmente, toda a glória a Deus. Não somente isso, mas, do começo ao fim, apresentam Deus mesmo dando toda a glória a Deus. Ele faz tudo que faz

com o alvo de comunicar sua glória. O que dá a esse retrato uma glória distintiva e atraente é que Deus magnifica sua grandeza por se tornar o supremo tesouro de nosso coração, a grande custo para si mesmo (Rm 8:32), e nos servir no próprio ato de exaltar sua glória.

O âmago da glória de Deus, como ele a revela nas Escrituras, é a maneira como sua majestade se expressa por meio de sua humildade. Chamo isso de justaposição paradoxal de características aparentemente opostas de Deus. Jonathan Edwards o chamou “admirável conjunção de excelências diversas”. Esse padrão de autorrevelação de Deus em majestade como de leão com mansidão e serviço como de cordeiro permeia toda a Bíblia e atinge seu clímax mais belo na pessoa e obra de Jesus Cristo, ao morrer e ressuscitar pelos pecadores.

Quando Paulo ensina em Romanos 1:21 que todos os seres humanos conhecem a Deus, mas não o reconhecem como Deus, a linguagem que ele usa

corresponde a essa glória paradoxal. Ele diz que todos nós temos deixado de *glorificar* a Deus e de lhe dar *graças*. Em outras palavras, temos deixado de ver a majestade de Deus que satisfaz à nossa alma e de provar sua bondade que satisfaz às nossas necessidades. E não temos visto sua belíssima justaposição. Detemos a verdade.

No entanto, há em todo ser humano um “conhecimento” desse Deus. Há um molde que foi criado para receber como sua contraparte perfeita essa comunicação peculiar da glória de Deus. Quando Deus abre nossos olhos (2 Co 4:4) e nos dá conhecimento da verdade (2 Tm 2:25), por meio das Escrituras (1 Pe 1:23), sabemos que encontramos a realidade suprema. E, dessa maneira, Deus confirma que sua Palavra é verdadeira.

Uma das formas como essa comunicação da glória de Deus está entretecida nas Escrituras, confirmando que são a Palavra de Deus, é o modo como as Escrituras do Antigo Testamento acham

cumprimento no Novo Testamento. Não é somente a admirável maravilha da presciência e da providência de Deus que nos cativa. É, além disso, o modo como o Novo Testamento trata o cumprimento da Escritura como uma exibição da glória peculiar de Deus. Isso é o que consideraremos em seguida.

Foi a respeito dessa salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam.

1 PEDRO 1:10-11

111. Quanto a toda a resposta, ver cap. 12n3.

112. Esse tema está incluído em John Piper, *The Pleasures of God: Meditations on God's Delight in Being God* (Colorado Springs: Multnomah, 2012), esp. caps. 2 e 4. Também John Piper, *Let the Nations Be Glad: The Supremacy of God in Missions* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2010), esp. pp. 40-46. Dois outros autores que mostraram esse tema de maneira ampla são Jonathan Edwards, em sua obra *The End for Which God Created the World*, que publiquei acompanhada de minha apreciação dela em John Piper, *God's Passion for His Glory* (Wheaton, IL: Crossway, 1998); e James Hamilton, *God's Glory in Salvation through Judgment: A Biblical Theology* (Wheaton, IL: Crossway, 2010). Uma lista concisa de textos que ressaltam esse tema se acha em *Desiring God*: <http://desiringgod.org/articles/biblical-texts-to-show-gods-zeal-for-his-own-glory>.

113. <https://www.youtube.com/watch?v=n2SrZJlPnjK>. Acesso em 10 de março de 2015.

114. <http://parade.com/50120/parade/interview-with-brad-pitt/>. Acesso em 10 de março de 2015.

115. <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=104067081>. Acesso em 10 de março de 2015.

116. Michael Prowse, "God the Lover, Not God the Father, Offers Hope", *London Financial Times*, March 30, 2002.

117. Há um exemplo notável disso na tribo Binumarien, de Papua Nova Guiné, cuja compreensão da genealogia de Jesus abriu os olhos deles para

a realidade de Cristo como uma pessoa real, e não como um mero espírito. A história é contada em Lynette Oates, *Hidden People: How a Remote New Guinea Culture Was Brought Back from the Brink of Extinction* (Sutherland, NSW: Albatross, 1992), 205-7. A história também é contada em <http://creation.com/binumarien-people-find-bible-true>. Acesso em 11 de março de 2015.

118. Charles Spurgeon, *Twelve Sermons on Prayer* (Grand Rapids, MI: Baker, 1971), 105.

119. Jonathan Edwards, “The Excellency of Christ”, em *Sermons and Discourses: 1734-1738*, vol. 19, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. M. X. Lesser (New Haven, CT: Yale University Press, 2001), 565.

120. Nesta seção, estou usando alguns pensamentos de John Piper, *Seeing and Savoring Jesus Christ* (Wheaton, IL: Crossway, 2004), 29-34.

Capítulo 14

NO CUMPRIMENTO DE PROFECIA

Neste capítulo, continuaremos a examinar as Escrituras no que diz respeito a um entendimento e uma confirmação da afirmação de que “as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus... pelo propósito do todo, que é dar toda a glória a Deus”. Essa é a resposta do Catecismo Maior de Westminster à pergunta “Como as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus?”. Já argumentei que o catecismo está correto em dizer que as Escrituras têm este alvo unânime:

dar toda a glória a Deus.

Mais especificamente, as Escrituras revelam, de modo uniforme, um Deus que tem como alvo o louvor de sua glória em tudo o que faz. Na natureza, na história e na Escritura, Deus exalta a supremacia de sua glória. Isso não é obra de um egomaniaco, porque a alma humana é criada para achar seus prazeres mais profundos em ver e desfrutar o Deus de glória como o maior tesouro da alma. A autoexaltação de Deus é um ato de amor por pessoas cuja alegria está na grandeza de Deus. Fomos criados para isso. A verdade da glória de Deus está escrita no coração humano. Portanto, um vislumbre dessa glória por intermédio das Escrituras é autoconfirmador. É o meio pelo qual Deus confirma a verdade de sua Palavra.

**Inúmeras glórias divinas resplandecem nas
Escrituras**

Argumento que Jonathan Edwards está certo quando extrai de 2 Coríntios 4:4 a verdade de que “uma crença salvadora do evangelho resulta de a mente ser iluminada para contemplar a glória divina das coisas que ele exhibe”.¹²¹ Em outras palavras, as pessoas mais simples e menos instruídas, bem como os eruditos, chegam a uma fé inabalável quando a luz “do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2 Co 4:6) toca essa consciência inata de Deus que todo ser humano tem (Rm 1:21). Isso acontece por meio das Escrituras. Dessa maneira, Deus confirma não somente o evangelho, mas também as Escrituras inspiradas que o trazem até nós.

As Escrituras são confirmadas dessa maneira pelas abundantes e inúmeras formas como a glória de Deus resplandece nelas. As Escrituras são como um diamante de inúmeras faces que pode enviar os raios da glória de Deus ao coração humano de mais maneiras do que qualquer um de nós imagina.

Partes da Escritura que nos intrigam podem manifestar-se com glória e verdade irresistíveis entre pessoas de culturas diferentes. Por isso, é arriscado tentar, como fiz no capítulo anterior, sondar as Escrituras para encontrar o âmago ou a essência da glória que a torna convincente para a alma humana.

Apesar disso, parece-me que as Escrituras nos encorajam a fazer isso. As Escrituras não somente falam em termos amplos e gerais sobre a glória de Deus; elas nos mostram as glórias específicas da glória de Deus. As Escrituras querem que vejamos as *maneiras* como Deus é glorioso. Elas nos levam à glória *peculiar* de Deus que o distingue de todos os deuses (Is 64:4) e de todos os caminhos e pensamentos humanos (Is 55:8). Isso é o que começamos a ver no capítulo anterior. E continuamos a fazer neste capítulo.

O alvo dos três capítulos seguintes é vermos como as Escrituras colocam a glória de Deus em exibição por meio do cumprimento de profecia, dos milagres

de Jesus e do fruto de amor na vida de seus discípulos. Em outras palavras, continuamos a examinar como “as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus... pelo propósito do todo, que é dar toda a glória a Deus”. As Escrituras não somente dizem que Deus age para sua glória; elas nos mostram como.

O próprio cumprimento de profecia é glorioso

Neste capítulo, voltamo-nos à admirável maneira como as Escrituras do Novo Testamento revelam o cumprimento das profecias do Antigo Testamento anunciadas centenas de anos antes. Coloco ênfase *na maneira* como o Novo Testamento cumpre o Antigo Testamento. Isso é o que focalizaremos neste capítulo. Há uma admirável atenção em relação à glória peculiar de Cristo na própria maneira como o Novo Testamento absorve as profecias do Antigo Testamento sobre Cristo.

No entanto, precisamos dizer que o próprio cumprimento de profecia é uma revelação da glória de Deus em Cristo – não apenas *a maneira* como ela acontece, mas também *que* ela acontece. Esse fato admirável tem sido usado por Deus para despertar muitas pessoas para a realidade de sua obra em inspirar as Escrituras. Não listarei as centenas de exemplos da Escritura, visto que estão facilmente acessíveis.¹²² Mas apresentarei uma pequena amostra, antes de nos voltarmos para o foco exato deste capítulo.

Um dos retratos mais impressionantes da Bíblia sobre os sofrimentos do servo messiânico de Deus se acha em Isaías 53, escrito cerca de setecentos anos antes do tempo de Jesus. Se tomarmos este capítulo e traçarmos seu cumprimento e ecos no Novo Testamento, provaremos a maravilha de que Deus planejou e predisse o caminho de Jesus séculos antes de ele chegar. Lucas registrou esta verdade numa afirmação abrangente sobre os dias finais de Jesus:

Verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram (At 4:27-28).

Em seguida, há uma lista parcial dos cumprimentos de Isaías 53 no Novo Testamento:

Isaías 53:1 Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR?	João 12:37-38 Embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele, para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?
--	---

	Romanos 10:16 Mas nem todos obedeceram ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem acreditou na nossa pregação?
Isaías 53:4 Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.	Mateus 8:16-17 Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e ele meramente com a palavra expeliu os espíritos e curou todos os que estavam doentes; para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas

	enfermidades e carregou com as nossas doenças.
Isaías 53:4-5 Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.	1 Pedro 2:24 Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados.
Isaías 53:6	1 Pedro 2:24-25

Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados. Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo da vossa alma.

Isaías 53:7-8

Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro, foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante

Atos 8:32-33

Ora, a passagem da Escritura que estava lendo era esta: Foi levado como ovelha ao matadouro; e, como um cordeiro mudo perante

seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Por juízo opressor, foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido.

seu tosquiador, assim ele não abriu a boca. Na sua humilhação, negaram-lhe justiça; quem lhe poderá descrever a geração? Porque da terra a sua vida é tirada.

Isaías 53:9

Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, visto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca.

1 Pedro 2:21-22

Porquanto para isso mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem

	dolo algum se achou em sua boca.
Isaías 53:12 Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.	Lucas 22:37 Pois vos digo que importa que se cumpra em mim o que está escrito: Ele foi contado com os malfeitores. Porque o que a mim se refere está sendo cumprido.

Uma das razões para essa referência ampla e detalhada sobre o Antigo Testamento no Novo Testamento é magnificar a glória de que Deus é

Deus e de que ele está governando a história que teve seu clímax em Jesus.

Eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade (Is 46:9-10).

A deidade de Deus – sua divindade – é mostrada no fato de Deus declarar seu propósito antes que aconteça e, depois, cuidar que aconteça por fazer “toda a minha vontade”. O próprio fato de profecia cumprida não se deve ao dom de clarividência dado por Deus, e sim à soberania de Deus sobre o mundo. “O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações” (Sl 33:11). Suas predições são certas, não principalmente porque ele prevê sem erros, mas

porque executa sem falha. Esse não é um aspecto insignificante de sua glória em cumprir a Escritura.

O cumprimento da Escritura retrata a glória peculiar de Deus

Mas esse não é o principal foco deste capítulo, por mais admirável que seja. Em vez disso, quero chamar a atenção para como o cumprimento de profecia é parte da manifestação da glória peculiar de Deus. No capítulo anterior, argumentei que, no âmago do que torna a glória de Deus singularmente gloriosa, está a maneira como sua majestade e sua humildade se combinam. Em outras palavras, a glória peculiar de Deus nunca é vista quando seu poder é visto separadamente de sua prontidão para habitar com “o contrito e abatido de espírito” (Is 57:15).

O que é mais convincente quanto à maneira como a Escritura apresenta o cumprimento de profecia não é meramente o fato de que ela confirma a

origem divina da profecia e a agência divina de seu cumprimento, e sim, muito mais, que esse cumprimento serve à glória peculiar de Deus de majestade em humildade – a glória peculiar de supremo poder em sofrimento voluntário em favor de outros.

A presciência de Jesus e sua glória divina

De acordo com o apóstolo João, a presença encarnada de Jesus era uma manifestação da glória de Deus. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:14). Jesus esperava que seus discípulos vissem isso e fossem convencidos de que ele era uma verdadeira presença de Deus encarnada. Por isso, quando um de seus discípulos disse: “Mostra-nos o Pai”, Jesus respondeu: “Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14:9).

Mas Jesus não falou apenas em generalidade sobre sua glória divina. Ele foi específico. E uma das especificidades foi a maneira como se conectou com a profecia. Por exemplo, ele citou a profecia de que seria traído por um de seus discípulos e, depois, acrescentou sua aplicação profética específica à sua situação imediata e extraiu uma conclusão quanto à sua glória divina:

Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes. Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar [Sl 41:9]. Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU (Jo 13:17-19).

“Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais.” Em outras palavras, o cumprimento de profecia provê um bom fundamento para a crença inabalável. Crença no quê? “Creiais que EU SOU.” O que isso significa?

Jesus já havia pasmado seus discípulos e despertado a ira dos líderes judaicos por dizer: “Antes que Abraão existisse, EU SOU” (Jo 8:58). Em outras palavras, Jesus estava se identificando com o nome de Deus dado em Êxodo 3:14: “Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU... Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros”.

Em João 13:19, Jesus não estava apenas dizendo que o cumprimento de Salmo 41:9 o confirmava como o Prometido, mas também, ainda mais admiravelmente, sua própria aplicação profética da profecia à situação diante de si demonstrou que ele era o “EU SOU” – o absolutamente autossuficiente Deus de Israel.¹²³ Assim, vemos a glória de Jesus, glória como do Filho unigênito do Pai. E aqui está o ponto: essa ilustração de profecia cumprida não somente validou a glória divina de Jesus, como também revelou a natureza peculiar dessa glória, porque a profecia diz que Jesus seria traído e sofreria. Portanto, Jesus, mesmo quando declara ser

Deus, inclui sua missão de morrer. Essa é a sua glória.

Apontar para a glória peculiar é típico do cumprimento profético

Isso não é excepcional na Escritura. É a maneira típica como o cumprimento da Escritura funciona no Novo Testamento. As Escrituras apontam não somente para a glória divina. Elas apontam para a glória peculiar de que o Prometido mostrará sua majestade em sofrer. Em outras palavras, essa característica essencial da glória de Deus na Escritura está entretecida na textura e no cumprimento de profecia. A afirmação mais clara disso se acha em 1 Pedro 1:10-11:

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que

neles estava, *ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam.*

Essa é uma afirmação geral sobre profecia e seu cumprimento na Escritura. É admirável que o resumo de Pedro sobre o que os profetas estavam fazendo foi que eles estavam predizendo sofrimento e glória (Cordeiro e Leão). Em outras palavras, o caminho da glória para o representante encarnado de Deus, na terra, era o caminho por meio do sofrimento. O caminho para a exaltação era por meio de humildade. O caminho para o poder era por meio de fraqueza. Jesus disse a mesma coisa na estrada para Emaús:

Ó néscios e tardos de coração para crer em tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o *Cristo padecesse e entrasse na sua glória?* E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras (Lc 24:25-27; cf. v. 44).

Jesus resumiu os Profetas e Moisés por dizer que o Cristo entraria em sua glória por meio de sofrimento. E ele era o Cristo. Essa era a sua missão. Ele sabia disso, e o escolheu, e essa foi a sua glória peculiar. A glória por meio de sofrimento voluntário em favor de outros. De modo semelhante, Paulo disse aos judeus de Roma que seu evangelho de um Cristo crucificado e reinante era o que o Antigo Testamento profetizava:

Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, isto é, que o *Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios* (At 26:22-23).

Aquele que sofreu e morreu foi exaltado para anunciar luz a todas as nações.

O fio dourado da profecia

Em resumo, portanto, a Escritura está entretecida de profecia e cumprimento. Essa é, em si mesma, uma grande glória da Escritura. Não há outro livro como este, com tantas e tão claras profecias cumpridas, de uma grande variedade de maneiras.¹²⁴ É, em si mesmo, um testemunho da origem divina da Escritura. Mas o meu argumento aqui é que há uma glória peculiar na maneira como as Escrituras revelam o cumprimento de profecia.

A glória peculiar é que o Messias prometido manifesta a plenitude e a singularidade de sua glória por se mover à majestade por meio de humildade e ao esplendor por meio de sofrimento. Ele atinge o auge de sua glória por meio de serviço humilde. Esse é o fio dourado da profecia. Coroando essa glória da profecia, está a verdade de que foi o Espírito do próprio Cristo quem profetizou os sofrimentos e a glória de Cristo. “O Espírito de Cristo, que neles estava”, deu “de antemão testemunho sobre os

sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam” (1 Pe 1:11).

Portanto, quando Jesus diz que *essa* profecia é um bom fundamento para nossa fé (Jo 13:19), tem em mente não apenas a pura glória transcendente exigida para predizer o futuro e realizá-lo, mas também a glória peculiar que está entretecida em toda a textura da profecia bíblica: a glória do evangelho de Jesus Cristo (2 Co 4:4) manifesta na majestade de sua humildade, na força de sua fraqueza e no supremo poder de seu sofrimento voluntário. Essa é a glória que trouxe as Escrituras à existência. E, quando a vemos resplandecendo por meio desses escritos inspirados, Deus confirma para o nosso coração que eles são as próprias palavras de Deus.

No capítulo seguinte, abordaremos os milagres de Jesus. Jesus e os apóstolos acreditavam que seus milagres eram bons fundamentos para a confiança na verdade de sua mensagem e na integridade de

suas pessoas. Mas, evidentemente, a pura manifestação de poder num milagre não foi convincente para muitos. Judas os viu. Os fariseus os viram. Mas não viram nada que os compeliu a crer. Tinha de haver uma glória peculiar nessas palavras que Jesus esperava que as pessoas vissem e que seria um bom fundamento de sua fé na pessoa e na palavra dele. Isso é o que consideraremos agora.

Sei, entretanto, que não tendes em vós o amor de Deus. Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis. Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?

JOÃO 5:42-44

121. Jonathan Edwards, *A Treatise Concerning Religious Affections*, v. 2, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. John Smith (New Haven, CT: Yale University Press, 1957), 299.

122. Por exemplo, pesquisei na Internet “listas de profecias do Antigo Testamento cumpridas no Novo Testamento” e achei dez listas significativas. O comentário mais completo sobre como o Novo Testamento usa o Antigo Testamento é *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament*, ed. G. K. Beale e D. A. Carson (Grand Rapids, MI: Baker Academics, 2007).

123. O testemunho da própria profecia foi que ela era a marca da divindade. Somente Deus podia designar o futuro e, depois, cuidar para que acontecesse. Por exemplo, “Eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Is 46:9-10; cf. Is 48:1-8).

124. “Quanto ao uso do Antigo Testamento no Novo, há também uma grande diversidade nisso. Às vezes, as citações servem como prova e confirmação de uma verdade (e.g., Mt 4:4, 7, 10; 9:13; 19:5; 22:32; Jo 10:34; At 15:16; 23:5; Rm 1:17; 3:10s.; 4:3, 7; 9:7, 12, 13, 15, 17; 10:5; Gl 3:10; 4:30; 1 Co 9:9; 10:26; 2 Co 6:17). Muito frequentemente, o Antigo Testamento é citado para provar que *tinha de ser* cumprido no Novo, ou num sentido literal (Mt 1:23; 3:3; 4:15, 16; 8:17; 12:18; 13:14, 15; 21:42; 27:46; Mc 15:28; Lc 4:17s.; Jo 12:38; At 2:17; 3:22; 7:37;

8:32; etc.), ou em um sentido tipológico (Mt 11:14; 12:39s.; 17:11; Lc 1:17; Jo 3:14; 19:36; 1 Co 5:7; 10:4; 2 Co 6:6; Gl 3:13; 4:21; Hb 2:6-8; 7:1-10; etc.). Citações do Antigo Testamento servem repetidas vezes para esclarecer, informar, admoestar, consolar *etc.* (e.g., Lc 2:23; 7:38; At 7:3, 42; Rm 8:36; 1 Co 2:16; 10:7; 2 Co 4:13; 8:15; 13:1; Hb 12:5; 13:15; 1 Pe 1:16, 24, 25; 2:9).” Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics*, v. 1, *Prolegomena* (Grand Rapids, MI: Baker Academics, 2003), 396.

Capítulo 15

NOS MILAGRES DE JESUS

Prosseguindo no ponto do capítulo anterior, deslocamos nosso foco de cumprimento de profecia para os milagres de Jesus. Estamos argumentando que as Escrituras colocam a glória de Jesus em exibição por meio do cumprimento de profecia, dos milagres de Jesus e do fruto de amor na vida de seus discípulos. Estamos tocando no assunto do fundamento bíblico para a afirmação do Catecismo de Westminster de que “as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus... pelo propósito

do todo, que é dar toda a glória a Deus”. As Escrituras dizem que Deus age para sua glória. Mas também nos mostram como. Atraem nossa atenção para uma glória peculiar de Deus.

Da mesma maneira que o cumprimento de profecia revela a glória peculiar de Deus em Cristo, os milagres de Jesus fazem o mesmo. Os milagres não proporcionam um alicerce para uma fé inabalável apenas porque eram sinais de poder. Eles fizeram surgir a fé salvadora naqueles que viram os milagres do poder altruísta e exaltador de Deus naquele que salvaria pecadores não por meio de poder subjugador da natureza, mas pelo sofrimento subjugador de almas. “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (Jo 12:32). A fraqueza aparente da cruz, suportada pela pessoa mais majestosa e mais inocente, é a glória peculiar que nos atrai a uma fé inabalável. Os milagres de Jesus eram o alicerce da fé porque tinham uma glória peculiar neles. Onde vemos isso na Escritura?

Os vínculos entre milagres, glória e fé

Quando João escreveu: “Vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:14), parte dessa glória era a glória de seus milagres, que João chama regularmente de “sinais”. Sabemos isso porque, depois do primeiro milagre de Jesus, João disse: “Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galileia; manifestou a sua glória” (Jo 2:11). Portanto, Jesus sabia o que estava fazendo com seus milagres. Estava dando sinais. E os sinais apontavam para a sua glória.

A intenção consistia em ser o alicerce de uma fé inabalável. Repetidas vezes, Jesus falou de suas obras como um bom motivo para as pessoas crerem nele. “As obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, *essas que eu faço, testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou*” (Jo 5:36). “*As obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito*” (Jo 10:25). “Mas, se faço, e não me credes, *crede nas obras*; para que possais saber e compreender que o

Pai está em mim, e eu estou no Pai” (Jo 10:38).
“Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; *crede ao menos por causa das mesmas obras*” (Jo 14:11).

Fé sem a visão da glória

No entanto, Jesus nos dá uma advertência de que os milagres podem ganhar para ele um seguidor, sem ganhar a fé salvadora. Há uma maneira de “crer” nos milagres de Jesus sem crer em Jesus como ele realmente é. O evangelho de João dá testemunho claro desse risco e nos aponta para a glória peculiar dos milagres não vista por muitas pessoas.

Por exemplo, numa ocasião, João relata que, “ditas estas coisas, muitos creram nele. Disse, pois, Jesus aos judeus *que haviam crido nele*: ‘Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará’” (Jo 8:30-32). Guarde isso em mente: Jesus estava falando com aqueles que, em algum sentido, “havam crido” nele.

Surpreendentemente, eles responderam de modo crítico: “Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém; como dizes tu: ‘Sereis livres?’”. Então, Jesus nos surpreende (lembre-se: ele estava falando com pessoas que “havam crido”) ao dizer: “Procurais matar-me porque a minha palavra não está em vós” (Jo 8:37).

Jesus ensinou tão claramente: “Quem crê no Filho tem a vida eterna” (Jo 3:36). Mas agora está dizendo que eles “creram”, embora sua palavra não estivesse neles e até mesmo procurassem matá-lo. Que tipo de crença é essa? Antes de respondermos, observe que essa não é a única situação em que Jesus fez um comentário sobre um tipo de “crença” que não era a crença salvadora.

Quando Jesus subiu para a Páscoa em Jerusalém, João comenta: “Muitos, vendo os sinais que ele fazia, creram no seu nome” (Jo 2:23). Porém, em seguida, João acrescenta: “Mas o próprio Jesus não se confiava a eles, porque os conhecia a todos. E não

precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana” (Jo 2:24-25). Evidentemente, essa “crença” não era o tipo em que Jesus podia confiar. Algo estava errado nela. As pessoas tinham visto sinais e crido que ele os estava fazendo, mas isso não era o que Jesus procurava.

De modo semelhante, depois de alimentar cinco mil pessoas, as multidões o seguiram com grande entusiasmo: “Estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei” (Jo 6:15). Isso parece uma grande fé e lealdade. Mas Jesus lhes disse: “Vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes” (Jo 6:26). Entendo que isso significa que eles viram o milagre de alimentar os cinco mil, mas, em vez de verem isso como o sinal de uma glória peculiar, viram-no como prova de que Jesus tinha poder para satisfazer às necessidades física deles e de ser um rei que poderia tornar suas vidas seguras e prósperas.

Jesus não estava interessado nesse tipo de “crença”. O que estava errado nela? O que eles não tinham?

Até os irmãos de Jesus viram os milagres, mas não creram

Uma chave para a resposta está na “crença” dos irmãos de Jesus, que João chama “incredulidade”:

Ora, a festa dos judeus, chamada de Festa dos Tabernáculos, estava próxima. Dirigiram-se, pois, a ele os seus irmãos e lhe disseram: “Deixa este lugar e vai para a Judeia, *para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes*. Porque ninguém há que procure ser conhecido em público e, contudo, realize os seus feitos em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo. Pois *nem mesmo os seus irmãos criam nele*” (Jo 7:2-5).

Esta é uma afirmação chocante: “Nem mesmo os seus irmãos criam nele”. E o que é mais chocante é o fato de que João dá essa afirmação como a base (“pois”) do que eles haviam acabado de dizer. E o que disseram – “Você está fazendo grandes obras –

grandes milagres. Suba para Jerusalém e manifeste-se ao mundo” –, isso foi o que João chamou “incredulidade”.

Até essa altura no evangelho de João, Jesus havia transformado água em vinho (2:1-11), curado o filho de um oficial (4:46-54), curado um homem que estivera parálítico por 35 anos (5:1-12), alimentado cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes (Jo 6:1-14) e andado sobre a água (6:19-21). Evidentemente, os irmãos de Jesus estavam seguindo tudo isso e ficaram entusiasmados com as possibilidades de um grande movimento de pessoas atrás de Jesus. Por isso, em essência, eles disseram: “Pare de ser discreto. Ninguém age em segredo se procura ser conhecido publicamente. Mostre-se ao mundo”. E João diz que a razão pela qual falaram isso é que “*nem mesmo os seus irmãos criam nele*”.

Portanto, os irmãos de Jesus viram os milagres, crerem que Jesus os estava fazendo, ficaram entusiasmados com o impacto que os milagres

teriam e não “creram”. O que lhes faltava? A indicação está no fato de que eles propuseram a Jesus que fosse publicamente para Jerusalém, mas Jesus lhes disse não e, depois, foi em oculto: “Mas, depois que seus irmãos subiram para a festa, então, subiu ele também, não publicamente, mas em oculto” (Jo 7:10). Eles queriam que Jesus fosse, realizasse maravilhas e fosse exaltado pelas multidões. Mas Jesus subiu sem barulho e começou a *ensinar*. Na verdade, o conteúdo de seu ensino arruinará as chances de ele ser exaltado pelas multidões. Ele disse a seus irmãos, antes de saírem para a festa: “Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más” (Jo 7:7).

A glória peculiar pode ser vista somente pelo coração reto

O que Jesus disse em Jerusalém, depois de se recusar a procurar uma grande multidão, nos mostra o que

estava errado na fé de seus irmãos. Ele disse aos judeus:

O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo. Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça (Jo 7:16-18).

Aqui está o segredo. Qual é a marca do homem que é verdadeiro e em quem não há falsidade? Ele não procura a sua própria glória, e sim a glória daquele que o enviou. A marca da autenticidade nos milagres de Jesus não é o próprio poder deles, mas o fato de que esse poder estava a serviço da humildade que exalta a Deus, e não do agradar a multidões que exalta a própria pessoa. Essa era a glória peculiar dos milagres de Jesus. Era para isso que os sinais apontavam. Esse Messias não era o que os irmãos de Jesus (ou qualquer outra pessoa) esperavam.

Certamente, Jesus seria “chamado Filho do Altíssimo”. Certamente, ele se sentaria no “trono de Davi” e “reinará para sempre” (Lc 1:32-3). Mas o caminho para essa grande glória não era o que pessoas esperavam. Seria por meio de sofrimento abnegado, e não de popularidade que exalta a pessoa. Os irmãos de Jesus não viram isso. E seu entusiasmo pelos milagres era, de fato, incredulidade (Jo 7:5). Não estava baseado numa visão da glória peculiar.

Jesus não estabelece a causa dessa incredulidade em ignorância das profecias do Antigo Testamento sobre os sofrimentos do Messias. Ele a estabelece num coração humano que não tem uma vontade em harmonia com a vontade de Deus. Ele dirá: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo” (Jo 7:17). O problema mais profundo não é a ignorância, mas uma vontade que não quer fazer a vontade de Deus. No contexto, a

vontade de Deus é o subjugador de autoexaltação e a aceitação da exaltação de Deus. “Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro” (Jo 7:18).

Portanto, onde o coração humano gozar e buscar autoexaltação, e não a exaltação de Deus, o verdadeiro não será atraente ou reconhecido pelo que realmente é. A glória será invisível. E os milagres de Jesus serão mal compreendidos. O coração humano tem de ser colocado em harmonia com a vontade de Deus, para que o desígnio de Deus para os milagres de Jesus seja visto. A glória peculiar dos milagres não era poder a serviço da autoexaltação, e sim poder a serviço da exaltação de Deus e de realizações abnegadas para a libertação humana. Jesus usou esse poder para aliviar o sofrimento de outros, mas não os seus próprios. Aqueles que não compartilhavam dessa disposição não viam a glória de Deus. Portanto, o

entusiasmo deles em relação aos milagres não era crença salvadora.

Você não pode crer se ama o louvor dos homens

Jesus deixa isso ainda mais claro em João 5:41-44, quando diz:

Eu não aceito glória que vem dos homens; sei, entretanto, que não tendes em vós o amor de Deus. Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente o recebereis. Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?

Essa última pergunta retórica tem uma resposta devastadora. A resposta para a pergunta: “Como podeis crer?” é: “Não podeis”. Veja a pergunta como uma afirmação, porque Jesus está realmente fazendo uma afirmação forte com ela: “Vocês que recebem glória uns dos outros, e não buscam a glória que vem de Deus, *não podem* crer”. Por que não? Por

causa do que Jesus diz no versículo 43: “Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente o recebereis”. Por que eles teriam recebido outro que viria em seu *próprio* nome? Porque essa mentalidade se harmonizaria com a mentalidade deles. Alguém que vem em seu próprio nome, buscando sua própria glória, seria semelhante a eles. Os caminhos de ambos seriam idênticos. Esse indivíduo apoiaria o egocentrismo deles. Ainda que ele se tornasse um concorrente deles, não se tornaria a sua condenação. Poderiam sentir inveja, mas não sentiriam culpa.

Essa é a razão pela qual eles *não podiam* crer. Amavam a glória dos homens mais do que a glória de Deus. “Sei, entretanto, que não tendes em vós o amor de Deus” (v. 42). Amavam a si mesmos. Amavam o louvor dos homens. Assim, quando Jesus disse: “Eu não aceito glória que vem dos homens”, ele queria dizer isto: “O tipo de exaltação humana dada por pessoas que não têm amor a Deus

não me interessa e não se harmoniza com quem eu sou”. Portanto, pessoas que querem esse tipo de “glória que vem dos homens” não conhecerão a Jesus. Ignorarão quem ele é. E, por isso, não verão para o que seus sinais – seus milagres – estão apontando. Não podem reconhecer a glória peculiar de Jesus em seus milagres, porque não querem a vontade dele (Jo 7:17). Não compartilham do amor dele pela glória de Deus (7:18; 5:44). E não pretendem unir-se a ele no sacrifício pessoal que coloca seu poder a serviço do amor, e não do orgulho.

Transfiguração: a vinda, a glória e as Escrituras

Houve um momento na vida de Jesus em que sua majestade se manifestou de maneira absolutamente singular. Foi notável precisamente porque foi excepcional. No Monte da Transfiguração, a glória divina de Jesus brilhou de uma maneira mais

imediatamente e espetacular. Segundo o nosso propósito aqui, o que é mais significativo nesta revelação excepcional de glória é o impacto que teve no apóstolo Pedro e o que ele fez com essa revelação. Nessa revelação, Pedro viu na revelação uma confirmação da Palavra de Deus escrita no Antigo Testamento, especialmente em sua relação com a segunda vinda de Cristo em glória no fim do tempo.¹²⁵

Nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, a história da transfiguração é precedida imediatamente por uma promessa de Jesus que parece referir-se à sua futura segunda vinda:

- Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino (Mt 16:28).
- Dizia-lhes ainda: “Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de

maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus” (Mc 9:31).

- Verdadeiramente, vos digo: Alguns há dos que aqui se encontram que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam o reino de Deus (Lc 9:27).

Meu entendimento do que Jesus estava fazendo (seguido por Mateus, Marcos e Lucas) é que estava apontando para sua segunda vinda por predizer uma visão antecipada dessa vinda, uma visão que aconteceria em breve no Monte da Transfiguração. Portanto, quando Jesus disse que alguns veriam o reino de Deus vindo com poder (ou veriam o Filho do Homem vindo em seu reino) antes de morrerem, queria dizer que Pedro, Tiago e João (como registra cada um desses evangelhos) teriam uma extraordinária visão antecipada da glória futura de Cristo, a glória que ele terá quando vier em seu

reino final. Em essência, Pedro, Tiago e João viram o poder e a glória do Filho do Homem vindo em seu reino, quando Jesus foi transfigurado diante deles. Como Marcos relata o evento:

Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João e levou-os sós, à parte, a um alto monte. Foi transfigurado diante deles; as suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar. Apareceu-lhes Elias com Moisés, e estavam falando com Jesus. Então, Pedro, tomando a palavra, disse: “Mestre, bom é estarmos aqui e que façamos três tendas: uma será tua, outra, para Moisés, e outra, para Elias”. Pois não sabia o que dizer, por estarem eles aterrados. A seguir, veio uma nuvem que os envolveu; e dela uma voz dizia: Este é o meu Filho amado; a ele, ouvi. E, de relance, olhando ao redor, a ninguém mais viram com eles, senão Jesus (Mc 9:2-8).

Mateus e Lucas registram aspectos do encontro que Marcos omite. Mateus diz que o rosto de Jesus “resplandecia como o sol” (17:2). Lucas acrescenta que Moisés e Elias “apareceram em glória e falavam

da sua partida [lit., ‘seu êxodo’], que ele estava para cumprir em Jerusalém” (Lc 9:31).

Juntando algumas peças, podemos ver que a transfiguração olha em duas direções. Olha para a frente, para a segunda vinda de Jesus em seu reino e glória. E olha para trás, para Moisés e Elias, que representavam a Lei e os Profetas, que profetizaram esse evento glorioso. No meio dessa abrangência histórica, está Jesus, que Deus declarou ser seu Filho amado e que está prestes a realizar “seu êxodo” de libertação em Jerusalém. Deus fala que Jesus deve ser ouvido a todo custo – “Este é o meu Filho amado; a ele, ouvi”. Assim, mesmo quando estamos contemplando uma gloriosa visão antecipada da segunda vinda, somos lembrados do que ele terá de sofrer em Jerusalém para libertar seu povo da escravidão ao pecado.

O que os apóstolos fazem com esse evento extraordinário? Admiravelmente, temos o testemunho de Pedro sobre o que esse evento

significou para ele – ou, pelo menos, parte do que significou. Em 2 Pedro 1:16-19, lemos esse relato da transfiguração e de seu significado:

Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo. Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração.

Assim como Mateus, Marcos e Lucas, Pedro conecta a transfiguração à segunda vinda de Jesus. De acordo com Mateus, Jesus disse que, no Monte da Transfiguração, Pedro, Tiago e João veriam “o Filho do Homem” vindo “no seu reino” (Mt 16:28). Pedro diz que, em seu ensino, “vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus

Cristo” (2 Pe 1:16). Ele argumenta que a razão pela qual isso não devia ser considerado “fábula” é que ele mesmo fora “testemunha ocular” da “majestade”. Em outras palavras, Pedro diz: “Eu contemplei a visão antecipada da segunda vinda. Eu vi a cortina do futuro levantada e a majestade de Jesus em sua glória futura”.

Depois, ele prossegue e acrescenta o ouvir. Ele não era apenas uma testemunha ocular, mas também uma testemunha auditiva. “Quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo” (2 Pe 1:17-18). Assim, com olhos e ouvidos, Pedro experimentou uma encenação antecipada da majestade de Jesus em sua segunda vinda.

Em seguida, Pedro faz a conexão que é tão relevante ao nosso propósito aqui. Ele conecta esse evento com a Escritura do Antigo Testamento que

prediz a segunda vinda: “Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração”.

Em outras palavras, como já vimos, Jesus confirma a autoridade das Escrituras do Antigo Testamento. Dessa vez ele não o faz por dizer: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir” (Mt 5:17); em vez disso, ele confirma as Escrituras por revelar a própria glória que terá quando vier no último dia para cumprir tudo que foi escrito a seu respeito. Jesus confirma as Escrituras por meio de um impressionante cumprimento antecipado da esperança mais gloriosa das Escrituras.

Pedro não está argumentando que os escritos proféticos careciam de solidez e certeza e que Jesus lhes deu isso. O argumento é que as Escrituras já eram confirmadas (βεβαιος). Agora elas são “mais

confirmadas” (βεβαιότερον). Moisés e Elias, representando a Lei e os Profetas, são vindicados por sua presença com Jesus “em glória” (Lc 9:31). Agora, na sombra da glória superior de Jesus, eles não perdem sua autoridade, mas, em vez disso, ganham confirmação do Filho de Deus. Pedro diz que devemos olhar para a verdade e a glória que as Escrituras revelam como se olhássemos “a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração”.

Cristo não veio para abolir a Lei e os Profetas (Moisés e Elias), mas para cumpri-los. No Monte da Transfiguração, ele cumpre antecipadamente as promessas da esperança final. Dessa maneira, estas Escrituras chegam a brilhar com maior brilho, como uma lâmpada, para o nosso mundo repleto de trevas.

Por um breve instante, a transfiguração rompe o padrão da encarnação. Abriu a cortina do futuro quando a glória de Cristo não estará mais vestida de

fragilidade e humilhação. E isso também faz parte da glória peculiar de Jesus Cristo – a brevidade e a maravilha dela. E tudo isso serve para tornar as Escrituras – os escritos proféticos – mais confirmadas. A própria transfiguração se torna um tipo de dramatização do argumento deste livro: é a glória peculiar de Jesus que desperta e ganha nossa confiança na verdade da Escritura.

Em resumo, os milagres de Jesus têm o propósito de prover um bom alicerce para uma confiança inabalável de que ele é quem diz ser e de que seus ensinamentos são verdadeiros (Jo 5:36; 10:25, 36; 14:11). Mas os milagres, como mera demonstração de poder sobrenatural, não têm esse efeito. Até os demônios sabem que Jesus faz esses milagres (Mc 1:24). E também os irmãos de Jesus. E o entusiasmo deles com os milagres de Jesus e seu desejo de vê-lo fazer mais milagres por causa de mais notoriedade são chamados “incredulidade”.

Para ver os milagres de Jesus como o fundamento para a fé verdadeira e salvadora, uma pessoa tem de ver a glória peculiar que eles manifestam. “Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galileia; *manifestou a sua glória*” (Jo 2:11). Essa glória só pode ser vista por aqueles cujo coração é trazido à conformação com a glória. A glória peculiar dos milagres de Jesus é que o poder sobrenatural deles está a serviço da humilde exaltação de Deus, e não da autoexaltação que agrada a multidões. Estão a serviço de aliviar sofrimento, e não de escapar do sofrimento. Levarão Jesus à cruz, não o guardarão dela (Mt 16:21-23). Corações que não compartilham desse amor pela glória de Deus e pelo bem dos outros na humildade de abnegação não verão a glória de Jesus em seus milagres.

No entanto, onde Deus faz sua misericordiosa obra de remover a cegueira (2 Co 4:6; Mt 11:25; Jo 9:39), Jesus é visto pelo que realmente é, e a glória peculiar de seus milagres se tornam um bom alicerce

para a fé inabalável. “Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (Mt 16:17). O coração humano tem de ser liberto de seu entorpecente caso de amor com a glória dos homens (Jo 5:44) e querer a vontade de Deus. Ou seja, o coração humano tem de ser conformado com a maneira peculiar como Deus se glorifica na história e na Escritura: por meio de majestade em humildade e força em sofrimento – a riqueza de sua glória na profundidade de seu dar-se a si mesmo.

A glória peculiar dos milagres e das Escrituras

João faz a conexão entre os milagres de Jesus e as *Escrituras*. Seu profundo relato apostólico – o evangelho de João – é o desdobramento de sete sinais (milagres). Ele afirma o alvo desse desdobramento escrito dos sete sinais: “Estes, porém, foram *registrados* para que creiais que Jesus é

o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20:31). Em outras palavras, João tencionava que seu *registro* colocasse em exibição para as gerações futuras – nós – os sinais que revelam glória. Assim como os milagres de Jesus revelavam a glória peculiar de Cristo em sua vida terrena, eles fazem o mesmo para nós quando os lemos. O evangelho de João os preserva e os retrata para nós. Essa era, claramente, a intenção de João, como ele mostra em sua primeira epístola:

... (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo (1 Jo 1:2-3).

Essa era a maneira pela qual Jesus tencionava que as Escrituras guiadas pelo Espírito funcionassem. Elas seriam o meio para que as gerações posteriores

vissem o que a primeira geração viu: a glória de Cristo. Isto foi o que Jesus disse:

Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. *Ele me glorificará*, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar (Jo 16:13-14).

O Espírito Santo de Deus guiaria os apóstolos a toda a verdade, e o alvo disso era glorificar a Jesus. Ou seja, os escritos dos apóstolos têm o propósito de tornar visível a glória peculiar da vida de Jesus, incluindo seus milagres, para as gerações futuras, quando elas leem as Escrituras inspiradas.

Glória peculiar em exibição

É assim que “as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus” (Catecismo Maior). Abrangente e profundamente, as Escrituras colocam em exibição a glória peculiar de Deus. Quando Deus remove os

efeitos destruidores do pecado no molde da sua glória em nosso coração, vemos a luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4:6). Há um encaixe perfeito no molde. Fomos criados para isso. Sabemos disso.

Essa luz é sua própria confirmação, assim como a luz natural é sua própria confirmação. Sabemos que estamos vendo a realidade. Em última análise, não deduzimos, por inferência lógica, que os olhos de nossa cabeça estão vendo objetos no mundo. A visão é seu próprio argumento. De modo semelhante, em última análise, não deduzimos, por inferência lógica, que os olhos de nosso coração estão vendo a glória peculiar de Deus em sua Palavra. A visão é seu próprio argumento. É assim que a glória peculiar dos milagres de Jesus confirma para nós que as Escrituras são a Palavra de Deus.

No capítulo seguinte, reconhecemos a antiga razão pela qual muitos têm chegado a crer que a Bíblia é verdadeira, ou seja, o efeito que ela tem na vida das

pessoas. A verdade admirável é que a Bíblia trata disso e relaciona-a diretamente com a glória peculiar de Deus que temos visto. Portanto, o efeito da Palavra em mudar vidas é parte da intenção geral de Deus em revelar sua glória autoconfirmadora em e por meio da Palavra.

E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

2 CORÍNTIOS 3:18

125. Esta seção sobre a transfiguração foi inspirada por uma troca de e-mails com Alastair Roberts, que escreveu com muito discernimento sobre as implicações mais amplas da transfiguração. Seu ensaio ainda não publicado intitula-se “Transfigured Hermeneutics”. Ele não é responsável por quaisquer erros ou inconsistências.

Capítulo 16

NO POVO QUE A PALAVRA CRIA

Quando consideramos que as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus pela maneira como dão toda a glória a Deus, somos atraídos a uma exibição deslumbrante da luz que brilha das inúmeras faces do diamante que chamamos Escritura. Novas culturas, novas gerações e novos indivíduos veem um panorama que se expande sempre da glória de Deus que está realmente na revelação bíblica de Deus e de seus caminhos. Por isso, nossa exploração não é

exaustiva, e sim ilustrativa.

A glória peculiar de Deus

Neste livro, estou tentando extrair da Escritura algumas das conexões entre as particularidades da autoglorificação de Deus e a maneira como essas particularidades confirmam que as Escrituras são a Palavra de Deus. Argumento que as Escrituras não somente mostram *que* seu alvo principal é dar toda a glória a Deus (como diz o catecismo),¹²⁶ mas também mostrar as maravilhosas *maneiras* como fazem isso.

O que tem resultado é uma essência, um centro ou uma peculiaridade predominante no modo como Deus glorifica a si mesmo na Escritura. Vimos isso na maneira como Deus glorifica a si mesmo em trabalhar por aqueles que esperam nele (Cap. 13), por meio de profecia cumprida (Cap. 14) e dos milagres de Jesus (Cap. 15). Essa particularidade predominante é a revelação da majestade de Deus

por meio de humildade. É a revelação da sublimidade da santidade de Deus por meio de obsequiosidade humilde. E é a grandeza da graça de Deus por meio de seus sofrimentos voluntários no resgate de pecadores. Essa é a glória *peculiar* de Deus. E está no âmago do evangelho de Jesus Cristo. Com inúmeras manifestações na Escritura, esse é o esplendor central da “luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2 Co 4:4). Isso é o que brota no coração e na mente da pessoa em quem Deus resplandece com a luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4:6). Agora levamos nossa exploração mais um passo adiante. O que veremos agora é que as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus por sua exibição dessa glória peculiar de Deus na transformação de pessoas egoístas em servos teocêntricos que exaltam a Cristo e vivem para o bem temporal e eterno dos outros. Mais especificamente, as Escrituras demonstram ser a

Palavra de Deus tanto *pela nova vida que exibem quanto pela nova vida que criam.*

Contemplando e tornando-se a glória de Deus

Como já notamos, em 2 Coríntios 4:4-6 o apóstolo Paulo conecta o poder da Palavra de Deus, a glória de Deus, e a transformação de pecadores. O versículo 4 diz que a razão pela qual pessoas não creem que o evangelho é verdadeiro é que são cegas para a luz dessa glória. Mas, quando Deus desfaz a cegueira (v. 6), elas veem e creem. O ver é o alicerce da fé inabalável. É real. E os ouvintes da Palavra de Deus menos instruídos e os mais instruídos chegam à certeza inabalável pelo mesmo degrau final: a visão.

Pouco antes, Paulo fez a conexão entre essa visão e a transformação de nossa vida. Em 2 Coríntios 3:18, ele mostrou como a glória do que *contemplamos* na Palavra cria uma glória no modo como *nos*

comportamos no mundo. Ele escreveu: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”. Contemplar é tornar-se. Somos transformados por ver. E a natureza da transformação é moldada pela natureza do que é visto. Vemos “a glória do Senhor”. E somos mudados “de glória em glória”.

Isso significa que a Palavra de Deus, com o evangelho em seu centro, exhibe a glória de Deus em Cristo e cria uma exibição da glória de Deus naqueles que veem e creem. A confirmação das Escrituras surge, portanto, tanto da glória de Deus autoconfirmadora que elas *exibem* quanto da demonstração viva dessa glória que elas *criam*.

O Senhor da glória aparece na Palavra

Paulo deixa claro no fluxo de seu pensamento que esse contemplar “a glória do Senhor” acontece por

meio do “*evangelho* da glória de Cristo” (2 Co 4:4) ou do “*conhecimento* da glória de Deus, na face de Cristo” (v. 6). Em outras palavras, para aqueles que não estavam lá no século I para ver Cristo face a face, a visão de sua glória é mediada por *palavras*. O “evangelho” é a narrativa de eventos que aconteceram de uma vez por todas. É notícia. É uma história verdadeira. É a Palavra de Deus (cf. 1 Pe 1:23, 25). Mas o evento da autoglorificação de Deus por meio da Palavra de Deus não está limitado apenas a uma parte da Palavra de Deus chamada o “evangelho”.

O princípio é que, quando Deus fala, ele mesmo se manifesta para aqueles que têm olhos para ver. “Continuou o SENHOR a *aparecer* em Siló, enquanto *por sua palavra* o SENHOR se manifestava ali a Samuel” (1 Sm 3:21). O Senhor mesmo apareceu. O Senhor se manifestou. Essas são afirmações impressionantes. E observe como essa autorrevelação acontece: pela “Palavra” do Senhor.

Vemos o *Senhor* pela *Palavra* do Senhor. É assim que Paulo entende o contemplar “a glória do Senhor” em 2 Coríntios 3:18. Vemos isso no modo como Paulo descreve essa autorrevelação (“glória do *Senhor*”) nos termos de “luz do evangelho da glória de Cristo” em 2 Coríntios 4:4.

Os apóstolos e outros naquele tempo viram a glória do Senhor face a face. Eles disseram: “Vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:14). Jesus prometeu dar-lhes o Espírito Santo, para que pudessem glorificar o Senhor quando o descrevessem em seus escritos. O Senhor disse: “Ele [o Espírito Santo] me *glorificará*” (Jo 16:14). Portanto, quando lemos os escritos dos apóstolos, podemos ver a luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. Os escritos são de tal natureza que, em um sentido, lê-los é como se estivéssemos lá, vendo Jesus face a face. De fato, provavelmente temos uma vantagem significativa sobre aqueles que estavam lá, porque temos toda a

interpretação apostólica inspirada dos eventos no Novo Testamento, enquanto eles estavam vendo coisas muito mais progressivamente.

Nunca devemos pensar que Paulo considerava sua delineação inspirada de Cristo (1 Co 2:13) como limitada a uma fração de sua mensagem chamada “o evangelho”. Em um sentido, Paulo via tudo que fazia como desdobramento e esclarecimento de aspectos e implicações do evangelho (1 Co 2:1-2). E torna-se evidente, pelo modo como falou de sua própria autoridade, que Paulo via todo o seu ensino oficial como dado por Deus e tendo autoridade final (1 Co 14:37-38). Quando se despediu dos presbíteros efésios, Paulo disse que estava limpo do sangue deles – ou seja, se não viam e não criam na verdade de Cristo, ele não era responsável por isso – porque “jamais deixei de vos anunciar *todo o desígnio de Deus*” (At 20:27). Eles não eram responsáveis por crer apenas numa parte da mensagem de Paulo, mas na *inteireza* dela.

Portanto, quando digo que contemplar “a glória do Senhor” acontece por meio de “sua palavra” (1 Sm 3:21), estou me referindo a toda a Palavra de Deus inspirada. É nisso que consiste o milagre de 2 Coríntios 3:18: “Contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem”.

Somos feitos novos pela Palavra ou pelo Espírito?

O passo seguinte em ponderarmos como as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus pelo modo como exibem e criam a glória de Deus na vida de pessoas é esclarecermos algo que pode ter sido enganador no capítulo anterior sobre os milagres de Jesus. Argumentei que, se o coração humano não for colocado em harmonia com a vontade de Deus, nunca reconhecerá a verdade e a beleza da glória peculiar de Deus nos milagres de Jesus. Jesus disse: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a

respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo” (Jo 7:17). Se o coração humano ama o louvor do homem, não será capaz de ver e crer num Cristo que vive e ensina uma maneira de viver radicalmente diferente. “Como podeis crer, vós os que aceitais a glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?” (Jo 5:44).

A razão pela qual isso pode ser enganador é que soa como se alguma outra coisa, *que não é a Palavra de Deus*, comunicasse o significado e a verdade da Palavra. Mas, se isso fosse verdadeiro, então todo o argumento que estou tentando formular seria agora contraditório. Estou tentando mostrar que é precisamente a glória de Deus *vista na Palavra* que realiza em nós a mudança necessária a fim de vermos a verdade e a beleza da Palavra. Contemplando a glória do Senhor, *na Palavra*, somos transformados. Portanto, o instrumento de mudança no coração humano é a Palavra de Deus.

Isso não está em contradição com a afirmação de que nosso coração tem de ser mudado a fim de ver a verdade e a beleza da Palavra.

A própria Palavra é o instrumento que o Espírito Santo usa para fazer que vejamos a verdade e a beleza da Palavra. Percebemos isso no modo como Pedro descreveu o novo nascimento, que é a transformação mais fundamental que tem de acontecer para vermos a glória de Cristo e crermos. Ele escreveu: “Fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, *mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente...* Ora, essa é a palavra que vos foi evangelizada” (1 Pe 1:23, 25). Portanto, o novo nascimento não acontece sem a Palavra de Deus. Deus é o realizador do milagre no novo nascimento. Ele “nos regenerou” (1:3). Mas a Palavra de Deus é o *instrumento* da mudança.

De modo semelhante, Tiago diz: “Segundo o seu querer, ele nos gerou *pela palavra da verdade*, para que fôssemos como que primícias de suas criaturas”

(Tg 1:18). Somos novas criaturas – nascidos de novo – “pela palavra da verdade”. A Palavra não é passiva em nossa transformação. Paulo disse: “Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, *a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes*” (1 Ts 2:13). A palavra da cruz pode ser loucura para os que perecem, “mas para nós, que somos salvos, [ela é] *poder de Deus*” (1 Co 1:18). Por isso, João pode ensinar que a fé resulta do novo nascimento (1 Jo 5:1), e Paulo pode dizer: “A fé vem pela pregação, e a pregação, pela *palavra de Cristo*” (Rm 10:17).

A Palavra é o instrumento nas mãos do Espírito Santo no milagre do novo nascimento, que produz fé. Mas a eficiência da Palavra neste milagre depende de o Espírito Santo nos dar vida (Jo 3:3, 7-8). Depende de Deus falar ao coração que está em

trevas: “Haja luz”. Depende do Pai fazer o que a carne e o sangue não podem fazer (Mt 16:17). Ou seja, a eficiência da Palavra depende de sermos libertos do orgulho que valoriza o homem acima de Deus (Jo 7:17; 5:44). É a própria Palavra que realiza isso.

Somos feitos novos pela Palavra nas mãos do Espírito

Admito que dizer que a Palavra faz a obra pode parecer confuso. Então, como tudo isso se harmoniza? Como a verdade e a beleza da própria Palavra fazem a transformação, uma transformação que tem de acontecer para que vejamos a verdade e a beleza da Palavra?

A indicação está na compreensão de que, quando Deus, o Espírito Santo, age em nosso coração, para que vejamos a verdade e a beleza de Cristo na Palavra, não acrescenta qualquer conhecimento que não esteja na Palavra. Nenhuma verdade e nenhuma

beleza são acrescentadas ao que vem por meio da Palavra. São as próprias Escrituras que apresentam Cristo como encantadoramente glorioso. Nossa experiência consciente desse milagre é que a Palavra penetra em nós. A Palavra faz a obra de mudar nossa mente. Isso é o que experimentamos. E essa experiência consciente é verdadeira.

Mas a razão pela qual a Palavra fez essa obra num dia específico – a obra que ela não fizera antes, digamos, nos vinte anos anteriores – é algo que está além da Palavra. A Palavra sempre foi o que ela é. Sempre revelou a verdade e a beleza de Cristo. A mudança aconteceu em nós, e não na Palavra. É como se o sol da verdade irrompesse pelas nuvens depois de um longa tempestade de trevas. Algo removeu as nuvens para longe. Mas, em nossa experiência, é a Palavra que irrompe na alma. O irromper da Palavra e a remoção das nuvens são tão simples como abrir os olhos e ver. O brilho da Palavra nos desperta e nos convence. O Espírito

Santo remove as nuvens de cegueira. Mas nossa experiência é que a espada do Espírito, a Palavra de Deus (Ef 6:17), passa por essas nuvens com luz irresistível. O Espírito não faz o sol brilhar. Ele nos capacita a ver o sol como ele realmente é. Mas é o ver que produz a mudança consciente. O Espírito Santo não contribui com qualquer nova luz para a luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4:6).

Então, é errado dizer, como eu o fiz, que o coração humano tem de ser liberto de seu caso de amor com o louvor do homem, a fim de que veja e experimente a glória de Deus nos milagres de Jesus e na Palavra de Deus? Não.

Considere isso. A obra do Espírito Santo e a obra da Palavra de Deus em dar luz à alma são simultâneas em seu efeito. A razão é que a Palavra é como um instrumento ou ferramenta nas mãos do Espírito Santo. A alma tem um molde para a luz da glória de Deus na Palavra. Esse molde possui

formas adequadas, por assim dizer, que se encaixam perfeitamente com a glória de Deus. Esse molde é um testemunho permanente, em nossa alma, de que somos criados para Deus e de que sua glória é real. O pecado deteriorou esse molde e o encheu de enganos corrosivos de falsas glórias. A glória de Deus se torna real para nós quando o Espírito Santo toma a ferramenta da Palavra e, por meio dela, remove os enganos corrosivos e enche as formas do molde com a verdade. “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17:17).

Portanto, é verdadeiro dizer que o coração humano tem de ser mudado “antes” que possa ver a glória de Deus na Palavra, porque esses empecilhos corrosivos têm de ser removidos. Mas a palavra “antes” tem um significado causal, e não temporal – como se eu dissesse: “Você tem de abrir os olhos *antes* que possa ver a luz”. De fato, o abrir os olhos e o ver a luz são atos simultâneos. O abrir os olhos é um tipo de causa sem a qual a luz não brilhará

através, mas a remoção dos obstáculos e o ver a luz são simultâneos. Logo, os enganos corrosivos têm de ser removidos do coração “antes” que a luz da glória de Deus possa ser vista. Mas a glória de Deus na Palavra é o instrumento que remove os corrosivos que cegam a alma.

Por exemplo, o engano corrosivo de que o louvor do homem é preferível à glória de Deus tem de ser removido “antes” que possamos ver a glória de Deus supremamente bela como nosso maior tesouro. Mas como experimentamos isso? Experimentamos isso quando a glória de Deus na Palavra aniquila totalmente essa escuridão corrosiva com seu brilho superior. A remoção do engano e o ver a glória superior são simultâneos. O engano se vai e a verdade chega no mesmo instante. Mas a remoção do engano foi casualmente “anterior” porque a verdade e o engano não podiam coexistir. Entretanto, nas mãos do Espírito Santo, foi a verdade que destruiu o engano.

A Palavra é confirmada pela glória que cria

O que vimos até então, neste capítulo, é que a realidade da glória de Deus, brilhando por meio da Palavra de Deus, acrescenta isso a seus poderes autoconfirmadores: ela cria no coração humano a imagem de sua própria glória divina (2 Co 3:18). A glória peculiar de Deus na Escritura é refletida em seu povo: eles são transformados de pessoas centradas em si mesmas e na autoexaltação em servos teocêntricos que exaltam a Cristo e vivem para o bem dos outros. Nisso, eles são semelhantes a Cristo, a incorporação perfeita da glória peculiar de amor que atua por humildade. Essa mudança estende a evidência da glória de Deus autoconfirmadora por meio da Palavra ao caráter e às boas obras do povo de Deus. Assim, as pessoas que são mais transformadas *pela* Palavra se tornam evidências da realidade do Deus da Palavra.

O sal e a luz do mundo

Por exemplo, Jesus disse a seus discípulos:

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus (Mt 5:14-16).

Em primeiro lugar, Jesus havia aparecido no mundo como a luz do mundo. “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8:12). Agora, os discípulos têm contemplado a glória do Senhor e sido transformados de glória em glória na imagem do Senhor (2 Co 3:18). Por isso, ele os chama “luz do mundo”. Eles estão estendendo ao mundo, pela transformação de suas vidas, a glória que têm visto.

Especificamente, Jesus disse: “Eles verão as vossas *boas obras* e darão glória ao vosso Pai, que está nos céus” (Mt 6:16). De alguma maneira, por meio das

obras dos seguidores de Jesus, a glória de Deus se torna visível. Nem todos veem as vidas transformadas dos discípulos e dão glória a Deus. Isso deveria nos lembrar os milagres de Jesus, que focalizamos no Capítulo 15. Nem todos que viram os milagres viram a glória de Deus. E nem todos que veem as boas obras dos discípulos de Jesus veem a glória de Deus. Como aconteceu com os milagres de Jesus, assim também acontece com as boas obras dos discípulos, há algo peculiar na glória dessas obras. O que é?

Jesus acabara de dizer a respeito de seus discípulos:

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós (Mt 5:10-12).

Então, é claro que nem todos que veem a “justiça” dos discípulos (v. 10) são movidos a dar glória a Deus. Algumas pessoas perseguem e injuriam os discípulos (v. 11). Mas, admiravelmente, Jesus diz que seu povo – aqueles que foram chamados “das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2:9) – não deve murmurar, mas regozijar-se. Esse tipo de reação ao sofrimento é tão completamente extraordinário que Jesus diz logo em seguida: “Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo” (Mt 5:13-14). O sabor e o brilho impressionantes do *regozijo* dos discípulos *em sofrer por causa da justiça* são o sal e a luz do mundo.¹²⁷ Essa é a glória peculiar de Jesus trazida ao mundo. Essa é a luz da glória de Cristo que vemos no evangelho (2 Co 4:4). E essa é a glória peculiar que seus seguidores refletem quando contemplam “a glória do Senhor” (2 Co 3:18).

Portanto, quando Jesus disse: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que

vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5:16), a luz que ele tinha em mente é o brilho peculiar descrito nos versículos 10 a 12. A luz que leva pessoas a darem glória a Deus não são meras boas obras, e sim *obras de amor feitas com alegria dependente de Cristo, apesar de maus-tratos*. Quando os olhos das pessoas são abertos pelo Espírito Santo, elas veem a beleza dada por Deus nessas obras e dão glória a Deus. Outros veem apenas mais uma performance moral e atribuem-na a causas naturais.

Essa salinidade e esse brilho extraordinários na glória da vida dos discípulos são a irradiação refletida da glória de Deus, mediada pela Palavra de Deus. Isso é verdadeiro não somente para nós, que conhecemos a glória de Cristo por meio das narrativas inspiradas de seus seguidores, mas também para aqueles que o seguiram em seus dias na terra. Eles também eram dependentes das palavras do Senhor para sua transformação. Eles

conheciam o Senhor não somente por causa do que ele fazia, mas também por causa do que dizia.

Cristo lhes deu as palavras e a glória de Deus

Vemos isso na oração de Jesus, em João 17: “Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou” (v. 14). Foi a Palavra de Deus por meio de Jesus que transformou os discípulos para que não fossem mais do mundo. Isso talvez seja o que Jesus tinha em mente quando disse: “Eu lhes tenho transmitido a *glória* que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos” (v. 22). A glória que estava em Jesus foi refletida nos discípulos. E análogas a isso foram as palavras: “Eu lhes tenho transmitido as *palavras* que me deste” (v. 8). Portanto, Jesus deu as palavras de Deus e a glória de Deus a seus discípulos, e, assim, eles se tornaram

radicalmente fora de harmonia com o mundo. E alguns os odiaram, enquanto alguns creram.

E seu gozo dependente de Cristo, apesar das perseguições e injúrias, tem a mesma origem, ou seja, as palavras de Cristo. Na oração de João 17, Jesus disse: “Isso *falo* no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos” (v. 13). De novo, em João 15:11, Jesus disse a mesma coisa: “Tenho-vos *dito* estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo”. Observe: o gozo dos discípulos não é apenas um gozo em resposta a Jesus. É o próprio gozo de Jesus. Mas Jesus disse que esse gozo se deve a ele ter “dito estas coisas”. Isso significa, portanto, que o gozo que Jesus experimenta se torna o gozo que os discípulos experimentam, mediado a eles pelas palavras de Jesus.

A alegria que sustenta o amor no sofrimento

Essa alegria dependente de Cristo e que o manifesta é uma alegria, apesar dos maus-tratos. E tanto para Jesus quanto para seus discípulos, essa alegria flui da esperança da glória de Deus. “Em troca da *alegria* que lhe estava proposta, [ele] *suportou a cruz...* e está assentado à destra do trono de Deus” (Hb 12:2). Semelhante a isso é a afirmação: “Bem-aventurados sois quando... vos perseguirem... Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus” (Mt 5:11-12). Cristo amou o mundo quando suportou sofrimentos na esperança de grande recompensa. E esse é o mesmo gozo que sustenta seus seguidores em suas *obras de amor feitas com gozo dependente de Cristo, apesar de perseguição e injúria*, enquanto olham para uma grande recompensa.

Jesus orou: “Glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo 17:5). E, depois, rogou que seus discípulos compartilhassem a mesma coisa: “Pai, a minha vontade é que, onde eu estou, estejam

também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (v. 24). Essa é a grande recompensa para a qual Jesus olhava e nós devemos olhar em nosso sofrimento. É o segredo para nosso gozo em tristeza e o segredo para suportarmos em amor apesar do sofrimento. Essa beleza peculiar da glória final veio ao mundo em Jesus e é refletida em seus discípulos. Isto aconteceu naquele tempo e acontece agora por meio da Palavra de Deus. A Palavra exhibe e cria a glória de Deus na vida dos seguidores de Cristo, e assim é também como as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus.

Para convencer e converter, confortar e edificar

As Escrituras “demonstram ser a Palavra de Deus... pelo propósito do todo, que é dar toda a glória a Deus”. As palavras que Deus inspirou carregam

uma intenção divina e humana que é interpenetrada com a luz da glória de Deus. O brilho dessa luz, por meio das Escrituras, no coração humano confirma que essas Escrituras são a Palavra de Deus. Isso é verdadeiro tanto de uma forma geral quanto específica. O argumento geral da Escritura é de que Deus recebe... toda a glória. Junto com sua reivindicação de ser a Palavra de Deus, esse argumento das Escrituras é uma confirmação, para o molde em forma de glória do coração humano, de que as Escrituras são a Palavra de Deus.

Mas, ao lado do argumento geral das Escrituras de dar toda a glória a Deus, há as maneiras específicas como as Escrituras incorporam a glória peculiar de Deus. Vimos isso na maneira como Deus trabalha por aqueles que esperam nele (Cap. 13), no cumprimento de profecia (Cap. 14), nos milagres de Jesus (Cap. 15) e agora no modo como as Escrituras exibem e criam vidas humanas que incorporam essa glória peculiar. Essa glória peculiar é majestade em

humildade, força por meio de fraqueza e *boas obras de amor feitas com alegria dependente de Cristo apesar de maus-tratos*.

Vimos que essa mudança radical na alma humana egoísta é a luz do mundo (Mt 5:14). Quando os cristãos vivem vidas de amor nesse espírito peculiar, aqueles que veem, com visão dada pelo Espírito, dão glória ao Pai, que está nos céus (Mt 5:16). Não são as boas obras sozinhas que convencem, assim como não são os milagres de Jesus, isoladamente, que convencem. É a glória peculiar de Deus incorporada nas obras – e nos milagres – que tem de ser vista. E, quando é vista, a realidade de Deus é confirmada.

Esse novo coração de amor – expresso com regozijo *dependente de Cristo apesar de maus-tratos* – é criação do Espírito *por meio da Palavra de Deus*. Amor e alegria são o fruto do Espírito (Gl 5:22). E amor e alegria são a obra da Palavra de Deus (1 Tm 1:5; Gl 3:5; Jo 15:11). A Palavra revela o Senhor Jesus (1 Sm 3:21), que é a incorporação dessa glória

peculiar (2 Co 4:4). E, quando contemplamos essa glória na Palavra, somos mudados na imagem do Senhor, de glória em glória (2 Co 3:18).

Uma maneira de entender este capítulo seria vê-lo como o desdobramento de outra resposta do Catecismo Maior. Em resposta à pergunta sobre como as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus, o catecismo também responde: “As Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus... por sua luz e poder para convencer e converter pecadores, confortar e edificar os crentes para a salvação”. Em vez de desenvolver estas palavras em detalhes, fui à conexão que elas têm com esta outra resposta: “As Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus... pelo propósito do todo, que é dar toda a glória a Deus”. Minha descoberta é que a revelação da glória peculiar de Deus em Cristo é a *maneira* que as Escrituras têm para “convencer e converter... confortar e edificar”.

Se quiséssemos fazer um livro com base neste capítulo, poderíamos recorrer a outras Escrituras que exibem a glória peculiar de Cristo na vida dos crentes. Por exemplo, poderíamos debruçar sobre Filipenses 2:5-11 (“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” – v. 5), 1 Pedro 2:19-24 (“Porquanto para isso mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar” – v. 21) e Efésios 4:32-5:2 (“Andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós” – 5:2). Estudo cuidadoso mostraria que o autoesvaziamento (Fp 2:7), o sofrimento (1 Pe 2:23) e o perdoar paciente de Cristo (Ef 4:32) são replicados na vida de seus discípulos *por meio da Palavra de Deus*.

Essa Palavra foi o que Jesus legou à sua igreja por meio das Escrituras apostólicas, o Novo Testamento. É nela que vemos a glória de Deus exibida na vida dos discípulos de Jesus e em seus ensinamentos sobre a vida cristã. No entanto, ainda mais

constrangedor é o poder destas Escrituras para transmitir a glória peculiar de Cristo a nós, quando contemplamos a glória do Senhor e “somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem” (2 Co 3:18). São as Escrituras que transmitem esta glória. As palavras que Deus inspirou têm um significado divino e humano que está interpenetrado na luz da glória de Deus. O resplandecer dessa luz, por meio das Escrituras, no coração humano confirma que elas são a Palavra de Deus.

No capítulo seguinte, reconheceremos que o caminho que tomamos na busca de uma convicção inabalável de que as Escrituras são verdadeiras não é o mesmo dos argumentos da história. De fato, a abordagem que seguimos desperta questões sobre a legitimidade de provas históricas e até mesmo do uso do raciocínio humano na tarefa de estudo da Bíblia. Portanto, a pergunta que demanda resposta agora é esta: como a visão da glória de Deus na

Escritura se relaciona ao uso comum da razão humana e dos dados históricos na maneira como entendemos e corroboramos a Bíblia?

Quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo.

EFÉSIOS 3:4

126. Catecismo Maior de Westminster, Pergunta 4: “Como as Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus?”. Resposta (em parte): “As Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus... pelo propósito do todo, que é dar toda a glória a Deus”.

127. Outra evidência em favor dessa interpretação é a linha de pensamento de Paulo em Fp 2:14-15: “Fazei tudo *sem murmurações nem contendias*, para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual *resplandeceis como luzeiros no mundo*”. Observe que o comportamento específico que brilha como “luzeiro” no mundo é “não murmurar”, que é outra maneira de dizer: quando as coisas vão mal, façam o oposto de murmurar, ou seja, regozijar, que é o que Mateus 5:12 diz.

Capítulo 17

O LUGAR DA ARGUMENTAÇÃO HISTÓRICA

A pergunta que fazemos neste capítulo é: como o raciocínio humano e a erudição histórica (ou qualquer esforço mental no estudo da Bíblia) se relacionam com a visão espiritual da glória de Deus nas Escrituras? Outra maneira de formular essa pergunta seria: como o conhecimento obtido por “contemplan a glória do Senhor” na Palavra (2 Co 3:18) se relaciona com o conhecimento obtido por inferência lógica dos

dados históricos (como os textos bíblicos)? Ainda outra maneira de perguntar isso seria: como o conhecimento do mel obtido pelo sabor se relaciona com o conhecimento do mel obtido pela observação (altamente viscoso, marrom-dourado, procedente de colmeias)? Ou como o conhecimento da luz do dia obtido pela visão se relaciona com o conhecimento da luz do dia obtido por inferências de outros sentidos (calor na pele, o relógio bate meio-dia, outras pessoas dizem que o sol está brilhando)?

A razão pela qual essa pergunta é importante é que alguém pode inferir do que já se disse, até esta altura, que a observação do mundo com nossos sentidos físicos e o uso da razão para extrair inferências válidas têm pouca importância, visto que Deus revela a verdade de sua Palavra diretamente ao nosso coração pela contemplação de sua glória. Esse seria um erro fatal. Fatal é a palavra certa – não um erro insignificante, mas um erro fatal. A razão pela qual seria fatal, como veremos, é que a glória de

Deus é mediada à nossa alma *por meio de* textos bíblicos, que existem para nós hoje e são entendidos por nós hoje somente com a ajuda de observação, raciocínio e dados históricos (como os textos).

Persuasão pela razão e persuasão pelo Espírito

Aceitamos com seriedade o ensino de João Calvino sobre o testemunho do Espírito Santo: “Somente então, as Escrituras são suficientes para nos dar conhecimento salvífico de Deus, quando sua certeza está fundamentada na persuasão interior do Espírito Santo”.¹²⁸ O Espírito Santo é decisivo em abrir nossos olhos para verem a glória de Deus nas Escrituras. Apesar disso, Calvino reconhece que há outros argumentos e razões para a verdade das Escrituras:

Há outras razões, não poucas, nem frágeis, pelas quais a dignidade e a majestade das Escrituras podem ser não somente provadas ao piedoso, mas também totalmente vindicadas contra os sofismas de

caluniadores. Estas, porém, não podem, de si mesmas, produzir uma fé firme na Escritura, se o nosso Pai celestial não manifestar sua presença nela e, por meio disso, produzir reverência implícita por ela.¹²⁹

Portanto, há utilidade espiritual em delinear “razões” para a verdade da Escritura, além da visão imediata da glória de Deus. Mas aqui a questão não é apresentada da maneira como eu a apresento. Calvino não está perguntando (como eu o fiz): como a pessoa comum chega a ter uma Bíblia? Como uma pessoa aprendeu a ler ou a construir linguagem oralmente? E que processo mental uma pessoa segue para encontrar o verdadeiro significado de um texto, e não um significado falso?

Mas essas perguntas são cruciais se temos de saber a relação correta entre conhecimento por visão espiritual e conhecimento por observação empírica e inferência racional. Jonathan Edwards tinha consciência desse assunto e quase chegou a fazer a pergunta que me interessa:

Um cristão é uma pessoa de conhecimento e entendimento, não somente de conhecimento espiritual salvífico, mas também de conhecimento doutrinário da religião, porque o conhecimento salvífico depende deste. Não é possível que alguém conheça a excelência de Cristo, que ele é um mediador, se não sabe quem Cristo é, que ele é um mediador, e como ele é mediador, e que ele é Deus. E muitas outras coisas precisam ser conhecidas a respeito de Cristo a fim de vermos sua excelência. Tem de haver um conhecimento do que são as coisas do evangelho, antes que possamos ser sensíveis à verdade, à realidade e à excelência das coisas do evangelho.¹³⁰

Essa última sentença é a observação crucial: “Tem de haver um conhecimento do que são as coisas do evangelho, antes que possamos ser sensíveis à verdade, à realidade e à excelência das coisas do evangelho”. Ou, como ele disse antes: “conhecimento salvífico depende de conhecimento doutrinário”. Em outras palavras, devemos conhecer o que a Bíblia ensina antes que possamos ver a glória de Deus nesse ensino.

A obra mental de preservar e interpretar textos

Isso significa que a Bíblia tem de ser preservada de geração em geração para que sua verdade seja conhecida em nossos dias. E essa preservação envolve a obra mental de ler e transmitir o texto. Tem de haver também traduções fiéis para que aqueles que não sabem grego e hebraico tenham acesso ao verdadeiro significado da Escritura. E essas traduções dependem de um empenho mental rigoroso para saber pelo menos duas línguas – a língua original e a língua para a qual estamos traduzindo. E, portanto, existem habilidades mentais envolvidas na leitura, algumas das quais aprendemos quando crianças, mas há outras que aprendemos posteriormente a fim de lermos com maior cuidado.

Todo o processo de preservar o texto original, transmiti-lo, traduzi-lo e aprender a construir seu significado envolve o uso natural de nossos sentidos

em observação e as capacidades mentais de razão e inferência. Esses processos são essenciais para qualquer um de nós ter acesso ao significado de textos bíblicos nos quais a glória de Deus é vista. Por isso, Edwards disse, o conhecimento espiritual e salvífico – a visão da “luz do evangelho da glória de Cristo” (2 Co 4:4) – depende do conhecimento natural do que as Escrituras ensinam.

A fé vem pelo ouvir; a visão, pelo ler

A fé vem pelo ouvir; a visão; pelo ler – isso é, de fato, o que as Escrituras nos ensinam. Não pode haver fé salvadora onde não há conhecimento do evangelho.

Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas! Mas nem todos obedeceram ao evangelho; pois Isaías diz: “Senhor,

quem acreditou na nossa pregação?”. E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo (Rm 10:13-17).

Aqui Paulo está abordando a própria coisa que nos interessa: como o conhecimento pelo ouvir a Palavra e o conhecimento pelo ver a glória na Palavra se relacionam um com o outro? A resposta de Paulo é que não pode haver conhecimento por meio de vermos a glória de Deus na Palavra se não ouvirmos a Palavra.

Paulo expressa um ensino semelhante quando diz aos cristãos efésios que o *meio* pelo qual podem conhecer seu discernimento quanto ao mistério de Cristo era por *lerem* o que ele havia escrito:

Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios, se é que tendes ouvido a respeito da dispensação da graça de Deus a mim confiada para vós outros; pois, segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi há pouco, resumidamente; *pelo que, quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo* (Ef 3:1-4).

É lendo o que está acessível ao olho e à mente humana – o texto da Escritura – que a visão espiritual pode acontecer. Ler com vistas ao entendimento correto é um esforço mental rigoroso. Trabalhamos arduamente em nossos primeiros seis anos de educação escolar. Foi um esforço humano, não necessariamente um esforço espiritual. Desde a nossa infância, aprendemos, talvez, até as mais exigentes habilidades de leitura diligente. Tudo isso envolveu nossos poderes de observação e nossa capacidade racional. Essa, diz Paulo, é a maneira pela qual você pode “compreender o meu discernimento do mistério de Cristo”. Não há nenhum acesso ao mistério de Cristo (onde se acha “a riqueza da glória” – Cl 1:27) sem ler (ou ouvir) os escritos inspirados. Paulo não acreditava numa revelação espiritual das glórias do mistério de Cristo sem um entendimento correto da Escritura inspirada.

O pensar humano é o único caminho para ver a glória

Uma pessoa tinha de ver o Jesus humano a fim de ver que ele era mais do que humano. Tinha de ver a realização humana dos milagres de Jesus para ver a glória divina peculiar dos milagres. E tinha de ver o comportamento de um seguidor de Jesus a fim de discernir a glória da imagem de Cristo. Da mesma maneira, uma pessoa tem de ver e interpretar a linguagem humana das Escrituras para ver nelas a luz do evangelho da glória de Cristo. Isso significa que o único caminho para a luz da glória de Deus autoconfirmadora na Escritura é o caminho de observação e de raciocínio humano.

Observe: não devemos apenas *ter* as Escrituras, nem somente *ler* (ou ouvir) as Escrituras, mas também devemos lê-las, em certa medida, de acordo com seu significado verdadeiro e original. A glória de Deus permeia o verdadeiro significado das Escrituras. É o verdadeiro significado dos textos que

emitem a glória divina. Não está presa magicamente às letras e às palavras. Está incorporada no significado que as palavras carregam. Por isso, uma falsa interpretação de algum ensino ou ação de Jesus não revelará verdadeiramente sua glória. O apóstolo Pedro diz que há coisas nas Escrituras que “os ignorantes e instáveis deturpam... para a própria destruição deles” (2 Pe 3:16). Escrituras deturpadas não comunicam a glória de Deus. Levam à destruição.

As implicações disso são enormes. Pais se esforçarão para ensinar os filhos a lerem, porque esse é o caminho normal para o mistério de Cristo (Ef 3:4). Serão estabelecidas escolas em que as habilidades de leitura serão ensinadas com o melhor cuidado. E faremos do ler a Bíblia com grande zelo e exatidão uma prioridade. Como disse Edwards, “se você quer buscar conhecimento espiritual e divino com sucesso, procure o conhecimento de coisas divinas ao seu alcance, até mesmo um conhecimento

doutrinário dos princípios da religião cristã”.¹³¹ Se você quer ver a glória de uma pintura, continue olhando para ela. Estude-a. Se você quer ver a glória de um nascer do sol, levante-se antes do amanhecer e fixe os olhos no Leste.

A glória de Deus não está contida nas Escrituras da maneira como uma joia está contida numa caixa. Ela está contida nas Escrituras da maneira como a luz está contida no fogo, a doçura está contida no mel, a vermelhidão e a fragrância estão contidas numa rosa. Quando os terminais nervosos, o sabor e a retina espirituais são vivificados pelo Espírito, essas glórias são saboreadas e vistas. Mas não sem um contato natural com o fogo, o mel e a rosa.

Dependemos da erudição e de outros instrumentos humanos?

Isso significa que dependemos dos eruditos para nossa fé? A resposta é mista. Não somos dependentes de historiadores, apologistas e eruditos

para nos provarem que as Escrituras são verdadeiras e que Deus é real. Mas somos dependentes de agentes humanos para nos darem acesso à Bíblia. E somos dependentes de instrumentalidade humana – nossa própria e de outros – que nos dê a capacidade de construir o significado da Bíblia, por lermos e ouvirmos o que ela diz. Não há acesso à glória peculiar de Deus em sua Palavra sem instrumentos humanos, nem acesso ao verdadeiro significado dos textos bíblicos. Ver a verdade e a beleza de Deus na Escritura sempre exigirá mais do que instrumentos humanos. Mas nunca exigirá menos do que isso.

Ler bem é um mediador de glória. Quando Paulo observou que um véu permanecia sobre o coração do povo judeu (2 Co 3:15), ao lerem as Escrituras na sinagoga a cada semana (At 13:27; 15:21), a solução não foi pararem de ler as Escrituras. A solução foi a conversão ao Senhor Jesus. “Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado” (2 Co 3:16). O véu é removido para

verem o que está lá. Se nos afastarmos da leitura, há pouca razão para pensarmos que o Senhor removerá o véu. O que veríamos?

O caminho da apologética é o caminho para a iluminação

O que tudo isso significa para a obra de apologética – o esforço para oferecer argumentos racionais e históricos em favor da verdade da fé cristã? Uma maneira de descrever a implicação é dizermos que o *caminho* real para a persuasão racional com base em fatos históricos e inferências válidas é o *mesmo* caminho para a visão espiritual. Em outras palavras, embora a conclusão de certeza no final do caminho seja diferente, o caminho é o mesmo. Observamos reverentemente os fatos diante de nós e pensamos sobre eles, a fim de construirmos o significado que o autor inspirado (e Deus) tencionava que vejamos. Isso é o que devemos fazer, quando procuramos persuasão racional ou iluminação espiritual; porque

ambos os tipos de conhecimento estão arraigados em história humana real e sentenças humanas reais.

Uma maneira de ilustrar esse caminho compartilhado para alvos diferentes – inferência válida *versus* visão espiritual – seria seguir a argumentação do apóstolo Paulo com base em sua própria vida como um meio para chegar a ambos os fins. No capítulo anterior, argumentei que uma maneira como as Escrituras demonstram que são a Palavra de Deus é criando imagens da glória de Deus na vida daqueles que são transformados pelas Escrituras. Pessoas contemplam a glória de Cristo na Palavra de Deus e são transformadas “de glória em glória” (2 Co 3:18). Paulo foi uma dessas pessoas. E ele acreditava que o impacto da Palavra de Deus em sua vida era um bom argumento em favor da verdade do evangelho. Sigamos o argumento de Paulo para ver como ele apresenta o único caminho para uma fé inabalável.

A vida de Paulo como uma criação convincente da Palavra de Deus

Quase todos os eruditos concordam que Paulo escreveu a Epístola aos Gálatas. Até mesmo eruditos que não creem na verdade do cristianismo, nem que Paulo foi um porta-voz inspirado de Cristo, estão convencidos de que ele escreveu realmente essa carta. É uma de suas cartas mais pessoais e veementes. Em sua carta, Paulo lida com adversários que pensam não ser ele um apóstolo digno de confiança. Por isso, uma das primeiras coisas que ele faz é defender seu apostolado. Eis o seu argumento tal como ele o apresenta:

Porventura, procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo. Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo. Porque ouvistes qual foi o meu proceder outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a igreja de Deus e a devastava. E, na minha nação, quanto ao judaísmo,

avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais. Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça aprovou revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim, mas parti para as regiões da Arábia e voltei, outra vez, para Damasco. Decorridos três anos, então, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e permaneci com ele quinze dias; e não vi outro dos apóstolos, senão Tiago, o irmão do Senhor. Ora, acerca do que vos escrevo, eis que diante de Deus testifico que não minto. Depois, fui para as regiões da Síria e da Cilícia. E não era conhecido de vista das igrejas da Judeia, que estavam em Cristo. Ouviam somente dizer: Aquele que, antes, nos perseguia agora prega a fé que, outrora, procurava destruir. E glorificavam a Deus a meu respeito (Gl 1:10-24).

O argumento é assim:

Premissa 1: vocês sabem quão totalmente dedicado eu era ao judaísmo tradicional (v. 14) e quão violentamente me opus ao cristianismo (v. 13).

Premissa 2: aqueles mesmos que antes eu procurava destruir estão agora glorificando a Deus por causa do que veem em mim (v. 24).

Premissa 3: eu não consultei outros apóstolos quanto ao conteúdo ou à autoridade de minha nova chamada (vv. 16-23).

Conclusão: “Eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo” (v. 12).

No texto, a indicação crucial de que Paulo está argumentando dessa maneira é a Palavra “porque” no início do versículo 13:

Eu não o [meu evangelho] recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo. *Porque* ouvistes qual foi o meu proceder outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a igreja de Deus e a devastava.

Do versículo 13 ao 24, Paulo está formulando seu argumento de que sua mensagem e autoridade

vieram diretamente de Cristo ressurreto. Ele tinha mais a dizer sobre a maneira como os outros apóstolos aprovaram sua autoridade apostólica (Gl 2:7-9), mas, para atender ao nosso propósito, vemos em Gálatas 1:10-24 a maneira crucial como Paulo argumenta em favor da verdade de seu apostolado.

Seu argumento é em favor da validade de uma inferência baseada em observação e raciocínio humano. Em vista de sua profunda dedicação ao judaísmo e de sua oposição radical ao cristianismo, de como fizera uma virada de 180° e estava arriscando sua vida para difundir a própria fé que antes perseguia, estamos corretos em inferir a verdade de sua afirmação de haver encontrado o Cristo ressurreto e recebido dele sua mensagem. É uma inferência válida.

Levando adiante a maneira de argumentar de Paulo

Parece-me que, dessa maneira, Paulo dá garantia à tarefa da apologética.¹³² De fato, acho que Paulo endossaria levarmos esse argumento adiante, visto que a evidência em seus escritos sustenta isso. Por exemplo, o apologista pode levantar a seguinte pergunta: mas como podemos saber se a mudança no comportamento de Paulo se deveu (1) a uma psicose séria, um tipo de ilusão mental que egomaníacos religiosos experimentam às vezes, ou (2) a um embuste colocado sobre as igrejas e o mundo por um vigarista fenomenalmente esperto, ou (3) a algum tipo de erro sincero em que Paulo caiu?

Então, o apologista, com a ajuda de Paulo, tomaria essas possíveis explicações da transformação de Paulo e as testaria para ver se são inferências prováveis a partir do que sabemos.

O apologista observaria, em primeiro lugar, que os escritos de Paulo não se harmonizam com a maneira como os psicóticos falam. Essa não é uma

afirmação insustentável feita por um advogado cristão. Essa observação está prontamente disponível a qualquer que possa ler. Em qualquer livraria, biblioteca ou na Internet, uma pessoa pode obter uma Bíblia que contém as cartas de Paulo. Pode lê-las em cerca de sete horas, ainda que as leia vagarosamente.

O que se descobre é que os escritos de Paulo (como o livro de Romanos) são argumentados de maneira sequencial e coerente. Além de racionalidade, as cartas de Paulo têm as marcas de relacionamentos pessoais e calorosos. Elas mostram profundo interesse pelos outros e até a grande custo para ele mesmo. Mostram uma ampla e saudável gama de emoções humanas, e não o desequilíbrio patológico da pessoa mentalmente enferma. Em outras palavras, não é possível formular um argumento convincente de que Paulo era mentalmente enfermo, ou psicótico, ou enganador. Essa explicação de sua

transformação é pura especulação, sem qualquer base em fato histórico.

Depois, em segundo, o apologista observaria que, ano após ano, Paulo abraçou uma vida de sofrimento a fim de propagar o evangelho para a salvação de outros. Isso simplesmente exclui o pensamento de que Paulo estava usando seu apostolado como disfarce para um jogo de confiança. Muitas vezes pessoas abraçam o sofrimento pelo que é falso, e não pelo que é reconhecido como falso. Quando sabemos que as coisas que estamos ensinando são falsas, somos motivados a ganhar dinheiro de maneira desonesta e não a sermos açoitados, espancados, aprisionados ou mortos. Paulo provou, repetidas vezes, por sua vida, que não era movido por dinheiro – fazia tendas para ganhar a vida, não recebia ofertas para si mesmo, tinha outros que lidavam com o dinheiro que ele recebia para os pobres, vivia de modo simples. Seus sofrimentos pelo bem das igrejas

fazem parte do registro que conhecemos (2 Co 6:3-10; 11:23-28). Essa sugestão, de que a transformação de Paulo resultou de seu desejo de enganar as igrejas, não tem nenhuma evidência para apoiá-la.

Em terceiro, o apologista observaria que Paulo não era, certamente, um homem perfeito e podia cometer erros honestos. Mas dizer que isso explica seu ministério de várias décadas não é convincente. O problema nessa sugestão é que o engano ostensivo em sua conversão prosseguiu por várias décadas. Ano após ano, Paulo estaria fazendo as mais ultrajantes afirmações a respeito de suas próprias experiências de revelação, da verdade de Cristo, do Espírito Santo e da natureza da realidade. Isso não seria um erro honesto. Seria um vida toda de engano e simulação resoluta. A menos que Paulo estivesse falando a verdade.

E, assim, o apologista ressaltaria que é forte a evidência de que, ao explicar a origem divina de seu

apostolado, Paulo estava falando como um homem honesto e racional que sabia o que estava dizendo e por quê. A explicação de Paulo foi que Cristo lhe apareceu e que ele era o receptor de revelação divina (1 Co 2:13). Com essa autoridade apostólica, Paulo afirmou que todo o Antigo Testamento é inspirado por Deus (2 Tm 3:16-17); apresentou um retrato completo da deidade de Cristo (Cl 1:19; 2:9; Fp 2:5-11) e de sua obra salvadora; e afirmou que seus próprios ensinamentos têm a autoridade de Deus (1 Co 14:37-38; 1 Co 2:13).

Minha ênfase aqui é que esse tipo de argumento apologético está em harmonia com o que Paulo começou em Gálatas 1:10-24. Leva os fatos a sério. Raciocina. Infere. E, na mente de Paulo, esse tipo de raciocínio, com base em observação e inferência, é válido. Essa observação e esse raciocínio representam o caminho que tomamos quando desejamos encontrar validação racional ou iluminação espiritual. Oramos em busca da ajuda de

Deus em ambos os casos, e somos dependentes, em ambos os casos, do Espírito Santo tanto para o uso correto da razão quanto para o dom espiritual de visão.

O caminho da apologética pode ou não dar uma visão de glória

Mas, se tomamos esse caminho e chegamos apenas a uma inferência válida de que Paulo é um verdadeiro porta-voz do Cristo ressurreto, o que temos? Temos uma conclusão que eleva nossa responsabilidade de crer em Cristo. Temos um padrão de argumentação que pode vencer inúmeras objeções que incrédulos apresentam sobre a verdade da Escritura. E temos uma narrativa válida da obra de Deus na transformação de Paulo.

No entanto, ainda não temos fé salvadora ou um vislumbre da luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4:6). Não temos mais do que o que o Diabo tem. Ele sabe que Paulo

foi genuinamente convertido pelo Cristo ressurreto. Sabe isso com uma certeza maior do que qualquer historiador que já existiu.

Entretanto, não desperdiçamos nosso tempo, pois é precisamente por meio desta “narrativa válida da obra de Deus na transformação de Paulo” que a glória peculiar de Deus pode surgir. No capítulo anterior, vimos que nem todas as boas obras dos crentes levam as pessoas a darem glória a Deus. Mas, às vezes, as pessoas veem *por meio da* vida transformada de crentes, contemplam a glória de Deus e dão glória ao nosso Pai, que está nos céus (Mt 5:16).

É semelhante à vida divinamente transformada de Paulo. O clímax do argumento de Paulo em Gálatas foi isto: “E glorificavam a Deus a meu respeito” (Gl 1:24). Nem todos fizeram isso. Paulo foi odiado e perseguido durante a sua vida. Mas alguns glorificavam a Deus. Alguns olhavam para o novo homem, Paulo, ou ouviam a história que ele

contava, ou liam algo que ele escrevera e viam a glória peculiar de Deus. Paulo havia contemplado a glória de Deus no Cristo ressurreto e foi transformado por ela. Pessoas viram isso em Paulo e o aceitaram como um verdadeiro porta-voz do Cristo ressurreto. “E glorificavam a Deus” por causa de Paulo.

Em outras palavras, o caminho para essa iluminação divina e o caminho para a inferência válida sobre a veracidade de Paulo são o mesmo caminho. A conclusão final de certeza não é a mesma. Em um caso, o coração olha *por meio da* narrativa da transformação de Paulo para a glória de Deus refletida em sua mudança. No outro caso, a mente infere que Paulo é um verdadeiro porta-voz do Cristo ressurreto e pode ou não ver a beleza peculiar e encantadora da obra de Deus na vida de Paulo. O leitor pode concluir por inferência que isso é mel, mas ainda não o prova; que isso é uma rosa,

mas não vê o vermelho nem cheira o aroma; que isso é fogo, mas não vê a luz.

Instrumentalidade humana é necessária

O que vimos neste capítulo é que o relacionamento entre fé e razão não é hostil. O relacionamento entre visão espiritual e observação empírica não é antagônico. O relacionamento entre iluminação divina e instrumentalidade humana no processo de conhecer não está em conflito. Ou, em termos positivos, a visão divina e salvífica da glória de Deus é sempre mediada pela Palavra de Deus (humanamente preservada e interpretada). “A fé vem pela pregação, e a pregação, pela *palavra* de Cristo” (Rm 10:17). “Quando *ledes*, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo” (Ef 3:4).

Visto que a visão salvífica da glória de Deus (2 Co 4:6) sempre vem por meio da Palavra, ela é necessariamente dependente de instrumentalidade

humana – outros que *preservam* a presença da Palavra em nossas mãos e nós mesmos, que *construímos* o significado das palavras em nossa mente. Se a Palavra não for preservada para nós, não teremos nenhum acesso ao significado como a glória resplandece. E, se a Palavra não for interpretada corretamente, também não teremos nenhum acesso ao significado em que a glória resplandece.

Portanto, embora não sejamos dependentes de observação e raciocínio humano para nos dar certeza da verdade da Palavra, somos dependentes de esforço humano para colocar o livro em nossas mãos e seu significado em nossa mente. Deus ordenou que seja assim. A fé vem pelo ouvir. Sem envio, não há pregação. Sem pregação, não há ouvir. Sem ouvir, não há crer. Sem crer, não há invocação do nome do Senhor. Sem invocação, não há salvação (Rm 10:13-15). Por isso, existem a

necessidade de missões, a necessidade de erudição, a necessidade de leitura e a necessidade da Palavra.

A ligação entre o capítulo anterior (sobre o tipo de pessoas que a Palavra cria) e este foi a conversão do apóstolo Paulo, cuja vida nova como cristão foi tanto um reflexo da glória de Cristo quanto a base para uma inferência válida de que ele era um verdadeiro apóstolo. Paulo viu sua própria vida de ambas as maneiras. Ele argumentou em Gálatas que era possível inferir racionalmente seu apostolado a partir de sua mudança de vida. E argumentou que também era possível ver a glória de Deus por meio da mesma vida mudada (Gl 1:24). O caminho para o conhecimento por observação e por inferência é o mesmo – o caminho em que recebemos luz divina. Mas as inferências, por si mesmas, não salvam. Somente a divina “luz do evangelho da glória de Cristo” transforma a alma. Somente a luz divina produz certeza que guarda a alma para uma vida de amor em meio aos piores sofrimentos. Somente a

visão da glória de Deus em sua Palavra inspirada dá certeza às pessoas mais simples, bem como às mais educadas.

128. John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, trans. F. L. Bates, ed. J. T. McNeill (Philadelphia: Westminster Press, 1960), 1.8.3.

129. Ibid.

130. Jonathan Edwards, “A Spiritual Understanding of Divine Things Denied to the Unregenerate”, em *Sermons and Discourses, 1723-1729*, vol. 14, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. Harry S. Stout e Kenneth P. Minkema (New Haven, CT: Yale University Press, 1997), 92.

131. Ibid.

132. A palavra *apologética* vem da palavra grega *apologia*, que é usada, por exemplo, em 1 Pe 3:15, de uma maneira que indica o significado de *apologética*: “Em vosso coração, honrai a Cristo como o Senhor, estando sempre preparados para apresentar uma defesa (*apologia*) àqueles que vos perguntarem sobre a razão da esperança que há em vós; mas fazei isso com gentileza e respeito”. Assim, *apologética*, para os cristãos, chegou a se referir ao esforço para defender a fé e apresentar razões consistentes sobre por que uma pessoa deve ser cristã e crer que as Escrituras cristãs são verdadeiras.

CONCLUSÃO

Minha conclusão é que “a Bíblia, formada de 66 livros do Antigo e do Novo Testamento, é a infalível Palavra de Deus, inspirada verbalmente por Deus e sem erros nos manuscritos originais”,¹³³ e que isso pode ser conhecido com uma confiança inabalável porque a glória peculiar de Deus brilha em e por meio das Escrituras.

Isso também significa que as Escrituras são a autoridade suprema e final em testar todas as afirmações sobre o que é verdadeiro, certo e belo. Em assuntos não abordados explicitamente pela Bíblia, isso sugere que o que é verdadeiro, certo e

belo deve ser avaliado por critérios coerentes com os ensinamentos da Escritura. Tudo isso significa que a Bíblia tem a autoridade final sobre cada área de nossa vida e que devemos, portanto, procurar colocar todo o nosso pensamento, sentimento e agir em harmonia com o que a Bíblia ensina.

Não escrevo essas palavras levianamente. Elas fazem uma afirmação chocante. Impressionante. Se não são verdadeiras, elas são ridículas. A Bíblia não é um documento privado de uma comunidade de fé em meio a outras comunidades de fé. É uma afirmação completa sobre todo o mundo. Deus, o Criador, possuidor e governador do mundo, falou. Suas palavras são válidas e imperativas sobre todas as pessoas, em todos os lugares. Isso é o que significa ser Deus. E, para a nossa admiração, a maneira de falar de Deus, com autoridade única e infalível, no século XXI, é por meio de um livro. Um livro. Não muitos. Essa é a declaração impressionante das Escrituras cristãs.

Um obstáculo compreensível

Para alguns de vocês, essa afirmação representa um obstáculo enorme. Talvez pertençam a uma religião que tem suas próprias escrituras sagradas. Talvez vocês não tenham religião nenhuma. Ou estejam envolvidos em vários sistemas espirituais, tentando achar as partes mais inspiradoras e proveitosas de todos eles. Em todos esses casos, a totalidade da afirmação que as Escrituras cristãs impõem sobre vocês pode parecer impensável.

Vocês podem achar que a única coisa que essa afirmação total produz é intolerância e, depois, ódio e, depois, violência. Podem apontar para o terror motivado pela religião em nossos dias ou à violência histórica em nome do cristianismo. Uma resposta a essa preocupação é digna de um livro inteiro. Mas, em vez disso, gostaria de pedir que considerem outro ângulo.

A razão e a história mostram que os abusos totalitários das minorias étnicas e religiosas são

evitados ao se evitarem os absolutos religiosos? Os grandes horrores do século XX não foram perpetrados por indivíduos que amavam a Deus – seis milhões de judeus mortos na Alemanha, sessenta milhões de pessoas foram mortas ou morreram de fome sob o regime soviético, quarenta milhões de pessoas foram destruídas durante a Revolução Cultural de Mao Tsé-tung na China e mais de um milhão foram eliminadas nos campos de morte comunistas do Camboja. Essas atrocidades foram perpetradas por aqueles que consideravam a religião bíblica (e todas as outras religiões que oferecem lealdade a Deus acima do Estado) uma ameaça. Em outras palavras, a solução para o problema histórico de violência religiosa não é irreligião. Já provamos os horrores daqueles que se exaltam acima dos absolutos de religião.

Não é óbvio (ou, pelos menos, muito provável) que, onde Deus é rejeitado como autoridade sobre nós, tendemos a colocar a nós mesmos nessa

autoridade? E, se nós somos nossa própria autoridade suprema, não há nenhum meio de sermos confrontados naquilo que aprovamos. Isso foi o que aconteceu com Hitler, Stalin, Mao e Pol Pot. Não havia ninguém acima deles – nem Deus e, portanto, nenhuma lei – a quem prestassem contas.

Isso leva à conclusão, aparentemente paradoxal, de que precisamos de uma cosmovisão que contenha uma verdade com maior autoridade do que nós mesmos e que proíba a coerção de outros que não compartilham dessa cosmovisão. Permita-me afirmar o paradoxo novamente: a violência contra minorias étnicas e religiosas é mais bem prevenida por sustentarmos uma fé nas afirmações absolutas do Deus bíblico, porque sua verdade não somente limita nossa autoexaltação, mas também proíbe a coerção como uma forma de obtermos conformidade com nossa fé. A fé cristã é produzida pela obra do Espírito Santo por meio da instrumentalidade da Palavra de Deus. Não pode

ser imposta. Portanto, paradoxalmente, a Escritura cristã reivindica autoridade absoluta, e essa autoridade proíbe a coerção daqueles que a negam.

Chegará o dia em que Jesus Cristo retornará à terra e estabelecerá pessoalmente seu reino. Ele separará as ovelhas dos bodes – aqueles que se submetem à sua autoridade daqueles que não se submetem. Haverá um julgamento final. E toda incredulidade e todo pecado serão removidos do novo mundo de justiça e paz. Nesse ínterim, não somos Deus. Não somos o juiz final. Por isso, exaltamos a Palavra de Deus e chamamos pessoas, em todos os lugares, a crerem nela, a obedecerem à Palavra de Deus, a verem e provarem a Deus por meio dela. Mas não usamos força ou violência para produzir fé. Fé cristã gerada por coerção é uma incongruência. Não existe tal coisa.

No entanto, sei que a afirmação completa da Bíblia sobre todas as pessoas do mundo, todos os pensamentos, sentimentos e ações dessas pessoas é

uma afirmação chocante. Aceitar a Bíblia dessa maneira mudaria tudo. Não encaro isso com leviandade. Nem você deveria encarar.

Um fundamento colossal

Talvez este livro lhe tenha apresentado, pela primeira vez, um argumento em favor da verdade das Escrituras com base na glória de Deus. Parece conveniente que uma afirmação de tal escopo abrangente seja fundamentada numa realidade igualmente abrangente. De fato, essa não é uma mera decisão que está diante de você. Ninguém decide ver a glória. E ninguém decide experimentar as Escrituras cristãs como a verdade plenamente convincente e satisfatória de sua vida. Em última análise, o ver é um dom. E o abraçar espontaneamente a Palavra de Deus é um dom. O Espírito de Deus abre os olhos de nosso coração, e o que antes era monótono, ou absurdo, ou insensato, ou mítico é agora autoevidente e real. Você pode

orar e pedir a Deus esse milagre. Eu peço todos os dias novos olhos para ver a glória de Deus.

Meu argumento foi o de que a glória de Deus em e por meio das Escrituras é uma realidade objetiva, real e autoconfirmadora. A fé cristã não é um salto no escuro. Não é adivinhação ou aposta. Deus não é honrado se é escolhido pelo lançar de uma moeda. Um salto no desconhecido não é honra para aquele que se tornou conhecido.

Para a pessoa mais simples

Um dos principais impulsos por trás desse argumento é a preocupação expressa por Jonathan Edwards de que há uma maneira para a pessoa mais simples sentir uma confiança inabalável de que o evangelho é verdadeiro – por exemplo, os nativos iletrados da América, em seus dias, sem nenhuma familiaridade com argumentação racional quanto à historicidade dos acontecimentos bíblicos.

Edwards afirmou que “o evangelho do Deus bendito não sai por aí implorando por evidência, como alguns pensam; ele tem em si mesmo a mais apropriada e elevada evidência... A mente se eleva à verdade por apenas um só degrau, e esse degrau é a glória divina do evangelho”.¹³⁴ Estendi este argumento a toda a Escritura. Isso é o que tentei explicar e defender neste livro. A ênfase principal não é que os livros de Edwards ou meus livros se destinem a ser lidos pela pessoa mais simples. A ênfase principal é que a Palavra de Deus emana uma luz espiritual disponível a todos.

Dizendo isso em outras palavras, este livro foi uma investigação estendida e uma explicação das palavras do Catecismo Maior de Westminster (Pergunta 4): “As Escrituras demonstram ser a Palavra de Deus... pelo propósito do todo, que é dar toda a glória a Deus”. Tomei isso no sentido de que toda a Bíblia, entendida corretamente, tem este propósito e efeito divino: comunicar ou exibir a glória de Deus. E esse

alvo predominante das Escrituras – glorificar a Deus no que ensinam e como ensinam – revela a obra de Deus na redação da Bíblia.

A glória peculiar

Mais especificamente, argumentei que a maneira como as Escrituras nos convencem é pela revelação de uma glória *peculiar*. Em outras palavras, o poder da Escritura de garantir confiança inabalável não é por uma glória genérica. Nem, por assim dizer, por mero deslumbramento. Nem por simplesmente pasmar a mente com distinção sobrenatural. Em vez disso, o que vemos como inescapavelmente divino é uma glória peculiar. E, no âmago dessa glória peculiar, está a glória totalmente singular de Jesus Cristo.

O que ficou evidente, portanto, é que há uma essência, um centro ou uma peculiaridade predominante na maneira como Deus glorifica a si mesmo na Escritura. Vemos essa glória na maneira

como Deus glorifica a si mesmo em trabalhar por aqueles que esperam nele (Cap. 13). Nós a vemos também por meio de profecia cumprida (Cap. 14), dos milagres de Jesus (Cap. 15) e das vidas de amor radical, moldadas pela Escritura (Cap. 16). Essa peculiaridade predominante é a revelação da majestade de Deus por meio de humildade.

Essa é a glória *peculiar* de Deus. Está no âmago do evangelho de Jesus Cristo. Com inúmeras manifestações na Escritura, esse é o esplendor central da “luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2 Co 4:4). Isso é o que brilha no coração e na mente da pessoa em que Deus resplandece com a luz “do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4:6). Esse brilho peculiar resplandece em toda a Bíblia, mas chega ao seu esplendor mais belo na pessoa e na obra de Jesus Cristo, morrendo e ressuscitando por pecadores.

Um molde inerente para a glória

Em um sentido, todos conhecem a glória de Deus (Rm 1:21). Está escrita na natureza (Rm 1:19-20), escrita em nosso coração (Rm 2:15), escrita no evangelho (2 Co 4:4) e radiante em Cristo Jesus (Jo 1:14) e nas Escrituras. Argumentei que esse “conhecimento” inato significa que há, em cada ser humano, um molde inerente que é formado para a recepção da glória de Deus. Quando Deus abre nosso coração (2 Co 4:6) e nos dá o conhecimento da verdade (2 Tm 2:25), por meio das Escrituras (1 Sm 3:21), sabemos que encontramos a realidade suprema.

Esse encontro – esse ver por meio da janela da Palavra – tem-me sustentado por mais de sete décadas. No começo, eu achava que sustentava uma visão das Escrituras. Depois, compreendi que estava sendo sustentado. Essa é a minha oração por você. É o mais livre de todos os cativos. Ninguém se considera escravizado quando está decidido a

admitir que o sol nasceu. Esse conhecimento é liberdade. A cegueira escraviza, não a visão.

Gostaria de acreditar que, por meio deste livro, fui enviado com a mesma missão do apóstolo Paulo, quando o Cristo ressurreto lhe disse: “Eu te envio para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz” (At 26:17-18). Quando isso acontece, entramos numa vida de propósito extraordinário – proclamar “as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2:9).

Volume 2

Se você se unir a mim neste grande propósito, nosso trabalho – nossa alegria – está apenas começando. Agora temos uma vida inteira – ou o que ainda resta – para ler a Bíblia e ver as inúmeras maneiras como a luz maravilhosa é refratada nas Escrituras. Há uma maneira de ler a Bíblia que reflete mais luz do que outras maneiras? A tese deste livro tem implicações para a maneira como usamos a Bíblia –

vivemos com a Bíblia dia após dia? É sobre isso que desejo escrever em seguida. Gostaria de contar com suas orações, enquanto preparo o volume 2 sobre a Glória Peculiar.

133. Extraído de *Bethlehem Baptist Church Elder Affirmation of Faith* (Declaração de Fé de Presbítero da Igreja Batista Bethlehem), <http://hopeingod.org/document/elder-affirmation-faith>.

134. Jonathan Edwards, *A Treatise Concerning Religious Affections*, vol. 2, *The Works of Jonathan Edwards*, ed. John Smith (New Haven, CT: Yale University Press, 1957), 299, 307.



O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br